



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MARCELO HERMÍNIO DOS SANTOS

**PRÁTICAS FUNERÁRIAS RELIGIOSAS NO CEMITÉRIO DE SÃO SEBASTIÃO -
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE (1875-2020)**

Recife

2021

MARCELO HERMÍNIO DOS SANTOS

**PRÁTICAS FUNERÁRIAS RELIGIOSAS NO CEMITÉRIO DE SÃO SEBASTIÃO -
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE (1875-2020)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Arqueologia. **Área de concentração:** Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Catarina Peregrino Torres Ramos

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S237p Santos, Marcelo Hermínio dos.
Práticas funerárias religiosas no Cemitério de São Sebastião - Vitória de Santo Antão-PE (1875-2020) / Marcelo Hermínio dos Santos. – 2021.
176 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2021.
Inclui referências e apêndice.

1. Arqueologia. 2. Arqueologia funerária. 3. Cemitérios. 4. Ritos e cerimônias fúnebres. 5. Representação religiosa. I. Ramos, Ana Catarina Peregrino Torres (Orientadora). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-061)

MARCELO HERMÍNIO DOS SANTOS

**PRÁTICAS FUNERÁRIAS RELIGIOSAS NO CEMITÉRIO DE SÃO SEBASTIÃO -
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE (1875-2020)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Arqueologia. **Área de concentração:** Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural.

Aprovada em: 15/10/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Catarina Peregrino Torres Ramos (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Viviane Maria Cavalcanti de Castro (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Fabiana Comerlato (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB

Prof.^a Dr.^a Stela Gláucia Alves Barthel (Examinadora Externa)
Faculdade de Ciências Humanas ESUDA

Aos meus pais
Valdívia Ferreira dos Santos
Henrique Hermínio dos Santos (*In Memoriam*)

À minha filha
Mariana Hermínio da Silva Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a Espiritualidade Maior e a minha família, em especial aos meus pais, Henrique Hermínio dos Santos (*In Memoriam*) e Valdívvia Ferreira dos Santos; e minha filha Mariana Hermínio da Silva Santos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE pelo suporte acadêmico e ao corpo docente pelo profissionalismo e dedicação, objetivando sempre a qualidade no ensino e na pesquisa.

À Prof^ª. Dra. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos, que pacientemente me orientou a efetivação desta tese. Minha gratidão pelo profissionalismo, dedicação e paciência para que eu alcançasse este degrau acadêmico.

Agradeço a Prof^ª. Dra. Viviane Maria Cavalcanti de Castro, pelas valiosas observações e contribuições acadêmicas sobre a temática do estudo cemiterial durante o cumprimento da carga horária da disciplina de Práticas Funerárias.

À Prof^ª. Dra. Gabriela Martin Ávila e aos Professores Dr. Scott Joseph Allen e Dr. Paulo Martin Souto Maior, que de uma forma direta colaboraram em suas respectivas disciplinas com valiosas observações e sugestões a respeito da temática desta tese.

À Prof^ª. Dra. Stela Gláucia Alves Barthel, pela colaboração acadêmica que gerou enriquecedoras reflexões sobre a pesquisa desenvolvida.

À secretaria do Programa, em especial Luciane Costa Borba, pelo profissionalismo com que conduz a Secretaria da PPGARQ-UFPE.

Aos amigos e amigas em geral, aos colegas de disciplinas e do PPGARQ-UFPE, que direta ou indiretamente ajudaram a trilhar mais este desafio, compartilhando do conhecimento nos momentos de dúvidas e incentivando com palavras positivas. Tenham toda a minha gratidão.

Aos colegas que participaram da logística do trabalho de campo no Cemitério Municipal de São Sebastião, pelo apoio efetivo na catalogação e tratamento dos dados levantados, em especial a Sophocles Luciano Bittencourt Nascimento e Sumatra de Albuquerque Bitencourt.

Ainda sobre o trabalho de campo agradeço a empresa Aeroregistro Ltda, na pessoa do arqueólogo Yuri Menezes Freitas, pelo exímio trabalho de Aerofotogrametria e confecção das plantas de situação, imagens aéreas e de satélite, vídeos, fotografias e modelos 3D, utilizadas nesta pesquisa.

Ao Governo do Estado de Pernambuco, em especial à Secretaria de Educação e Esporte de Pernambuco pelo suporte ao desenvolvimento desta pesquisa mediante a concessão da licença de trabalho para realização da mesma.

À Prefeitura Municipal de Vitória de Santo Antão, em especial à administração do Cemitério Municipal de São Sebastião.

Ao Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA, pelo apoio e incentivo ao aprimoramento profissional e acadêmico de seu corpo docente.

Agradeço a paróquia da Matriz de Santo Antão, na pessoa do Monsenhor Maurício Diniz pela permissão para obtenção das imagens internas da Matriz de Santo Antão e da Capela do Engenho Bento Velho. Grato também ao Instituto Histórico e Geográfico da Vitória de Santo Antão pelo acesso ao seu acervo.

Ao chegar na conclusão de mais esta etapa acadêmica, sou grato aos professores e professoras que passaram por toda minha formação, desde os anos iniciais até o momento presente.

Minha gratidão a todos e a todas que direta e indiretamente auxiliaram e contribuíram na concretização desta tese.

RESUMO

As práticas funerárias representam padrões de comportamento que simbolizam os sistemas sociais aos quais se conectam. Na arqueologia essas práticas são consideradas como um dos elementos identificadores das sociedades e o estudo de suas tipologias, estruturas e vestígios correlacionados são utilizadas como meio para identificar características sociais associadas. Esta tese estudou as representações religiosas nas práticas funerárias do Cemitério Público de São Sebastião na cidade pernambucana de Vitória de Santo Antão, como reflexo da dinâmica religiosa da sociedade vitoriense desde a sua inauguração em 1875, até o início de 2020. Reconhecendo a existência de padrões que estão expressos nos diversos tipos de jazigos foi possível catalogá-los considerando elementos como a construção, a tipologia e o estilo, os revestimentos e os símbolos. Estes elementos foram estudados em uma amostragem de 498 jazigos, representando 69% do total de 733 jazigos catalogados. O trabalho agregou em seu aporte teórico-metodológico uma perspectiva interdisciplinar, como: a Arqueologia, História, Demografia e Estatística, dentre outros. Foi contemplado para cada classe de análise um conjunto de variáveis qualitativas-quantitativas trabalhadas a partir de gráficos e de tabelas que em conjunto à interpretação das oscilações, permitiu a identificação dos padrões expressos nas práticas funerárias. Estes padrões têm seu ápice de mudança em meados do século XX, identificando-se dois momentos cronológicos distintos, o primeiro que vai de 1870 até 1940 e o segundo, de 1950 até 2020, o que também é perceptível nos dados religiosos censitários. Neste quadro dinâmico, foi verificado a predileção por Gavetas, Túmulos e Banheiras com uma Tendência Estética Arquitetônica predominantemente Sem Estilo Arquitetônico Definido, que denotam uma representação direta na segunda metade do século XX e início do XXI da diminuição do catolicismo e da ascensão de outras religiões cristãs que possuem uma menor representatividade simbólica na cultura material funerária, além daqueles que se declaram não cristãos. No aspecto simbólico, constata-se a permanência e o aumento na ocorrência do símbolo Cruz como uma representatividade universalizada desta pluralidade cristã no Brasil. Logo, compreende-se que a mudança de comportamento religioso, demonstrado em quase 150 anos de dados censitários, influenciou nas representações dos padrões simbólicos religiosos nas práticas funerárias nos jazigos do Cemitério Municipal de São Sebastião em Vitória de Santo Antão – PE.

Palavras-chave: Práticas funerárias; Arqueologia cemiterial; Representação religiosa.

ABSTRACT

Funeral practices represent patterns of behavior that symbolize the social systems to which they connect. In archeology these practices are considered as one of the identifying elements of societies and the study of their typologies, structures and correlated remains are used as a means to identify associated social characteristics. This thesis studied the religious representations in the funerary practices of the Public Cemetery of São Sebastião in the Pernambuco city of Vitória de Santo Antão, as a reflection of the religious dynamics of the Victorian society since its inauguration in 1875, until the beginning of 2020. Recognizing the existence of patterns that are expressed in the different types of tombs, it was possible to catalog them considering elements such as construction, typology and style, coverings and symbols. These elements were studied in a sample of 498 deposits, representing 69% of the total of 733 deposits cataloged. The work added an interdisciplinary perspective to its theoretical-methodological contribution, such as: Archaeology, History, Demography and Statistics, among others. For each class of analysis, a set of qualitative-quantitative variables worked from graphs and tables that, together with the interpretation of oscillations, allowed the identification of patterns expressed in funerary practices. These patterns have their apex of change in the mid-twentieth century, identifying two distinct chronological moments, the first from 1870 to 1940 and the second from 1950 to 2020, which is also noticeable in the religious census data. In this dynamic context, a predilection for Drawers, Tombs and Bathtubs with an Architectural Aesthetic Tendency predominantly Without Defined Architectural Style was verified, which denote a direct representation in the second half of the 20th century and the beginning of the 21st century of the decline of Catholicism and the rise of other religions Christians who have less symbolic representation in the funerary material culture, in addition to those who declare themselves non-Christians. In the symbolic aspect, it is verified the permanence and the increase in the occurrence of the Cross symbol as a universalized representation of this Christian plurality in Brazil. Therefore, it is understood that the change in religious behavior, demonstrated in almost 150 years of census data, influenced the representations of religious symbolic patterns in funerary practices in the vaults of the Municipal Cemetery of São Sebastião in Vitória de Santo Antão - PE.

Keywords: Cemetery archeology; Religious representations; Funerals practices.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Evolução dos dados coletados nos Censos Demográficos de 1872, 1890, 1900, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000 | 44 |
| Figura 2 - Império do Brasil - Quadro geral a população livre considerada em relação aos sexos, estados civis, raça, religião, nacionalidades e gráo de instrucção dos numeros de casas e fogos | 45 |
| Figura 3 - Império do Brasil - Quadro geral a população escrava considerada em relação aos sexos, estados civis, raças, religião, nacionalidades e gráo de instrucção | 45 |
| Figura 4 – Nomenclatura dos cultos professados no Brasil em 1890 | 46 |
| Figura 5 – Evolução das religiões no Brasil de 1940 a 2000 | 47 |
| Figura 6 -Percentual da população residente por grupos de religião. Brasil – 2000/2010 | 47 |
| Figura 7 - Percentagem de católicos e evangélicos na população brasileira: 1872-2010 e projeções de 2010 a 2050 | 48 |
| Figura 8 - Mapa de localização - Vitória de Santo Antão/PE | 66 |
| Figura 9 - Cidade da Vitória no século XIX | 68 |
| Figura 10 - Jazigos na nave da igreja Matriz de Santo Antão | 72 |
| Figura 11 - Jazigos na parede do corredor da igreja Matriz de Santo Antão | 72 |
| Figura 12 - Mausoléu na Capela do Engenho Bento Velho | 72 |
| Figura 13 - Jazigos Carneiros nas paredes da capela do Engenho Bento Velho | 72 |
| Figura 14 - Modelo digital de superfície – Cemitério Público de São Sebastião | 74 |
| Figura 15 - Jazigos pertencentes à Irmandade das Almas | 75 |
| Figura 16 - Detalhe jazigos da Irmandade | 75 |
| Figura 17 - Mapa de localização– Rotas de cortejo fúnebre, Vitória de Santo Antão | 76 |
| Figura 18 - Evolução espacial – Cemitério Público de São Sebastião | 77 |
| Figura 19 - Fachada principal do Cemitério Público de São Sebastião em 1943 | 78 |
| Figura 20 - Fachada principal do Cemitério Público de São Sebastião em 2019 | 78 |
| Figura 21 - Informativo acerca da inauguração da capela do Cemitério Público de São Sebastião em 1943 | 78 |
| Figura 22 - Rua interna principal do Cemitério Público de São Sebastião em 1940 | 79 |
| Figura 23 - Rua interna principal do Cemitério Público de São Sebastião em 1943 | 79 |
| Figura 24 - Rua interna principal do Cemitério Público de São Sebastião em 2019 | 79 |
| Figura 25 - Mapa de localização– Cemitérios municipais de Vitória de Santo Antão-PE | 80 |
| Figura 26 - Distrito de Pirituba, fachada do Cemitério Municipal de São João Batista | 81 |

| | |
|---|-----|
| Figura 27 -Cemitério municipal de Quandus, Engenho Quandus | 81 |
| Figura 28 - Imagem aérea do Cemitério Público de São Sebastião | 81 |
| Figura 29 - Planta de situação – Cemitério Público de São Sebastião – PE | 96 |
| Figura 30 - Mosaico de Ortofotos – Cemitério Público de São Sebastião | 97 |
| Figura 31 - Acompanhamento do Trabalho de levantamento Aerofotogramétrico do Cemitério Público de São Sebastião | 97 |
| Figura 32 - Registro do levantamento Aerofotogramétrico do Cemitério Público de São Sebastião pela AEROREGISTRO LTDA | 97 |
| Figura 33 - Modelo 3D da Capela do Cemitério Público de São Sebastião | 98 |
| Figura 34 - Modelo 3D do Cemitério Público de São Sebastião | 98 |
| Figura 35 - Pesquisa de campo no Cemitério Público de São Sebastião | 99 |
| Figura 36 - Interpretação espacial no Cemitério Público de São Sebastião | 99 |
| Figura 37 - Catalogação de Jazigo – tipologia: túmulo | 99 |
| Figura 38 - Pesquisa de campo | 99 |
| Figura 39 - Catalogação de jazigo – tipologia: Mausoléu-Monumento | 99 |
| Figura 40 - Catalogação de jazigo – tipologia: Mausoléu-Capela | 99 |
| Figura 41 - Tipologia dos Jazigos-Cemitério público de São Sebastião-Planta de Situação | 101 |
| Figura 42 - Tipologia: Mausoléu-Capela. Cronologia mais recuada 1926. Ficha Catalográfica - 724 | 102 |
| Figura 43 - Tipologia: Mausoléu-Monumento. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 565 | 102 |
| Figura 44 - Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1996. Ficha catalográfica - 67 | 103 |
| Figura 45 - Tipologia: Banheira. Cronologia mais recuada 1986. Ficha catalográfica – 516 | 103 |
| Figura 46 - Tipologia: Cova. Cronologia mais recuada 1989. Ficha catalográfica - 720 | 103 |
| Figura 47 - Tipologia: Ossuário. Cronologia mais recuada 1946. Ficha catalográfica - 464 | 103 |
| Figura 48 - Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 1982. Ficha catalográfica - 323 | 104 |
| Figura 49 - Bloco de Gavetas (Bloco B) | 106 |
| Figura 50 - Contexto da edificação da estrutura com detalhe da alvenaria em tijolos maciços. Tipologia: Túmulo Monumento. Cronologia mais recuada 1892. Ficha catalográfica - 27 | 115 |
| Figura 51 - Detalhe mostrando o elemento tijolo maciço na composição da alvenaria da estrutura. Tipologia: Túmulo Monumento. Cronologia mais recuada 1892 | 115 |
| Figura 52 - Contexto da edificação da estrutura com detalhe da alvenaria em tijolos maciços. | |

| | | |
|------------------|---|-----|
| | Tipologia: Túmulo Monumento. Cronologia mais recuada 1958. | |
| | Ficha catalográfica - 94 | 115 |
| Figura 53 | - Detalhe mostrando o elemento tijolo maciço na composição da alvenaria da estrutura. Tipologia: Túmulo Monumento. Cronologia mais recuada 1935 | 115 |
| Figura 54 | - Contexto da edificação da estrutura com detalhe da alvenaria em tijolos de furos. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 2017. Ficha catalográfica - 366 | 116 |
| Figura 55 | - Contexto da edificação da estrutura com detalhe da alvenaria em tijolos de furos. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 2019 | 116 |
| Figura 56 | - Contexto dos dois momentos de construção do bloco 'A' de gavetas, com total de 5 pavimentos de gavetas. Tipologia: Gaveta | 116 |
| Figura 57 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Argamassa. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1966 | 119 |
| Figura 58 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Argamassa. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 2016 | 119 |
| Figura 59 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Cerâmica. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1978. Ficha catalográfica - 521 | 120 |
| Figura 60 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Cerâmica. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 2013. Ficha catalográfica - 688 | 120 |
| Figura 61 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1979. Ficha catalográfica - 28 | 120 |
| Figura 62 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 565 | 120 |
| Figura 63 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Granito. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1954. Ficha catalográfica - 84 | 121 |
| Figura 64 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Granito. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1963. Ficha catalográfica - 08 | 121 |
| Figura 65 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em cerâmica. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 2016. Ficha catalográfica - 47. Obs: Cerâmica dimensões 45x45cm | 123 |
| Figura 66 | - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Cerâmica. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1964. Ficha catalográfica - 555. | |

| | |
|---|-----|
| Obs: azulejo decorado floral, dimensões 15x15cm | 123 |
| Figura 67 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1980. Ficha catalográfica - 583 | 125 |
| Figura 68 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 1940. Ficha catalográfica - 174 | 125 |
| Figura 69 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 565. Obs: no detalhe, círculo em amarelo, inscrição da marmoraria no monumento | 126 |
| Figura 70 - Detalhe com inscrição, Lê-se: Fez Braz – R. Paulino Camara 67 Recife. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 565 | 126 |
| Figura 71 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica Neoclássica. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1985. Ficha catalográfica - 12 | 128 |
| Figura 72 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica Eclética. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1963. Ficha catalográfica - 24 | 128 |
| Figura 73 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica Art Déco. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1947. Ficha catalográfica - 79 | 129 |
| Figura 74 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica Neogótico. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1953. Ficha catalográfica - 25 | 129 |
| Figura 75 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica / Sem Estilo Arquitetônico definido. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1958. Ficha catalográfica - 565 | 129 |
| Figura 76 - Variável Símbolo – Cruz. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 38 | 134 |
| Figura 77 - Variável Símbolo – Crucifixo (Cristo Crucificado). Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 2005. Ficha catalográfica - 466 | 134 |
| Figura 78 - Variável Símbolo – Altar. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1995. Ficha catalográfica - 02 | 135 |

| | |
|--|-----|
| Figura 79 - Variável Símbolo – Sagrado Coração de Jesus. Tipologia: Mausoléu Capela Cronologia mais recuada 1958. Ficha catalográfica - 45 | 135 |
| Figura 80 - Variável Símbolo – Santos (as). Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1925. Ficha catalográfica - 20 | 135 |
| Figura 81 - Variável Símbolo - Anjos. Tipologia: Mausoléu Capela Cronologia mais recuada 1953. Ficha catalográfica - 25 | 135 |
| Figura 82 - Variável Símbolo – Rosário/Terço. Tipologia: Gaveta Cronologia mais recuada 1988. Ficha catalográfica - 268 | 136 |
| Figura 83 - Variável Símbolo – P.N. A.M (Pai Nosso Ave Maria). Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1929. Ficha catalográfica - 724 | 136 |
| Figura 84 - Variável Símbolo – Bíblia Sagrada. Tipologia: Mausoléu Capela Cronologia mais recuada 1955. Ficha catalográfica - 02 | 136 |
| Figura 85 - Variável Símbolo – Frases Bíblicas. Tipologia: Gaveta Cronologia mais recuada 2016. Ficha catalográfica - 226 | 136 |
| Figura 86 - Variável Símbolo – Símbolos Eucarísticos. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1966. Ficha catalográfica - 559 | 137 |
| Figura 87 - Variável Símbolo – Símbolo Astronômico. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1943. Ficha catalográfica - 36 | 137 |
| Figura 88 - Variável Símbolo – Palavras Sagradas. Tipologia: Mausoléu Capela Cronologia mais recuada 1943. Ficha catalográfica - 36 | 137 |
| Figura 89 Variável Símbolo – Cruz. Gravada nos vidros que compõem a janela da porta do jazigo. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1947. Ficha catalográfica - 09 | 139 |
| Figura 90 - Variável Símbolo – Cruz. Gravada em lápide de mármore. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 565 | 139 |
| Figura 91 - Variável Símbolo – Cruz. Compõe: O gradil, estrutura e o topo do mesmo. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1939. Ficha catalográfica - 22 | 139 |
| Figura 92 - Variável Símbolo – Cruz. Cruz em cimento revestido em cerâmica e cruz no gradil. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1979. FC - 122 | 139 |
| Figura 93 - Variável Símbolo – Cruz. Contexto paisagístico cemiterial e a variabilidade de cruzes | 140 |
| Figura 94 - Ficha catalográfica – 36. Cronologia mais recuada 1943 | 153 |
| Figura 95 - Ficha catalográfica – 36. Cronologia mais recuada 1943 | 153 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 – Evolução Religiosa no Brasil (1872-2010) | 54 |
| Gráfico 2 – Evolução Religiosa em Pernambuco (1872-2010) | 54 |
| Gráfico 3 – Evolução Religiosa em Vitória de Santo Antão - PE (1872-2010) | 55 |
| Gráfico 4 – Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia – Mausoléu- Capela – MC (1870-2020) | 104 |
| Gráfico 5 – Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia – Mausoléu-Monumento – MM (1870-2020) | 105 |
| Gráfico 6 – Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia – Túmulo – T (1870-2020) | 105 |
| Gráfico 7 – Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia – Banheira – B (1870-2020) | 106 |
| Gráfico 8 – Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia – Gaveta – G (1870-2020) | 107 |
| Gráfico 9 – Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia – Cova – C (1870-2020) | 108 |
| Gráfico 10 – Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia – Ossuário – O (1870-2020) | 108 |
| Gráfico 11 – Distribuição em percentual geral das variáveis da Classe de Análise Tipologia (1870-2020) | 109 |
| Gráfico 12 – Distribuição quantitativa das variáveis de Classe de Análise Tipologia (1870-2020) | 111 |
| Gráfico 13 – Percentual, por década, das variáveis da Classe de Análise Tipologia (1870-2020) | 112 |
| Gráfico 14 – Distribuição percentual, por décadas, da variável Alvenaria – Tijolo – T (1870-220) | 113 |
| Gráfico 15 – Distribuição percentual, por décadas, da variável Alvenaria – Bloco – B (1870 – 2020) | 114 |
| Gráfico 16 – Distribuição em Percentual Geral da Variáveis da Classe de Análise Alvenaria (1870 – 2020) | 117 |
| Gráfico 17 – Distribuição Quantitativa da Variáveis da Classe de Análise Alvenaria (1870 – 2020) | 118 |

| | |
|---|-----|
| Gráfico 18 – Percentual, por décadas, das variáveis da Classe de Análise Alvenaria (1870 – 2020) | 118 |
| Gráfico 19 – Distribuição em Percentual Geral das variáveis da Classe de Análise Revestimento (1870-2020) | 122 |
| Gráfico 20 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Revestimento – Argamassa – A (1870-2020) | 122 |
| Gráfico 21 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Revestimento – Cerâmica – C (1870-2020) | 123 |
| Gráfico 22 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Revestimento – Granito – G (1870-2020) | 124 |
| Gráfico 23 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Revestimento – Mármore – M (1870-2020) | 125 |
| Gráfico 24 – Distribuição Quantitativa das Variáveis da Classe de Análise Revestimento (1870-2020) | 127 |
| Gráfico 25 – Percentual, por décadas, das Variáveis da Classe de Análise Revestimento (1870-2020) | 127 |
| Gráfico 26 – Distribuição em Percentual Geral das variáveis da Classe de Análise Tendências Estéticas Arquitetônicas (1870-2020) | 130 |
| Gráfico 27 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica – Sem Estilo Arquitetônico Definido – SE (1870-2020) | 130 |
| Gráfico 28 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica – <i>Art Déco</i> – AD (1870-2020) | 131 |
| Gráfico 29 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica – Eclético – E (1870-2020) | 131 |
| Gráfico 30 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica – Neoclássico – N (1870-2020) | 131 |
| Gráfico 31 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica – Neogótico – N (1870-2020) | 131 |
| Gráfico 32 – Percentual, por décadas, das Variáveis da Classe de Análise Tendências Estéticas Arquitetônicas (1870-2020) | 133 |
| Gráfico 33 – Distribuição Quantitativa das Variáveis da Classe de Análise Tendências Estéticas Arquitetônicas (1870-2020) | 133 |
| Gráfico 34 – Distribuição em Percentual Geral das Variáveis da Classe de Análise Símbolos (1870-2020) | 138 |

| | |
|--|-----|
| Gráfico 35 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Cruz – C (1870-2020) | 138 |
| Gráfico 36 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Altar – A (1870-2020) | 141 |
| Gráfico 37 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Santos(as) – S (1870-2020) | 141 |
| Gráfico 38 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Crucifixo (Cristo Crucificado) – CX (1870-2020) | 141 |
| Gráfico 39 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – P.N. A.M. (Pai Nosso Ave Maria) – PN (1870-2020) | 142 |
| Gráfico 40 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Rosário/Terço – RT (1870-2020) | 143 |
| Gráfico 41 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Símbolos Eucarísticos – SE (1870-2020) | 143 |
| Gráfico 42 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Anjos – A (1870-2020) | 143 |
| Gráfico 43 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Sagrado Coração de Jesus – SC (1870-2020) | 144 |
| Gráfico 44 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Símbolos Astronômicos – SA (1870-2020) | 144 |
| Gráfico 45 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Palavras Sagradas – PS (1870-2020) | 145 |
| Gráfico 46 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Frase Bíblica – FB (1870-2020) | 145 |
| Gráfico 47 – Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos – Bíblia Sagrada – BS (1870-2020) | 146 |
| Gráfico 48 – Associação da Tipologia Gaveta com a Tendência Estética Arquitetônica Sem Estilo Arquitetônico Definido | 151 |
| Gráfico 49 – Associação da Tipologia Túmulo com a Tendência Estética Arquitetônica Sem Estilo Arquitetônico Definido | 151 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Artigos acadêmicos no campo de estudo arqueológico com temáticas inseridas na abordagem do estudo em cemitérios históricos secularizados | 32 |
| Quadro 2 – Pesquisas acadêmicas com temáticas inseridas na abordagem do estudo em cemitérios históricos secularizados | 36 |
| Quadro 3 – Estrutura, Conceito analítico e classes de variáveis | 84 |
| Quadro 4 – Estrutura, Conceito analítico, Classes de Variáveis e suas subdivisões | 87 |
| Quadro 5 – Quadro de definições das variáveis | 87 |
| Quadro 6 – Lista de produtos obtidos por meio da captura de imagens e processamento aerofotogramétrico | 96 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 – Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tipológicas e de Tendências Estéticas Arquitetônicas | 149 |
| Tabela 2 – Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tipológicas e simbólicas ligadas ao catolicismo | 154 |
| Tabela 3 – Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tipológicas e as Simbólicas ligadas ao catolicismo | 155 |
| Tabela 4 – Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tipológicas e as Simbólicas Cristãs | 157 |
| Tabela 5 – Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tendências Estéticas Arquitetônicas e as Simbólicas Cristãs | 158 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|------------------|---|
| ABEC | Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais |
| DGE | Diretoria Geral de Estatística |
| FIDEPE | Fundação de Informação para o Desenvolvimento de Pernambuco |
| FURG | Universidade Federal do Rio Grande |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| INE | Instituto Nacional de Estatística |
| IHGUSA | Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PUC Goiás | Pontifícia Universidade Católica de Goiás |
| UEA | Universidade do Estado do Amazonas |
| UERJ | Universidade do Estado do Rio de Janeiro |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFOPA | Universidade Federal do Oeste do Pará |
| UFPA | Universidade Federal do Pará |
| UFPI | Universidade Federal do Piauí |
| UFPE | Universidade Federal de Pernambuco |
| UFPel | Universidade Federal de Pelotas |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| UFRB | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia |
| UFS | Universidade Federal de Sergipe |
| UNEB | Universidade do Estado da Bahia |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas |
| UNIMES | Universidade Metropolitana de Santos |
| UNIVASF | Universidade Federal do Vale do São Francisco |
| UNIVISA | Centro Universitário de Vitória de Santo Antão |
| UNIR | Universidade Federal de Rondônia |
| USP | Universidade de São Paulo |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 22 |
| 2 | CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS | 29 |
| 2.1 | AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO ESTUDO ARQUEOLÓGICO | 29 |
| 2.2 | SÍNTESE DA PESQUISA CENSITÁRIA NO BRASIL | 40 |
| 2.2.1 | A religião inserida no contexto censitário brasileiro | 43 |
| 2.3 | DELIMITAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL E PROBLEMA DA PESQUISA | 49 |
| 3 | OS CEMITÉRIOS PÚBLICOS NO BRASIL | 58 |
| 3.1 | O PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO NA CIDADE DO RECIFE - PE | 63 |
| 3.2 | O PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE.. | 66 |
| 4 | ABORDAGEM METODOLÓGICA | 83 |
| 4.1 | ESTRUTURA DE HIPÓTESES E VARIÁVEIS E DEFINIÇÃO DOS TERMOS ... | 83 |
| 4.2 | DEFINIÇÃO E APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DA PESQUISA | 94 |
| 4.3 | COLETA E TRATAMENTOS DOS DADOS | 95 |
| 5 | AS REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS NOS JAZIGOS: ANÁLISE DOS DADOS | 101 |
| 5.1 | TIPOLOGIA | 102 |
| 5.2 | ALVENARIA | 113 |
| 5.3 | REVESTIMENTO | 119 |
| 5.4 | TENDÊNCIA ESTÉTICA ARQUITETÔNICA | 128 |
| 5.5 | SÍMBOLOS | 134 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES | 147 |
| 6.1 | AS CLASSES DE VARIÁVEIS DE ALVENARIA E REVESTIMENTO NA REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA NOS JAZIGOS | 147 |
| 6.2 | A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA NA UTILIZAÇÃO DE GAVETAS, TÚMULOS E BANHEIRA PREDOMINANTEMENTE, SEM ESTILO ARQUITETÔNICO DEFINIDO | 148 |
| 6.3 | A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA SIMBÓLICA EM RELAÇÃO ÀS CLASSES DE VARIÁVEIS TIPOLOGIA E TENDÊNCIA ESTÉTICA ARQUITETÔNICA | 152 |
| 6.3.1 | A representação religiosa na associação das variáveis dos Símbolos Católicos e as Variáveis Tipológicas | 153 |
| 6.3.2 | A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos | |

| | | |
|--------------|---|------------|
| | Católicos e as Variáveis Tendência Estética Arquitetônica | 155 |
| 6.3.3 | A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos | |
| | Cristãos e as Variáveis Tipológicas | 156 |
| 6.3.4 | A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos | |
| | Cristãos e as Variáveis Tendência Estética Arquitetônica | 158 |
| 7 | CONCLUSÃO | 160 |
| | REFERÊNCIAS | 163 |
| | APÊNDICE A – FICHA CATALOGRÁFICA (MODELO POR JAZIGO)..... | 175 |

1 INTRODUÇÃO

Com o surgimento dos cemitérios públicos no Brasil, as práticas funerárias, antes realizadas nos espaços das igrejas passaram a ocupar esses cemitérios e estão carregadas de símbolos, posturas e ações técnicas que representam relações sociais, identidade, relações de poder e ideologias. A arqueologia, através dos estudos cemiteriais, dedica-se ao entendimento das representações materiais dessas relações desenvolvidas em vida pelos mortos, materializadas nos espaços e edifícios construídos nos cemitérios para obrigá-los. Entendendo os cemitérios como espaços socialmente construídos, o estudo dessas práticas, consideradas como um dos elementos identificadores das sociedades, foi utilizado como meio para identificar as características sociais em relação às estruturas onde foram depositados os corpos e restos mortais desses indivíduos integrantes dessa sociedade.

Essas práticas foram estudadas no espaço do Cemitério Público de São Sebastião, o primeiro construído na cidade de Vitória de Santo Antão, localizada na Zona da Mata, no estado de Pernambuco. Foi inaugurado em 1875 e continua em uso até os dias atuais. Tem 145 anos de existência como lugar de memória (NORA, 1993) e pode ser entendido como um documento possível de ser compreendido e interpretado, como um testemunho da história.

No cemitério de São Sebastião existem diferentes tipos de jazigos, identificados pela tipologia, que foram catalogados, analisados e interpretados na procura da identificação de possíveis padrões das representações coletivas religiosas na prática funerária. Em busca de uma relação com a dinâmica religiosa da sociedade foram analisados os dados obtidos durante 130 anos de realização de Censos Demográficos no Brasil, em especial, na cidade de Vitória de Santo Antão, no tocante às declarações sobre a categoria religiosa a qual pertencia a população consultada. Sabendo, no entanto, das dificuldades em expressar religiosidades não aceitas socialmente durante a maior parte do período de realização do censo citado, seus resultados foram confrontados com as práticas religiosas desse mesmo período, à procura de possíveis relações materializadas no espaço do Cemitério Público de São Sebastião.

Esses padrões que estariam expressos nesses equipamentos, ligados à religião do morto e atrelados às crenças e rituais da mesma, podem fornecer informações importantes acerca da mentalidade coletiva sobre o fenômeno da morte e do pós-morte desenvolvido através da trajetória histórica da sociedade vitoriense desse período.

Foi analisado o contexto histórico do século XIX, quando os cemitérios públicos começaram a ser construídos no Brasil diante da proliferação de doenças infectocontagiosas,

que tornaram inadequados os enterramentos dentro das igrejas e das capelas e nos pátios em volta, além do processo de secularização, entendido como a passagem de tudo que se encontrava sob o regime religioso, como instituições, fatos, pessoas, coisas, crenças, para o leigo, para as administrações públicas.

Ainda foi considerada a proliferação de outras religiões que, desde que os Censos demográficos iniciaram no Brasil, em 1872, apareciam de maneira tímida nos resultados, mas que foram crescendo ao ponto das projeções mais recentes (Censo de 2010) indicarem a possível predominância dos Protestantes (hoje chamados de Evangélicos) em um cenário não muito longe daqueles dias.

A Arqueologia pré-histórica voltou-se para os remanescentes das práticas de inumação acompanhadas de objetos, o chamado enxoval fúnebre, que podem inferir questionamentos e interpretações sobre o indivíduo que foi enterrado, de maneira individualizada ou socializada.

Na Arqueologia Histórica, o destino que foi dado ao corpo atua da mesma maneira, podendo-se inferir o *status* do indivíduo pela forma, pelo local e pelo tipo de túmulo onde ele foi enterrado, ou seja, analisando-se os vestígios da cultura material.

O conceito de jazigo utilizado nesta pesquisa foi o definido por Lima (1994, p. 96): “o local onde foram inumados um ou mais indivíduos, independentemente das condições da inumação e do tipo de edificação erigido sobre ela”. Identificaram-se os jazigos como artefatos, pois foram elaborados e modificados pela ação humana (ORSER JR., 1992, p. 31), além de representarem a materialização das práticas funerárias realizadas nos cemitérios, em diversos momentos históricos.

Interessou identificar com essa pesquisa se o estudo arqueológico e interdisciplinar desses vestígios funerários, possibilitaria a identificação e análise de padrões na cultura material funerária que permitam a interpretação de mudanças ou permanências nas representações coletivas religiosas, no contexto de uma dinâmica religiosa exposta nos dados censitário de 1872 até os dias atuais.

Partiu-se da hipótese de que as representações coletivas religiosas nas práticas funerárias, materializadas nos jazigos, podem ser classificadas e entendidas através das permanências e mudanças caracterizadoras de momentos sociais específicos. Modificações essas, estudadas a partir da segregação de variáveis culturais, que denotam a materialização de padrões representativos que se alinham com a dinâmica religiosa identificada nos dados censitários sobre Religião no Brasil desde 1872. Alerta-nos Deetz (1981) que:

Condições sociais, econômicas, políticas e religiosas ... mudaram ... as pessoas se adaptaram ..., desenvolvendo novos modos de pensamento e [então] a coisa que fizeram, os artefatos que eles fizeram, manifestaram as mudanças que ocorreram em suas mentes (DEETZ, 1981).

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender o discurso coletivo da morte identificando os padrões de suas representações coletivas na prática funerária e sua relação com a dinâmica religiosa da sociedade demonstrada em mais de 130 anos de pesquisa censitária oficial no país, com foco especial no Cemitério Público de São Sebastião, em Vitória de Santo Antão.

Os objetivos específicos foram analisar e catalogar os jazigos existentes e identificar as variáveis culturais presentes; estudar a espacialidade, topografia e estrutura do Cemitério Público de São Sebastião, por meio da aerofotogrametria; verificar e analisar as mudanças ocorridas no espaço, como a construção de anexos ou de reformas.

A abordagem interdisciplinar envolveu a Arqueologia, a História e a Demografia. A Arqueologia dialogou com a análise do contexto histórico social e com o estudo dos aspectos demográficos interpretados junto com os dados censitários. A Demografia aplicada nesta pesquisa, “refere-se ao estudo das populações humanas e sua evolução temporal no tocante ao seu tamanho, sua distribuição espacial, sua composição e suas características gerais” (CARVALHO *et al.*, 1994). Foram utilizados os dados populacionais dos Censos Demográficos, analisados por cronologia decenal, desde 1872 até 2010, data do último Censo.

Essa abordagem foi subsidiada pela Estatística, que processou os dados obtidos no levantamento, chegando-se a resultados numéricos descritivos da população, que foram inseridos na interpretação das mudanças da mentalidade social religiosa.

Além das informações censitárias realizadas pela extinta Diretoria Geral de Estatística (DGE) e pelo órgão atual, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi realizada a pesquisa bibliográfica, identificando-se os autores que trabalharam com o tema e recolhendo-se a produção recente de dissertações, teses, monografias e publicações eletrônicas. Foram também utilizadas algumas ferramentas disponíveis na Internet para pesquisa bibliográfica.

A pesquisa de campo se deu através de visitas *in loco* ao Cemitério Público de Vitória de Santo Antão, para o levantamento aerofotogramétrico, o registro fotográfico e a catalogação dos jazigos. No levantamento foram identificados 733 jazigos, selecionando-se uma amostra de 498 exemplares, que representam 69% do total. O critério da escolha foi

definido pelo fato de possuírem o registro cronológico, sendo notificadas as datações dos sepultamentos presentes nas estruturas.

Foram elaboradas fichas catalográficas para o registro individual, que subsidiaram os *softwares* para as análises estatísticas e alimentaram a Base de Dados no *Google Drive*. Os 235 jazigos que não apresentaram datação continuam na Base de Dados para o caso de futuras pesquisas.

A análise baseou-se na utilização da Estatística Descritiva, aplicada na interpretação dos dados obtidos por um conjunto de variáveis culturais, distribuídas numa estrutura de cinco classes de elementos que compõem cada jazigo, como: a tipologia, a alvenaria, os revestimentos, os estilos arquitetônicos e os símbolos.

Metodologicamente, para cada classe de análise foi selecionado um conjunto de variáveis quantitativas:

- Tipologia: Mausoléu-Capela, Mausoléu-Monumento, Túmulo, Banheira, Cova, Gaveta e Ossuário;
- Alvenaria: Tijolos, Blocos de cimento;
- Revestimento: Argamassa, Cerâmica, Mármore, Granito;
- Tendência Estética Arquitetônica: Neoclássico tardio, Neogótico, Eclético, *Art Déco*, Sem Estilo Arquitetônico Definido;
- Símbolos: Cruz, Crucifixo, Altar, Sagrado Coração de Jesus, Santos(as), Anjos, Rosário/Terço, P.N. (Pai Nosso) A.M. (Ave Maria), Bíblia Sagrada, Frases Bíblicas, Símbolos Eucarísticos, Símbolos Astronômicos, Palavras Sagradas.

Com o levantamento dos dados das variáveis e com o apoio da Estatística Descritiva, dentro de cada classe foram elaborados gráficos e tabelas e a interpretação das oscilações, que permitiu a identificação dos possíveis padrões expressos nas práticas funerárias.

A análise, a interpretação e a compreensão do comportamento na dinâmica religiosa no Brasil pós secularização e suas representações sociais no que se trata da cultura material oriunda de sua prática funerária, acrescenta novos conhecimentos sobre o desenvolvimento das relações sociais, principalmente na forma de como a sociedade se acerca da temática do fenômeno da morte e suas representatividades materializadas nos ritos funerários.

O trabalho foi estruturado em sete capítulos, sendo o primeiro essa Introdução, que busca de forma clara e objetiva expor toda a organização desta pesquisa para uma compreensão mais direta e condensada do leitor sobre do que se trata a mesma.

No segundo capítulo buscou-se expor e discutir as considerações teóricas e conceituais deste trabalho, partindo de uma análise da pesquisa arqueológica cemiterial no Brasil e a

construção de seus conceitos. Para tal, a elaboração de um quadro panorâmico das pesquisas voltadas a essa temática facilitou no apanhado e na revisão bibliográfica sobre o tema, contribuindo para uma estruturação, tanto de pensamento quanto cronológica e espacial, da produção acadêmica brasileira sobre a arqueologia funerária.

Neste mesmo capítulo também se tratou da abordagem sintética da pesquisa censitária no Brasil, com o foco na questão religiosa; objetivando uma observação do comportamento religioso da sociedade brasileira desde o final do século XIX até os dias atuais.

O terceiro capítulo engloba uma apresentação sobre a implantação e o desenrolar histórico dos cemitérios públicos extramuros no Brasil, desde o surgimento desses no século XIX até hodiernamente, perpassando pela sua historicidade no âmbito estadual e municipal, onde se inclui o objeto desta pesquisa, o cemitério público de São Sebastião em Vitória de Santo Antão – PE, município da zona da mata pernambucana.

Esse Campo Santo, um dos mais antigos do estado de Pernambuco, carrega as “marcas” materiais e imateriais do processo histórico vivenciado por uma sociedade culturalmente rica e estas marcas podem ser “lidas”, analisadas e interpretadas; colaborando com a compreensão das facetas, das interações e da construção da história da cidade. Podendo, desta maneira, ser um modelo de aplicação analítica e metodológica sobre os comportamentos sociais expressos em suas práticas funerárias.

O quarto discorre sobre a abordagem metodológica aplicada a esta tese, que buscou a elucidação da estrutura problema-hipótese lançando mão de uma abordagem metodológica descritiva e mista. Consequentemente, expondo as etapas adotadas para efetivação da mesma, objetivando o levantamento e análise dos dados de forma quantitativa e qualitativa.

Objetivando-se a resolução do problema da pesquisa, a hipótese consistiu na suposição de que a materialização das práticas funerárias nos jazigos nos cemitérios históricos poderia ser classificada e entendida através das permanências e mudanças que pudessem ser caracterizadoras de momentos sociais específicos e estudadas a partir da segregação de variáveis culturais.

Assim, a materialização de padrões pode estar ligada diretamente com a dinâmica religiosa identificada nos dados censitários religiosos brasileiros desde 1872 até hoje.

A partir desta metodologia percebeu-se a ocorrência de permanências ou variações em frequências de determinadas características na cultura material produzida pelas práticas funerárias que pudessem ser atribuídas à dinâmica religiosa exposta pelos dados censitários entre 1872 e 2010 expuseram uma Pluralidade Cristã na sociedade brasileira, que

influenciaram na formação de expressões comportamentais na cultura material da prática funerária.

No quinto capítulo foi realizada a análise dos dados obtidos nos mais variados levantamentos bibliográficos e de campo, partindo da análise e registro dos jazigos e da classificação e análise das variáveis buscando compreendê-los também na distribuição dentro do espaço definido para a pesquisa.

No sexto capítulo traz-se as considerações nas quais expõe-se as interpretações finais desta tese onde verifica-se que o Brasil, desde meados do século XIX, vem passando por mudanças de forma expressiva e intensa no aspecto religioso, refletindo-se na sua prática funerária.

Mudanças perceptíveis a partir da confrontação dos dados da cultura material funerária com a dinâmica social religiosa constatada em dados estatísticos censitários desde 1872 até o momento atual.

Para este intento, este estudo foi realizado em um contexto regionalizado, expresso na busca de informações históricas desta temática no estado de Pernambuco e, conseqüentemente, no município de Vitória de Santo Antão.

Dessa forma, sabendo que as religiões possuem suas diversas visões acerca do fenômeno da morte, evidentemente estas mudanças na religiosidade de alguma maneira interferem também em sua prática e, por sua vez, representada na cultura material produzida por esta.

Tendo como sítio pesquisado o Cemitério Municipal de São Sebastião em Vitória de Santo Antão – PE e seus jazigos como objetos vestigiais analisados em toda sua composição, chegou-se aos seguintes pontos elaborados para uma melhor análise e entendimento sobre a cultura material funerária e as expressões das práticas funerárias neste cemitério e suas representações das mudanças na sociedade resultantes desta dinâmica religiosa:

- As Classes de Variáveis de Alvenaria e Revestimento na representação religiosa nos jazigos;
- A representação religiosa na utilização de Gavetas, Túmulos e Banheira predominantemente, Sem Estilo Arquitetônico Definido;
- A representação religiosa simbólica em relação às Classes de Variáveis Tipologia e Tendência Estética Arquitetônica.

Este último, está subdividido em quatro tópicos de análise e interpretação:

- A representação religiosa na associação das variáveis dos Símbolos Católicos e as Variáveis Tipológicas;

- A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos Católicos e as Variáveis Tendência Estética Arquitetônica;
- A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos Cristãos e as Variáveis Tipológicas; A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos Cristãos e as Variáveis Tendência Estética Arquitetônica.

Com a elaboração destes pontos analíticos e interpretativos foi possível a elaboração de uma conclusão final coerente e satisfatória para resolução da estrutura problema-hipótese deste trabalho.

A conclusão desta tese está descrita no sétimo capítulo, que se conclui a partir deste quadro apresentado pela pesquisa que de fato a mudança de comportamento religioso que é demonstrado em quase 150 anos de dados censitários influenciou no mesmo período cronológico as representações das crenças religiosas nas práticas funerárias presentes na cultura material funerária dos jazigos do Cemitério Municipal de São Sebastião em Vitória de Santo Antão – PE.

Conclui-se também que os resultados desta tese podem ser aplicados como um modelo sobre o estudo arqueológico da cultura material da prática funerária religiosa cristã no estudo de outros cemitérios históricos nacionais.

Segue ao final as Referências, os Anexos e os Apêndices A, B e C.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Silva (2004) chama a atenção para o fato de que o indivíduo morto se torna um antepassado quando o seu corpo se desintegra. Daí a preocupação do seu grupo em tentar proteger este corpo, o que leva às práticas funerárias que se perpetuaram desde a Pré-história até os dias atuais. Essas não podem ser estudadas enquanto fenômeno isolado, pois fazem parte de um arranjo social, que cria mecanismos de atuação. Os ritos ligados à morte se desenvolvem em três estágios: quando a morte do indivíduo ocorre, quando ele é sepultado e quando ele retorna ao mundo dos vivos em forma de espírito, de novo integrado à sociedade (GENNEP, 2011).

O ser humano é a única espécie animal que demonstra um comportamento específico diante do fenômeno da morte. Ao mesmo tempo em que buscou compreendê-la como algo biológico, ela foi permeada pelo medo do desconhecido, tendo no fator cultural e nas religiões as bases nas quais se buscaram meios de apaziguar tais temores. Nascer e morrer são parte dos fenômenos espirituais e religiosos e estes possuem um ritual dentro de uma crença, com valores morais (ELLER, 2018).

Os cemitérios são locais importantes dentro das cidades, onde a memória dos indivíduos é perpetuada. São também considerados como sítios arqueológicos, com vestígios de atividades humanas que aconteceram no passado:

Generalmente, los yacimientos arqueológicos se agrupan en grandes categorías funcionales según deriven de áreas de habitación (campamento, aldeas, ciudades), de producción (minas, alfares, fábricas), de enterramiento u otras prácticas funerarias (necrópolis, tumbas, incineraciones) o espacios sagrados (santuários, templos) (SANJUAN, 2005. p. 25).

A esta definição compreende-se o enquadramento de todos os tipos de necrópoles, não importando o momento histórico no qual a sociedade vivenciou ou vivencia, sendo elas pré-históricas ou históricas. Os cemitérios sempre foram espaços de representatividade social nas práticas funerárias expressos em sua cultura material, enquadrando-se como objeto direto do estudo da ciência arqueológica e afins sob a ótica da interdisciplinaridade.

2.1 AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO ESTUDO ARQUEOLÓGICO

Os túmulos mais antigos que se conhecem são datados de 90.000 a.p., presentes em sítios arqueológicos com vestígios fósseis do gênero *Homo*. Pertencem à cultura Musteriana,

datada entre 250.000 aos 40.000 anos a.C. Estão localizados em Israel, próximos ao Monte Carmelo e à Nazaré (túmulos de Skul e Qafzeh). Há ainda os túmulos dos Neandertais, a partir dos anos 80.000 a. C. (RIES, 2019).

A morte é assunto tratado na Antropologia, na Sociologia, na História; e na Arqueologia é um aspecto da sociedade que também não é negligenciado, tendo nos vestígios materiais associados aos sepultamentos uma rica fonte de informação para compreensão de sociedades pretéritas.

Los arqueólogos han utilizado muchas veces la evidencia de los enterramientos como base de interpretaciones sociales, debido a que las posesiones materiales sepultadas con los individuos a menudo dan información sobre las diferencias de riqueza y status dentro de la comunidad (RENFREW; BAHN, 1993, p. 380).

Durante o período conhecido como Antiquarismo (entre os séculos XV e XVI), o interesse por este tipo de vestígio fez com que a Arqueologia focasse nos grandes monumentos funerários da Antiguidade (Egito, Mesopotâmia, Grécia, Roma), principalmente para os restos monumentais destes povos antigos, tidos como berços da civilização ocidental.

O interesse por estes remanescentes era crescente na Europa neste período, conhecer principalmente o aspecto religiosos destas antigas civilizações estava no foco dos intelectuais de vários países que viam nos monumentos funerários a oportunidade de vislumbrar e entender o aspecto sagrado destas civilizações (TRIGGER, 2004, p. 29).

No final do século XIX surgiu a Arqueologia Histórico-Culturalista, calcada por uma abordagem classificatória do vestígio cultural, difusionista e com enfoque em um forte discurso nacionalista, que perdurou até o início do século XX. Isto se refletiu na forma de trabalhar e interpretar o vestígio mortuário, principalmente com a justificação do Nacionalismo, que buscava “raízes” culturais nos vestígios.

O arqueólogo australiano Gordon Childe, em 1929, sustentava que o significado histórico de diferentes tipos de artefatos só poderia ser verificado se fosse considerado o papel que eles haviam desempenhado nas culturas pré-históricas. Por exemplo, as cerâmicas domésticas, os adornos funerários e os ritos ligados a estes, tudo refletiria o gosto da sociedade que os produziu e tendo eles resistido às mudanças por muito tempo, eram úteis para se identificarem grupos étnicos específicos (Id, 2004, p. 166).

Esta abordagem característica de resistência às mudanças na cultura material também foi compartilhada pela Antropologia. No estudo realizado por Kroeber (1927), esta tendência foi colocada. Esta discussão tem uma aplicação efetiva nos estudos arqueológicos na segunda

metade do século XX, por apresentar a passagem de traços culturais como um meio que permite deduzir contatos entre grupos americanos pré-coloniais.

Com o advento da Nova Arqueologia dentro da Arqueologia Processual, o estudo das práticas funerárias ganhou um caráter teórico, que dialogava mais intensamente com a Antropologia e a Sociologia, tendo o arqueólogo americano Lewis Roberts Binford como maior expoente.

O contexto funerário permitiria em seu estudo entender o indivíduo sepultado quando em vida, a sua *persona*: a idade, o sexo, o *status*, que ele seria eternizado na morte. Este contexto contribui em demasiado para os aspectos sociais e comportamentais do indivíduo, ou seja, o morto poderia falar e contar sua história (RIBEIRO, 2007).

Trigger (2004) coloca que a cultura material não apenas reflete a adaptação do homem ao meio ou a organização sociopolítica, mas também às relações entre os grupos. Isto pode ser usado para disfarçar ou refletir as relações sociais. Ao se debruçar sobre o vestígio funerário, o estudo do Contextualismo expõe que ideias sociais complexas sobre Religião, por exemplo, influenciam significativamente estas práticas e que podem revelar ideologias nestes costumes.

Neste período, lembra-nos Ribeiro (2007) e Almeida (2008) que surgiram trabalhos neste campo de estudo, como os de Shapman, Kinnes e Randsborg (1981), O'Shea (1981 e 1984), Pader (1982), Panofsky (1964) e Parker-Pearson (1982, 1984 e 2002).

Ao apresentar estas observações sobre o desenvolvimento do pensamento arqueológico percebeu-se uma mudança de contexto. Ampliaram-se a partir de então as pesquisas direcionadas ao estudo de cemitérios históricos, especificamente nos Estados Unidos. Os pesquisadores que se voltaram para esta abordagem, como Deetz e Dethlefsen (1966), têm como foco as análises direcionadas aos túmulos e lápides.

Estes autores estudaram os desenhos esculpidos nas lápides dos sepultamentos de quase todos os cemitérios do leste de Massachusetts que foram utilizados nos séculos XVII e XVIII. Constataram a ocorrência de três motivos presentes, concluindo que estes têm períodos distintivos de popularidade, um em substituição do outro demonstrado por uma sequência repetidamente em todos estes cemitérios chegando a conclusão da existência de padrões de mudança no desenho e no estilo da lápide colonial, contribuindo como resultado no aprimoramento da compreensão do processo cultural na época (DEETZ e DETHLEFSEN, 1966).

No Brasil, o estudo dos aspectos culturais do fenômeno da morte acompanhou o desenvolvimento mundial sobre o mesmo, com o foco direcionado para as Ciências Humanas, sendo as principais a História, a História da Arte, a Antropologia e a Sociologia. Podem-se

destacar alguns nomes: Valadares (1972); Martins (1983); Bellomo (1988, 2008); Borges (1991, 2002); Cymbalista (2003); Reis (1991), Batista (2003) e Comerlato (2012, 2015).

No campo da pesquisa arqueológica, o primeiro trabalho no Brasil voltado ao estudo dos cemitérios históricos secularizados foi de autoria de Lima (1994), que buscou compreender as mudanças políticas e sociais ocorridas no Rio de Janeiro, com a passagem do Império para a República, estudando dois cemitérios: O Cemitério da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula ou Cemitério do Catumbi e o Cemitério São João Batista.

Como resultado da pesquisa, Lima concluiu que as tensões internas na sociedade provocadas pelas mudanças na economia, na política e na ideologia no final do século XIX foram responsáveis também por mudanças na forma das representações da morte na sociedade carioca. Pelo pioneirismo, este trabalho tornou-se referência para os estudos arqueológicos voltados para esta temática em todo o Brasil.

No Quadro 01 estão elencados alguns dos artigos acadêmicos realizados ao longo das últimas décadas, mostrando o desenvolvimento dessa área de pesquisa no Brasil.

Quadro 1 - Artigos acadêmicos no campo de estudo arqueológico com temáticas inseridas na abordagem do estudo em cemitérios históricos secularizados

| Autor | Ano | Título | Revista | Endereços Eletrônicos Consultados |
|-------------------------------|------|--|---|--|
| Pedro Vieira da Silva Peixoto | 2018 | POR UMA ARQUEOLOGIA DOS VESTÍGIOS DO PASSADO: CONTRIBUIÇÕES, PRÁTICAS E CAMINHOS POSSÍVEIS | Revista M. v. 3, nº. 6 (2018) Dossiê 6: Arqueologia Funerária: <i>performance</i> , morte e corpo | < http://www.seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/9040 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Camila Diogo de Souza | 2018 | A MORTE LHE CAI BEM: RECONSIDERANDO O SIGNIFICADO DO MOBILIÁRIO NA FUNERÁRIA NA CONSTRUÇÃO DO PRESTÍGIO SOCIAL | Revista M. v. 3, nº. 6 (2018) Dossiê 6: Arqueologia Funerária: <i>performance</i> , morte e corpo | < http://www.seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/9041 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Cláudia Regina Plens | 2018 | ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA: A MATERIALIDADE DA VIDA APÓS A MORTE | Revista M. v. 3, nº. 6 (2018) Dossiê 6: Arqueologia Funerária: <i>performance</i> , morte e corpo | < http://www.seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/9044 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Fábio Vergara Cerqueira; | 2018 | SÃO MARTINS: UM CEMITÉRIO PERIFÉRICO, (DES)CONHECIDO NA CIDADE DE BAGÉ, | Revista M. v. 3, nº. 6 (2018) | < http://www.seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/9046 > Acesso em 04 de ago. 2020. |

| | | | | |
|--|------|---|---|--|
| Elaine M. Tonini Bastianello | | RIO GRANDE DO SUL (CRONOLOGIA E MORFOLOGIA, CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E CULTURAIS) | Dossiê 6: Arqueologia Funerária: performance, morte e corpo | |
| Luisa de Assis Roedel | 2017 | PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA A ARQUEOLOGIA CEMITERIAL: UM BREVE PANORAMA | Revista Habitus (Dossiê). V.15, nº.2. Goiânia/GO, 2017. Págs. 241-255 | < https://www.academia.edu/35567613/Roedel_Perspectivas_te%C3%B3ricas_para_arqueologia_cemiterial_pdf > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Filipe Diêgo Cintra Machado; Viviane Maria Cavalcanti de Castro | 2017 | ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO, RECIFE-PE: JAZIGOS E SIGNOS DA ELITE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX | Clio Arqueológica. V. 32, Nº2. UFPE: Recife, 2017. | < https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/download/246411/35515 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Fabiana Comerlato | 2015 | VISITA MEDIADA AOS CEMITÉRIOS DE CACHOEIRA, RECONCAVO DA BAHIA | Expressa Extensão. Pelotas, v. 20, n.1, pp. 137-149, 2015 | < https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/4966 > Acesso em 04 de ago. 2020 |
| Giseli Santana da Costa; Viviane Maria Cavalcanti de Castro | 2015 | PATRIMÔNIO FUNERÁRIO DO CEMITÉRIO HISTÓRICO DE SANTO AMARO, NO RECIFE: ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS PRIMEIROS TÚMULOS | Fundamentos. V.1. nº.12. São Raimundo Nonato-PI: 2017. | < http://fundham.org.br/wp-content/uploads/2018/08/fundham-fundamentos-xi-2015-250388.pdf > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Wendryll José Bento Tavares | 2012 | ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA (RESENHA) | Habitus. V.10, nº.1. PUC-Goiás: 2012. | < http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2488/1547 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Fabiana Comerlato, Aline Gomes dos Santos, Cidália de Jesus Ferreira dos Santos Neta, George Silva Nascimento, Caroline Pereira Teixeira, Eliene Silva Lima, Fabiane Lopes Pereira de Lima | 2012 | O PATRIMÔNIO CEMITERIAL DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA, RECONCAVO DA BAHIA | Habitus v. 10, n. 2 (2012) Cemitérios e Mortes II | < http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2827 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Clarissa Grassi; Fábio Domingos Batista | 2012 | EM NOME DO PAI: ANÁLISE DO MAUSOLÉU FAMILIAR COMO FATO DE DISTINÇÃO DENTRO DA ARTE TUMULAR | Habitus v. 10, n. 2 (2012) Cemitérios e Mortes II | < http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2829 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Samuel Campos Vaz | 2012 | IMAGEM E HISTÓRIA NO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL DA CIDADE DE GOIÁS | Habitus v. 10, nº. 2 (2012) Cemitérios e Mortes II | < http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2834 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Julia Massucheti Tomasi | 2012 | CRUZES, EPITÁFIOS E SEPULTURAS: OS CEMITÉRIOS DE URUSSANGA (SC) | Habitus v. 10, nº. 1 (2012) | < http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2481 > Acesso em 04 de ago. 2020. |

| | | | | |
|---|------|---|--|--|
| | | | Cemitérios e Mortes I | |
| Maristela Carneiro | 2012 | SISTEMAS DE INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS: FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS PARA A PESQUISA CEMITERIAL | Habitus v. 10, nº. 1 (2012) Cemitérios e Mortes I | < http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2486 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Diogo M. Costa | 2012 | ESTUDOS MORTUÁRIOS EM ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA E HISTÓRICA: | Habitus v. 10, nº. 1 (2012) Cemitérios e Mortes I | < http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2484 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Solimar G. Messias Bonjardim; Maria Augusta Mundim Vargas (Trabalho de pesquisa em Geografia) | 2010 | O VISÍVEL E O INVISÍVEL: A PAISAGEM ARQUEOLÓGICA DA MORTE EM SÃO CRISTÓVÃO E LARANJEIRAS –SE | Revista Ateliê Geográfico. V. 4, nº. 2. Goiânia/GO. 2010. Págs. 190-214. | < https://www.revistas.ufg.br/ateliem/articleg/view/9915/6775 > Acesso em 04 de ago. 2020. |
| Elisiana Trilha Castro | 2009 | CEMITÉRIOS, NOSSO PATRIMÔNIO NACIONAL: A AÇÃO DO IPHAN COM RELAÇÃO AO PATRIMÔNIO FUNERÁRIO BRASILEIRO | ABEC. 2010 | < https://elisianacastro.files.wordpress.com/2009/06/artigo-elisiana-abec-2010-patrimonio-funerario-iphan.pdf > Acesso em 04 de ago. 2020. |

Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

Neste breve panorama sobre as pesquisas arqueológicas voltadas ao estudo cemiterial no Brasil, temos a percepção de uma construção constante de um diálogo objetivando a compreensão e o desenvolvimento de uma arqueologia funerária no país.

Esta intenção exposta no diálogo das ideias em variados autores é um ponto importante para esta linha de pesquisa, denotando o aumento do interesse de novos pesquisadores sobre as práticas e representações sociais acerca do fenômeno da morte e sua cultura material.

Sobre este diálogo, tem-se em Peixoto (2018) uma discussão que traz à luz algumas contribuições que a Arqueologia Funerária pode trazer sobre a sociedade nas práticas funerárias, demonstrado através da interface entre a Arqueologia Funerária e o Estudo Historiográfico.

Nesta mesma linha de obtenção de um diálogo teórico-metodológico de uma arqueologia das práticas funerárias em cemitérios históricos, Roedel (2017) analisa variadas aplicações teóricas para compreensão do fenômeno da morte e seus reflexos na cultura material. Neste texto, o autor deixa claro o quanto o estudo cemiterial contribui

potencialmente na análise dos discursos sociais sobre a morte em relação aos variados contextos do processo histórico.

Uma outra análise também voltada para a busca de um entendimento sobre os vestígios funerários para a arqueologia é realizada por Costa (2012). Nele, o autor trata de variados estudos da Arqueologia Pré-histórica e da Arqueologia Histórica voltados a sítios funerários objetivando uma reflexão destas contribuições sobre o tema.

Conclui em seu texto que um desenvolvimento de uma arqueologia funerária no Brasil vem acompanhada de uma variada gama de abordagens na tentativa de compreender os reflexos sociais nas práticas e nos ritos funerários.

Esta variabilidade de abordagens vêm se intensificando, principalmente quando o olhar da cultura material funerária é compreendido como vestígio arqueológico e, portanto, é também abarcada por um viés patrimonial, paisagístico e, concomitantemente, alinhando-se com outras ciências, como já tratado anteriormente.

Sob esta ótica, tem-se em Comerlato (2012) uma abordagem patrimonial que engloba os cemitérios do município baiano de Cachoeira com importantes locais para a memória, herança patrimonial e espaço de ritualização da morte pelos vivos.

Nesta crescente abordagem nos estudos patrimonialização dos cemitérios históricos, é importante compreender o papel do contexto paisagístico cemiterial. A exemplo tem-se em Bonjardim e Vargas (2010) uma abordagem histórica e representativa na formação da paisagem cemiterial como dominante nas cidades pela sua relação religiosa.

Neste suporte multidisciplinar, voltado para os estudos cemiteriais, Carneiro (2012) trata da aplicação de uma metodologia apoiada em ferramentas tecnológicas variadas. Esta metodologia é demonstrada neste texto como importante suporte de análise e de interpretação qualitativa e quantitativa das variáveis simbólicas e materiais da cultura material cemiterial.

Ribeiro (2007), apresenta em sua obra (*Arqueologia das Práticas Mortuárias: Uma Abordagem Historiográfica*) um estudo historiográfico acerca do pensamento arqueológico direcionado para as práticas mortuárias. Nele, a autora esmiúça o estudo do desenvolvimento do pensamento arqueológico sobre o campo dos estudos mortuários.

Segundo a autora, pela sua formação na área de História, o estudo nasceu da necessidade que a mesma percebeu na sua formação de uma melhor aproximação entre a Arqueologia e a História. Objetivou a estruturação historiográfica da Arqueologia no campo específico do estudo da morte e das práticas que o acompanham como aspecto social.

Um fato a ser levado em consideração é que este progressivo avanço das pesquisas sobre os cemitérios históricos secularizados tem a ver com a criação da Associação Brasileira

de Estudos Cemiteriais (ABEC) em 2004, a partir da realização do 1.º Encontro sobre os Cemitérios Brasileiros. Desde então até o momento, a ABEC tem realizados encontros bianuais: o primeiro aconteceu em São Paulo/SP, em 2004 e o segundo em Porto Alegre/RS (2019)¹.

A ABEC é ligada à *Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales*, que congrega as associações latino-americanas que se dedicam ao tema da preservação patrimonial dos cemitérios². O endereço eletrônico da ABEC, além de apresentação de visitas guiadas aos espaços cemiteriais, traz uma coleção dos ANAIS produzidos nos encontros.

A este movimento expansivo nas últimas duas décadas, somam-se as pesquisas acadêmicas sobre o tema, frutos do empenho de docentes e discentes, que buscam compreender a sociedade contemporânea a partir da cultura material das práticas funerárias em cemitérios históricos secularizados.

O Quadro 02 a seguir apresentam um levantamento preliminar de trabalhos com temáticas inseridas na abordagem do estudo em cemitérios históricos secularizados sobre a produção acadêmica em suas modalidades: Monografia, Dissertação e Tese em instituições de ensino superior com cursos de Graduação e Pós-graduação em Arqueologia³

Quadro 2 - Pesquisas acadêmicas arqueológicas com temáticas inseridas na abordagem do estudo em cemitérios históricos secularizados

| Instituição de ensino superior – ano de criação do Curso | Monografias/TCC | Dissertações | Teses | Endereços Eletrônicos Consultados |
|--|---|--------------|-------|---|
| UFS Graduação e Pós-graduação | TÍTULO: PAISAGEM, SENTIDOS E MEMÓRIA: O CASO DOS CEMITÉRIOS ARACAJUANOS AUTOR: JOSÉ NICOLAS DA SILVA DOS SANTOS 2016 TÍTULO: SIMBOLISMO, RITUAIS FUNEBRES E ARQUEOLOGIA DA MORTE AUTORA: REBECA GARCIA FELICISSIMO 2018 | ---- | ---- | < http://darq.ufs.br/pagina/14293-trabalhos-de-conclusao-de-curso-artigos-cientificos-e-monografias > Acesso em: 03 de ago. 2020. < https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7268/2/Jos%c3%a9_Nicolas_Silva_Santos.pdf > Acesso em 03 ago.2020. < https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=709 > Acesso em 03 ago. 2020. |

¹ Disponível em: < <https://www.estudoscemiteriais.com.br/abec>> Acesso em 04 de ago. 2020.

² Idem.

³ SOUSA, J. C. M. **Como se tornar arqueólogo(a) no Brasil: Lista de cursos**. Disponível em: < <https://arqueologiaeprehistoria.com/como-se-tornar-um-arqueologo-no-brasil/>> Acesso em: 02 de ago. 2020.

| | | | | |
|--------------------------------------|---|---|-------|---|
| UFPI Graduação e Pós - Graduação | ---- | TÍTULO: AQUI JAZEM MUITAS HISTÓRIAS: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO ACERVO HISTÓRICO DO CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO EM CAMPO MAIOR-PIAUI (1804-1978) AUTORA: JESSICA GADELHA MORAIS 2016 | ---- | <p><https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?lc=pt_BR&id=30576906> Acesso em 03 de ago. 2020.</p> <p><https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=616> Acesso em 03 de ago. 2020.</p> |
| UFPE Graduação e Pós - Graduação | <p>TÍTULO: CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO NO CEMITÉRIO HISTÓRICO DE SANTO AMARO, NO RECIFE: UMA ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA SOBRE PATRIMÔNIO FUNERÁRIO AUTORA: GISELI SANTANA DA COSTA 2015</p> <p>TÍTULO: ARQUEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: UMA ANÁLISE DECORATIVA DOS TÚMULOS HISTÓRICOS AUTORA: ERIKA VELOSO ALVES DOS SANTOS 2016</p> <p>TÍTULO: A ARTE TUMULAR DO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO, NO RECIFE: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DAS IMAGENS FEMININAS AUTORA: RAFAELE ALEXANDRINA DA PAZ 2018</p> | <p>TÍTULO: ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: JAZIGOS E SIGNOS DA ELITE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX AUTOR: FILIPE DIÉGO CINTRA MACHADO 2017</p> <p>TÍTULO: ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO NO CEMITÉRIO HISTÓRICO DE SANTO AMARO (RECIFE 1851 – 1930) AUTORA: RAYANNE AGUIAR PIMENTEL E SILVA 2019</p> | ---- | <p><https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/225> Acesso em 03 de ago. 2020.</p> <p><https://www.ufpe.br/arqueologia-bacharelado-cfch> Acesso em 04 de ago. 2020.</p> |
| UNIVASF Graduação e Pós-Graduação | <p>TÍTULO: ANÁLISE TIPOLÓGICA DAS LÁPIDES DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DE LOURDES DA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PI AUTORA: SHIRLENE MARQUES DE MATOS 2009</p> <p>TÍTULO: ATRIBUTOS CONSERVADOS E MODIFICADOS NOS CEMITÉRIOS DE REMANSO – BA</p> | ----- | ----- | <p><https://biblioteca.univasf.edu.br/pe/rgamum/biblioteca/index.php#sobrepaginacao> Acesso em 03 de ago. 2020.</p> |

| | | | | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|--|-------|---|
| | AUTORA: SARA OLIVEIRA DE SOUZA 2016 | | | |
| UFPel Graduação e Pós – Graduação | ----- | TÍTULO: A MATERIALIZAÇÃO DA MELANCOLIA NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA-RS: UM ESTUDO SOB O VIÉS DA ARQUEOLOGIA DA IMAGEM AUTORA: THAISSA DE CASTRO ALMEIDA CAINO 2018 | ----- | < https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/cod/8100 > Acesso em 03 de ago. 2020. < http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4254/1/Thaissa_Castro_Almeida_Caino_Disserta%c3%a7%ac3%a3o.pdf > Acesso em: 03 de ago. 2020. |

Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

A variabilidade de abordagens e o interesse acadêmico nesta linha de pesquisa é demonstrada pelo quadro anterior. É notoriamente crescente o número de pesquisas que abordam o Estudo Cemiterial e a Arqueologia Funerária diante deste patrimônio, tanto para compreensão das mudanças e das permanências dos comportamentos e representações sociais quanto para formulações de aplicações metodológicas e técnicas que possam ajudar no aprimoramento dos estudos e suas análises de dados e informações.

Desta maneira, a interface entre as ciências ocorre e, conceitos como o de Paisagem, buscam ser aplicados para interpretação do patrimônio cemiterial. Santos (2016), apresenta uma análise que busca uma compreensão entre a relação da paisagem cemiterial com a memória e os sentidos sociais. Conclui-se que as paisagens cemiteriais possuem uma forte ligação com a construção de uma memória sensorial coletiva a partir do contexto de todos os elementos funerários edificados.

Os conceitos de paisagem, memória, acervo, conservação entre outros, desta forma, dialogam com o intuito de elaborar-se uma abordagem científica coerente na compreensão das facetas sociais diante da morte. Veem-se em variadas pesquisas que esta busca se faz de forma laboriosa e que estão alcançando um bom desenvolvimento de discussões e de resultados.

De uma forma crescente perceptível nas duas últimas décadas no cenário acadêmico da arqueologia brasileira, o acervo cemiterial portanto, é o objeto de várias análises, por diversos pesquisadores e instituições, a exemplo se tem em Moraes (2016), este acervo estudado com o questionamento voltado para a interpretação deste na reflexão do comportamento social piauiense acerca da morte.

Análises similares verifica-se também em Matos (2009) e Souza (2016) uma vez que, enquanto o primeiro volta o olhar para as interpretações sociais a partir das análises das lápides e túmulos dos jazigos do cemitério de Nossa Senhora de Lourdes, em São Raimundo Nonato – PI, o segundo debruça-se nas mudanças de atributos da identidade coletiva entre o antigo cemitério e o novo do município de Remanso – BA.

Não obstante, os aportes das pesquisas arqueológicas voltadas para esta temática alinham-se cada vez mais em uma interface interdisciplinar histórica, sociológica, antropológica, entre outras ciências sociais e humanas, atreladas a aplicações de metodologias e técnicas que cada vez mais atrelam a tecnologia a este fim.

O delineamento voltado nas pesquisas arqueológicas mais recentes acerca da cultura material funerária dos cemitérios históricos direciona-se para uma abordagem que objetiva a interpretação de representações e identidades sociais nestes vestígios.

Neste contexto acadêmico, pode-se ainda elencar outras pesquisas desenvolvidas voltadas à abordagem das representações sociais na cultura material funerária nos cemitérios históricos. Em sua pesquisa, Machado (2017) analisa o cemitério de Santo Amaro, no Recife – PE, sob a perspectiva da Arqueologia Histórica, abordando o discurso que trata estes espaços como representações sociais do passado.

Ainda sobre representações sociais, Paz (2018), verifica comparativamente as mudanças e permanências nas representações de gênero, discutindo os tipos de representações femininas nos elementos que compõem a arte tumular também no cemitério de Santo Amaro, na capital pernambucana. Tendo como este mesmo campo santo como sítio pesquisado, têm-se duas outras pesquisas de relevância na construção do conhecimento sobre estas representações sociais em Santos (2016) e Costa (2015).

A primeira tem o direcionamento da pesquisa voltado para a comparação de elementos na arte tumular que indiquem mudanças ou permanências nas representações sociais, quando da passagem do século XIX e XX, num contexto histórico de mudanças sociais em vários âmbitos da sociedade.

Por um viés acerca do patrimônio cemiterial como sendo cultural, a segunda consegue desenvolver um panorama de como se encontra o estado de conservação de variados jazigos, identificar fatores antrópicos e naturais que contribuem com a degradação destes vestígios e elaborar sugestões de ações conservacionistas que possam colaborar com a manutenção e com a preservação destes bens.

Por fim, expõe-se que o campo acerca dos estudos arqueológicos voltados para os cemitérios históricos engloba uma gama de abordagens teórico-metodológicas e que se

configura como uma área em franca expansão acadêmica nas mais variadas instituições de ensino no Brasil. Ressalta-se, mais uma vez, que os quadros acima foram elaborados de forma preliminar, com informações oriundas de consultas aos bancos de repositórios de trabalhos acadêmicos dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Arqueologia nos *sites* das instituições de ensino superior citadas. Assim, são passíveis de análise e retroalimentação futura.

A abordagem acerca do estudo dos remanescentes culturais da prática funerária estende-se por uma leva de novos pesquisadores, que se dedicam às novas interfaces na interpretação arqueológica para compreensão dos fenômenos da sociedade. Apesar de ser uma abordagem recente dentro da Arqueologia Histórica brasileira, foi de fato nas duas últimas décadas que se desenvolveu de forma efetiva e crescente.

Após estas considerações acerca da pesquisa arqueológica voltada para o estudo da prática funerária, percebe-se um campo crescente e expansivo que certamente resultarão em vasto conhecimento acerca dos aspectos sociais ligados ao fenômeno da morte.

2.2 SÍNTESE DA PESQUISA CENSITÁRIA NO BRASIL

A atividade de recenseamento populacional remonta desde a Antiguidade, segundo Hakkert (1996, p. 20): “Certamente, muito antes da Era Cristã, os impérios do Egito, Babilônia, China, Palestina e Roma já executavam contagens periódicas das suas populações para estabelecer suas bases fiscais, de trabalhadores ou de soldados.” Dentre esses povos, destacam-se os romanos; os *censores* tinham dentre outras atribuições, o policiamento dos costumes, a gestão e a exploração dos bens do Estado, a interferência nas finanças e obras públicas e obviamente, a gerência do Censo, que era realizado de cinco em cinco anos.

Segundo a Síntese Histórica elaborada pelo IBGE, constante no item do Panorama Introdutório, “na Idade Média, na Europa, houve diversos recenseamentos: na Península Ibérica durante a dominação muçulmana (séculos VII ao XV); no reinado de Carlos Magno (712-814); e o *Doomaday Book*, que é o maior registro estatístico feito na época, na Inglaterra, por ordem de Guilherme, o Conquistador”. Eram Magistrados, “eleitos nos comícios *centuriatos* de cinco em cinco anos, (...), em número de dois permaneciam em função, no máximo, por dezoito meses” (GIORDANI, 2008, p. 92).

No período Moderno, o Censo Sueco de 1749 foi considerado como o primeiro, seguido por outros países europeus e americanos: Noruega (1760), Dinamarca (1769), Estados Unidos

da América (1790), Inglaterra (1801), França (1801), Colômbia (1825), Chile (1843) e Uruguai (1852) (HAKKERT, 1996).

A palavra *Censo* é definida no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis⁴ como sendo o “Conjunto de dados característicos dos habitantes de um país, uma região, uma cidade etc., para fins estatísticos; Censo demográfico, recenseamento”, sendo a etimologia oriunda do latim *Census*, que quer dizer “conjunto dos dados estatísticos dos habitantes de uma cidade, província, estado e nação etc.”, segundo o IBGE⁵. A Organização das Nações Unidas (ONU, 1980) define *Censo* como sendo:

O processo total de coleta, processamento, avaliação, análise e divulgação de dados demográficos, econômicos e sociais referentes a todas as pessoas dentro de um país ou de uma parte bem definida de um país num momento específico (ONU, 1980. In: HAKKERT, 1996, p. 15).

A definição da ONU é considerada como a orientação a ser seguida pelos países que a compõem, como o Brasil. O levantamento censitário no país não é uma ação governamental recente, possui uma história demasiadamente longa em analogia aos outros países. Remonta ao período colonial, mesmo que de uma forma incipiente, agravada por questões como a dificuldade na cobertura territorial.

Neste período as informações eram coletadas de variadas fontes: “registros paroquiais de batismo, casamentos e óbitos e as listas nominativas e mapas de população, que guardam semelhanças com as atuais fontes de dados demográficos” (BOTELHO, 2001, p. 34). Para o autor, era uma necessidade administrativa, para melhorar a administração, pois desde o final do século XVIII fizeram-se tentativas de quantificar a população da colônia.

Este intento, de certa maneira, se constituiu como um fator *sine qua non* para o processo censitário de uma população, mesmo com as dificuldades encontradas na execução, que continuaram no Império, período em que ocorreu a realização do Primeiro Censo Geral Brasileiro em 1872.

O sentido geral que se pode perceber nos Censos brasileiros do século XIX: deixam progressivamente de ser realizados por uma metrópole (externa ou interiorizada) para serem percebidos como o espelho da nação. Nesse sentido, eles se tornaram bastante eficazes em dar uma resposta ao anseio da elite letrada imperial em descrever uma nação em construção, a qual refletia em suas clivagens aquilo que tal

⁴ Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/censo/>> Acesso em: 18 jun. 2020.

⁵ Disponível em: < <https://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/panorama-introdutorio.html>> Acesso em: 10 de jun. 2020.

elite gostaria de ver: uma nação homogênea quanto aos aspectos culturais, mas hierarquizada quanto à sua condição social e quanto à cor (BOTELHO, 2005, p. 68).

A partir de então, os Censos ocorreram quase que periodicamente até os dias atuais. Exceto entre as décadas de 1910 e 1930, por questões políticas e conjunturais, segundo a Síntese Histórica do IBGE. Esta proposta de periodicidade foi exposta na década de 1980 pela ONU como um dos critérios⁶ que caracterizam um estudo censitário, pois a realização do mesmo pode ser afetada de acordo com necessidades de variadas ordens: políticas, econômicas ou fatores extremos pelos quais a sociedade possa estar passando no momento.

Como o exemplo do adiamento do Censo Demográfico de 2020 para 2021, devido ao quadro de emergência de saúde pública ocasionado pelo surto pandêmico da Covid-19, que atinge a sociedade global no momento⁷.

O IBGE foi criado pelo Decreto-Lei nº. 218, de 26 de janeiro de 1938, em substituição ao Instituto Nacional de Estatística (INE). O novo órgão passou a ser o responsável pela administração e realização dos assuntos referentes aos dados estatísticos e geográficos nacionais.

O Censo de 1940 já foi realizado pelo IBGE, que despontou como uma nova fase no Brasil. O demógrafo italiano Giorgio Mortara foi o responsável por estas mudanças, se debruçou sobre a compreensão da dinâmica demográfica (OLIVEIRA; SIMÕES, 2005).

Durante a segunda metade do século XX o IBGE passou por consideráveis mudanças em termos de organização e metodologias, configurando-se como uma constante e linear evolução no transcorrer das décadas de aplicação. A dinamização foi avultada de acordo com o desenvolvimento das tecnologias que foram surgindo como, por exemplo, o advento da *Internet*.

Mesmo com problemas que ocorreram por variados motivos, o Censo Demográfico, pela periodicidade e dados levantados sobre a população brasileira desde a década de 1870, proporcionou um vasto panorama sobre o desenvolvimento social do Brasil:

O estudo das diversas variáveis leva à necessidade de se articularem outros elementos que expliquem os rumos tomados pela dinâmica demográfica. Assim,

⁶ Segundo a ONU, a realização de um Censo Demográfico deve atender aos seguintes critérios: 1 – Respaldo legal, 2 – Periodicidade definida, 3 – Simultaneidade de todo o levantamento, 4 – Uma referência territorial pré-fixada, 5 – Universalidade da enumeração dentro deste território, 6 – Enumeração individual de todas as pessoas e 7 – Disponibilidade dos resultados dentro de prazos compatíveis com as aplicações previstas (HAKKERT, 1996, pp. 15-19).

⁷ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques/27161-censo-2020-adiado-para-2021.html#:~:text=adiado%20para%202021,Censo%202020%20adiado%20para%202021,do%20Censo%20Demogr%C3%A1fico%20para%202021.>> Acesso em: 20 de jul. 2020.

recorre-se permanentemente à Economia, Sociologia, Antropologia, Medicina, Geografia, História e outras disciplinas que auxiliem o demógrafo na montagem de explicações para as permanências e as transformações observáveis nas populações humanas (BOTELHO, 2001, p. 31).

Em alinhamento com a Arqueologia, além de outras disciplinas, a aplicação de uma metodologia construída de maneira adequada pode lançar luz sobre questionamentos acerca da dinâmica social e em especial, a dinâmica do aspecto religioso nas práticas funerárias.

Ao tratar da temática do Censo Demográfico, Mafra (2013) considera que o levantamento censitário é instrumento de conhecimento. A autora destaca principalmente um dos aspectos mais importantes da vida em sociedade, a Religião:

Com uma “reforma” bem-feita no modo como o IBGE coleta os dados de religião, valorizaremos a memória já acumulada de 13 censos aplicados. Isto soma pelo menos 130 anos de memória continuada sobre um aspecto fundamental da vida social da nação – o que não é pouca coisa! (MAFRA, 2013, p. 40).

A ocorrência de manipulações ideológicas dos dados censitários pode ocorrer, como foi demonstrado nos dados censitários no final do século XIX, adentrando no século XX:

Sabe-se como o Catolicismo foi identificado juridicamente com a entidade Brasil, desde o início da colonização pelas autoridades políticas, que necessitavam de um cimento social para o empreendimento colonial. Sabe-se também como, no decorrer dos séculos, elaborou-se do lado da Igreja uma ideologia do Brasil essencialmente e sociogeneticamente “católico”, ideologia que assegurava à estrutura eclesiástica um lugar central no mundo da “pátria”, permitindo-lhe reivindicar legitimamente um papel correspondente nos meios políticos da “nação” (SANCHIS, 1997).

A dinâmica religiosa brasileira, no entanto, denota uma transformação de cunho social nas últimas décadas, o que justifica a utilização dos dados censitários nesta pesquisa. Esta síntese apresentada permite compreender a conexão do quadro histórico dos estudos censitários no Brasil.

O item seguinte direcionou o foco para a análise social e estatística do aspecto religioso inserido nas pesquisas censitárias brasileiras desde 1872, objetivando-se compreender o comportamento dos números relativos aos dados religiosos desde 1872 até 2010.

2.2.1 A Religião inserida no contexto censitário brasileiro

Desde o primeiro Censo oficial no Brasil, em 1872⁸, a variável Religião foi abordada no quadro de levantamento de dados quase que totalitariamente. Este fato é observável na Tabela de Evolução dos Dados nos Censos Demográficos de 1872 até 2000 (OLIVEIRA; SIMÕES, 2005, p. 294-295) (**Figura 1**), com exceção apenas do ano de 1920, que será visto adiante.

Figura 1– Evolução dos dados coletados nos Censos Demográficos de 1872, 1890, 1900, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000

QUADRO 1
Evolução dos dados coletados nos censos demográficos de 1872, 1890, 1900, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000

(continuação)

| Dados coletados | 1/8/ 1872 | 21/12/ 1890 | 31/12/ 1900 | 1/9/ 1920 | 1/7/ 1940 | 1/7/ 1950 | 1/9/ 1960 | 1/9/ 1970 | 1/9/ 1980 | 1/9/ 1991 | 1/8/ 2000 |
|-----------------------------|--------------|----------------|----------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| 8. Outra Informações | | | | | | | | | | | |
| 8.1. Idioma | - | - | - | - | X | X | - | - | - | - | - |
| 8.2. Religião | X | X | X | - | X | X | X | X | X | X | X |
| 8.3. Incapacidade Física | X | X | X | X | X | - | - | - | - | X | X |

Fonte: Conselho Nacional de Estatística - Serviço Nacional de Recenseamento, Legislação Básica dos Recenseamentos de 1872, 1890, 1990 e 1920. Documento Censitário, Série A, n. 2, Rio de Janeiro, 1951, IBGE. Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Fonte: Conselho Nacional de Estatística – Serviço Nacional de Recenseamento, Legislação Básica dos Recenseamentos de 1871, 1890, 1990 e 1920. Documento Censitário, Série A, n.º. 2, Rio de Janeiro, 1951, IBGE. Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000 (Adaptado pelo autor).

O Censo de 1872 não foi apenas o primeiro, mas também abordou o levantamento de dados sobre a Religião no Império, considerando a população livre (**Figura 2**) e a população escrava (**Figura 3**), o que subsidia o estudo das questões sociais em vários aspectos, principalmente no que diz respeito à Escravidão no Brasil.

Santos (2014, p. 19), traz um panorama sobre este Censo: “Assim, no primeiro Censo Nacional, o quesito religião tinha apenas duas opções de respostas: católicos, a religião do Império e acatólicos, para os que não professavam a religião católica”. Dava-se esta configuração pelo Artigo 5.º da Constituição Brasileira, de 25 de março de 1824⁹, que determinava o Catolicismo como a religião oficial do Império, sendo esta então a contemplada na pesquisa censitária daquele momento.

⁸ Decreto n.º. 4.856, de 30 de dezembro de 1871. Manda proceder, em execução do Art. 1.º da Lei n.º. 1829, de 9 de setembro de 1870, ao primeiro recenseamento da população do Império.

⁹ TÍTULO 1.º. - Do Império do Brazil, seu Território, Governo, Dynastia, e Religião: Art. 5.º. A Religião Catholica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fôrma alguma exterior do Templo. CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPRIO DO BRAZIL DE 25 DE MARÇO DE 1824.

Figura 2 - Império do Brasil - Quadro geral a população livre considerada em relação aos sexos, estados civis, raça, religião, nacionalidades e grão de instrução dos numeros de casas e fogos

IMPERIO DO BRAZIL

Quadro geral da população livre considerada em relação aos sexos, estados civis, raça, religião, nacionalidades e grão de instrução, com indicação dos numeros de casas e fogos

| Numeros Provincias e Município Neutro | SEXOS | | | ESTADOS CIVIS | | | | | | RAÇAS | | | | | | RELIGIÃO | | Nacionalidades | | INSTRUÇÃO | | | | | | CASAS | |
|--|--------------|--------------|---------------|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|---------------|---------------|---------------|--------------|----------------|---------------|-------------|---------------|---------------|---------------|------------|---------------|---------------|-------------|
| | Homens | Mulheres | Total | de Homens | | de Mulheres | | de Homens | | de Mulheres | | de Homens | | de Mulheres | | de Homens | de Mulheres | de Homens | de Mulheres | Letras | | Nenhuma | | Total | Total | | |
| | | | | Solteiros | Casados | Viuvas | Solteiras | Casadas | Viuvas | Brancos | Pardos | Preto | Preta | Amalhões | Amalhoas | | | | | Brasileiros | Extranjeiros | Alfabetizados | Analfabetos | | | Alfabetizados | Analfabetos |
| 1 Amazonas | 8894 | 8897 | 17791 | 4135 | 811 | 272 | 311 | 424 | 771 | 1031 | 438 | 338 | 22 | 1197 | 2193 | 30 | 2232 | 2 | 2230 | 2232 | 2232 | 4464 | 4464 | 8928 | 713 | 7941 | |
| 2 Pará | 18494 | 18497 | 36991 | 20051 | 4010 | 1334 | 1084 | 1849 | 3698 | 4619 | 1849 | 1334 | 1084 | 1849 | 3698 | 4619 | 1849 | 1334 | 1084 | 1849 | 3698 | 4619 | 1849 | 1334 | 1084 | 1849 | |
| 3 Maranhão | 4894 | 4897 | 9791 | 5134 | 1027 | 339 | 272 | 611 | 1222 | 1528 | 611 | 272 | 339 | 678 | 859 | 113 | 459 | 3 | 456 | 459 | 918 | 918 | 1836 | 147 | 1983 | | |
| 4 Piauí | 11945 | 11948 | 23893 | 12648 | 2530 | 811 | 678 | 1528 | 3056 | 3811 | 1528 | 811 | 678 | 1528 | 3056 | 3811 | 1528 | 811 | 678 | 1528 | 3056 | 3811 | 1528 | 811 | 678 | 1528 | |
| 5 Ceará | 14941 | 14944 | 29885 | 14941 | 2988 | 911 | 778 | 1779 | 3558 | 4471 | 1779 | 911 | 778 | 1779 | 3558 | 4471 | 1779 | 911 | 778 | 1779 | 3558 | 4471 | 1779 | 911 | 778 | 1779 | |
| 6 Rio Grande do Norte | 6671 | 6674 | 13345 | 3335 | 667 | 222 | 185 | 411 | 822 | 1031 | 411 | 222 | 185 | 411 | 822 | 1031 | 411 | 222 | 185 | 411 | 822 | 1031 | 411 | 222 | 185 | 411 | |
| 7 Paraíba | 13951 | 13954 | 27905 | 13951 | 2790 | 911 | 778 | 1779 | 3558 | 4471 | 1779 | 911 | 778 | 1779 | 3558 | 4471 | 1779 | 911 | 778 | 1779 | 3558 | 4471 | 1779 | 911 | 778 | 1779 | |
| 8 Pernambuco | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 9405 | 3135 | 2611 | 5746 | 11491 | 14364 | 5746 | 3135 | 2611 | 5746 | 11491 | 14364 | 5746 | 3135 | 2611 | 5746 | 11491 | 14364 | 5746 | 3135 | 2611 | 5746 | |
| 9 Alagoas | 17913 | 17916 | 35829 | 17913 | 3582 | 1194 | 1001 | 2195 | 4390 | 5488 | 2195 | 1194 | 1001 | 2195 | 4390 | 5488 | 2195 | 1194 | 1001 | 2195 | 4390 | 5488 | 2195 | 1194 | 1001 | 2195 | |
| 10 Sergipe | 10940 | 10943 | 21883 | 10940 | 2188 | 711 | 598 | 1309 | 2618 | 3273 | 1309 | 711 | 598 | 1309 | 2618 | 3273 | 1309 | 711 | 598 | 1309 | 2618 | 3273 | 1309 | 711 | 598 | 1309 | |
| 11 Bahia | 8094 | 8097 | 16189 | 8094 | 1618 | 539 | 451 | 990 | 1980 | 2475 | 990 | 539 | 451 | 990 | 1980 | 2475 | 990 | 539 | 451 | 990 | 1980 | 2475 | 990 | 539 | 451 | 990 | |
| 12 Espírito-Santo | 11859 | 11862 | 23719 | 11859 | 2371 | 778 | 659 | 1437 | 2874 | 3593 | 1437 | 778 | 659 | 1437 | 2874 | 3593 | 1437 | 778 | 659 | 1437 | 2874 | 3593 | 1437 | 778 | 659 | 1437 | |
| 13 Município Neutro | 24890 | 24893 | 49783 | 24890 | 4978 | 1628 | 1378 | 2994 | 5988 | 7485 | 2994 | 1628 | 1378 | 2994 | 5988 | 7485 | 2994 | 1628 | 1378 | 2994 | 5988 | 7485 | 2994 | 1628 | 1378 | 2994 | |
| 14 Rio de Janeiro | 120394 | 120397 | 240791 | 120394 | 24078 | 7911 | 6634 | 14545 | 29090 | 36615 | 14545 | 7911 | 6634 | 14545 | 29090 | 36615 | 14545 | 7911 | 6634 | 14545 | 29090 | 36615 | 14545 | 7911 | 6634 | 14545 | |
| 15 S. Paulo | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 9405 | 3135 | 2611 | 5746 | 11491 | 14364 | 5746 | 3135 | 2611 | 5746 | 11491 | 14364 | 5746 | 3135 | 2611 | 5746 | 11491 | 14364 | 5746 | 3135 | 2611 | 5746 | |
| 16 Paraná | 6000 | 6003 | 12003 | 6000 | 1200 | 399 | 333 | 732 | 1464 | 1831 | 732 | 399 | 333 | 732 | 1464 | 1831 | 732 | 399 | 333 | 732 | 1464 | 1831 | 732 | 399 | 333 | 732 | |
| 17 Santa Catharina | 8069 | 8072 | 16141 | 8069 | 1613 | 531 | 451 | 982 | 1964 | 2455 | 982 | 531 | 451 | 982 | 1964 | 2455 | 982 | 531 | 451 | 982 | 1964 | 2455 | 982 | 531 | 451 | 982 | |
| 18 Rio Grande do Sul | 35860 | 35863 | 71723 | 35860 | 7172 | 2390 | 2001 | 4391 | 8782 | 11038 | 4391 | 2390 | 2001 | 4391 | 8782 | 11038 | 4391 | 2390 | 2001 | 4391 | 8782 | 11038 | 4391 | 2390 | 2001 | 4391 | |
| 19 Minas-Geraes | 109414 | 109417 | 218829 | 109414 | 21882 | 7172 | 6051 | 13223 | 26446 | 33058 | 13223 | 7172 | 6051 | 13223 | 26446 | 33058 | 13223 | 7172 | 6051 | 13223 | 26446 | 33058 | 13223 | 7172 | 6051 | 13223 | |
| 20 Goiás | 6872 | 6875 | 13745 | 6872 | 1374 | 411 | 344 | 755 | 1510 | 1888 | 755 | 411 | 344 | 755 | 1510 | 1888 | 755 | 411 | 344 | 755 | 1510 | 1888 | 755 | 411 | 344 | 755 | |
| 21 Mato-Grosso | 8062 | 8065 | 16125 | 8062 | 1612 | 537 | 451 | 988 | 1976 | 2470 | 988 | 537 | 451 | 988 | 1976 | 2470 | 988 | 537 | 451 | 988 | 1976 | 2470 | 988 | 537 | 451 | 988 | |
| Somma | 80170 | 70696 | 150866 | 71869 | 28079 | 30022 | 82604 | 65816 | 19816 | 32924 | 10246 | 22680 | 49066 | 806170 | 706656 | 139301 | 85440 | 628018 | 628018 | 958 | 804212 | 440 | 706137 | 440 | 706137 | | |

Fonte: Recenseamento do Brasil em 1872 (Adaptado pelo autor).

Figura 3 - Império do Brasil - Quadro geral a população escrava considerada em relação aos sexos, estados civis, raças, religião, nacionalidades e grão de instrução

IMPERIO DO BRAZIL

Quadro geral da população escrava considerada em relação aos sexos, estados civis, raças, religião, nacionalidades e grão de instrução

| Numeros Provincias e Município Neutro | SEXOS | | | ESTADOS CIVIS | | | | | | Raças | | Religião | | Nacionalidades | | Instrução | | | | | | | | | | |
|--|--------|----------|--------|---------------|---------|-------------|-----------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|----------------|-------------|-----------|-------------|---------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|
| | Homens | Mulheres | Total | de Homens | | de Mulheres | | de Homens | de Mulheres | de Homens | de Mulheres | de Homens | de Mulheres | de Homens | de Mulheres | de Homens | de Mulheres | | | | | | | | | |
| | | | | Solteiros | Casados | Viuvas | Solteiras | | | | | | | | | | | Casadas | Viuvas | | | | | | | |
| 1 Amazonas | 487 | 492 | 979 | 478 | 9 | 5 | 482 | 7 | 8 | 501 | 286 | 171 | 321 | 487 | 492 | 979 | 487 | 492 | 979 | 487 | 492 | 979 | | | | |
| 2 Pará | 13008 | 13550 | 26558 | 12743 | 815 | 272 | 2268 | 760 | 922 | 1747 | 815 | 272 | 771 | 13908 | 13550 | 26558 | 13008 | 13550 | 26558 | 13008 | 13550 | 26558 | | | | |
| 3 Maranhão | 3689 | 3692 | 7381 | 3518 | 1266 | 560 | 3088 | 1261 | 1576 | 3689 | 3692 | 7381 | 3689 | 3692 | 7381 | 3689 | 3692 | 7381 | 3689 | 3692 | 7381 | 3689 | 3692 | 7381 | | |
| 4 Piauí | 11945 | 11948 | 23893 | 12648 | 2530 | 811 | 1222 | 402 | 141 | 4026 | 7319 | 3208 | 6642 | 11945 | 11948 | 23893 | 11945 | 11948 | 23893 | 11945 | 11948 | 23893 | 11945 | 11948 | 23893 | |
| 5 Ceará | 14941 | 14944 | 29885 | 14941 | 2988 | 911 | 1527 | 979 | 136 | 6595 | 6402 | 974 | 7217 | 14941 | 14944 | 29885 | 14941 | 14944 | 29885 | 14941 | 14944 | 29885 | 14941 | 14944 | 29885 | |
| 6 Rio Grande do Norte | 6671 | 6674 | 13345 | 6506 | 207 | 61 | 6090 | 288 | 67 | 8183 | 3288 | 1271 | 2278 | 6671 | 6674 | 13345 | 6671 | 6674 | 13345 | 6671 | 6674 | 13345 | 6671 | 6674 | 13345 | |
| 7 Paraíba | 13951 | 13954 | 27905 | 13951 | 2790 | 911 | 1941 | 697 | 207 | 4200 | 5951 | 4910 | 995 | 13951 | 13954 | 27905 | 13951 | 13954 | 27905 | 13951 | 13954 | 27905 | 13951 | 13954 | 27905 | |
| 8 Pernambuco | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 9405 | 3135 | 4390 | 848 | 1078 | 1849 | 3207 | 1222 | 2088 | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 47031 | 94059 | |
| 9 Alagoas | 17913 | 17916 | 35829 | 17913 | 3582 | 1194 | 1001 | 1396 | 159 | 4072 | 1241 | 4521 | 12297 | 17913 | 17916 | 35829 | 17913 | 17916 | 35829 | 17913 | 17916 | 35829 | 17913 | 17916 | 35829 | |
| 10 Sergipe | 10940 | 10943 | 21883 | 10940 | 2188 | 711 | 1309 | 1344 | 182 | 4644 | 4361 | 4790 | 4987 | 10940 | 10943 | 21883 | 10940 | 10943 | 21883 | 10940 | 10943 | 21883 | 10940 | 10943 | 21883 | |
| 11 Bahia | 8094 | 8097 | 16189 | 8094 | 1618 | 539 | 451 | 990 | 369 | 7297 | 51797 | 59071 | 50669 | 8094 | 8097 | 16189 | 8094 | 8097 | 16189 | 8094 | 8097 | 16189 | 8094 | 8097 | 16189 | |
| 12 Espírito-Santo | 11859 | 11862 | 23719 | 11859 | 2371 | 778 | 659 | 1437 | 218 | 3407 | 8432 | 5445 | 7355 | 11859 | 11862 | 23719 | 11859 | 11862 | 23719 | 11859 | 11862 | 23719 | 11859 | 11862 | 23719 | |
| 13 Município Neutro | 24890 | 24893 | 49783 | 24890 | 4978 | 1628 | 1378 | 2994 | 207 | 4276 | 19611 | 17780 | 24890 | 24893 | 49783 | 24890 | 24893 | 49783 | 24890 | 24893 | 49783 | 24890 | 24893 | 49783 | 24890 | 24893 |
| 14 Rio de Janeiro | 120394 | 120397 | 240791 | 120394 | 24078 | 7911 | 6634 | 14545 | 11200 | 3400 | 4956 | 118799 | 34294 | 120394 | 120397 | 240791 | 120394 | 120397 | 240791 | 120394 | 120397 | 240791 | 120394 | 120397 | 240791 | |
| 15 S. Paulo | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 9405 | 3135 | 2611 | 5746 | 3201 | 1849 | 3207 | 1222 | 2088 | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 47031 | 94059 | 47028 | 47031 | 94059 | |
| 16 Paraná | 6000 | 6003 | 12003 | 6000 | 1200 | 399 | 333 | 732 | 88 | 2950 | 4286 | 2950 | 2550 | 6000 | 6003 | 12003 | 6000 | 6003 | 12003 | 6000 | 6003 | 12003 | 6000 | 6003 | 12003 | |
| 17 Santa Catharina | 8069 | 8072 | 16141 | 8069 | 1613 | 531 | 451 | 982 | 64 | 5988 | 5486 | 2274 | 4441 | 8069 | 8072 | 16141 | 8069 | 8072 | 16141 | 8069 | 8072 | 16141 | 8069 | 8072 | 16141 | |
| 18 Rio Grande do Sul | 35860 | 35863 | 71723 | 35860 | 7172 | 2390 | 2001 | 4391 | 687 | 11200 | 24228 | 11083 | 21974 | 35860 | 35863 | 71723 | 35860 | 35863 | 71723 | 35860 | 35863 | 71723 | 35860 | 35863 | 71723 | |
| 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

direito do cidadão brasileiro¹⁰. A partir do segundo Censo Demográfico do Brasil, em 1890¹¹, foi contemplada a diversidade de cultos religiosos entre a população (**Figura 4**).

Figura 4 – Nomenclatura dos cultos professados no Brasil em 1890

Quadro 1 – Nomenclatura de cultos professados no Brasil em 1890

| CULTOS PROFESSADOS | | | | | | | | |
|--------------------|------------|--------------|----------------|---------------|-----------|--------------|-----------|------------|
| CATHOLICOS | | PROTESTANTES | | | ISLAMITAS | POSITIVISTAS | SEM CULTO | TOTAL |
| Romanos | Orthodoxos | Evangélicos | Presbyterianos | Outras seitas | 300 | 1.327 | 7.257 | 14.325.031 |
| 14.179.615 | 1.673 | 19.957 | 1.317 | 122.469 | | | | |

Recenseamento Geral do Brasil 1890

Fonte: Recenseamento Geral do Brasil 1890 (SANTOS, 2014, p. 20).

É importante observar que os cultos de outras denominações religiosas, não oficiais, já estavam inseridos no âmbito social privado, sendo a visibilidade social coletiva permitida a partir da instituição da República e da Constituição de 1891, expressando o resultado direto dos novos pensamentos que se implantaram, além da imigração de povos de outras nações para o Brasil (alemães, poloneses, italianos, açorianos), que trouxeram na bagagem cultural outros preceitos religiosos.

Os Censos de 1900 e 1920¹² não contemplaram o quesito Religião. Santos (2014, p. 20) fornece uma explicação para este fato: os dados coletados em 1900 não foram utilizados para gerar um resultado devido às falhas no processo de coleta e, em 1920, como uma consequência direta da influência do modelo norte-americano, que não mais abordava esta variável pela diversidade de denominações religiosas. Neste cenário das três primeiras décadas do século XX, ressalta-se que os Censos de 1910 e 1930 não ocorreram por motivos de ordem política.

A partir da década de 1940, os Censos passaram a apresentar no transcorrer da segunda metade do século XX e início do século XXI, uma abordagem mais abrangente da sociedade em vários aspectos. “Hoje, em tese, o IBGE está muito mais aberto às demandas da sociedade, tanto em relação aos Censos como às pesquisas conjunturais e estruturais” (OLIVEIRA; SIMÕES. 2005, p. 293).

¹⁰ TÍTULO IV- Dos Cidadãos Brasileiros; SEÇÃO II- Declaração de Direitos.

¹¹ O Censo de 1890 ficou sendo o segundo oficial do país pela impossibilidade política e administrativa da realização do Censo de 1880, por ocasião do desgaste da monarquia desta década. IBGE. Sínteses Históricas – Históricas dos Censos – Censos demográficos.

¹² O Censo de 1910 seria o quarto realizado no Brasil republicano, não ocorrendo devido às questões conjunturais alegadas pelo governo, sendo transferido para 1920.

Sob esta ótica foi inserido o aspecto religioso, como se pode observar no Quadro Geral apresentado por Campos (2008, p. 22), que proporciona um panorama da evolução censitária desde 1940 até 2010, especificamente no que concerne à questão religiosa (**Figura 5**).

Figura 5 – Evolução das religiões no Brasil de 1940 a 2000

Tabela 2 – Evolução das religiões no Brasil de 1940 a 2000

| Católicos, evangélicos, outras religiões e sem religião no Brasil | | | | | | | | | | |
|---|-----------------------|--------|------------|-----------------------|-------|------------|------------------|-------------------|------|------------|
| ANO | Católicos | | | Evangélicos | | | Outras religiões | Sem religião | | |
| | (% da população país) | | | (% da população país) | | | | N°s absolutos e % | | |
| | N°s absolutos | % | Evolução % | | % | Evolução % | % | N°s absolutos | % | Evolução % |
| 1940 | 39.177.880 | 95,2% | 0,0 | 1.074.857 | 2,6% | 0,0 | 1,9% | 87.330 | 0,2% | 0,0 |
| 1950 | 48.558.854 | 93,7% | 23,9 | 1.741.430 | 3,4% | 62,0 | 2,4% | 274.236 | 0,3% | 214,0 |
| 1960 | 65.235.595 | 93,1% | 34,3 | 3.077.926 | 4,3% | 76,7 | 2,4% | ----- | ---- | 214,0 |
| 1970 | 85.775.047 | 91,8% | 31,5 | 4.833.106 | 5,2% | 57,0 | 2,3% | 704.924 | 0,8% | 214,0 |
| 1980 | 105.860.063 | 89,0% | 23,4 | 7.885.650 | 6,6% | 63,2 | 2,5% | 1.953.085 | 1,6% | 177,1 |
| 1991 | 122.365.302 | 83,3% | 15,6 | 13.157.094 | 9,0% | 66,8 | 2,9% | 6.946.077 | 4,7% | 255,6 |
| 2000 | 125.517.222 | 73,9% | 2,6 | 26.452.174 | 15,6% | 101,0 | 3,5% | 12.492.189 | 7,4% | 79,8 |
| Evolução entre 1940 e 2000 | | -21,3% | 220,4 | | 13,0% | 2.361,0 | 1,6% | | 7,2% | 14.204,6 |

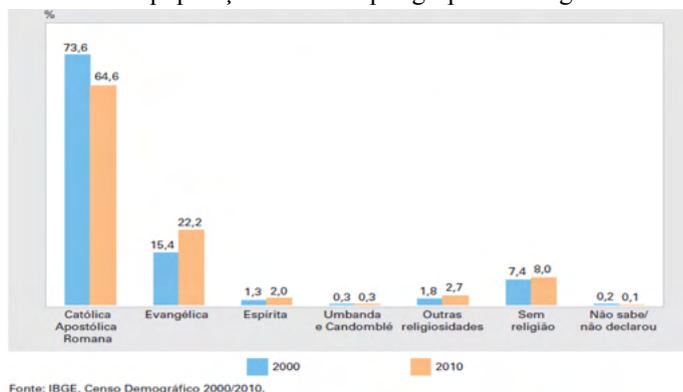
Fonte: IBGE – Censos demográficos (1940-2000)

Observações: 1. Evolução - em % sobre o crescimento em números absolutos (colunas 4, 7 e 11); 2. outras religiões – em % da população do país.

Fonte: IBGE – Censos Demográficos (1940-2000) apud CAMPOS, 2008, p. 22.

Observa-se no transcorrer no século XX uma mudança considerável em relação à diminuição efetiva do Catolicismo e um aumento considerável do Protestantismo (Evangélicos) e de outras denominações religiosas, como o Espiritismo, assim como os considerados Sem Religião, a partir da observação dos dados obtidos pelo último Censo realizado no país (2010) (**Figura 6, Gráfico**).

Figura 6 - Percentual da população residente por grupos de religião. Brasil – 2000/2010



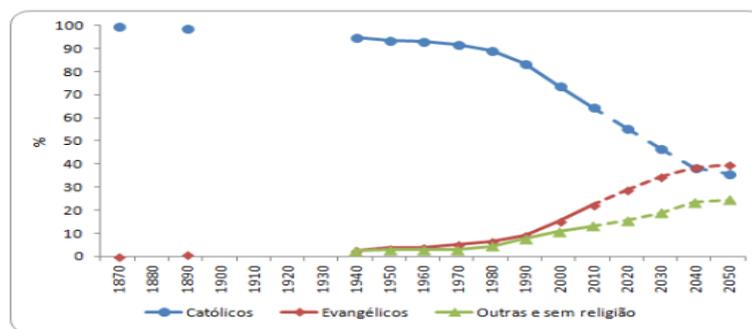
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010 e Censo Demográfico 2010/2012 (CAMPOS, 2008).

As mudanças ocorridas mostram as influências nos aspectos religiosos de uma sociedade que até a segunda metade do século XIX se expressava fortemente colonial e que

naquele momento passava pelo processo de perda de poderes, ocasionado principalmente pela implantação da secularização.

No transcorrer de apenas pouco mais de um século, este quadro passa por uma mudança considerável, levando a estimativas estatísticas de que nas próximas décadas o Protestantismo possa alcançar a maioria em número de seguidores. O gráfico a seguir expõe esta situação (**Figura 7**):

Figura 7 - Percentagem de católicos e evangélicos na população brasileira: 1872-2010 e projeções de 2010 a 2050



Fonte: Censos demográficos do IBGE e projeções 2010-2050

Fonte: Censos Demográficos do IBGE e projeções 2010-2050 apud VICENTE, 2016.

Os números podem muitas vezes denotar interesses subliminares por trás das apresentações. Esta complexidade fica exposta na abordagem de Teixeira (2014, p. 34) quando diz que: “não é tarefa simples entender a presença da religião ou do dinamismo religioso na contemporaneidade”.

No entanto, buscando-se interpretá-los tal como estão apresentados, apontam em linhas gerais que existe um comportamento de variação nas preferências religiosas da sociedade brasileira, além dos efeitos da secularização sobre o poder eclesiástico, um possível processo de transformação pelo qual a religião se deparou na obrigação de se adequar às mudanças históricas inevitáveis.

Não só porque, ao lado e articuladamente com a secularização, detecta-se certa reemergência do fator sagrado, na vida social e na experiência individual, mas porque – e este segundo fator pode ser chave do primeiro – as formas e significações das realidades assim presentes tendem a diferir daquelas que existiam nas precedentes análises sob as mesmas categorias. E até quando as realidades tradicionais perduram, ou mesmo se reafirmam por conta própria, é possível que as significações novas refluam sobre as antigas, articulando-se com elas para inflectir-lhes tacitamente o sentido. Como não é impensável que, ao contrário, manifestações ‘religiosas’ surpreendentemente novas não passem de formas inusitadas de repetição (SANCHIS, 2013, p.12-13).

A Arqueologia estuda e busca compreender estas ‘reemergências’ do sagrado, de maneira social e individual, com o olhar voltado para cultura material expressa nas práticas funerárias e com o aporte da história censitária no Brasil.

2.3 DELIMITAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL E PROBLEMA DA PESQUISA

O antropólogo Tambiah (1985) chama a atenção para os rituais enquanto sistemas de comunicação das sociedades e eles não são fossilizados e nem definitivos, sempre há mudanças. Este sistema de comunicação, por sua vez, dá-se de forma simbólica de maneira a formar padrões ordenados em palavras e atos.

As sociedades expressam por meio da comunicação seus pensamentos, costumes, comportamentos, sobre os mais variados aspectos da vida em sociedade. Sob esta ótica pode-se considerar o rito um meio de comunicação que passa por constantes mudanças, como sendo expressão destas.

A antropóloga brasileira Mariza Peirano (2003) também compartilha desta mesma visão de Tambiah, a visão na qual são combinadas as dimensões do viver e do pensar, que são atribuídos pelo conceito criado por este antropólogo, o de que o ritual é performativo, combinando-se assim estas dimensões.

Este conceito performático atribuído ao ritual, por sua característica de ação que permite o ritual sofrer transformações em suas ações, permite-nos buscar perceber as representações sociais destas intrínsecas no próprio rito e em sua cultura material.

Nesta pesquisa foi utilizada a abordagem interdisciplinar, uma vez que o estudo da cultura material é objeto das Ciências Sociais. A Arqueologia direcionada para o aspecto religioso das práticas funerárias, por serem ao mesmo tempo um rito de representação da sociedade e de identificação de um grupo, mas também de um indivíduo (PADER, 1982). O processo de formação de identidade (CASTRO, 2009) é histórico, contínuo e múltiplo e une os indivíduos pelas semelhanças e diferenças em relação aos outros.

A Demografia “refere-se ao estudo das populações humanas e sua evolução temporal no tocante ao seu tamanho, sua distribuição espacial, sua composição e suas características gerais” (CARVALHO *et al.*, 1994). Uma observação acerca do estudo dos dados censitários no Brasil e dos consequentes resultados mostra a lacuna existente: “embora a história demográfica tenha se firmado como referência importante para a compreensão do passado brasileiro, o estudo de muitas das variáveis demográficas das nossas populações no passado está por ser feito” (BOTELHO, 2001, p. 31).

Esta relevância dos dados demográficos para o estudo e compreensão da evolução da sociedade brasileira em seus mais diversos aspectos e épocas está se tornando, nas últimas décadas, fonte de valiosas informações e interpretações. O aspecto religioso da sociedade é um deles, fator que vem passando por profundas e variadas transformações no transcorrer de pouco mais de um século depois de sua secularização.

Atualmente, além da academia, outros setores da sociedade como a política, a mídia, as próprias denominações religiosas, vêm nos dados demográficos e estatísticos sobre a religião no Brasil uma forte relevância para compreensão da religião e seu papel para a sociedade atual. Apesar de ser de fato um aspecto da sociedade que requer uma análise apurada e refinada pelas suas várias facetas oriundas da própria heterogeneidade da sociedade brasileira, a importância destes dados não são descartáveis (CAMURÇA, 2014, p. 15-16).

A abordagem demográfica foi subsidiada pelo método estatístico, nutrido pelos dados dos Censos e foram trabalhados analiticamente com os resultados obtidos sobre a cultura material das práticas funerárias, que podem ajudar a elucidar questionamentos a respeito do comportamento de representação social religioso. Para isto, é necessária a inserção do segundo ponto desta interdisciplinaridade, a História.

A característica temporal no estudo das populações é o aspecto que atrela a Demografia à História. Os historiadores fazem uso da Demografia Histórica, que tem início na década de 1950, com os primeiros estudos aplicados ao crescimento da população mundial voltados para questões econômicas, depois sendo aplicados para estudos de questões familiares, como: nascimento, casamento e mortes (BURKE, 1997, p. 26). Esta abordagem foi um reflexo direto da utilização de métodos quantitativos no estudo da História.

Atualmente, o termo Demografia Histórica é utilizado tanto por demógrafos, quanto por historiadores sob a ótica da aplicação de técnicas de levantamentos populacionais, que fornecem os dados necessários para o estudo das fases censitárias pré e protoestatísticas (COSTA, 2011, p. 216).

No aspecto histórico, buscou-se num primeiro momento, com o levantamento historiográfico, a análise do comportamento da dinâmica religiosa dentro de um quadro marcado por um processo de mudanças intensas que permearam a sociedade brasileira desde o século XIX e que se viu processar de forma mais acelerada no transcorrer do século XX, culminando na configuração social destas duas primeiras décadas do século XXI.

Para este fim, a historicidade portanto, “permite a inclusão, no campo da ciência histórica, de novos objetos da história: o *non-événementiel*; trata-se de acontecimentos ainda

não reconhecidos como tais – história rural, das mentalidades, da loucura, ou da procura de segurança através das épocas. (VEYNE, 1973).

A historicidade é fundamental dentro de uma abordagem do lugar, para o conhecimento da construção do processo histórico como um todo, nos mais variados aspectos: das representações, das mentalidades, da religião, da economia, da política, entre outros.

O momento em que o passado aparece como diferente do meu tempo torna-se cada vez mais próximo – formidável desforra da historicidade! Vemos, pois, diante de nós massas inteiras do que ainda ontem acreditávamos ser nossa história de hoje se destacarem e mergulharem no oceano das diferenças, onde vão ter como todas as sociedades tradicionais (ARIÈS, 2005, p. 232).

Foi sob este prisma que se vinculou a análise desta pesquisa, o de agregar o aspecto religioso da sociedade e suas representações sob novas perspectivas e olhares, que pudessem contribuir para a construção do conhecimento das mentalidades sociais acerca das crenças e práticas religiosas, utilizando-se a interpretação dos dados censitários e os reflexos destes na cultura material, em específico a mortuária.

O foco a partir deste leque foi direcionado para o estudo das representações da mentalidade religiosa e de suas transformações, o que pode contribuir para a compreensão da diversidade social construída neste processo.

Não obstante, é sobre este foco onde, segundo Vovelle (1985) “as atitudes diante da vida e da morte dependem de motivações mais secretas, mais imbricadas no limite entre o biológico e o cultural, isto é, do inconsciente coletivo”. E é nesse inconsciente coletivo que a história das mentalidades irá tomar uma característica de abordagem sobre com o olhar voltados aos reflexos de representações coletivas, aqui direcionadas de forma específica para as representações coletivas religiosas diante da morte, desde a secularização da religião no Brasil oitocentistas até os dias atuais.

Compreender estas representações é entender o desenvolvimento da sociedade, portanto “é no fio histórico desse discurso sobre a morte, tanto quanto na análise menos direta e dos gestos, que se pode acompanhar a evolução das representações do outro mundo, que prolongam e condicionam, para a maioria dos homens, o sistema global da morte e do pós-morte” (VOLVELLE, 1985, p.132). É neste âmbito que se alinham a História com a Arqueologia sob os significados representados por suas heranças e a tradição dos diferentes aspectos do comportamento social.

A história das mentalidades obriga o historiador a interessar-se mais de perto por alguns fenômenos essenciais de seu domínio: **as heranças**, das quais o estudo ensina

a continuidade, as perdas, as rupturas (de onde, de quem, de quando vem esse hábito mental, essa expressão, esse gesto?); **a tradição**, isto é, as maneiras pelas quais se reproduzem mentalmente as sociedades, as defasagens, produto do retardamento dos espíritos em se adaptarem às mudanças e da inegável rapidez com que evoluem os diferentes setores da história (LE GOFF 1995, p. 72, grifo do autor).

A história das mentalidades permite o atrelamento à Arqueologia, onde se compreendem os espaços cemiteriais como lugares de memória, como espaços que possuem em si mesmos heranças e tradições, expressas nas representações contidas nas práticas funerárias. Segundo Nora (1993), os lugares de memórias possuem três aspectos coexistentes: o material, o simbólico e o funcional. O espaço cemiterial, por sua vez, enquadra-se como possuidor destes três aspectos simultâneos, arraigados por representações coletivas das heranças e tradições sociais.

A abordagem arqueológica faz a ligação entre os possíveis reconhecimentos das mentalidades visíveis, mesmo que sutis, na cultura material (LIMA, 2002, p. 17-18), inculcando desta forma o reconhecimento das representações coletivas na cultura material do cemitério de São Sebastião.

Esta ligação ocorre pela possibilidade do estudo destes vestígios que, por sua vez, trazem em sua constituição não apenas a sua materialidade, mas os conhecimentos pelos quais a sociedade desenvolveu em seu longo processo até os dias atuais, Orser Jr. (1992) indica que “estes elementos históricos do passado recente constituem o mundo moderno, e grande parte desta constituição, ainda que extremamente complexa em sua compreensão, é levada a cabo com objetos materiais (ORSER JR, 1992, p. 28).

Fundamenta-se a relevância para a arqueologia do vestígio material como fonte de estudo, aqui em destaque o vestígio cemiterial materializado em jazigos funerários e seus acompanhamentos estéticos, ornamentais, simbólicos, etc. E não só para a arqueologia, outras ciências sociais vêm se apreendendo do vestígio material em seus estudos nas últimas décadas, para Le Goff (1995, p.75) “tudo é fonte para o historiador das mentalidades”.

Aqui se alinha a Arqueologia, no que diz respeito às fontes que podem ser utilizadas, aponta-se o trabalho analítico das fontes censitárias e bibliográficas, demográficas e históricas, alinhadas a uma interpretação da análise da cultura material funerária, fontes arqueológicas que possam demonstrar uma interpretação resultante da dinâmica da representação coletiva religiosa em cemitérios históricos.

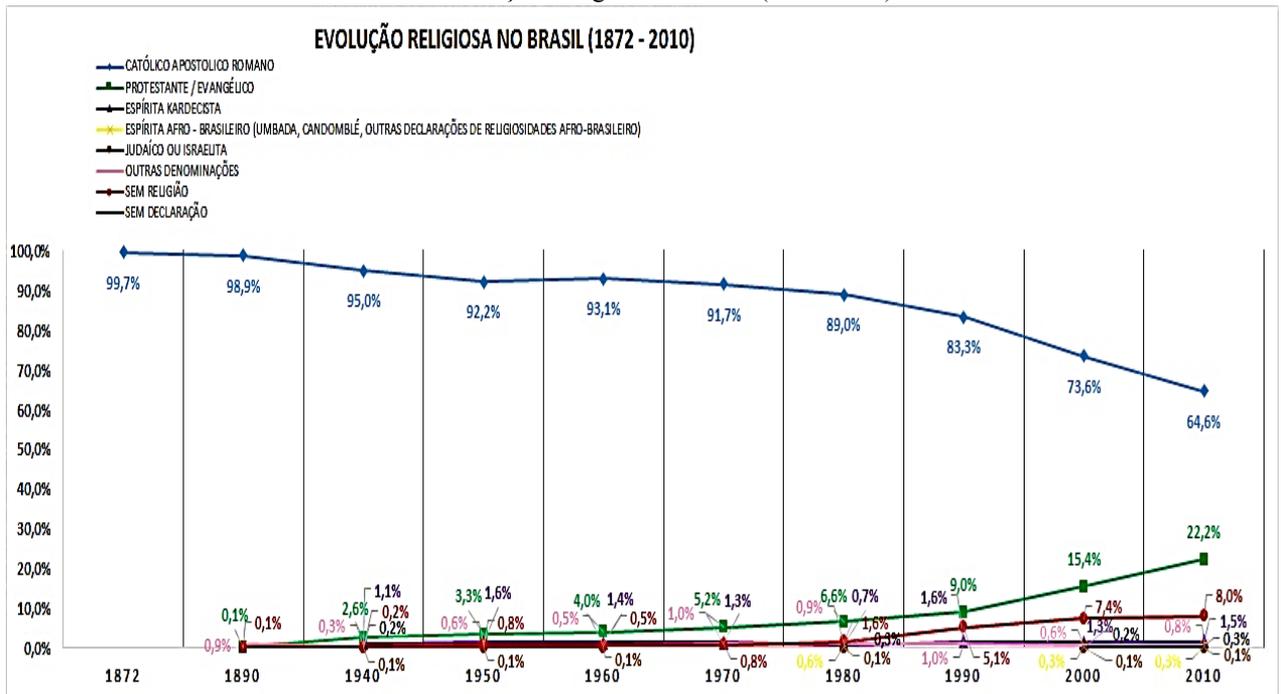
Considera-se, então, de maneira clara e concisa, que os pensamentos da sociedade não são estáticos nem imutáveis e que, por sua vez, são refletidos e manifestados nos artefatos produzidos pela ação humana de maneira concreta ou simbólica por seus significados. Assim

a sociedade muda, muda-se os ritos, mudam também o modo de ver o mundo e produzir no mesmo Segundo Deetz (1981): “Condições sociais, econômicas, políticas e religiosas mudaram as pessoas se adaptaram, desenvolvendo novos modos de pensamento e [então] a coisa que fizeram, os artefatos que eles fizeram, manifestaram as mudanças que ocorreram em suas mentes.”. O alinhamento da Arqueologia com o estudo dos aspectos demográficos permite este leque de possibilidades de fontes justificando os dados censitários nesta abordagem, que por meio da interdisciplinaridade colabora “como um instrumento de conhecimento” (MAFRA, 2010, p. 37).

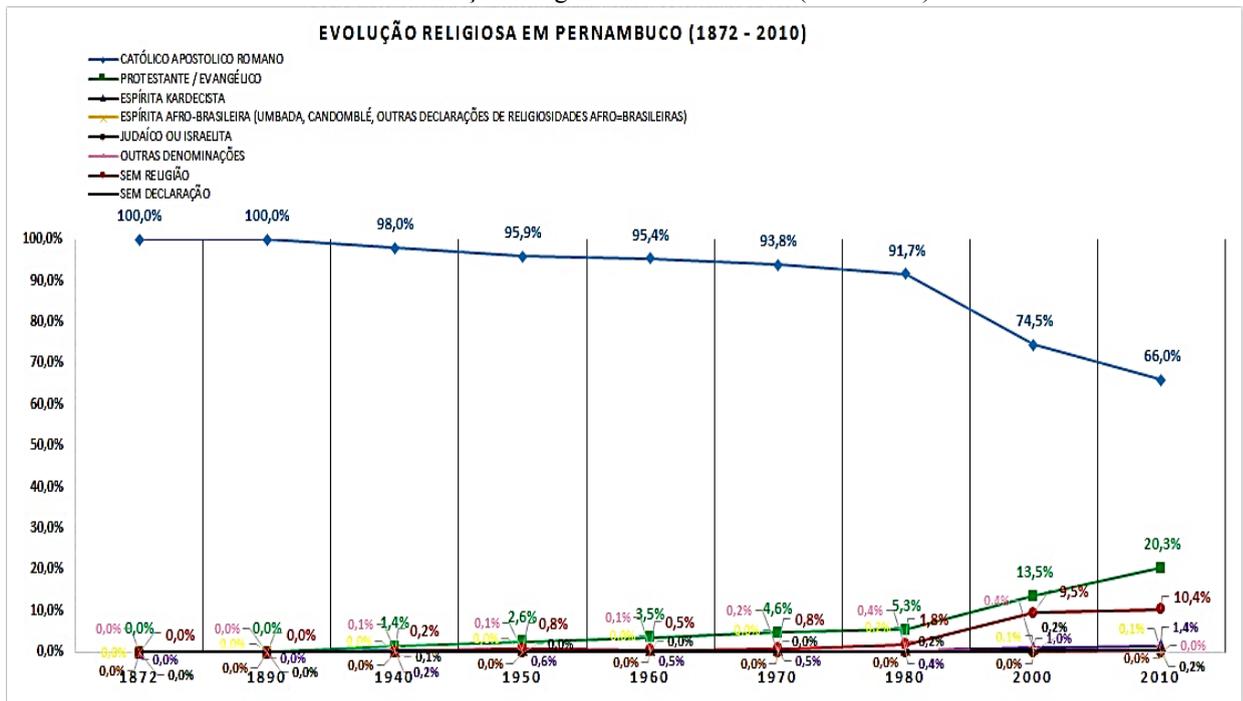
A aplicação do estudo dos dados censitários tem suas ressalvas, segundo Menezes (2012, p.10) “o Censo é uma fotografia da autodeclaração religiosa em determinado contexto: ele não possibilita qualificar a mudança, ou entender suas nuances, mas apenas nos ajuda a visualizar as macrolinhas das transformações de uma década”; mas é interessante entender que os mesmos são dados a serem passíveis de interpretação, podem nos permitir perceber a sociedade contextualizada em um processo histórico.

Com a apresentação desta tríade Demografia-História-Arqueologia, direcionaram-se a partir deste momento as aplicações para a interpretação dos dados censitários acerca da dinâmica religiosa na formulação da problemática desta pesquisa. Num primeiro momento, foi exposta no período cronológico de 1872 a 2010 no Brasil (**Gráfico 1**) a oscilação dos números censitários, que demonstram claramente um declínio considerável do Catolicismo com o destacado aumento progressivo do Protestantismo, além de perceber-se a mesma dinâmica dos auto declarados Sem Religião.

Os dados demonstram um aumento em outras denominações religiosas, mesmo que tímidos, se comparados ao movimento Protestante, mas que no contexto social constituem um ponto importante a se considerar. O mesmo movimento dinâmico é constatado com a observação do **Gráfico 2** sobre a evolução religiosa no estado de Pernambuco, que mostra o movimento religioso local em consonância com o nacional. É importante se verificar que o movimento ocorre de maneira uniforme. Mas para entender-se este movimento local, buscou-se sua verificação no município de Vitória de Santo Antão.

Gráfico 1 - Evolução Religiosa no Brasil (1872-2010)¹³

Fonte: IBGE. Censos de 1872 a 2010. **Elaboração:** Marcelo Hermínio dos Santos, 2021.

Gráfico 2 - Evolução Religiosa em Pernambuco (1872-2010)¹⁴

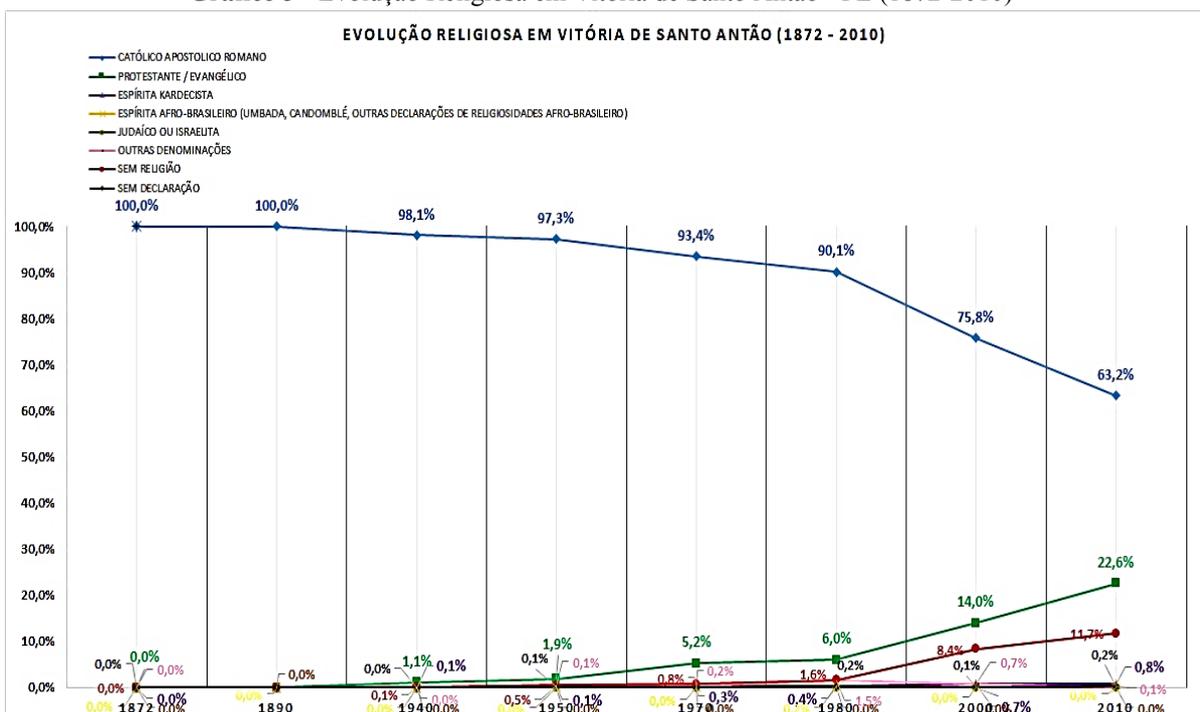
Fonte: IBGE. Censos de 1872 a 2010. **Elaboração:** Marcelo Hermínio dos Santos, 2021.

¹³ Em relação à realização dos Censos, seguem as seguintes ressalvas: **1880** – Não houve Censo Demográfico, **1900** – Sem dados sobre Religião no Censo realizado neste ano, **1910** – Não houve Censo Demográfico, **1920** – Sem dados sobre Religião no Censo realizado neste ano, **1930** – Não houve Censo Demográfico.

¹⁴ Em relação à realização dos Censos em Pernambuco, seguem as seguintes ressalvas: **1880** – Não houve Censo Demográfico, **1900** – Sem dados sobre Religião no Censo realizado, **1910** – Não houve Censo Demográfico, **1920** – Sem dados sobre Religião no Censo realizado, **1930** – Não houve Censo Demográfico, **1990** - Sem dados sobre religião no Censo realizado.

Para fazer-se uma aferição mais coerente com o contexto social local, foi elaborado o **Gráfico 3** com os dados da evolução religiosa no município de Vitória de Santo Antão. Nota-se que o movimento dinâmico religioso corrobora com os dados obtidos em âmbito nacional e estadual, demonstrando assim que a uniformidade e dinamismo dos dados se mantêm.

Gráfico 3 - Evolução Religiosa em Vitória de Santo Antão - PE (1872-2010)¹⁵



Fonte: IBGE. Censos de 1872 a 2010. **Elaboração:** Marcelo Hermínio dos Santos, 2021.

Puderam-se aferir os dados expostos que mais se destacaram nos três gráficos nas três esferas territoriais apresentadas (nacional, estadual e municipal): 1 - O declínio do Catolicismo chega em 2010 com uma média de 64,6%, 2 - O crescimento do Protestantismo chega em 2010 com uma média de 21,7% e 3 - o aumento do número de declarantes Sem Religião em 2010 tem uma média de 10%.

Os três gráficos são claros nos percentuais e médias apresentadas. Com a interpretação dos mesmos foi possível constatar que a secularização da religião no Brasil com a instalação da República foi iniciada (e ocorreu) de forma efetiva e progressiva.

¹⁵ Em relação à realização dos Censos em Vitória de Santo Antão, seguem as seguintes ressalvas: **1880** - Não houve Censo Demográfico, **1900** - Sem dados sobre Religião neste Censo, **1910** - Não houve Censo Demográfico, **1920** - Sem dados sobre Religião neste Censo, **1930** - Não houve Censo Demográfico, **1960** - Sem dados sobre Religião neste Censo, **1990** - Sem dados sobre Religião.

Outra observação a ser feita é que a partir da década de 1990 a dinâmica religiosa tornou-se mais acentuada. Pode-se interpretar este fenômeno como uma questão constitucional, pois em 1988 foi promulgada a atual Carta Magna do país, que reforça a liberdade de culto religioso no Artigo 5º.¹⁶, ampliando consideravelmente os direitos do cidadão.

As informações demográficas apresentadas foram contextualizadas com o processo histórico brasileiro, com a secularização da Religião desde o século XIX e a consequente secularização dos cemitérios, cuja administração passou para o poder público. Isto atrelado ao movimento higienista, que buscou mitigar as doenças de alta transmissibilidade que assolavam o Império no século XIX, tendo na construção de cemitérios públicos extramuros uma das ações mitigadoras.

Somaram-se as questões política e religiosa, associadas a outras questões de ordem econômica e social, com a formação de uma conjuntura que levou a um inevitável processo de mudança das mentalidades da sociedade brasileira no que tange à Religião já na segunda metade dos anos oitocentos. Isto teve continuidade no transcorrer do século XX e expôs nas duas primeiras décadas do século XXI uma acentuação mais rápida da dinâmica religiosa no país.

A este conjunto de inferências, direcionou-se o olhar para a materialidade, uma vez que as denominações religiosas são calcadas em mentalidades, identidades e ideologias transmitidas e representadas nos ritos e na cultura material. Logo, a cultura material funerária também se inseriu neste contexto.

Esta materialidade foi aqui expressa em todo o contexto cemiterial, com foco principal nos jazigos, incluídos na categoria de artefatos, uma vez que foram elaborados e modificados pela ação humana (ORSER JR., 1992, p. 31) e representam a materialização das práticas funerárias no processo histórico.

Assim, veio à tona a seguinte indagação, a qual se buscou elucidar nesta tese: A identificação e análise de padrões na cultura material funerária permitem a interpretação de mudanças ou permanências nas representações coletivas religiosas no contexto de uma dinâmica religiosa exposta nos dados censitário de 1872 até hoje?

Partiu-se da hipótese de que a materialização das representações coletivas religiosas nas práticas funerárias nos jazigos do cemitério histórico de São Sebastião poderia ser

¹⁶ Título II Dos Direitos e Garantias Fundamentais - Capítulo I Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos – Artigo 5º. - VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

classificada e entendida através das permanências e mudanças caracterizadoras de momentos sociais específicos. A partir da segregação de variáveis culturais, que denotam a materialização de padrões representativos que se alinham com a dinâmica religiosa identificada nos dados censitários sobre Religião no Brasil desde 1872.

O objetivo geral desta pesquisa foi entender o discurso coletivo da morte, identificando os padrões de suas representações coletivas na prática funerária e sua relação com a dinâmica religiosa da sociedade demonstrada em mais de 130 anos de pesquisa censitária oficial no país, com foco especial no Cemitério Público de São Sebastião, em Vitória de Santo Antão.

Entendendo-se a estreita relação da cultura material dos cemitérios com as mentalidades e representações sociais religiosas, foram utilizados dados censitários que trouxeram informações sobre a evolução dinâmica religiosa da população da cidade de Vitória de Santo Antão, devido ao projeto de secularização religiosa, daí a relevância da pesquisa, de produção de conhecimento, voltado para as transformações no comportamento religioso da sociedade, principalmente quando observado na completude cronológica de mais de um século de registros censitários.

Foi através da interface de outras áreas do conhecimento que se buscou interligar a Demografia (com os dados censitários) à História e à Arqueologia, especificamente no auxílio da compreensão das relações sociais na cultura material funerária e as transformações das mentalidades e suas representações coletivas dentro deste quadro histórico.

3 OS CEMITÉRIOS PÚBLICOS NO BRASIL

Assim como em todo o mundo, no Brasil o século XIX foi palco de consideráveis transformações políticas, econômicas e sociais. Ainda na primeira metade deste século, o país passou por profundas alterações e, “entre 1808, com a abertura dos portos e 1850, no auge da centralização imperial, modificara-se a pacata, fechada e obsoleta sociedade” (FAORO, 1997, p. 401). Com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, em 22 de janeiro de 1808, deslocou-se não apenas o controle administrativo metropolitano para uma de suas colônias, como também trouxe na bagagem um ideário de costumes, mentalidades, comportamentos e vivências que, de um momento para outro, choca-se com costumes ainda coloniais.

As mudanças ocasionadas pelo âmbito econômico no transcorrer do século XIX foram marcantes para o investimento do capital estrangeiro, o início das construções de redes ferroviárias, empresas siderúrgicas, do sistema financeiro, entre outros. Pode-se apontar aqui Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá (1813-1889) como o maior expoente na implantação do capital inglês no Brasil. A europeização tornou-se cada vez mais forte na sociedade brasileira, como aponta Faoro (1997, p. 402), “O país europeizava-se, para escândalo de muitos, iniciando um período de progresso rápido, progresso conscientemente provocado, sob moldes ingleses”.

Sodré (1998, p. 21) aponta que quando se trata especificamente das transformações de mentalidades no Brasil durante o transcorrer do período Regencial (1831-1840), “estamos na época da transmissão vertiginosa das ideias e das doutrinas”.

Iniciou-se uma forte influência da ideia de progresso alinhavada pelo Positivismo europeu. O movimento foi desde 1840 até a 1ª. Guerra Mundial, abarcando a Filosofia, as Artes e a Literatura. “O termo foi cunhado devido ao período de paz reinante na Europa e à expansão colonial na África e Ásia, que gerou um clima de entusiasmo em torno da ideia de progresso humano e social irrefreável” (DIAS, 2007, p. 279).

A implantação das ideias positivistas não ocorreu com total aceitação da classe dominante brasileira (FURTADO, 2004, p. 101), gerada pela opinião contrária em relação a vários aspectos, entre eles o debate em torno da proibição do Tráfico de Escravos (1850) e mais tarde, a Abolição da Escravatura (1888).

Estas profundas mudanças durante o século XIX, no Brasil, refletiram-se na maneira como a sociedade lidava com os mortos. Os sepultamentos *ad sanctos*, que deixavam claro a aspiração individual de ser sepultado “junto aos santos” (ARIÈS, 2000, p. 57), ainda eram uma constante na primeira metade deste século, mesmo já havendo uma mudança incipiente

que se direciona para a prática de sepultamentos em cemitérios extramuros eclesiásticos, desde o final do século XVIII (MOTTA, 2010, p. 56).

O *ad sanctos* consistia no sepultamento de pessoas no interior das igrejas, a depender do *status* e poder econômico do falecido onde, “*El difunto era abandonado a la Iglesia, que lo tomaba a su cargo hasta el día de su resurrección*” (ARIÈS, 2000, p. 57).

Esta prática teve os primórdios atrelados a uma herança cultural europeia medieval em caráter de obrigatoriedade, graças à forte vinculação do controle da Religião sobre o ato de morrer. “A organização de um espaço funerário sagrado em torno dos lugares de culto, portanto, é uma invenção medieval. Entre os séculos X e XIII, a obrigação de inumar os defuntos no seio desse espaço se impôs a todos os fiéis” (LAWERS, 2015, p., 201).

“A sepultura eclesiástica seria considerada como uma das condições básicas para obtenção da salvação da alma e como um pilar do dogma da ressurreição, segundo o qual era necessária a inumação” (RODRIGUES, 2005, p. 43).

Ela foi intimamente atrelada à mentalidade deste período histórico, onde a morte era mais “aceitável” e fazia parte de um cotidiano mais próximo entre os vivos, um cotidiano familiar classificado como: “morte domesticada” (ARIÈS, 2000, p. 33-34). As últimas horas do moribundo eram acompanhadas por parentes e amigos na intimidade dos aposentos e logo após a morte, este era enterrado na igreja que frequentava ou em cemitérios adjacentes, fato que integrava o morrer à vida em comunidade (REIS, 1991).

Diante deste cenário, os aspectos que mais se evidenciaram no entendimento de uma mudança de postura social na primeira metade do século XIX e que culminaram com o advento dos cemitérios públicos oitocentistas no Brasil foram o aspecto econômico, o da secularização destes espaços e o higienismo. Os cemitérios oitocentistas foram aqueles surgidos no século XIX, cuja principal característica era a preservação dos vestígios do morto, materializada através de construções grandiosas, decoradas com representações estatuárias e outros adereços (TAVARES e BRAHM, 2018).

No aspecto econômico, mesmo sendo o sepultamento *ad sanctos* estabelecido por uma questão religiosa, deve-se salientar a importância econômica para as irmandades religiosas e para os profissionais da prática fúnebre, que estavam ligadas à ritualização católica da morte até o século XIX. O conceito do Sincretismo religioso, muito usado para se explicar a mistura de crenças religiosas, a partir de religiões afrodescendentes e cristãs, principalmente a católica, durante o período colonial e depois no Império, resultaram numa nova instituição, segundo Tavares (2006, p. 72) que se preservavam as práticas religiosas então proibidas neste momento.

As mudanças também se refletiram na maneira como a sociedade lidava com os mortos. Os sepultamentos nos espaços dos templos religiosos, conhecidos como *ad sanctos* “, junto aos santos” (ARIÈS, 2000, p. 57), ainda eram muito utilizados na primeira metade deste século.

A secularização afetou diretamente o poder eclesiástico sobre a sociedade e o aumento do poder governamental transferiu para si o controle das administrações cemiteriais, que antes era prestado à sociedade pela igreja. Fator este otimizado pelas constantes epidemias que assolavam a população no tempo do Império.

No Império brasileiro e logo após à Proclamação da República, a religião predominante era o Catolicismo, que tinha uma prática mortuária ligada aos ritos e ao simbolismo, com a presença de elementos facilmente reconhecíveis, como: tipologia de jazigo, cruzeiros, santos, anjos etc.

Ou seja, todas as transformações que ocorreram nos espaços cemiteriais foram decorrentes das ideias elaboradas pelos republicanos, que defendiam os ideais liberais e secularizantes, visando a derrocada da hegemonia exercida pela Igreja Católica sobre a vida e a morte da população brasileira. O que vai se confirmar, com a instituição da República quando a administração dos cemitérios públicos passou para o poder do Estado.

O advento dos cemitérios públicos atingiu diretamente os cofres das irmandades, uma vez que existia a preparação ritualística fúnebre, que meticulosamente demandava, dependendo do tipo de ritualização e das posses do defunto e sua família, o investimento de grandes somas financeiras para que o destino do cadáver se desse o mais próximo possível dos altares de santidades, garantindo assim à alma o “ingresso” no campo celeste divino, além de reforçar a condição de *status* social da família enlutada.

Pode-se entender a importância do negócio funerário para o equilíbrio financeiro das irmandades e outros profissionais, interpretados a partir dos custos pagos pelos consumidores:

(...) Os recibos também descrevem a qualidade dos serviços e a quantidade dos artigos comprados, se encomendação e acompanhamento com ou sem pluvial, número de padres presentes a funerais e missas fúnebres, número de dobres, de velas gastas, tipo e quantidades dos tecidos, modelo de caixões, de assa e de urna. Tudo tinha seu preço e seu especialista. Os padres, sobretudo os párocos, podiam se dar bem (REIS, 1991, p. 234).

O movimento social intitulado “Cemiterada”, teve como estopim o reflexo direto destas perdas econômicas sofridas pela igreja, além de questões do âmbito político e da mudança do comportamento social de forte formação religiosa. A Cemiterada ocorreu na cidade de

Salvador, Bahia, no dia 25 de outubro de 1836, tratando-se de um levante popular encabeçado pelas irmandades religiosas contra a instalação do primeiro cemitério extramuros de Salvador e que culminou na destruição dos equipamentos compostos pelas estruturas funerárias, religiosas e administrativas, dois dias após a inauguração (REIS, 1991).

Com a instalação dos cemitérios, as famílias com riquezas alicerçadas nas grandes economias regionais até meados do século XIX, começaram a fazer do campo santo um espaço voltado para a prática das expressões da mentalidade de ostentação do poder econômico e social.

Esta característica perdurou até o início do século XX, com o advento da classe burguesa e a exposição de crescimento social e econômico oriundas da Industrialização e do comércio que transformou o Brasil, principalmente com o início da República.

Cada um a seu modo tentou atrair para seus quadros de sepultamento as camadas mais afortunadas ligadas ao patronímico de velhas famílias que gozavam de prerrogativas econômicas e políticas decorrentes do comércio, da produção escravista, do latifúndio e de cargos importantes no poder. Anos mais tarde, seria a vez das novas fortunas, procedentes do capital financeiro especulativo, da indústria, de profissões liberais, assim como outros setores das camadas urbanas que surgiam nas principais capitais do país (MOTTA, 2009, p.75).

Além da economia, outras transformações no transcorrer do fim do Império e início da República foram diretamente ligadas às novas diretrizes modernistas de influência europeia, sendo duas delas aplicadas diretamente no contexto que trata das questões funerárias no Brasil: o higienismo e a secularização dos cemitérios.

Apona-se uma maior disseminação da importância da Ciência e a aplicação da mesma para um melhor convívio em sociedade. Esta implantação do debate científico teve como um dos focos principais a questão da salubridade pública, no que dizia respeito às inumações de cadáveres nos templos religiosos.

O discurso científico ganha mais robustez pelo fato do surgimento de muitas epidemias no Brasil. Por exemplo, o Rio de Janeiro entre 1850-1880 foi assolado pelas seguintes epidemias: febre amarela, cólera-morbo, varíola, tuberculose, doenças intestinais e malária¹⁷.

O progresso modernizador deveria vir atrelado às melhorias sanitárias em variados âmbitos das transformações urbanísticas das cidades e entre eles estava a defesa científica da necessidade da construção de cemitérios e da obrigatoriedade das inumações nestes locais, fora dos espaços religiosos e, de preferência, fora do espaço urbano.

¹⁷ Informação obtida no *site* da Biblioteca Virtual em Saúde – Instituto Adolpho Lutz. Disponível em: <http://www.bvsalut.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/volta_brasil/busca_doenca.php> acesso em: 05 de maio de 2020.

Segundo Teixeira (2006, p. 18): “Acreditava-se, de acordo com os conhecimentos científicos da época, que emanações provenientes dos mortos enterrados no interior das igrejas provocavam doenças que se espalhavam pelas localidades”.

Por tal prerrogativa científica, o processo de mudança na prática das inumações voltou-se para a necessidade da construção dos cemitérios e da abolição da prática *ad sanctos*. Fato que não ocorreu de maneira abrupta em todo o Império e tampouco com a aceitação social da mudança, a Cemiterada em Salvador é o mais icônico exemplo de resistência às ideias de mudanças das práticas de inumações.

Na passagem do Império para a República, cujo discurso científico higienista ganhou força nos meios acadêmico, econômico e político, em oposição ao discurso instituído por velhas práticas, foi também crescente a ideia da secularização dos cemitérios.

Os principais cemitérios oitocentistas prezam pela conservação e preservação das características históricas e culturais. Motta (2009, p. 74-75) realizou uma pesquisa nos seguintes cemitérios: no Rio de Janeiro, o Cemitério de São João Batista, o Cemitério da Ordem Terceira dos Mínimos da Ordem III de São Francisco da Penitência, o Cemitério da Ordem III de N. S. do Carmo, o Cemitério de São Francisco Xavier (conhecido como o Cemitério do Caju); em São Paulo: o Cemitério da Consolação e o Cemitério do Araçá; no Recife, o Cemitério de Santo Amaro; em Belém do Pará: o Cemitério de Nossa Senhora da Soledade e o Cemitério de Santa Isabel; em Manaus: o Cemitério de São João Batista.

E não só a mudança ocorreu nos âmbitos político e legal, mas também no campo do comportamento social, pois a República trouxe na Constituição de 1891¹⁸ a liberdade de culto nas crenças religiosas, o que permitiu que outras ritualísticas funerárias e não apenas a católica, pudessem ser praticadas.

Este movimento ancorou-se numa construção política e ideológica elaborada para os “novos tempos” republicanos. Logo, percebe-se que este movimento influenciou diretamente a transformação do *modus operandi* legal, econômico e político de controle das áreas de

¹⁸ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, DE 24 DE FEVEREIRO DE 1891.

TÍTULO IV – Dos cidadãos Brasileiros

SECÇÃO II – Declaração de Direitos

Art. 72 – A Constituição assegura a brasileiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á segurança individual e á propriedade, nos termos seguintes

§3º Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

§5º - Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a pratica dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não offendam a moral pública e as leis.

inumações e que se refletiu na mentalidade da sociedade brasileira de como lidar com os mortos, expresso nas práticas mortuárias.

3.1 O PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO NA CIDADE DO RECIFE - PE

Sobre as mudanças ocorridas no Brasil no transcorrer do século XIX, deve-se levar em consideração que este fator não se deu de forma geograficamente isolada. Foi um fenômeno de transformações nos mais variados aspectos, que também ocorreu em todas as cidades do Império. Em algumas, com maior intento e aceleração por questões governamentais, caso das capitais, e em outras menos.

A capital de Pernambuco não fugiu à regra e logo passou por este processo de transformações. “O Recife, assim como as demais cidades brasileiras dos oitocentos, foram palco de diversas lutas, no sentido de torná-las espaços condizentes com um novo modelo de cidade” (SIAL, 2006, p. 186).

A aceitação das transformações não se deu de forma consensual em toda a sociedade. Primeiramente, as mudanças afetaram “costumes ainda coloniais” e por conseguinte, os empecilhos urbanos estruturais, cujas “as dificuldades por que passavam as cidades e vilas eram de todos os tipos: inexistência de água encanada e sistema de esgoto, ruas estreitas sem calçamento e iluminação precária” (RIBEIRO, 2005, p. 74).

A busca pela modernização das cidades brasileiras no século XIX foi calcada então pelo melhoramento dos traçados urbanísticos, pela sistematização das construções para torná-las mais ventiladas, pela necessidade de redes de esgoto e de distribuição de água potável; pela busca por abolir as práticas coloniais consideradas como insalubres pelo discurso modernizador e higienista, inspirados nos moldes de países europeus, como a Inglaterra e a França.

O Recife não poderia mais ser visto como uma cidade antiga, cujas referências materiais e simbólicas estavam ligadas a um passado de dominação portuguesa. A paisagem pernambucana deveria, além de deslumbrar seus visitantes com suas belezas tropicais, apresentar-se ao império e ao mundo como uma cidade limpa, desodorizada e salubre. Ventilar, drenar, aterrar, iluminar, calçar tudo. Isso serviria para eliminar os odores pútridos da cidade; para uma seleta parcela da sociedade que se beneficiaria de um Recife moderno no século XIX (SIAL, 2005, p. 65).

O desejo de modernização era crescente, principalmente quando se apresentava agregado ao discurso higienista, fortemente fundamentado pela melhoria ou até mesmo a erradicação das condições que deixavam as cidades insalubres e conseqüentemente

pestilentas. “Recife era uma cidade que vivia entre o sonho e a realidade. O sonho dos gestores em modificar o panorama urbano e a difícil realidade de pôr em prática as ideias” (MELO, 2019, p. 39). Em estudo sobre o cenário pelo qual passava a capital pernambucana na primeira metade do século XIX, o autor pondera que essa difícil realidade era um problema que afligia não apenas o Recife, mas todo o Império, com os surtos epidêmicos.

Durante o século XIX, a cidade do Recife foi duramente castigada por diversos tipos de doenças contagiosas, que culminou com uma enorme quantidade de óbitos. O surgimento e crescimento da incidência destas doenças, ainda no século XVIII, levou à criação, em 1841, da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Os componentes ficaram encarregados de defender o discurso da higienização pública por meio do desenvolvimento científico (SIAL, 2005, p. 33).

Este pensamento higienista buscou amplamente discutir e propor soluções para combater os agentes causadores das epidemias que assolavam a cidade, apontados por eles. Foi mostrado como foco principal a prática das inumações nos templos religiosos.

Entre 1849 e 1856 ocorreram 4 surtos epidêmicos, sendo os mais graves os de febre amarela (1849 a 1852) e a grande epidemia de cólera, em 1856, que vitimou 3.338 vítimas no Recife em apenas 3 meses, representando o maior índice de mortalidade por ano na cidade em todo o século XIX. No início da década de 1860 ocorreu uma epidemia de cólera, acompanhada de outra de febre amarela, que retornou em 1871 e 1873. Em 1878-79 e fim da década de 1880 foi a vez da varíola, que matou cerca de 2.500 pessoas na primeira incidência e 2.200 na segunda. Além disso, havia ainda sífilis, disenteria, parasitose, dermatites e gripe (SIAL, 2005, p. 58).

Francisco do Rêgo Barros, o Conde da Boa Vista, administrou a Província de Pernambuco de 1837 a 1844, impulsionando as medidas higienistas na capital. Durante seu governo foram criadas a Sociedade de Medicina de Pernambuco e o Conselho de Salubridade em 1844 (MELO, 2019).

No entanto, mesmo com a necessidade de uma necrópole na capital da província, expressa na Lei Provincial nº. 91/1841¹⁹, muitos foram os empecilhos que provocaram atrasos na execução, tais como a falta de verbas, caracterizada pela priorização orçamentária para outras obras, como a construção do Teatro público (o atual Teatro de Santa Isabel), estradas, pontes, entre outros. Além disso, ocorreram também as questões religiosas. Por ser a religião

¹⁹ “Lei nº. 91 de 11.05.1841. Art. 1º: A Câmara Municipal da Cidade do Recife, na conformidade da Lei do primeiro de outubro de 1828, Artigo sessenta e seis, paragrapho segundo, conjuntamente com a administração do Patrimônio dos Hospitais, e estabelecimentos de Caridade procede imediatamente à edificação de um Cemitério público”. [APEJE. Leis Provinciais de Pernambuco, ano de 1841 pp. 18-20]. In: SOUSA, M. A. A. Posturas do Recife Imperial. 2020. Tese. (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2020. p.134. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7277/1/arquivo7620_1.pdf> Acesso em: 14 maio de 2020.

católica a predominante, ainda era forte a resistência na aceitação de mudanças nos costumes já estabelecidos (SIAL, 2005).

O discurso médico baseado no argumento de que mesmo com a falta de higiene das ruas, falta de infraestrutura etc., os miasmas²⁰ que os sepultamentos das igrejas emanavam eram o principal fator das doenças epidêmicas e precisavam ser combatidos, sendo a construção do cemitério extramuros a mais importante medida higienista a ser tomada pelas autoridades.

A recorrência dos surtos epidêmicos deu corpo ao discurso de cobrança pela construção do primeiro cemitério público do Recife (e de Pernambuco), que recebeu a denominação de Cemitério do Bom Jesus da Redenção de Santo Amaro das Salinas, mais conhecido como o Cemitério de Santo Amaro, sendo inaugurado em 1.º de março de 1851 (FALK *et al.*, 2010, p. 185). Pelo pioneirismo, esta necrópole teve destaque para o estudo da temática da morte em variadas linhas de abordagens científicas.

Nesses cemitérios o que se nota, entre outras coisas, são os jazigos imponentes, em mármore, da fase de consolidação que, em geral, vai de 1870 a 1900. Nos anos subsequentes à sua inauguração, em 1851, o Cemitério de Santo Amaro, no Recife, passou a aglutinar um número significativo de nomes procedentes da velha burguesia rural, embora já em franca decadência, o que se reflete em muitas de suas construções tumulares de pequeno e médio porte, com parques atrativos esculturais ou referências alegóricas. Mas nele há também notáveis exceções, destacando-se pela suntuosidade e imponência alguns mausoléus de propriedade dos chamados “barões do açúcar”, proprietários latifundiários na zona do cultivo açucareiro (MOTTA, 2009, p. 76).

O cemitério passou a ser dominado pelas elites, com a proibição dos sepultamentos nas Igrejas e a conseqüente diminuição da pompa fúnebre, atrelada aos ritos católicos utilizados pela classe dominante como marcador de *status* social. A identidade aristocrática das mesmas encontrou no campo santo a oportunidade de expor e construir uma maneira de perpetuá-la.

O cemitério de Santo Amaro é considerado “como um dos lugares *par excellence* da sociedade, onde expressões ideológicas dos mais diversos matizes, sobretudo as religiosas e as políticas, localizam-se, manifestam-se (TAVARES e BRAHM, 2018)”.

Os cemitérios oitocentistas configuram-se como espaços que serão produzidos por várias facetas das transformações políticas, econômicas e sociais e até científicas e na capital da Província de Pernambuco, o Cemitério de Santo Amaro em destaque. São portadores de

²⁰ “Espécie de fluidos malignos à saúde e invisíveis ou, para usar outro termo de época, ‘eflúvios pestilenciais’ que, segundo a crença corrente no meio científico, respondiam pelo surgimentos das doenças e epidemias e por vezes, até a morte” (TAVARES, 2016, p. 100).

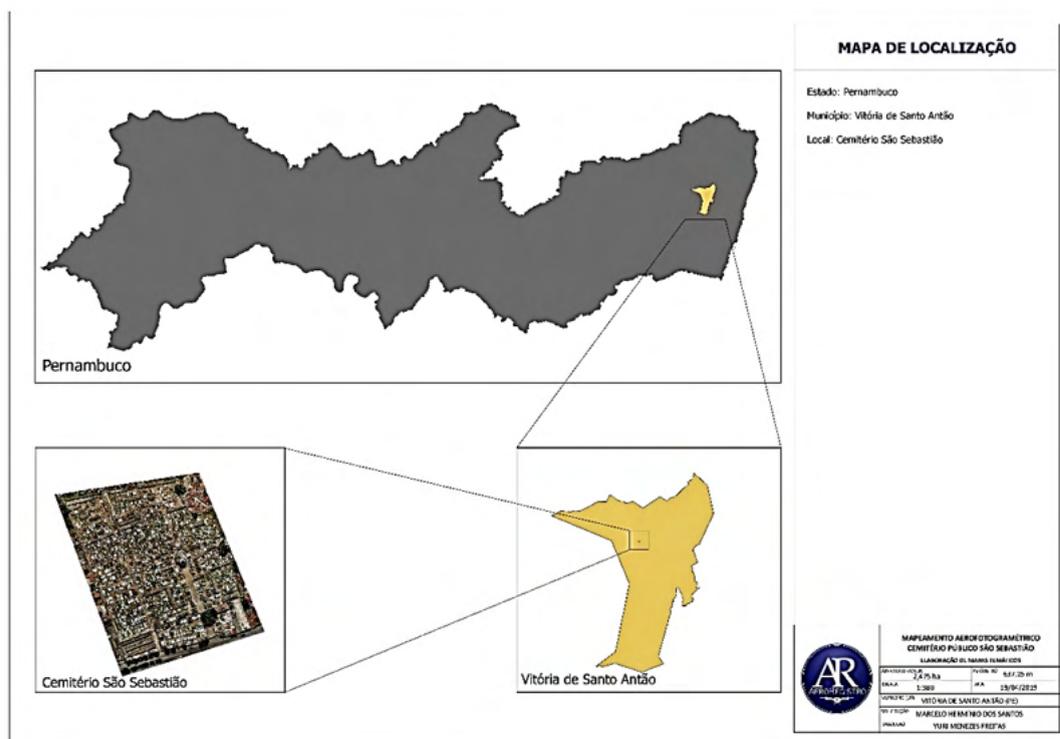
padrões que podem elucidar questionamentos para um melhor entendimento das mentalidades na sociedade brasileira.

3.2 O PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE

Vitória de Santo Antão é um município da região Nordeste do Brasil, que está localizado na Mesorregião da Mata Pernambucana, encontrando-se a 48 km da capital Recife (**Figura 8**) e tem como municípios limítrofes Glória do Goitá, Pombos, Moreno e Escada²¹.

Destacam-se os seguintes dados²² sobre o município: possui uma área territorial de 335,942 Km², configurando-se no 73º. no *ranking* estadual e como 1.º na microrregião de Vitória de Santo Antão, formada também pelos municípios de Chã de Alegria, Chã Grande, Glória do Goitá e Pombos. No último Censo (2010), teve um quantitativo de 129.974 pessoas ocupando a 9ª. colocação em relação ao estado e 1ª. na microrregião, com uma estimativa populacional (2019) de 138.757 pessoas. No fator economia, ocupa a 8ª. colocação no *ranking* do PIB estadual e a 1ª. na microrregião. Estes números posicionam Vitória de Santo Antão entre os 10 mais destacados municípios de Pernambuco em critérios econômicos e sociais.

Figura 8 - Mapa de localização - Vitória de Santo Antão/PE



²¹ Disponível em: <<https://www.prefeituradavitória.pe.gov.br/site/a-cidade/>> Acesso em: 18 maio de 2020

²² Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vitoria-de-santo-antao/panorama>> Acesso em: 25 maio de 2020.

O início do povoamento pelo colonizador europeu remonta ao ano de 1626, quando da chegada do português Diogo de Braga e sua família na região, em busca das riquezas da terra e logo formando um pequeno povoado. A região era rica em pau-brasil, que vinha sendo explorado desde meados do século XVI.

Na capitania de Pernambuco, no trecho que se estendia por cerca de 12 léguas da costa para o interior, entre os rios Capibaribe-Mirim, ao norte, e Ipojuca, ao sul, encontrava-se a mata do Brasil, assim chamada pela grande quantidade de pau-brasil nela existente e cuja exploração constituiu a maior fonte de riqueza e comércio da capitania, até as últimas décadas do século XVI (FIDEPE, 1981, p. 20).

Vale ressaltar que ainda no século XVII, a região da então cidade de Braga, como passou a ser chamado o povoado naquela ocasião, teve no local chamado Monte das Tabocas o ponto decisivo para o início da expulsão das tropas da Companhia das Índias Ocidentais, durante o movimento de Insurreição Pernambucana, especificamente em 3 de agosto de 1645. Esta data é celebrada anualmente como expoente na história do município, sendo o local tombado pelo Estado em 1986 como o Sítio Histórico do Monte das Tabocas, pelo Decreto Estadual nº. 11.237²³.

Ainda neste século, o povoado de Braga passou a se chamar Povoado de Santo Antônio da Mata, alusivo ao santo padroeiro. No transcorrer do processo histórico, o povoado passou por mudanças sociais, econômicas e administrativas, comuns ao desenvolvimento de uma cidade histórica. Passou, então, à Freguesia de Santo Antônio no século XVIII²⁴, de fato pelo desenvolvimento econômico, que foi fomentado pela expansão da agroindústria açucareira, sendo antes disto baseado principalmente pelo comércio tropeiro.

Pela sua situação central, equidistante das ribeiras do centro-oeste da capitania, no roteiro do Capibaribe ao São Francisco, tornou-se a povoação de Santo Antônio da Mata, ponto de natural convergência dos moradores da região circunvizinha e dos tropeiros sertanejos que conduziam boiadas para as feiras semanais de gado, [...]. Embora as condições climáticas favorecessem a cultura da cana-de-açúcar, esta, a princípio, não teve condições de se desenvolver em grande escala, devido à distância do litoral e à inexistência de rios navegáveis: só a partir do século XVIII é que começou a se expandir a agroindústria canavieira na região (FIDEPE, 1981, p. 21).

²³ Disponível em: <<http://www.mapadacultura.pe.gov.br/espaco/23/>> acesso em: 19 maio de 2020.

²⁴ “Conquanto haja essa indicação sobre a criação da Freguesia, estabelece-se, até o momento, uma certa controvérsia, visto que documentos mais antigos referem-se a Santo Antônio da Mata enquanto detentor da condição da freguesia. Por conseguinte, embora não se dispunha da prova documental da data exata da criação da freguesia, há possibilidades que isto tenha ocorrido no mesmo século XVIII” (FIDEPE, 1981, p. 23).

No século XIX as transformações não deixaram de ocorrer, no entanto, de acordo com as possibilidades financeiras, sociais e políticas da freguesia. Estas tiveram como modelo as transformações ocorridas na capital da província, que também se configuraram com o discurso higienista combativo das mesmas práticas consideradas ainda arcaicas e, segundo os higienistas, motivos de ocorrências de doenças que assolavam a população.

A freguesia continuou a se desenvolver, graças à geografia que a transformou em uma rota e ponto comercial importante e a economia açucareira. O fator econômico se refletiu no crescimento demográfico da freguesia que, segundo Santos (2015, p. 32) a estimativa era de aproximadamente 13.699 pessoas na primeira década do século XX.

Ao comparar-se com o resultado do primeiro Censo Demográfico do Império, realizado em 1871, que notificou a presença na Vila de Santo Antão de 28.547²⁵ indivíduos, nota-se que houve um aumento populacional de 108,39% durante algumas décadas dos oitocentos. O aumento demográfico foi uma constante, com o último Censo do século XIX realizado em 1900, a população da Vila constava de um total de 32.011 indivíduos, um aumento populacional de 12,14% quando comparado ao Censo de 1871.

Não apenas no fator demográfico, mas no conseqüente crescimento espacial da Vila e no desenvolvimento das ruas, vielas, moradias e edifícios públicos e religiosos (**Figura 9**), “Desenho de Luis Schlappriz, cidadão suíço, provavelmente feito do Alto do Reservatório. Litografia de F. H. Carls, entre 1863 e 1864” (ARAGÃO, 1977).

Figura 9 - Cidade da Vitória no século XIX



Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória de Santo Antão²⁶.

²⁵ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v9_pe.pdf> Acesso em: 19 maio 2020.

²⁶ Disponível em: <<https://www.prefeituradavitoria.pe.gov.br/site/a-cidade/minha-cidade/>> Acesso maio 2020.

Com a elevação de Freguesia à Vila em 28 de maio de 1812 (FIDEPE, 1981, p. 24) esta passou a ter mais autonomia administrativa e jurídica na região. Logo, a busca pela implantação de uma modernidade pungente passou a ser um mote também nestas terras durante os oitocentos como, por exemplo, o início da construção em 5 de junho de 1829 do edifício da Casa de Câmara e Cadeia²⁷ e a inauguração da Estação Ferroviária da Cidade de Vitória, ocorrida em 9 de janeiro de 1886 (SANTOS, 2015, p. 38).

Aqui já indicada como cidade, devido à elevação de categoria pela Lei Provincial N^o. 113, de 6 de maio de 1843, chamando-se então como Cidade da Vitória; sendo o nome definido como Vitória de Santo Antão após longo debate popular, devido à proibição legal que evita as duplicatas na toponímia nacional (FIDEPE, 1982, p. 24)

No entanto, neste contexto de ampla transformação econômica, geográfica, urbana e demográfica, ainda permaneceram no âmbito social certos hábitos que eram considerados arcaicos e que não condizem com as diretrizes de desenvolvimento que estavam sendo implantadas no Império.

Mesmo com o crescimento urbano, os problemas eram muitos, causados pela falta de um ordenamento urbanístico. Santos (2015, p. 36), aponta que em 1897 os habitantes “moravam em casas antigas, construídas com tetos baixos, de portas e janelas, ‘estreitas’ e ‘pequenas’, as quais delineavam ruas assimétricas, onde faltava água potável, totalmente fora dos padrões de salubridade [...]”. Situação que certamente se tornava drástica nas localidades mais distantes do núcleo histórico e comercial.

Além da questão urbanística que se tentou organizar, com a elaboração do Código de Posturas da Cidade, em 28 de setembro de 1897 (SANTOS, 2015, p. 41), praticamente no fim do século XIX, também o documento estipulou a disciplina de alguns costumes sociais que perduraram no final deste século:

Ao que indica o código era uma prática comum dos vitorienses deixarem animais como porcos, cabras e carneiros soltos pelas ruas da cidade ou criá-los nos fundos dos quintais. Curtumes e salgadeira eram instalados no ângulo da cidade exalando cheiro fétido, imundices estavam sendo despejadas nas ruas e rios, o que ficava terminantemente proibido. Enfim, práticas pouco condizentes com a chamada vida civilizada (SANTOS, 2015, p. 41-42).

Outro fator de insalubridade em Vitória de Santo Antão, neste período, foi a questão da inexistência do abastecimento de água potável. O cidadão que possuía condição financeira comprava a água transportada em ancoretas atreladas aos animais de carga, perfazendo longas

²⁷ Aragão não define a data de conclusão deste edifício, citando apenas a descrição em documento oficial datado de 1857 (ARAGÃO, 1977, p. 176).

distâncias na época. A grande maioria da população urbana se abastecia principalmente da reserva de água da chuva (ARAGÃO, 1977).

Mas eram os cidadãos mais pobres, que moravam nos arrabaldes e nas áreas rurais, os que mais sofriam pela inexistência do abastecimento de água com qualidade; de acordo com Aragão (ARAGÃO, p. 173), “A gente pobre tinha que se abastecer no Tapacurá, em açudes e barreiros e cacimbas, com água poluída e salobra”.

Vale salientar que desde o século XVIII estes problemas da sociedade e indicativos comportamentais já começaram a ser considerados como insalubres, ganhando força no século seguinte com a evolução do pensamento higienista, calcado na necessidade de uma transformação dita modernizadora.

Tem-se, então, o ambiente propício ao surgimento de doenças. Em todo o Império houve o acometimento de vários males, que se espalhavam muito rapidamente pela população e que, no desenrolar do século XIX, foram os principais motivos para argumentação da necessidade da implantação dos cemitérios públicos.

Na Vila de Santo Antônio não foi diferente, no início do século XIX os problemas de insalubridade foram os “fatores que contribuíram para que o impaludismo e a varíola aparecessem com frequência nos óbitos [...]” (SANTOS, 2015, p. 34). Não é exagero se afirmar que o cenário de salubridade e condições de saúde eram problemáticos.

Desprovidos, os seus habitantes, de instrução, de educação sanitária, e, na sua maior parte, de recursos para a alimentação e compra de medicamentos; sem meios de assistência e defesa contra os transmissores de moléstias que infestavam a região, era naturalmente elevado o índice de mortalidade, sobretudo infantil” (ARAGÃO, 1983, p. 14).

Este autor ainda aponta como sendo as principais moléstias que assolavam a população neste período: a varíola (bexiga)²⁸, a febre amarela, a malária (impaludismo ou maleita) e a cólera-morbo²⁹.

²⁸ **VARIÓLA** - O vírus da varíola é o *Orthopoxvirus variolae*. No geral, os sintomas iniciais da varíola são bastante similares ao de uma gripe e incluem, por exemplo, febre, dor de cabeça, mal-estar e dores musculares. Depois, surgem manchas avermelhadas por toda parte. Essas manchas evoluem para pústulas e bolhas repletas de líquido por todo o corpo, inclusive em locais como a mucosa nasal e a mucosa da boca. Disponível em: <<https://www.rededorsaoluiz.com.br/doencas/variola>> Acesso em 20 maio de 2020. Adaptado.

²⁹ **COLERA** - doença infecciosa intestinal aguda, causada pela enterotoxina do *Vibrio cholerae*. Manifesta-se de formas variadas, desde infecções inaparentes até casos graves, com diarreia profusa (menos frequente). Além da diarreia, podem surgir vômitos, dor abdominal e, nas formas graves, câimbras, desidratação e choque.

FEBRE AMARELA - A Febre Amarela (FA) é uma doença infecciosa aguda, febril, de natureza viral, encontrada em países da África e Américas Central e do Sul. Caracteriza-se clinicamente por manifestações de insuficiência hepática e renal, que pode levar à morte, em cerca de uma semana.

MALÁRIA - A malária ou paludismo, também conhecida como impaludismo, febre palustre, febre intermitente, ou, em suas formas específicas, febre terça benigna, febre terça maligna e febre quartã, recebe no Brasil outros nomes populares, como maleita, sezão, tremedeira, batadeira ou, simplesmente febre.

Dentre estas atribulações epidêmicas, ao ser detectada na cidade da Vitória em 1856, a cólera-morbo se configurou na situação mais caótica sofrida pela população na época. Esta doença não foi um problema exclusivo do Brasil neste período, mas na Província de Pernambuco o local mais atingido foi a cidade da Vitória, em grande parte, situação agravada pelas condições de insalubridades já descritas.

Em alguns trechos da transcrição feita por Aragão (1983, pp. 18-21), do Relatório apresentado, em 21 de abril de 1856, à Assembleia Legislativa pelo Dr. José Bento da Cunha Figueiredo, Presidente da Província; pode-se destacar o quanto foi catastrófica a pandemia da cólera-morbo para a cidade.

Foi o termo de Santo Antão o lugar da Província em que mais furiosa e devastadora se apresentou a epidemia. O primeiro lugar do termo invadido foi Cacimbas, cujos habitantes espavoridos, refugiaram-se na cidade e noutros lugares, supondo escapar, assim, à influência do flagelo. Estes acontecimentos se deram a 16 de janeiro deste ano. A 19, estendeu-se a invasão pelos engenhos Chã de Aldeia e Açude Grande, penetrando igualmente da cidade, e aí desenvolveu o prólogo dessa tragédia, que encheu de luto toda a Comarca.

E ainda, segundo o referido documento transcrito, paralelo ao desenrolar da doença, outro grande problema enfrentado foi o destino a ser dado aos cadáveres, uma vez que:

Eram tantas as vítimas que as autoridades locais começaram a lutar com sérias dificuldades para o enterramento dos cadáveres, a cujo mister se negava a população amedrontada. [...] É um fato que, nessa conjuntura, morriam diariamente 70 e tantas pessoas, e dia houve em que 120 cadáveres jazeram insepultados! [...]

Os primeiros cemitérios de Vitória de Santo Antão estavam localizados nos terrenos adjacentes às igrejas da Matriz de Santo Antão e de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que mantinham ainda a prática do enterramento *ad sanctos*, também com inumações no interior dos templos (**Figuras 10 e 11**), com jazigos na nave e nas paredes do corredor.

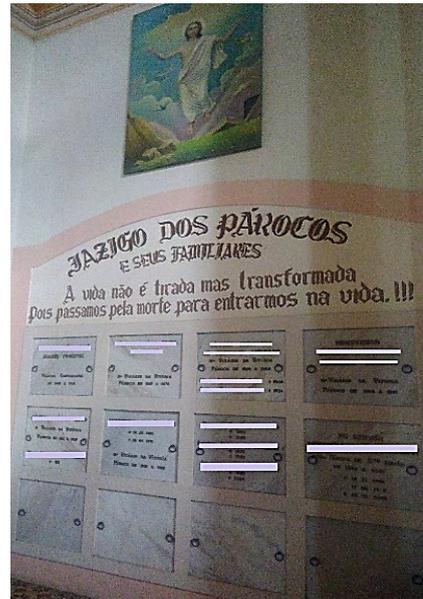
Também havia os locais de sepultamentos particulares, caracterizados principalmente pelas inumações nas capelas dos engenhos da região, a exemplo do Engenho Bento Velho, do século XIX (**Figuras 12 e 13**). No contexto de meados do século XIX, não se adequavam mais às necessidades administrativas e sociais mais urgentes que estavam instaladas, otimizadas de maneira destrutiva, mediante a epidemia de cólera-morbo.

Figura 10 - Jazigos na nave da igreja Matriz de Santo Antão



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Figura 11 - Jazigos na parede do corredor da igreja Matriz de Santo Antão



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Figura 12 - Mausoléu na Capela do Engenho Bento Velho



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Figura 13 - Jazigos Carneiros nas paredes da capela do Engenho Bento Velho



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

A necessidade de um campo santo para a cidade era uma discussão prévia a esta epidemia, devido aos fatores antes apresentados, mas isto será o estopim para a cobrança popular pela efetivação deste empreendimento, uma vez que a Câmara Municipal havia tomado como atitude, de caráter emergencial, o sepultamento das vítimas em valas comuns. Com o alto número de mortes, segundo Aragão (1983) “a Câmara Municipal, obrigada a mandar abrir valados num terreno situado ao lado direito da antiga Rua dos Maués, perto do

Riacho Roncador, para sepultura coletiva das inúmeras vítimas do terrível flagelo (ARAGÃO, 1983, p. 102).

A localização exata deste terreno que serviu de cemitério comum para as vítimas da cólera-morbo é desconhecida. Lamenta Aragão (1983, p. 22), pelo fato de não existir no local pelo menos um cruzeiro, indicando-o e levando os cidadãos a refletirem e a rogar preces àqueles que deste mal sucumbiram, em um momento sombrio da história do município.

Salienta-se a possibilidade de que o principal motivo do esquecimento deste local, e consequente “apagamento” da localização exata e da memória coletiva, seja de interesse proposital, um “silêncio” social, até mesmo uma forma encontrada pelas estruturas de poder em face da representatividade social deste cemitério. Em um contexto histórico caótico, para estas estruturas, o local deveria “cair no esquecimento” da coletividade. A respeito disto, Le Goff (2003, p. 422) afirma que: “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.”

As discussões a respeito da construção de um campo santo para a Cidade da Vitória já ocorriam desde a década de 1830, sendo intensificadas a partir da década de 1850, principalmente pela ocorrência da epidemia da cólera-morbo (ARAGÃO, 1983, p. 103).

A responsabilidade das Câmaras Municipais foi destacada, obedecendo-se ao critério de salubridade e bem-estar social onde, de acordo com a Lei Imperial de 1º. de outubro de 1828³⁰, ficava à cargo das Câmaras Municipais a responsabilidade, entre outros, da construção e administração dos cemitérios. No entanto, é mister enfatizar que a secularização dos cemitérios já se define com a Ordem Régia de 1801, que tratava da proibição dos sepultamentos nas igrejas e dava instruções acerca da escolha do local e da construção dos cemitérios (COSTA, 1984, p.77).

A questão da insalubridade em Vitória de Santo Antão era tamanha que o Imperador D. Pedro II (junto com a Imperatriz D. Teresa Cristina) quando esteve em visita à localidade nos dias 18 e 19 de dezembro de 1859, relatou em seu diário as doenças e as mortes ocasionadas pela mesma, “Há bexigas na povoação, sendo muito doentia, tendo morrido aqui de cólera 1400 e tantas pessoas. A Junta de Higiene chegou a aconselhar que se abandonasse a cidade e

³⁰ TITULO III-POSTURAS POLICIAES

Art. 66. Terão a seu cargo tudo quanto diz respeito á polícia, e economia das povoações, e seus termos, pelo que tomarão deliberações, e proverão por suas posturas sobre os objectos seguintes:

§ 2º **Sobre o estabelecimento de cemitérios fóra do recinto dos templos, conferindo a esse fim com a principal autoridade ecclesiastica do lugar;** sobre o esgotamento de pântanos, e qualquer estagnação de aguas infectas; sobre a economia e asseio dos curraes, e matadouros públicos, sobre a collocação de cortumes, sobre os depósitos de immundices, e quanto possa alterar, e corromper a salubridade da atmospherá. (**Grifo Nosso**).

Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-1-10-1828.htm > Acesso em: 25 de maio de 2020.

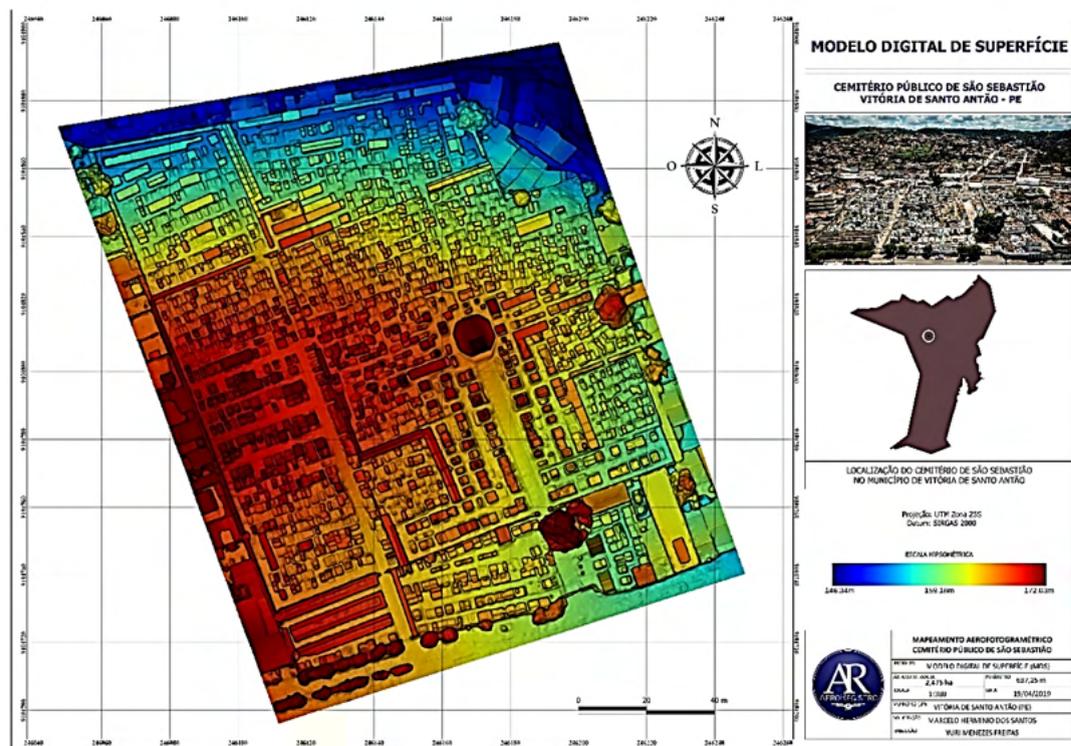
se botasse abaixo as casas. [...] Segundo o Vigário, a freguesia tem 20.000 almas, e morreram 4.000 de cólera.”³¹

Como forma de apoio a uma futura organização local e amenização destes problemas, o Imperador doou a quantia de 2 contos de réis a serem divididos igualmente, para a construção do cemitério público e para o sistema de abastecimento d’água (ARAGÃO, 1983, p. 104).

Em 8 de outubro de 1853, em documento enviado pela Câmara Municipal ao Governo Provincial, há um claro apelo em prol da salubridade pública, onde a localização do campo santo pudesse atender à necessidade de “que arrede os enterramentos para longe da cidade e se possa respirar nela um ar mais sadio” (ARAGÃO, 1983).

Pelo local escolhido para construção do campo santo, de acordo com as descrições documentais citadas por Aragão, percebe-se que foi levado em consideração o que instruíam as diretrizes higienistas e legais a respeito da escolha de áreas para este fim, segundo Mendes (2007, p. 101) a Ordem Régia nº. 18, de 14 de janeiro de 1801, delineava as instruções de escolha do local por critério técnicos, sendo este arejado e seco, além da intenção de alinhamento com os religiosos locais.

Figura 14 - Modelo digital de superfície – Cemitério Público de São Sebastião



³¹ Transcrição do Diário do Imperador copiada da Separata da Revista do Arquivo Público nº. 7 e nº. 8, publicada em 1952. In: REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DA VITÓRIA DE SANTO ANTÃO. **A visita de Dom Pedro II e D. Teresa Cristina à cidade da Vitória.** V.1, 1954. Pág. 64.

Os parâmetros de escolha consideravam o fato do terreno estar distante do centro urbano e que tivesse uma boa localização para acesso, em local com topografia (**Figura 14**) que permitisse o arejamento, com o sentido contrário dos ventos em relação ao centro, evitando-se assim a dispersão de miasmas na cidade.

O local definido pela Câmara Municipal foi o sítio chamado Cruz das Almas, o qual, segundo o vereador Góes Cavalcanti, “oferecia todas as vantagens para salubridade pública” (ARAGÃO, 1983, p. 104). Mesmo com a aprovação da proposta, apenas dez anos depois foi efetuada a compra da área, medindo 60 braças, por duzentos e quarenta mil contos de réis (Id. 1983), possivelmente por questões financeiras pelas quais passava a Câmara, com a demanda de outros serviços públicos, além de buscar adequar a realidade da instalação de um cemitério público com a questão religiosa, fato que ocorreu mesmo nas grandes capitais e que chegou a gerar resistências populares contra estas construções, a exemplo da Cemiterada, ocorrida em Salvador no ano de 1836.

Não obstante isto, e buscando-se harmonizar a necessidade higienista com a tradição religiosa, as Irmandades das Almas e do Santíssimo Sacramento, após solicitação à Câmara Municipal, conseguiram a licença para construção dos jazigos (ARAGÃO, 1983) (**Figuras 15 e 16**).

Figuras 15 - Jazigos pertencentes à Irmandade das Almas **Figura 16** - Detalhe Jazigos da Irmandade



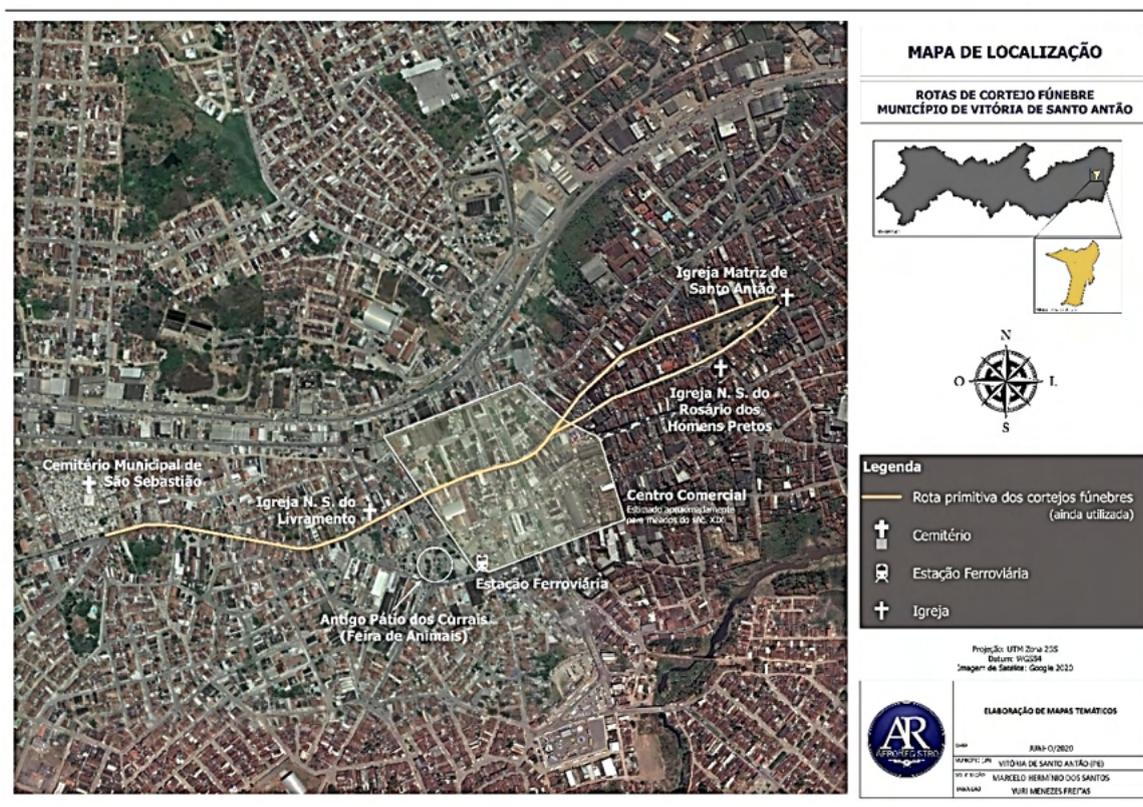
Fonte: Marcelo Herminio, 2019.

O local adquirido para a construção do cemitério, apesar de na época se apresentar distante do centro histórico e comercial, estava bem localizado, em ponto geográfico estratégico para o desenvolvimento urbanístico da cidade. Dista aproximadamente 1.300 m da Igreja Matriz de Santo Antônio, em linha reta³² e 1.170 m da Igreja de N. S. do Rosário dos Homens Pretos (Centro Histórico), estando posicionado em uma rota antiga da cidade no sentido interior, passando pelo Centro Comercial e em frente à Igreja de Nossa Senhora do

³² Dados métricos obtidos por meio do Google Earth Pro. Consultado em 09 jun. 2020.

Livramento, a 500m do campo santo. Esta rota tornou-se tradicional para os cortejos fúnebres, sendo ainda hoje utilizada (**Figura 17**).

Figura 17 - Mapa de localização– Rotas de cortejo fúnebre, Vitória de Santo Antão



A construção do cemitério teve início em 1873, com a aprovação prévia em 13 de julho de 1872, sendo elaborado o Regulamento³³, onde constam nas disposições fundamentais:

Art. 1º. - O cemitério fundado na Cidade da Vitória por deliberação da respectiva Câmara Municipal, autorizada pelo Art. 32 da Lei Provincial nº. 1063, de 13 de julho de 1872, é destinado à sepultura dos cadáveres das pessoas falecidas na freguesia de Santo Antão a que pertence a mesma cidade.

Art. 2º. - É proibido o enterramento de cadáveres de indivíduos, seja qual for a sua condição, fora dos Cemitérios.

Art. 3º. - À Câmara Municipal compete a inspeção do Cemitério, assim como a nomeação e exoneração dos seus empregados (RIHVSA, 1986, p. 88-89).

Nos artigos do Capítulo 1 do Regulamento do Cemitério, percebe-se a preocupação com a obrigatoriedade dos sepultamentos no cemitério, deslocando-se assim a prática das

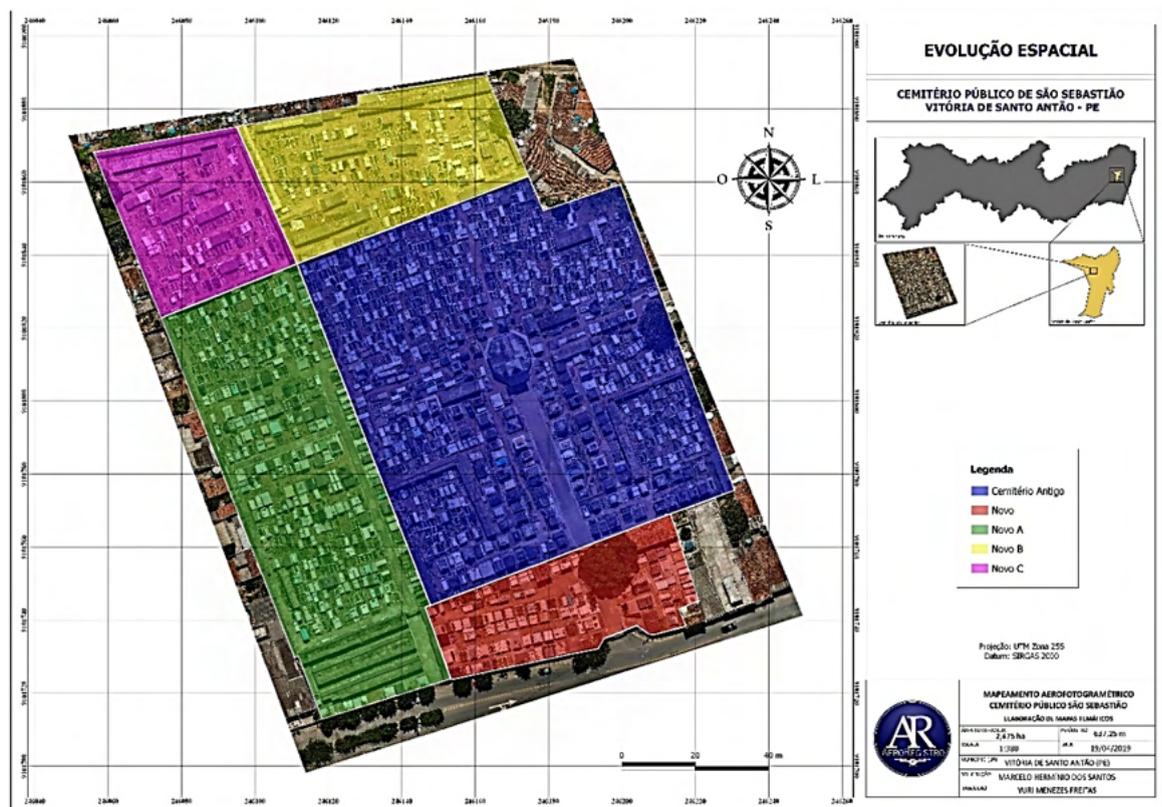
³³ **Revista do Instituto Histórico da Vitória de Santo Antão. PE. Regulamento do Cemitério Público da Cidade da Vitória. Vol. IX. 1986.**

inumações nos edifícios religiosos e em áreas adjacentes aos mesmos. A competência administrativa do cemitério ficou atrelada ao poder público municipal, atendendo à Lei Imperial de 1º de outubro de 1828, permanecendo até os dias atuais, expondo a mudança de controle sobre a prática mortuária, caracterizando assim a secularização dos cemitérios como medida recorrente em todo o Império.

Em 8 de abril de 1873 foi implantada a pedra fundamental do cemitério público, dando-se início à construção. A inauguração ocorreu em 9 de maio de 1875, sendo a planta de situação elaborada pelo então procurador da Câmara Municipal, o senhor João Florentino de Góes Cavalcanti (ARAGÃO, 1983. p. 105).

O cemitério foi dedicado à Nossa Senhora da Boa Morte e, desde a inauguração, passou por várias ampliações. A nomenclatura aqui utilizada (**Figura 18**) para identificar as ampliações dos espaços do cemitério em uma ordem cronológica é a mesma definida e utilizada pela administração do cemitério atualmente: CEMITÉRIO ANTIGO, NOVO, NOVO A, NOVO B e NOVO C.

Figura 18 - Evolução espacial – Cemitério Público de São Sebastião



Entre os anos de 1937 a 1942, período da administração municipal do Coronel Sebastião Carneiro da Cunha, o local passou pela primeira ampliação espacial (**Figura 18** –

NOVO), sendo anexada a área fronteira e erguido um Necrotério (**Figuras 19 e 20**, onde se vê o Necrotério -01 e a Administração- 02). Neste período, o cemitério passou a ser denominado de São Sebastião (ARAGÃO, 1983).

Figura 19 - Fachada principal do Cemitério Público de São Sebastião em 1943



Necrotério e casa da Administração, à entrada do Cemitério

Fonte: Revista Epopéia de 03-06-1943

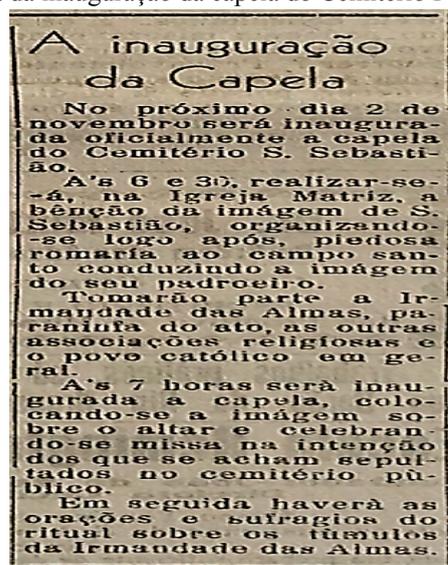
Figura 20 - Fachada principal do Cemitério Público de São Sebastião em 2019



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Em 2 de novembro de 1943, 70 anos após a construção do campo santo, foi inaugurada a capela, dedicada a São Sebastião, durante o governo do prefeito José Aragão (1942-1944). Foi relatada em Jornal Local (**Figura 21**) para a sociedade vitoriense a conclusão da mesma, com o cerimonialismo alusivo à inauguração. Nas **Figuras 22 a 23** pode-se observar a evolução espacial, arquitetônica e paisagística da via principal do cemitério, precisamente nos anos 1940, 1943 e 2019.

Figura 21 - Informativo acerca da inauguração da capela do Cemitério Público de São Sebastião em 1943



Fonte: Jornal O Vitoriense, de 30 de outubro de 1943³⁴

³⁴ Acervo do IHGUSA.

Figura 22 - Rua interna principal do Cemitério Público de São Sebastião em 1940



Fonte: Acervo do IHGVSA

Figura 23 - Rua interna principal do Cemitério Público de São Sebastião em 1943



Fonte: Revista Epopéia de 03-06-1943

Figura 24 - Rua interna principal do Cemitério Público de São Sebastião em 2019



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Durante a gestão do prefeito Manoel de Holanda Cavalcanti (1951 a 1955) o cemitério passou por uma considerável ampliação espacial (Vide **Figura 18** – *NOVO A*). Foi a segunda ampliação, com a construção de inúmeras catacumbas, por parte da Prefeitura. As ampliações espaciais *NOVO B* e *NOVO C* (Vide **Figura 18**) foram posteriores à década de 1970, no entanto, não se pode apontar *a priori* a(s) gestão(ões) responsável(eis) e os períodos cronológicos pela insuficiência de dados bibliográficos e o não conhecimento também, por parte da administração do cemitério, em fazer este apontamento em entrevista realizada pelo autor.

No transcorrer das décadas que se seguiram, o cemitério passou por reformas pontuais e em 1983, durante o governo do Sr. Elias Alves de Lira, foram construídas 200 gavetas (MORAIS *et al.*, 2011, pág. 52). Percebe-se no último quartel dos anos noventa a tendência de verticalização das estruturas do cemitério, devido à problemática da falta de espaço horizontalizado.

Ainda hoje, o Cemitério Público de São Sebastião é o principal campo santo do município, mesmo existindo mais dois cemitérios sob a administração da Prefeitura, situados na zona rural, um no distrito de Pirituba (coordenada 25L 239822 UTM9107261) e outro no engenho Quandus (coordenada 25L 245618 UTM909488), ambos distantes (em linha reta) respectivamente 8,5 km e 7 Km do Cemitério Público de São Sebastião, sendo utilizados para atenderem às demandas do moradores destas áreas (**Figuras 25 a 27**).

Figura 25 - Mapa de localização– Cemitérios Municipais de Vitória de Santo Antão-PE

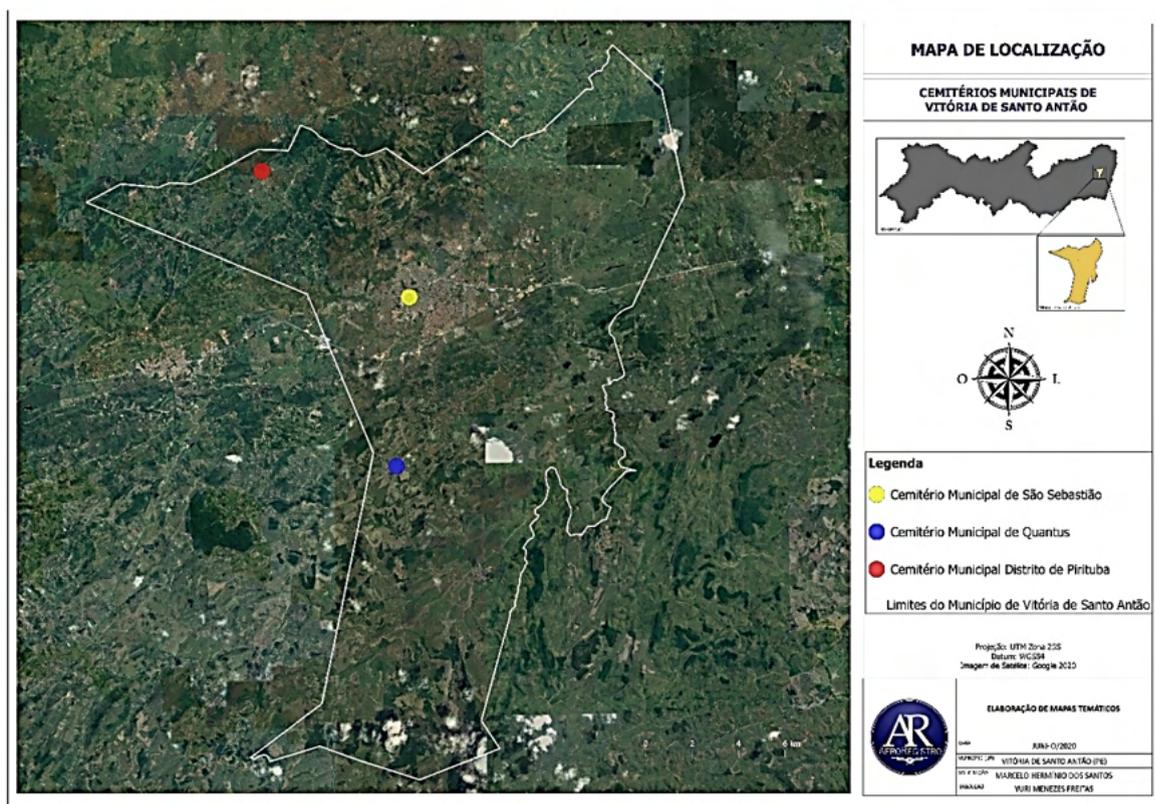


Figura 26 - Distrito de Pirituba, fachada do Cemitério Municipal de São João Batista



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Figura 27 - Cemitério Municipal de Quandus, Engenho Quandus



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Com 145 anos de existência, o Cemitério Público de São Sebastião apresenta-se atualmente “sobrecarregado”, possuindo um quantitativo de 11.164³⁵ jazigos e sem espaços internos para construção de novos, tendo como solução encontrada, a construção vertical de Blocos de Gavetas. Também já não pode mais ser ampliado em terrenos adjacentes, pois o que outrora era uma área rural, afastada do centro, quando do início da construção, hoje faz parte da cidade que cresceu, sendo o campo santo rodeado pela construção de residências e de pontos comerciais (**Figura 28**).

Figura 28 - Imagem aérea do Cemitério Público de São Sebastião



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

³⁵ Informação obtida por meio de entrevista realizada com o atual administrador do Cemitério, o sr. Manoel Severino dos Santos, responsável pelo local desde 1985.

Para a sociedade, é notório, que o local não atende de forma satisfatória à demanda atual de um município que, de acordo com a estimativa do IBGE para 2019, conta com 138.757 habitantes³⁶. É fato, portanto, que a estrutura organizacional da cidade precisa da construção de um novo Cemitério, cabendo para isso ações da gestão pública. Desta forma, o Cemitério Público de São Sebastião, um dos mais antigos do estado de Pernambuco, carrega as “marcas” materiais e imateriais do processo histórico vivenciado por uma sociedade culturalmente rica e estas marcas podem ser “lidas”, analisadas e interpretadas; colaborando com a compreensão das facetas, interações e construção da história da cidade.

³⁶ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vitoria-de-santo-antao/panorama>> Acesso em: 25 maio de 2020.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Buscando-se a elucidação da estrutura problema-hipótese desta tese, lançou-se mão de uma abordagem metodológica descritiva, uma vez que “está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los” (RUDIO, 1998, p. 71) e a exposição das etapas adotadas para efetivação da mesma, objetivando-se o levantamento dos dados de forma quantitativa e qualitativa.

4.1 ESTRUTURA DE HIPÓTESES E VARIÁVEIS E DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Objetivando-se a resolução do problema da pesquisa, a hipótese consistiu na suposição de que a materialização das práticas mortuárias nos jazigos nos cemitérios históricos poderia ser classificada e entendida através das permanências e mudanças que pudessem ser caracterizadoras de momentos sociais específicos e estudadas a partir da segregação de variáveis culturais. A materialização de padrões corrobora com a dinâmica religiosa identificada nos dados censitários sobre Religião no Brasil desde 1872 até o momento.

Buscou-se a testagem da hipótese a partir da análise dos dados pela metodologia aplicada. Esta relação foi posta em teste mediante a possibilidade de resposta relacionada com a ocorrência de permanências ou variações, em frequências, de determinadas características na cultura material produzida pelas práticas mortuárias, que pudessem ser atribuídas à dinâmica religiosa exposta pelos dados censitários, entre 1872 e 2010, que expõem uma Pluralidade Cristã na sociedade brasileira, que influencia também a formação de expressões na cultura material da prática mortuária. Para fins de operacionalização da possibilidade de resposta apresentada, expõe-se o conceito de Pluralidade Cristã atribuído à análise. Parte-se aqui da definição exposta por Souza (2012, p. 131): “O que se costuma chamar de pluralismo religioso caracteriza-se essencialmente como crescente diversidade cristã, pois há um segmento populacional muito pequeno seguidor de religiões não-cristãs”. O autor define que esta pluralidade religiosa está, na verdade, mais voltada para uma pluralidade cristã no Brasil atualmente, com decréscimo do Catolicismo e crescimento de outras denominações cristãs:

O Cristianismo do Brasil é bastante amplo (mais de 90% da população) e heterogêneo, ainda mais quando se considera o espiritismo como parte do espectro neocristão. Há posturas e práticas distintas entre as diversas instituições religiosas cristãs. Em face desse universo cristão brasileiro, a presença de outras religiões é bastante pequena e pouco expressiva em termos culturais e políticos. Em nosso cenário religioso, há preponderância ostensiva das instituições cristãs. Aquilo que é

chamado diversidade religiosa brasileira, caracteriza-se de fato como um pluralismo cristão (SOUZA, 2012, p. 137).

Este termo foi aplicado nesta análise em face da heterogeneidade e da dinamização cristã, explicitado em uma dinâmica religiosa social muito pungente no Brasil contemporâneo, principalmente depois de passar por um processo de secularização na passagem do Império para a República. Para esta análise, parte-se do termo “Jazigo” como conceito analítico para o estudo dos atributos que o compõe, uma vez que este conceito constitui-se de um objeto que em si próprio é classificado como um artefato (LIMA, 1994) cultural passível de estudo pela arqueologia, formulando-se para tal uma estrutura das classes de análise que compõem este objeto, como se vê no Quadro 03, a seguir:

Quadro 3 – Estrutura. Conceito Analítico e suas classes de variáveis



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

- **Tipologia** – Segundo Brainerd (1951, p. 302, tradução livre do autor), “A principal ferramenta de trabalho do arqueólogo, na formulação da estrutura tempo-espço, é a tipologia. Os efeitos do fator tempo podem ser isolados por análises estratigráficas ou seriais de tipos”.

Alguns autores utilizaram esta aplicação, dentre eles Pearson (1982), que em pesquisa a respeito dos cemitérios britânicos, sobre a dimensão ideológica das práticas mortuárias, identificou uma mudança tipológica tumular no decorrer dos séculos XIX e XX:

O padrão espacial dentro do cemitério era uma representação visual da hierarquia emergente. Isto foi reforçado pelos tipos de memórias construídos sobre as sepulturas. Os monumentos mais significativos foram mausoléus – casas reais aos mortos. Havia uma miríade de modas em forma monumentais menores: urnas em pedestais, colunas quebradas, obeliscos, cruzes, sarcófagos e caixões, e as lajes horizontais ou verticais mais comuns e mais tradicionalmente inglesas. Curiosamente, a arqueologia foi um fator importante no desenho da arquitetura funerária com estilo clássico, egípcio antigo e gótico copiados para todos os tamanhos de monumentos. Esta reinterpretação em miniatura dos enormes monumentos do passado do homem pode ser visto como uma associação com a dignidade e esplendor de civilizações passadas e uma legitimação implícito da ordem social atual em termos desses valores. Parece haver poucas variações regionais nos monumentos funerários hoje, embora os estilos mudaram de várias maneiras principais. A quantidade de variação individual sempre foi grande, mas

reduzível a vários temas comuns. A principal tendência foi a simplificação e redução do tamanho” (PEARSON, 1982, p.107, tradução livre do autor).

Para Spaulding (1953, p.306, tradução livre do autor), “a técnica habitual de classificação consiste em inspeção e segregação de combinações intrusivas ou ocasionalmente de tentativa, para descrever todas as combinações observadas de atributos em igualdade de condições”. A estas considerações deve-se a classificação dos jazigos por variáveis tipológicas.

Em termos cronológicos, esta pesquisa observou os intervalos decenais, formando um quadro cronológico que levou em consideração dois pontos: 1º.- os intervalos censitários e 2º.- a própria cronologia do universo dos exemplares de jazigos dentro do espaço definido para a pesquisa, contendo exemplares que remontam desde a construção do cemitério até os dias atuais.

Em relação à materialidade, os elementos que foram observados são:

- **Alvenaria** – Termo técnico que trata de um “Conjunto de pedras, de tijolos ou de blocos – agregados ou unidos com argamassa ou não – que formam paredes, muros e alicerces. Quando esse conjunto sustenta um edifício qualquer, chama-se alvenaria estrutural”³⁷. Compreender as estruturas e os materiais que a compõem também fazem parte do estudo do arqueólogo, pois se trata também de um artefato construído pela ação humana, ela “é qualquer evidência de presença humana que não pode ser removida do sítio, mas que fornece informações abundantes sobre as atividades desenvolvidas no sítio” (ORSER JUNIOR, 1992, p. 33).

- **Revestimentos** – São componentes da construção, “designação genérica dos materiais que são aplicados sobre as superfícies toscas e que são responsáveis pelo acabamento” (ORSER JR., 1992); apresentando-se externamente, expondo os “gostos” e preferencias sociais e econômicas; sendo passíveis de interpretação contextual.

- **Tendência Estética Arquitetônica** – O estudo e a interpretação dos mesmos, pode fornecer informações importantes para a compreensão do contexto social do homem nos espaços edificados. Eles são datados e pertencem a uma época determinada.

“Com relação à reconstrução de estilos de vida do passado, podem ser examinados os tipos de construção e suas modificações com o tempo” (BARTHEL, 2015, p. 37). Para Orser Jr (1992) as mudanças das construções com o tempo também denotam mudanças de comportamentos sociais e culturais. Não seria diferente com as construções funerárias, que em cemitérios históricos, possuem um dado peculiar ao arqueólogo, a datação e que

³⁷ Dicionário da Construção. Instituto de Artes. UNICAMP.

proporcionam uma análise das transformações associadas ao corte cronológico, permitindo, assim, possíveis definições mais claras destas mudanças e períodos. Lima (1994), define esta importância da estrutura funerária para o estudo da Arqueologia:

Uma vez erigidas, as sepulturas (e todo o aparato que as acompanha) permanecem, na sua quase totalidade, em suas primitivas posições, sem que ocorram alterações significativas no contexto original. Isto propicia uma configuração ímpar para a investigação arqueológica, pelas excelentes possibilidades que oferece, em termos de controle de dados.

- **Símbolos** – Para Eller (2018, p. 109): “Os símbolos, religiosos e outros, significam algo, mas também *são* algo. Eles são objetos ou palavras ou ações. Mas, muitas vezes, eles são mais: *são* as coisas, as forças e as pessoas que eles ‘representam’”.

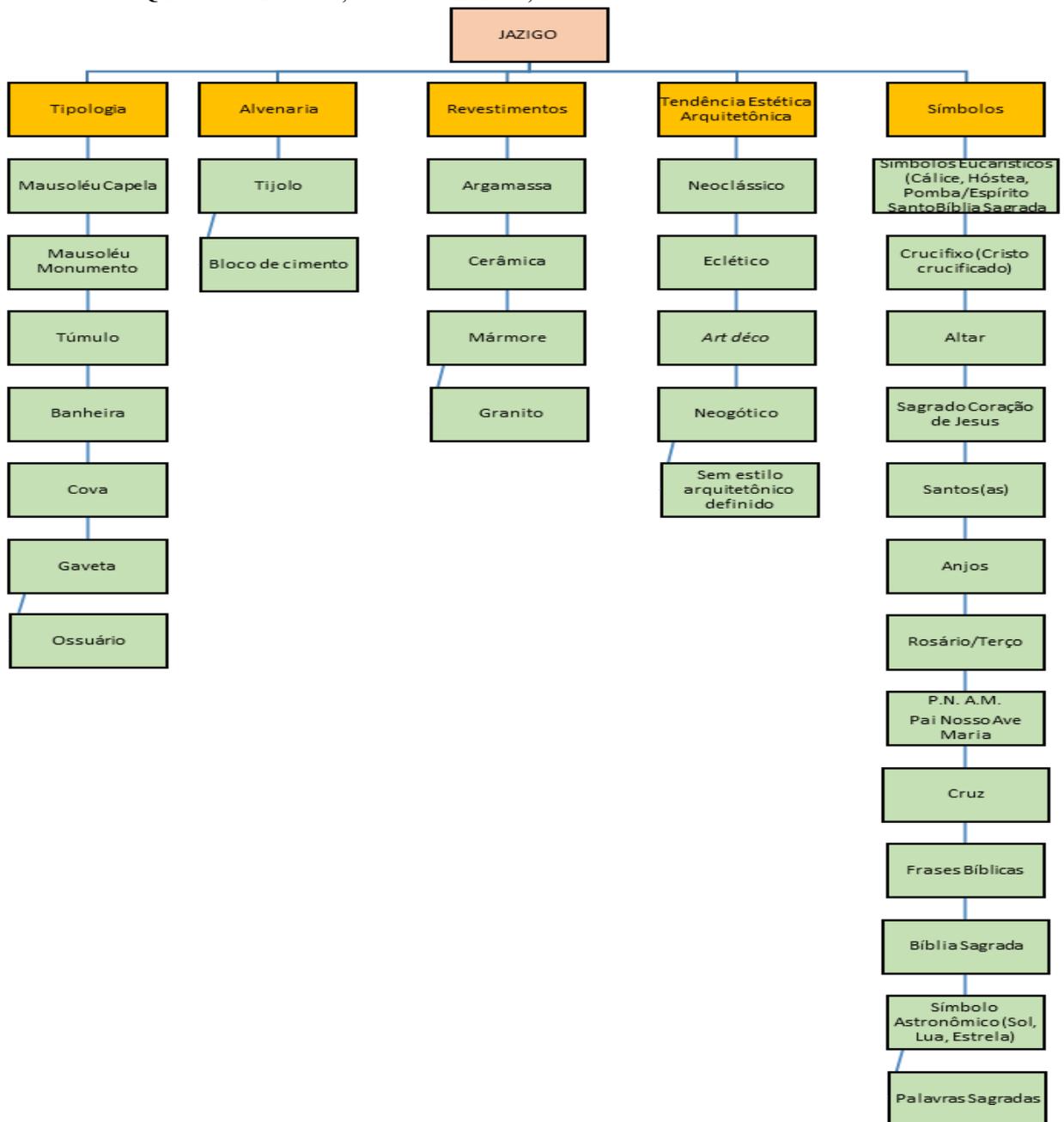
Nesta obra, o autor aponta como símbolos religiosos os espaços sagrados, ícones/ídolos, talismãs, amuletos, relíquias, máscaras, o corpo humano, textos, especialistas religiosos, xamã, sacerdote, adivinho/ oráculo, profeta/médium, asceta/monge/mendicante, feiticeiro e bruxo/a. Destes, elencam-se os espaços sagrados, ícones/ídolos, talismãs, amuletos, relíquias, máscaras e textos.

Sob um olhar arqueológico, Renfrew e Bahn (1993, p. 363) afirmam que com o estudo dos símbolos “*podemos definir ‘significado’ como ‘la relación entre los símbolos’*. Como investigadores, hoy podemos establecer algunas de las relaciones originarias entre os símbolos observados, aunque no todas.” De uma maneira interpretativa, a cultura material pode ser analisada buscando-se os significados que as mesmas carregam (JOHNSON, 2000, p. 133).

Esses significados não derivam simplesmente da produção, mas também do uso e da percepção pelos outros (HODDER, 1995); reforçando que os mesmos não são estáticos dentro de um contexto histórico, pelo contrário, eles podem ser transformados.

Com a exposição de cada uma das classes, apresentam-se as respectivas variáveis no Quadro 04, considerando-se que as classes Tipologia, Alvenaria, Revestimentos e Tendência Estética Arquitetônica foram definidas previamente ao trabalho de campo e as variáveis da classe Símbolos foram definidas a partir do levantamento de dados no universo pesquisado.

Quadro 4 – Estrutura, Conceito Analítico, Classes de Variáveis e suas Subdivisões



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Para uma melhor compreensão e análise do estudo realizado, foi necessário definir cada termo variável, como no Quadro 05.

Quadro 5 – Quadro de definições das variáveis

| Classe: Tipologia | |
|------------------------|---|
| Variável | Definição |
| Mausoléu-Capela | Lima (1994), define como sendo uma edificação híbrida que comporta tanto sepultamentos primários quanto secundários, em |

caixões e em urnas de vários indivíduos, pertencentes a uma mesma família, grupo, organização ou entidade civil ou religiosa. Do ponto de vista da forma, trata-se de uma edificação de grande porte, de caráter monumental, suntuosa. Em específico, os mausoléus-capelas apresentam arquitetura eminentemente religiosa, cristã, reproduzindo uma pequena igreja.

Mausoléu-Monumento *Id* (1994), aponta que os mausoléus-monumentos diferem apenas nas características do mausoléu-capela, pela inexistência da vinculação religiosa cristã na arquitetura.

Túmulo *Ibid* (1994), entende como sendo o jazigo onde foram realizados um ou mais sepultamentos primários, ou seja, onde foram dispostos os corpos articulados de um ou mais indivíduos, em posição distendida, normalmente em caixões. Do ponto de vista da forma, essas sepulturas são alongadas, de modo a comportar um corpo deitado. Acrescenta-se aqui que no cemitério em estudo, muitos tipos de jazigos ganham um “compartimento”, muitas vezes encimado ao túmulo, que servem como ossuário da família proprietária do jazigo, dando-lhe um caráter híbrido.

Banheira Termo utilizado pela administração do Cemitério Público de São Sebastião para definir basicamente a estrutura composta por uma demarcação do espaço de sepultamento, construída em alvenaria de aproximadamente 40 cm de altura do solo (podendo variar em altura e material de revestimento).

Cova Estrutura simples de sepultamento no solo, na maioria das vezes identificada por uma cerca simples em ferro ou uma cruz.

Ossuário Estrutura edificada apenas com o objetivo de depósito perpétuo de restos mortais pós-exumação (de um ou mais indivíduos).

Classe: Alvenaria

| Variável | Definição |
|-------------------------|---|
| Tijolo | Define-se por uma alvenaria construída, cujo material construtivo básico configura-se na utilização do tijolo cerâmico, podendo ser englobado em variadas formas. |
| Bloco de cimento | Define-se por uma alvenaria construída, cujo material construtivo básico configura-se na utilização do blocos de cimento ou concreto industrializado, podendo ser englobado em variadas formas. |

Classe: Revestimentos

| Variável | Definição |
|------------------|---|
| Argamassa | Segundo o Dicionário da Construção do Instituto de Artes da UNICAMP, n/d, define-se como argamassa a mistura de materiais inertes (areia) com materiais aglomerantes (cimento e/ou cal) e |

água, usada para unir ou revestir pedras, tijolos ou blocos, que formam conjuntos de alvenaria.

Cerâmica

Segundo o Dicionário da Construção do Instituto de Artes da UNICAMP, n/d, define-se como cerâmica a arte de fabricação de objetos de argila cozida, tais como tijolos, telhas e vasos. Também se refere às lajotas usadas em pisos ou como revestimento de paredes.

Mármore

Segundo o Dicionário da Construção do Instituto de Artes da UNICAMP, n/d, define-se como mármore a rocha cristalina e compacta. Tem bom polimento e pouca resistência ao calor. Reveste pisos e paredes.

Granito

Segundo o Dicionário da Construção do Instituto de Artes da UNICAMP, n/d, define-se como granito a rocha cristalina formada por quartzo, feldspato e mica. Muito usado para revestir pisos. Existem diversas cores de granito e, muitas vezes, o nome deriva da cor ou do local onde fica a jazida.

Classe: Tendência Estética Arquitetônica

Variável

Definição

Neoclássico

O Neoclassicismo – o Revivalismo Clássico de meados do século XVIII até o início do século XIX – difere das primeiras formas do Classicismo. Ele não foi apenas um protótipo estético, mas também um compromisso moral. Sustentado por uma rigorosa base teórica, alinhava-se como espírito racional e científico do Iluminismo. Acreditava-se que a ligação com o passado levaria a uma nova sociedade racional. Na virada do século XIX, a educação arquitetônica na França, como em qualquer outro lugar, era direcionada para as demandas práticas das cada vez mais complexas instituições públicas para as economias industriais e para os impérios. Para atender a essa demanda, o Neoclassicismo, que anteriormente foi utilizado para estruturas monumentais únicas, foi adaptado para o comércio, o governo, os hospitais e as universidades (JONNES, 2014, pp. 272-275).

Tanto nas construções civis quanto nas religiosas, a arquitetura Neoclássica seguiu o modelo dos templos greco-romanos ou o das edificações do Renascimento italiano (PROENÇA, 2001, p. 123).

A Missão Francesa, a partir de 1816, difundiu a partir do Rio de Janeiro o repertório Neoclássico que já existia no Brasil, principalmente na cidade de Belém do Pará, obra do arquiteto italiano Antônio Landi. O Barroco foi então abandonado, como expressão do passado colonial brasileiro.

Neogótico

O estilo do Revivalismo que surgiu no fim do século XVIII foi influenciado diretamente pelo Gótico, que começou no Norte da

França, no início do século XII e continuou pelo século XV. Em meados do século XIX, o Neogótico se notabilizou pelo dogma, pela oposição diametral e pelos extremos, com o uso do ferro industrial. Ele se ramificou em três conceitos arquitetônicos: o *conservador* (usado em complexos fortificados para abrigar os quartéis militares, os arsenais, as prisões e os hospitais), o *nostálgico* (usado em universidades e faculdades) e o *excêntrico* (O Grande Mausoléu no Cemitério Forest Lawn, em Glendale, Califórnia, 1906). O Neogótico sobreviveu no século XX e surgiu no século XXI de modo crescente, como representante dos valores conservadores (JONNES, 2014, pp. 284-287).

Ecletismo

Estilo surgido no século XIX, como contraponto ao Neoclássico e ao Neogótico. Caracteriza-se pela junção de dois ou mais estilos do passado numa mesma obra, pela profusão de adornos em estuque e pelo uso do ferro industrial, fabricado em massa. Dentro deste estilo estão a chamada “Arquitetura do ferro” e o *Art Nouveau*.

Art Déco

Jonnes (2014, p. 358), aponta “um estilo reconhecível que não era abertamente histórico, embora o qual, na maioria dos casos, observasse as regras composicionais do Classicismo. Florais estilizadas ou ornamentos geométricos, derivados de padrões têxteis contemporâneos e outros objetos decorativos, que por sua vez eram em geral tomados de estilos históricos ‘primitivos’, tais como egípcio, asteca e asiático, aumentavam os elementos clássicos”. Surgiu no século XX, no período entre guerras (1918-1939). Caracteriza-se pelo uso dos elementos em concreto armado, como: balcões, marquises e pestanas nos edifícios. Na arquitetura funerária, pelos planos superpostos e pelo escalonamento.

Sem arquitetônico definido

estilo Definição atribuída às estruturas cuja edificação não rememora ou demonstra inspiração em quaisquer elementos estilísticos arquitetônicos.

Classe: Símbolos

Variável

Definição

Cruz

Em síntese, a cruz é um dos símbolos que se registra desde o advento do Cristianismo, no período conhecido como Paleocristão quando surgem as primeiras igrejas cristãs. Tem em consequência uma função de síntese e de medida. Nela se unem o céu e a terra. De todos os símbolos, é o mais universal, é o mais totalizante. É a grande via de comunicação. É a cruz que recorta, ordena e mede os espaços sagrados para o Cristianismo, como as igrejas, visível nas plantas baixas dos mesmos, nos chamados transeptos, desenha as praças das cidades, atravessa os campos e os cemitérios. A tradição Cristã tem enriquecido o simbolismo ao condensar a história da salvação e da paixão de Cristo. A iconografia Cristã a utiliza tanto

para expor o suplício como a presença: onde está a cruz, está o Cristo. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1986, p. 362-363, tradução livre do autor).

Crucifixo(Cristo crucificado)

A cruz do Cristo, a cruz do patíbulo (*Id*, p. 367 – tradução livre do autor).

Altar

Microcosmos e catalisador do sagrado. Para o altar convergem todos os gestos litúrgicos, todas as linhas da arquitetura. Reproduz em miniatura o conjunto do templo e do universo. É o lugar onde o sagrado é condensado com maior intensidade. Sobre o altar, ou próximo dele, é onde se cumpre o sacrifício, quer dizer, o sacro ofício. Por esta razão se encontra elevado (*altum*) com relação ao que o circunda. Reúne igualmente a simbologia do centro do mundo: é a casa do espiral, que simboliza a espiritualização progressiva do universo. O altar simboliza o lugar e o instante em que um ser se torna sagrado (*Ibid*, p. 86-87, tradução livre do autor).

Sagrado Coração de Jesus

Esta imagem (podendo aparecer também junto ao Sagrado Coração de Maria). Geralmente Jesus e Maria são representados com as mãos apontando para o local do coração, que aparece em destaque sobre uma auréola, que, para o cristão, simboliza o poder dos mesmos. (SANTOS, 2013).

Santos(as)

De acordo com Lima (2015, p. 139), quando se trata acerca dos santos católicos, suas representações como imagens remetem às narrativas das passagens de suas vidas e que, no transcorrer da história, passou também para uma representatividade da crença presencial do santo.

Anjos

São seres intermediários entre Deus e o mundo, puramente espirituais, ou espíritos dotados de um corpo etéreo, aéreo; porém só podem tomar dos homens as aparências. Desempenham para Deus as funções de ministros: mensageiros, guardiões, condutores dos astros, executores das leis, protetores dos eleitos etc. e estão organizados em hierarquias de sete ordens, de nove coros ou de três tríades. Pode-se assinalar que muitos autores atribuem a estes seres símbolos de ordem espiritual. Outros veem nos anjos símbolos das funções divinas, símbolos das relações de Deus com as criaturas ou, pelo contrário, ainda que em simbologia os opostos coincidem, símbolos das funções humanas sublinhadas ou de aspirações insatisfeitas e impossíveis (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1986, pp. 98-99 – tradução livre do autor).

Em cemitérios históricos brasileiros são encontradas várias alegorias advindas da fé Cristã que recorrem às imagens de anjos, por exemplo, a Alegoria da Saudade e o Anjo Genuflexo, uma

variação do Anjo da Desolação, que é o anjo orante (SANTOS, 2013).

Rosário/Terço

O Rosário são as fileiras de pérolas em um fio. O encantamento repetido também tem, em todas as tradições, um valor próprio, independente do simbolismo do objeto que serve de suporte (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1986, p. 894, tradução livre do autor).

É importante ressaltar que a escolha por um dos termos habitualmente se pauta pelo tamanho do objeto, ou seja, o rosário sendo o objeto completo e o terço, sua parte (OLIVEIRA, 2009, p. 83). O terço é reconhecido como “devoção mais breve que o rosário e, portanto, mais popular” (MEGALE, 1980, p. 358 apud OLIVEIRA, 2009, p. 91).

Inscrições P.N. A.M. (Pai Nosso Ave Maria)

Remete as Orações do Pai Nosso e da Ave Maria.

Bíblia Sagrada

A figura de um livro aberto é utilizada para simbolizar a Palavra de Deus. A Bíblia (O Livro Sagrado) está presente em muitos símbolos de instituições cristãs. A representação deste ícone enfatiza a importância do que ela contém, cuja instituição ou igreja está fundamentada.

Existem algumas formas de utilizar este ícone: o livro aberto representa a revelação da verdade. A outra maneira é na forma de pergaminho, que remete ao Antigo Testamento.

Com ênfase parecida, também pode-se encontrar em instituições governamentais a representação das Tábuas da Lei – os Dez Mandamentos – como um sinal de parâmetro moral e ético.³⁸

Frases Bíblicas

Remetem aos salmos, às citações e aos versículos da Bíblia.

Símbolos

Eucarísticos (Cálice, Hóstia, Pomba-Espírito Santo)

Cálice – o simbolismo mais geral se aplica ao Graal medieval, o cálice que recolheu o sangue de Cristo e que contém, às vezes, a tradição momentaneamente perdida do elixir da imortalidade. Os cálices eucarísticos que contém o Corpo e o Sangue de Cristo, expressam um simbolismo análogo ao do Graal. Pois: “se vós não comeis minha carne e não bebeis meu sangue, não terás a vida eterna”, disse Jesus (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1986, pp. 338-339, tradução livre do autor).

Hóstia - (lat.) Nome dado à vítima imolada aos deuses como oferenda expiatória para aplacar a sua ira, por oposição *a victima*, a vítima oferecida para agradecer favores recebidos. A Hóstia designará toda vítima morta em sacrifício por uma grande causa, na esperança, como é a de um mártir, de vê-la triunfar. No

³⁸ Disponível em: <<https://www.respostas.com.br/simbolos-do-cristianismo/>> Acesso em 13 ago. 2020.

Cristianismo, é o Cristo, cujo sacrifício na Cruz e a partilha do pão na Ceia são comemorados pela liturgia da Eucaristia. O corpo crucificado e ressuscitado do Cristo é, então, representado e simbolizado pelo pão sem levedo em forma de disco fino, distribuído na comunhão. A forma e a composição têm suscitado uma floração de símbolos no sermônário (coleção de sermões): a pequenez da hóstia significaria humildade; a forma, a obediência perfeita; a finura, a economia virtuosa; a brancura, a pureza; a ausência de levedo, a benignidade; a inscrição que leva, a discrição espiritual; as espécies que não perdem a identidade, a permanência; a circunferência, a perfeição consumada³⁹.

Pomba (Espírito Santo) - é o símbolo do Espírito Santo: é ela quem o personifica nas figurações da Trindade. É o Espírito de Deus flutuando sobre a superfície das águas da substância primordial indiferenciada. A pomba branca ainda é um símbolo de pureza e, segundo a própria letra do Evangelho, de simplicidade (*Id*, p. 796, tradução livre do autor).

Símbolo

Astronômico (Sol, Lua, Estrela)

Sol – O simbolismo é multivalente como rica é a realidade solar em contradições. Se não é o próprio Deus, o sol é para muitos povos uma manifestação da divindade. O sol é a fonte da luz, do calor e da vida. Os raios representam as influências celestes – o espírito – recebidas pela Terra. Em outro aspecto é o destruidor, o princípio da seca, à qual se opõe a chuva fecundante. O sol está no centro do céu, como o coração no centro do ser. Se a luz irradiada pelo sol é o conhecimento intelectual, o sol é em si mesmo a inteligência cósmica, assim como o coração é a sede da faculdade cognitiva. Na Astrologia, o sol é símbolo da vida, do calor, do dia, da luz, da autoridade, do sexo masculino e de tudo o que irradia (*Ibid*, pp. 949-953, tradução livre do autor).

Lua – o simbolismo se manifesta em correlação com o do Sol. As características fundamentais derivam, por uma parte, de que a lua está privada de luz própria e não é mais que um reflexo do sol; por outra parte, de que atravessa fases diferentes e muda de forma. Por isto simboliza a dependência e o princípio feminino (salvo exceções), assim como a periodicidade e a renovação. Neste duplo aspecto, é símbolo de transformação e crescimento (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1986, p. 658, tradução livre do autor).

Estrela - A qualidade de luminária, de fonte de luz, é mantida acima de tudo. As estrelas representadas na abóbada de um templo ou de uma igreja especificam seu significado celestial.

³⁹ Disponível em: <<https://sites.google.com/view/dicionariodesimbolos/h%C3%B3stia>> Acesso em 13 ago. de 2020.

O caráter celestial as apresenta também como símbolos do espírito e, em particular, do conflito entre as forças espirituais ou da luz, ou das forças materiais ou das trevas. Penetram na escuridão, são também faróis projetados na noite do inconsciente. A estrela de seis braços, com dois triângulos invertidos e enlaçados (selo de Salomão) simboliza o abraço do espírito e a matéria, dos princípios ativo e passivo, o ritmo do dinamismo, a lei da evolução e a involução. Enquanto motivo de decoração arquitetônica das sinagogas, a estrela de seis braços (chamada escudo de Davi ou selo de Salomão), é o próprio símbolo do Judaísmo. (*Id* p. 484, tradução livre do autor).

Palavras Sagradas

Na tradição bíblica, o Antigo Testamento apresenta o tema da palavra de Deus e da sabedoria; que eles existem antes do mundo, em Deus; por quem tudo foi criado; enviado à terra para revelar os segredos da vontade divina; e de volta com Deus, uma vez que sua missão acabou. Qualquer que sejam as crenças e os dogmas, a palavra simboliza de modo geral a manifestação da inteligência em uma linguagem, na natureza dos seres e na criação contínua do universo; é a verdade e a luz do ser. A palavra é o símbolo mais puro da manifestação do ser que pensa e expressa a si mesmo ou do ser conhecido e comunicado por outro (*Ibid*, p. 795, tradução livre do autor).

Elaboração: Marcelo Hermínio, 2021.

4.2 DEFINIÇÃO E APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DA PESQUISA

O recorte espacial e cronológico desta pesquisa é o Cemitério Público de São Sebastião, em Vitória de Santo Antão-PE, desde a data da inauguração (1875) até o ano de 2020. Enquanto sítio arqueológico, foi estudado contextualmente no espaço e conjunto da cultura material, composto pelos artefatos, como os jazigos e os ornamentos. O contexto histórico se aplica na tentativa de compreensão das transformações sociais que ocorreram com a secularização dos cemitérios, como é o caso, ocorrida a partir da República, até o presente momento.

Apesar de ter 145 anos de existência, este campo santo, pelo demonstrado com as pesquisas bibliográficas, nunca foi pesquisado em qualquer linha científica. Buscou-se compreendê-lo dentro de um quadro mais amplo na relação histórica com outros exemplares contemporâneos, principalmente em analogia ao principal exemplar e único objeto de pesquisas arqueológicas já realizadas nesta temática em Pernambuco – o Cemitério Público de Santo Amaro, na cidade do Recife.

O trabalho foi dividido em etapas. A **Etapa I** consistiu no levantamento dos dados bibliográficos e cartográficos necessários. Dois problemas ocorreram, um relativo ao levantamento bibliográfico e outro logístico. Não existia na administração do cemitério e nem na Secretaria Municipal de Obras, responsável pelo espaço, qualquer tipo de documentação histórica ou iconográfica, como plantas de situação ou levantamento topográfico da área. Foi então intensificada esta fase da pesquisa em bibliotecas locais, como a do Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão (IHGVSA) e do Centro Universitário de Vitória de Santo Antão (UNIVISA), além de acervos em meios digitais na *Internet*.

O segundo problema foi a efetivação do levantamento espacial do cemitério, por não existir até o momento nenhuma planta ou outro tipo de imagem topográfica do local; como solução de ordem logística foi contratada a empresa Aeroregistro Ltda, para realização do trabalho de Aerofotogrametria e mapeamento aéreo.

Uma vez levantado todo o material bibliográfico e elaborados os produtos de observação espacial, foi iniciada a **Etapa II**, que a partir da análise bibliográfica, da interpretação espacial e cronológica (histórica) do sítio, além da observação *in loco* da cultura material, consistiu na elaboração de um protocolo para classificar e definir as variáveis para as futuras análises e interpretações.

A **Etapa III** consistiu no levantamento e preenchimento das informações contidas no protocolo alusivo a cada exemplar de jazigo, sendo também realizado o registro fotográfico de cada exemplar, para compor o armazenamento destas informações (**Apêndice A**). Os dados obtidos com a realização das **Etapas II e III** foram organizados, utilizando-se como ferramentas o *Microsoft Office Word* e o *Excel 2013*; sendo posteriormente arquivados em um Banco de Dados, criado em ambiente digital, utilizando-se o serviço de armazenamento do *Google Drive*. Por fim, a **Etapa IV** consistiu na análise dos dados obtidos e posterior interpretações e conclusões.

4.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

A primeira etapa a ser aplicada foi o levantamento da pesquisa bibliográfica. Com esta etapa concluída, deram-se início às definições de estratégia e logística para a realização da pesquisa de campo e o conseqüente levantamento de dados.

O primeiro passo foi conhecer o sítio e para efetivação desta etapa foi utilizada a técnica do levantamento aerofotogramétrico de todo o espaço (realizada pela empresa especializada Aeroregistro Ltda), quando se obtiveram vários produtos (Quadro 06).

Quadro 6 – Lista de produtos obtidos por meio da captura de imagens e processamento aerofotogramétrico

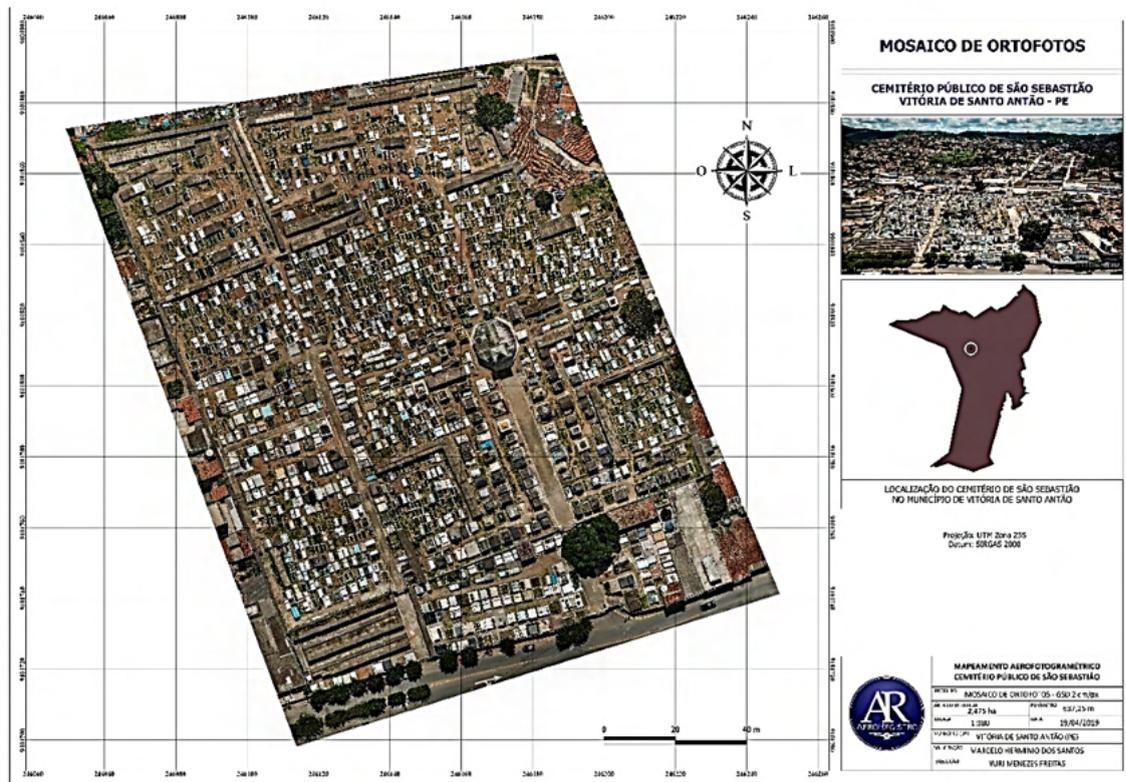
| PASTA | PRODUTO | FORMATO | LINK PARA DOWNLOAD | TAMANHO |
|-------------------------|-------------------------------------|-----------------|---|---------|
| 1. Registro Fotográfico | 33 fotografias aéreas | JPG | http://bit.ly/MarceloHerminio1 | 749 MB |
| 2. Registro em Vídeo | 11 vídeos aéreos | MP4 | | |
| 3. Mapas | Mosaico de Ortofotos | PDF e JPG | | |
| 4. Arquivos Raster | Modelo Digital de Superfície (MDS) | PDF e JPG | http://bit.ly/MarceloHerminio2 | 443 MB |
| | Mosaico de Ortofotos | TIFF, ECW e KML | | |
| 5. Modelos 3D | Modelo Digital de Elevação (MDE) | TIFF, KML e TFW | http://bit.ly/Modelo3D_Cemiterio | - |
| | Modelo tridimensional da área total | OBJ, JPG | | |
| | Modelo tridimensional da Capela | Online | | |

Fonte: Aeroregistro LTDA.

Estas informações permitiram a compreensão e delimitação espacial do sítio, pois geraram informações que até o momento eram inexistentes, contribuindo assim para elaboração de um material composto de imagens aéreas (em vídeo e fotografias), mapas, plantas de situação, medições espaciais, modelos tridimensionais e leitura topográfica (**Figuras 29 e 30**). Todos estes itens técnicos compuseram um alicerce indispensável para compreensão do sítio, da definição espacial, das estratégias de trabalho de campo e da análise dos dados.

Figura 29 - Planta de situação – Cemitério Público de São Sebastião – PE

Figura 30 - Mosaico de Ortofotos – Cemitério Público de São Sebastião



Parte deste material cartográfico gerado pela aerofotogrametria consta da **Sessão 3** (**Figuras 08, 14, 17, 18, 25 e 28**), necessário para a compreensão da evolução espacial do cemitério em si e do entendimento do mesmo num contexto mais amplo no espaço municipal.

As imagens em modelo 3D do cemitério estão à disposição do público na plataforma <https://sketchfab.com/>, especificamente, nos endereços eletrônicos constantes nas fontes das **Figuras 31 e 34**. Elas permitem a manipulação do espaço e a averiguação e visualização de detalhes do sítio, sendo este mais um mecanismo de divulgação do espaço como patrimônio histórico.

Figura 31 - Acompanhamento do trabalho de levantamento aerofotogramétrico do Cemitério Público de São Sebastião



Fonte: Rafael Quirino, 2019

Figura 32 - Registro do levantamento aerofotogramétrico do Cemitério Público de São Sebastião pela AEROREGISTRO LTDA



Fonte: Rafael Quirino, 2019

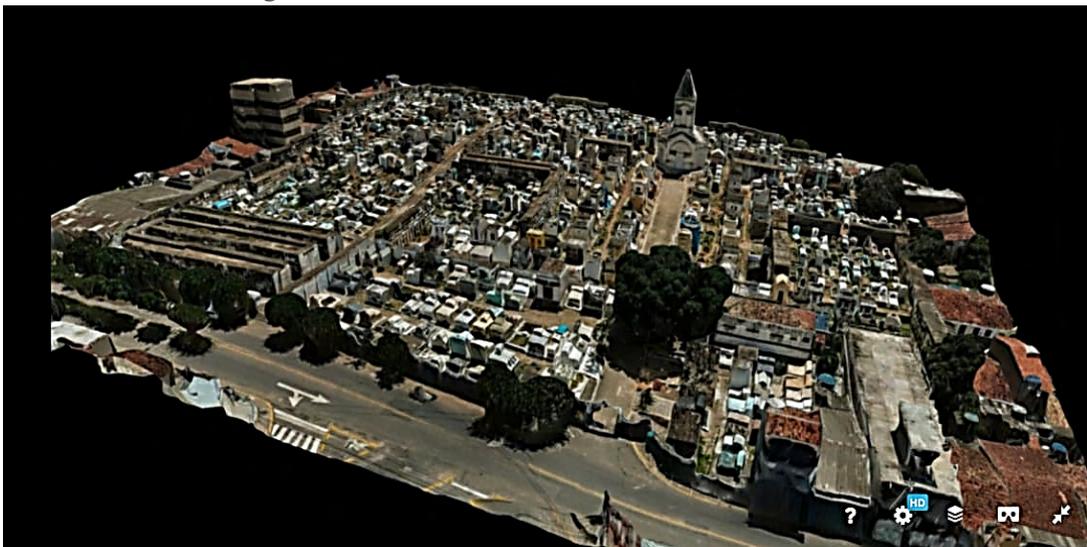
Figura 33 - Modelo 3D da Capela do Cemitério Público de São Sebastião



Fonte:

<https://sketchfab.com/3d-models/capela-do-cemiterio-de-sao-sebastiao-8e14d6f14d024ab98329bf5a323eb16a>

Figura 34 - Modelo 3D do Cemitério Público de São Sebastião



Fonte: <https://sketchfab.com/3d-models/cemiterio-de-sao-sebastiao-5419d7b6989c458da6e9303e5c9b1d5c>

A efetivação do trabalho de campo ocorreu mediante a apresentação de ofício, solicitando à administração do cemitério a permissão para visitas no transcorrer do segundo semestre de 2018 até o primeiro dia de 2020.

Com a definição do espaço para o estudo (pela inviabilidade logística do levantamento de 100% do espaço cemiterial), as visitas se deram em dupla ou trio, com a participação de pesquisadores na área de Arqueologia e História, além de estudantes voluntários do curso de Licenciatura em História do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA) (Figuras 35 a 40).

Figura 35 - Pesquisa de campo no Cemitério Público de São Sebastião



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Figura 37 - Catalogação de Jazigo – tipologia: túmulo



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Figura 39 - Catalogação de jazigo – tipologia: Mausoléu-Monumento



Fonte: Luciano Bittencourt, 2019.

Figura 36 - Interpretação espacial no Cemitério Público de São Sebastião



Fonte: Sumatra Bittencourt, 2019.

Figura 38 - Pesquisa de campo.



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Figura 40 - Catalogação de jazigo – tipologia: Mausoléu-Capela



Fonte: Sumatra Bittencourt, 2019.

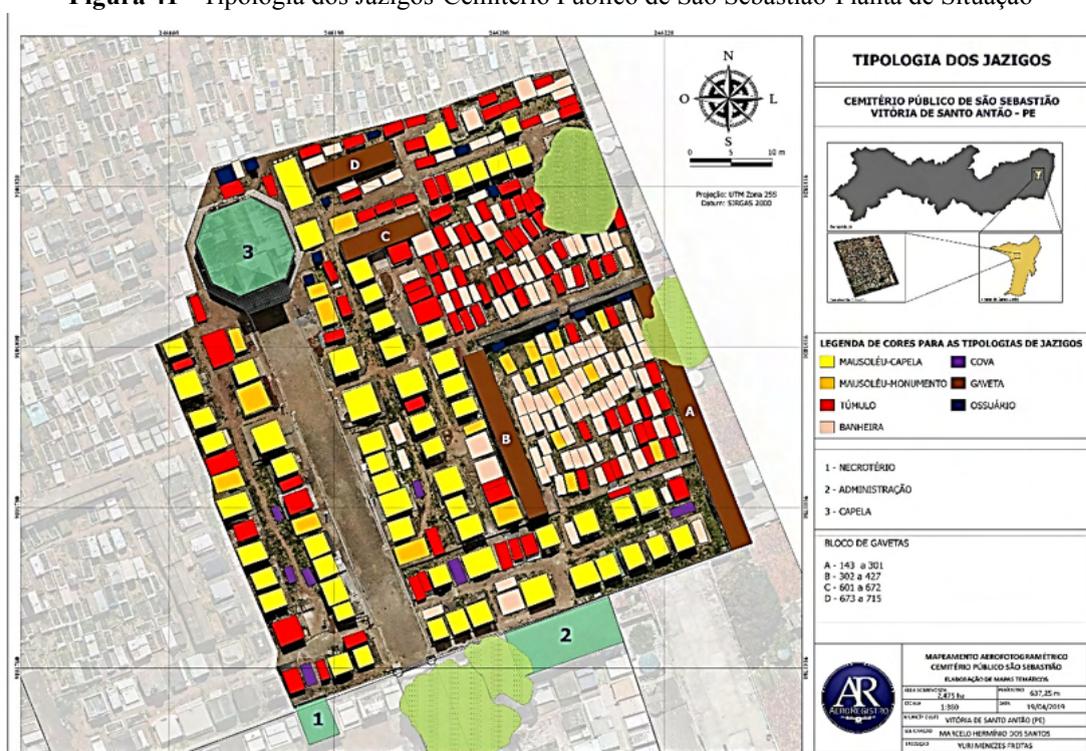
Nesta fase foram coletados os dados relativos a um total de 733 jazigos. Deste universo total, foi retirada uma amostra, onde foram analisadas 498 estruturas, que perfazem cerca de 69% do total. Estes exemplares selecionados possuíam o registro cronológico, sendo notificada a datação mais recuada presente na estrutura. Assim, é importante ressaltar que apesar dos jazigos serem vestígios datáveis, o mesmo apresenta dificuldades na obtenção precisa de uma datação, na grande maioria dos exemplares, pois nem todos apresentam uma datação registrada em sua estrutura que concerne ao ano preciso de sua edificação, além de não existirem registros documentais na administração do cemitério que contenham estas informações. Para a notificação cronológica destes vestígios, buscou-se então a identificação e o registro de datações mais antigas em cada exemplar, objetivando uma proximidade temporal o mais ideal possível de sua construção para esta pesquisa.

Os 235 jazigos catalogados que não apresentaram datação foram “descartados” para fins desta pesquisa, mas continuam na Base de Dados para o caso de análises futuras. Foram feitas fichas catalográficas para cada um dos jazigos, que alimentaram a Base de Dados e também *softwares* para as análises estatísticas. Os dados obtidos foram tratados com a utilização de *software* Excel, que a partir do preenchimento das planilhas geraram as tabelas e os gráficos necessários, permitindo realizar a observação, a análise e a interpretação das variações das permanências e as mudanças das variáveis culturais constantes no Quadro 06.

5 AS REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS NOS JAZIGOS: ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro passo para a classificação dos jazigos e das variáveis foi buscar compreendê-los na distribuição dentro do espaço definido para a pesquisa. A **Figura 41** permite compreender, em uma primeira observação, a distribuição das diferentes tipologias dos jazigos, onde se percebe de forma clara uma maior concentração das tipologias Mausoléu Capela e Mausoléu Monumento no setor mais central próximo à capela do cemitério.

Figura 41 - Tipologia dos Jazigos-Cemitério Público de São Sebastião-Planta de Situação



Uma segunda observação pode ser direcionada ao comparar esta concentração espacial mais centralizada e estas tipologias mais rebuscadas em estilos arquitetônicos próximos da capela do cemitério. Certamente, é um reflexo quando da passagem do século XIX para o XX, possivelmente por uma permanência na mentalidade social da ideia do sepultamento *ad sanctos* (próximo aos santos), ou seja, quando da proibição desta prática com a secularização, uma solução social para demonstrar o *status* foi proximidade dos grandes jazigos do tipo Mausoléu (tanto Capela quanto Monumento), próximos da capela na área mais central do espaço cemiterial.

Com estas breves considerações mais contextuais em relação às estruturas/espço, pode-se agora direcionar-se o olhar para a análise dos dados específicos das classes de variáveis estipuladas para esta pesquisa (**Quadro 06**).

5.1 TIPOLOGIA

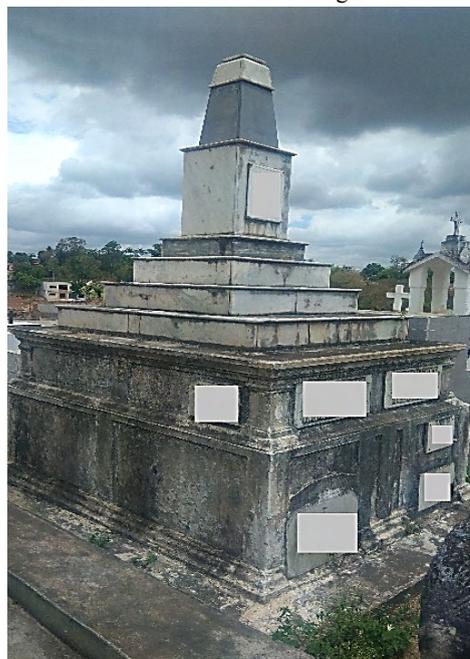
Um total de sete tipologias de jazigos foram definidas neste estudo, como sendo a primeira Classe de Variáveis analisadas, sendo identificadas a partir da verificação *in loco* e conceitualizadas de acordo com o exposto no **Quadro 12** do item 4.1. A seguir, as **Figuras 42 a 48**, que especificam exemplares morfológicos destas tipologias.

Figura 42 - Tipologia: Mausoléu-Capela. Cronologia mais recuada 1926. Ficha Catalográfica - 724



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 43 - Tipologia: Mausoléu-Monumento. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 565



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 44 - Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1996. Ficha catalográfica - 67



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 45 - Tipologia: Banheira. Cronologia mais recuada 1986. Ficha catalográfica - 516



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 46 - Tipologia: Cova. Cronologia mais recuada 1989. Ficha catalográfica - 720



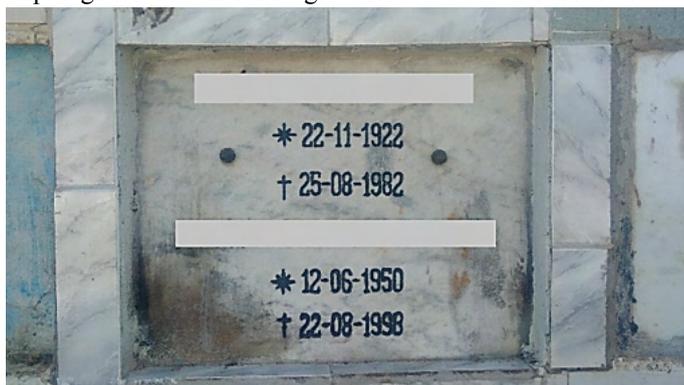
Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 47 - Tipologia: Ossuário. Cronologia mais recuada 1946. Ficha catalográfica - 464



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 48 - Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 1982. Ficha catalográfica - 323

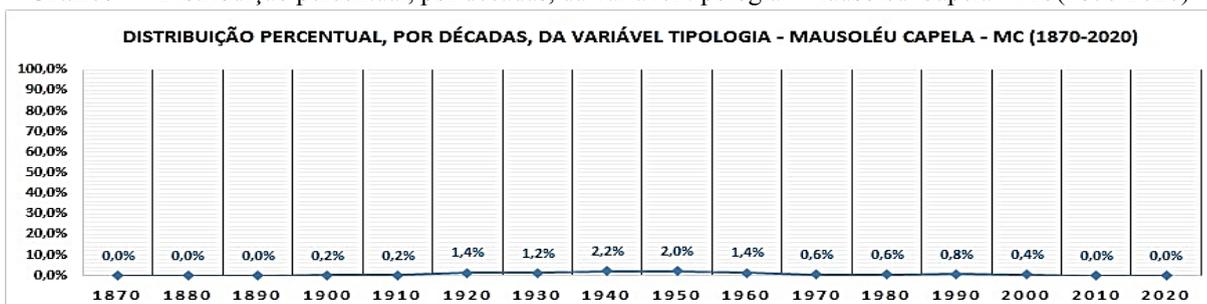


Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Como se vê, o Cemitério Público de São Sebastião possui uma variedade considerável de tipologias de jazigos. As maiores e menores concentrações de determinadas tipologias transcorreram em todo o corte cronológico estudado, desde a inauguração até os dias de hoje. Evidência que a escolha por determinada tipologia expressa o *status* do indivíduo ou de sua família no âmbito social em determinado momento cronológico. Por exemplo, nos gráficos a seguir (**Gráficos 04 e 05**), percebe-se que as maiores ocorrências das tipologias Mausoléus, tanto Capela quanto Monumento, são no final do século XIX e na primeira metade do XX.

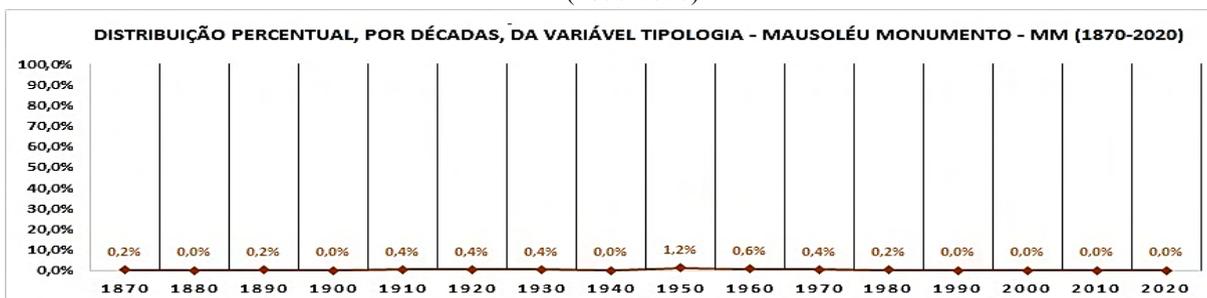
Isto expõe a forte influência do Catolicismo deste período, além das influências construtivas de outros países, que de certo modo, ganharam uma conotação de exposição de poder econômico. Ou seja, construir um jazigo monumental ou copiar uma grande capela era símbolo de *status* econômico e social. Como já foi exposto, a implantação da República no final do século XIX e as transformações econômicas e sociais do início do século XX fizeram com que surgissem novos interesses. Interesses estes agora mais urbanos que rurais, as tecnologias que despontavam na época, que encurtaram as distâncias, a luz elétrica, entre outras transformações. Com esta demanda urbana houve o desenvolvimento de uma burguesia ávida por expor seu *status* e perpetuar-se socialmente. Desta forma, investir em jazigos foi a estratégia adotada.

Gráfico 4 - Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia - Mausoléu-Capela - MC(1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 5 - Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia - Mausoléu-Monumento - MM(1870-2020)



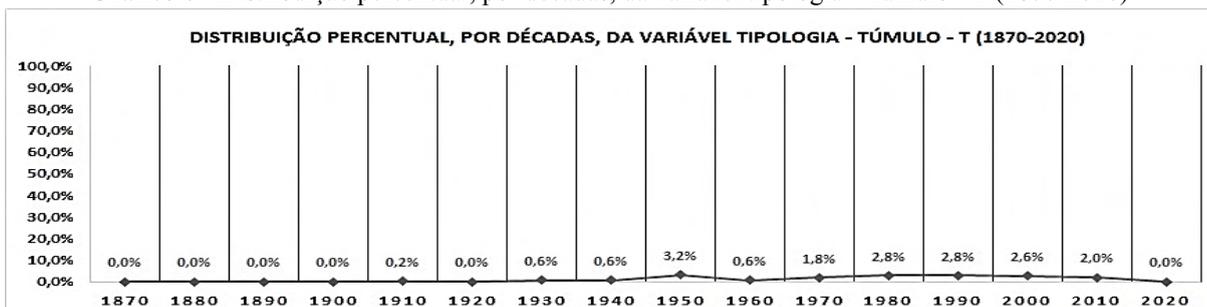
Fonte: Marcelo Hermínio.

As tipologias Mausoléu-Capela e Mausoléu-Monumento permanecem em uma continuidade de utilização dos espaços durante o século XX. No entanto, no final deste, diminuíram consideravelmente, sendo observado que nas primeiras décadas do século XXI não aparecem sendo utilizados. Este dado é relevante pois mostra a diminuição do interesse social por estes jazigos.

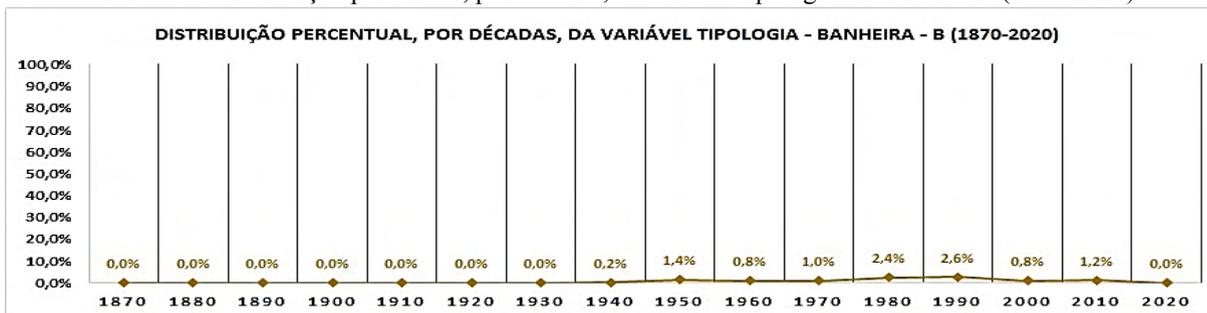
Possivelmente pelo alto custo de manutenção, aquisição de área e construção de novos exemplares, pela própria falta de espaço no cemitério para este tipo de construção e principalmente pela mudança de mentalidade, demonstrada pela preferência de construção de outras tipologias que requerem menos custos na exposição da preferência religiosa.

Estes pontos levantados são alguns a serem considerados, uma vez que a contextualização social e econômica dentro de um quadro histórico se faz importante para a interpretação das mudanças de mentalidade do comportamento social. Como se vê no corte cronológico, as tipologias que denotam menor poder econômico existiram em todo o processo histórico, no entanto, passaram a se sobressair durante o século XX, principalmente a partir de meados deste. Especificamente, as tipologias de Túmulo, Banheira e Gaveta estavam presentes desde meados do século XX, mas o túmulo e a banheira permanecem no transcorrer de toda a segunda metade deste século de maneira análoga. Vê-se nos dois gráficos percentuais a seguir (**Gráficos 06 e 07**) esta uniformização dos números entre estas duas tipologias.

Gráfico 6 - Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia - Túmulo - T (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 7 - Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia - Banheira - B (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

No século XXI, o Túmulo e a Banheira não deixaram de ser utilizados nem de ser construídos, nesse caso o mais correto seria afirmar que as Banheiras mais antigas foram transformadas em túmulos, no entanto existe uma pequena queda na utilização das mesmas, certamente pelo advento da construção e utilização das Gavetas.

A Gaveta é uma tipologia de jazigo que é construído compondo grandes blocos, que possuem em média 3,00 metros de altura. Na imagem a seguir (**Figura 49**) vê-se o Bloco B, que possui 125 Gavetas, catalogadas com as fichas 302 a 427 (Consultar também a **Figura 41** para localização deste bloco no espaço pesquisado).

Figura 49 - Bloco de Gavetas (Bloco B)

Fonte: Marcelo Hermínio, 2019.

Estas construções, como se verifica no **Gráfico 08**, têm aumentado consideravelmente em construção e utilização. Certamente, num primeiro momento, foi reflexo direto da superlotação ocasionada pela falta de espaço no cemitério.

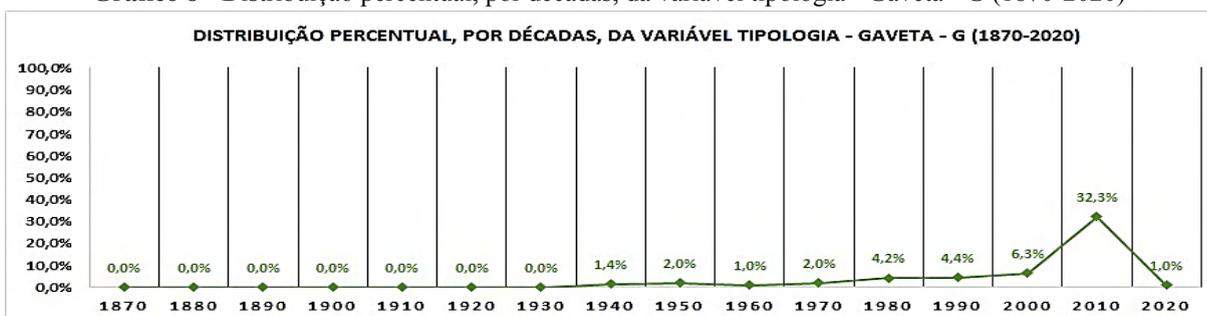
Verifica-se que o próprio cemitério não possui mais espaços adjacentes, para que possa ser ampliado horizontalmente, devido ao crescimento urbano da cidade. Como uma forma de resolução deste problema espacial, a administração pública construiu os Blocos de Gavetas, que de certo modo, ampliam a capacidade numérica de sepultamentos numa espacialidade verticalizada.

Poderia também, num segundo momento, estar atrelado à questão de ser o tipo de jazigo que é voltado para atender à demanda da população com menor poder aquisitivo, tanto para atender às famílias que buscam possuir um jazigo privado, mas sem os recursos para este fim, como também sendo um espaço construído e mantido pelo poder público municipal para atender à demanda da população que não pode investir neste espaço.

Esta interpretação justifica a preferência pela construção deste tipo de jazigo e o aumento da utilização na segunda metade do século XX em transição para o XXI (**Gráfico 08**). Também não se pode deixar de mencionar, a partir do contexto espacial do cemitério, que estes jazigos foram os mais construídos nas áreas recentemente ampliadas no Cemitério Público de São Sebastião (consultar **Figura 18**).

Como se observa no **Gráfico 08**, a tipologia de Gavetas está presente em praticamente todo o corte cronológico estudado, no entanto, foi a partir de meados do século XX que a utilização aumentou, entrando no século XXI com um aumento expressivo.

Gráfico 8 - Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia - Gaveta - G (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

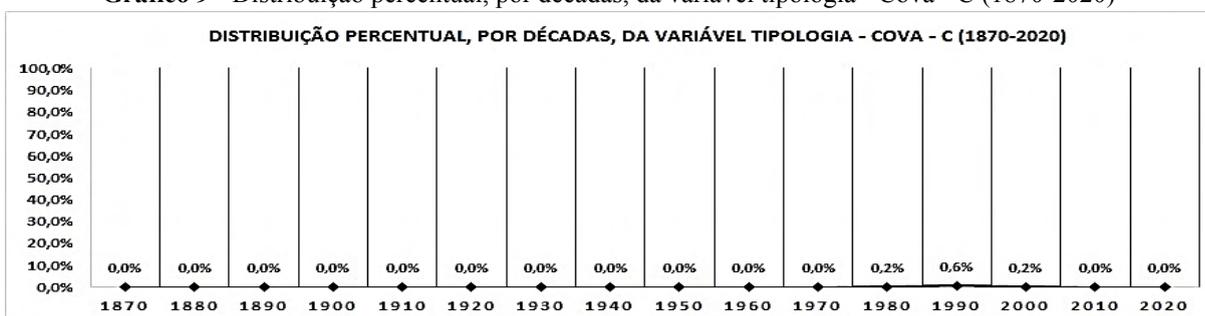
É necessário lembrar que no início do século XXI o espaço cemiterial já havia passado pelo processo de expansão horizontalizada (consultar **Figura 18**), restando como a principal opção para atender à demanda de sepultamentos a verticalização dos jazigos. Vê-se também este fenômeno ocorrendo com as reformas e construções de novos jazigos do tipo túmulos, como já foi exposto anteriormente, fato este mais direcionado como solução em jazigos privados.

Em um sentido contrastante à tipologia de Gaveta, surgiram as tipologias de Cova e Ossuário e estas ocorrências no universo pesquisado são muito pequenas. Pode-se interpretar este movimento mínimo da tipologia cova como sendo um sepultamento diretamente no solo e que foi readequada para sepultamentos em Banheiras, que também são sepultamentos diretamente no solo; mas, com a demarcação do espaço da sepultura em alvenaria, o que permite uma estrutura construída.

A pequena ocorrência de ossuários remete à questão da mudança na necessidade de locais que sirvam para depósito e guarda dos restos mortais após a exumação, preferencialmente no jazigo familiar. No entanto, ao se perceber dentro do universo da pesquisa a baixa ocorrência de ossuários, isto permite a interpretação a partir do contexto analisado de que os Ossuários são elementos que compõem todas as outras tipologias.

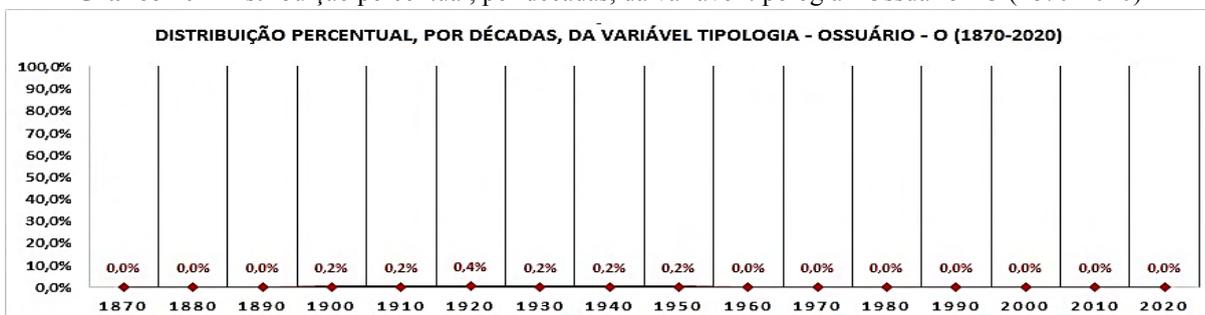
Ou seja, foram construídos Ossuários em todas as tipologias durante a edificação de um jazigo ou posteriormente, por ocasião de reformas. Até mesmo esta prática é observada na Cova e pode ocorrer no momento da abertura da mesma, sendo os restos exumados depositados no mesmo local junto ao esquife recém-depositado.

Gráfico 9 - Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia - Cova - C (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

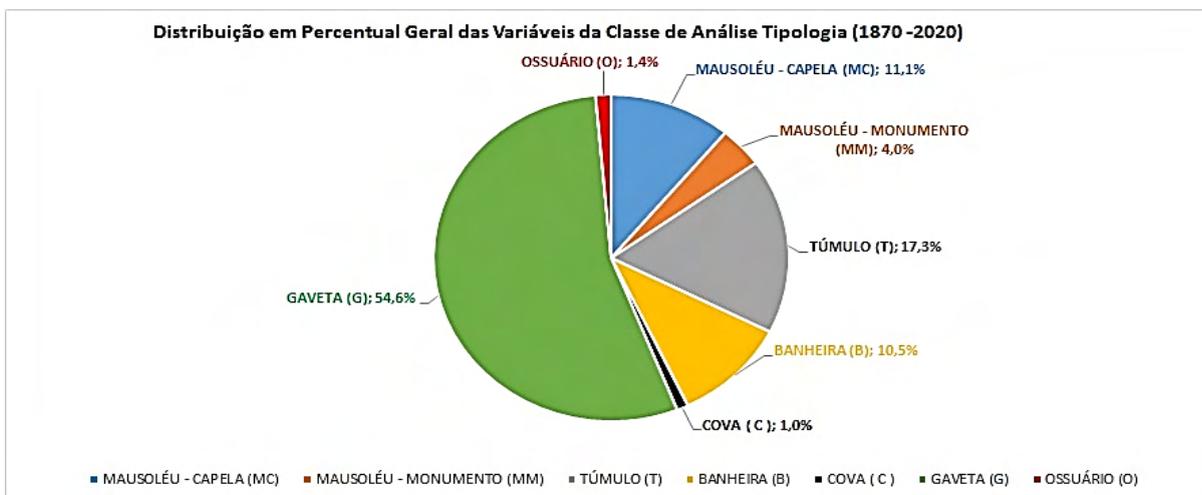
Gráfico 10 - Distribuição percentual, por décadas, da variável tipologia - Ossuário - O (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

A partir das considerações individuais sobre as variáveis tipológicas, a análise foi feita em conjunto, a partir de três vertentes: a distribuição geral, a distribuição quantitativa por décadas e o percentual individual por décadas.

Gráfico 11 - Distribuição em percentual geral das variáveis da Classe de Análise Tipologia (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Em relação à distribuição geral, a interpretação dos dados percentuais representa a totalidade de cada variável no universo de 498 jazigos selecionados para a pesquisa (Gráfico 11). Neste gráfico observa-se que se sobressaem os quatro primeiros: Gaveta (54,6%), Túmulo (17,3%), Mausoléu-Capela (11,1%) e Banheira (10,5%).

Esta maior ocorrência de Gavetas, seguida pela de Túmulo, denota uma mudança considerável no comportamento social e econômico da população no transcorrer do corte cronológico estudado.

Economicamente, denotam duas vertentes: a primeira, no atendimento à demanda da população de menor poder aquisitivo e a segunda, numa clara diminuição do interesse no investimento financeiro em jazigos. Com relação a esta segunda, justifica-se a presença da tipologia Banheira nos quatro maiores percentuais de ocorrências.

Socialmente, mostram uma diminuição importante no que diz respeito ao comportamento de exposição do *status* social, deixando claro uma mudança na mentalidade no transcorrer do século XX, de diminuição da permanência do *status* póstumo exposto em pomposos e monumentais jazigos, como eram na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX.

Na prática, Gaveta, Túmulo e Banheira são edificações mais simples, em termos construtivos (de técnicas e estilos) e de engenharia (de materiais e estruturais), quando comparados ao Mausoléu-Capela, que aparece com o terceiro maior percentual de ocorrência.

O Mausoléu-Capela enquadra-se na tipologia de jazigo, que carrega em si uma forte representatividade social; tanto pela pompa, monumentalidade e requinte na edificação,

quanto na significação religiosa, pois nestes são expostos a mentalidade religiosa da família proprietária, expressamente com forte simbologia católica.

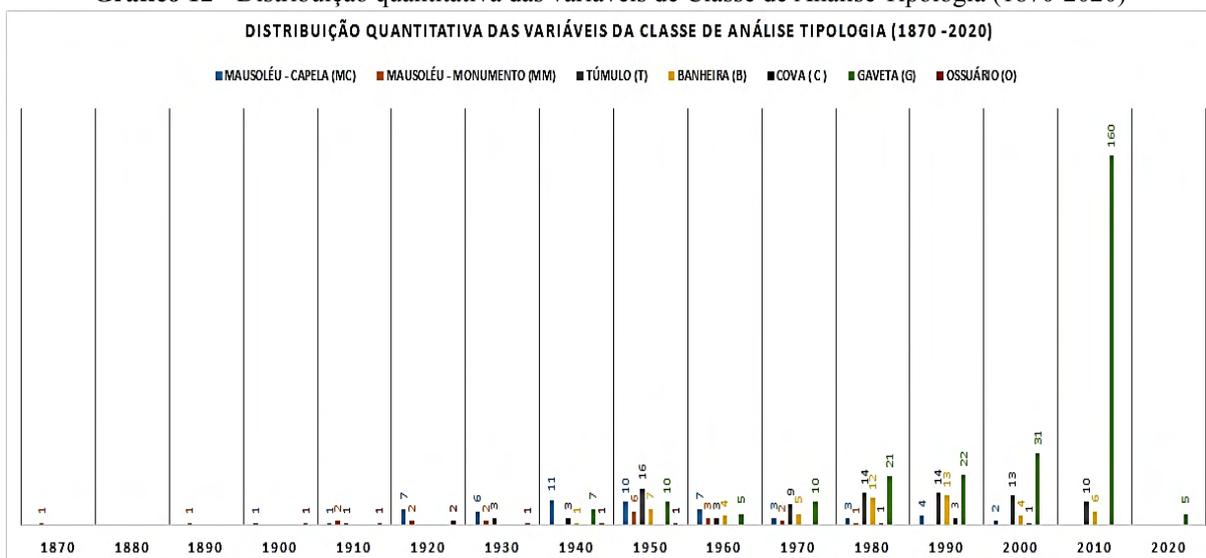
Neste ponto, a análise e interpretação dos dados expostos até o momento volta-se à estrutura do problema-hipótese, que se apoiou no conceito analítico da Dinâmica Religiosa. A tipologia Mausoléu-Capela, mesmo estando presente entre as quatro tipologias com maiores percentuais de ocorrência, estagnou, em se tratando de novas construções, ficando apenas o investimento financeiro das famílias proprietárias voltados para a manutenção dos exemplares.

Em contrapartida, as tipologias Túmulo, Banheira e Gaveta tiveram um aumento percentual considerável em novas construções e reformas em antigos exemplares. O que demonstra claramente uma mudança na preferência sobre qual tipologia de jazigo deveria a família investir durante o século XX e início do XXI. Logo, a expressão religiosa das famílias, no que diz respeito à preferência por determinado tipo de jazigo, tanto em termos construtivos quanto de engenharia e até mesmo de pompa e monumentalidade, passa a não ser mais um critério ou opção para a exposição religiosa.

No que diz respeito às tipologias Mausoléu-Monumento, Cova e Ossuário, os percentuais totais são muito baixos e demonstram, em relação aos Ossuários e Covas, uma mudança de utilização dos mesmos, onde a função de depósito e guarda dos restos mortais foi atrelada a outras tipologias e o aumento nas readequações de covas as transformou em jazigos de tipologia Banheira, enquanto o Mausoléu-Monumento denota a necessidade de *status* social com características mais voltadas ao poder econômico do que propriamente uma representatividade religiosa.

Sobre a interpretação dos dados da distribuição quantitativa por décadas, partiu-se da estrutura adotada acima, ou seja, dos quatro maiores percentuais de ocorrências: Gaveta (54,6%), Túmulo (17,3%), Mausoléu-Capela (11,1%) e Banheira (10,5%) (Gráfico 11).

No Gráfico 12, vê-se claramente que, a partir de meados do século XX, houve um aumento na ocorrência de utilização dos jazigos de tipologia Gaveta, seguido pelas tipologias Túmulo e Banheira. Tem-se um reflexo direto do que já se foi exposto nos parágrafos anteriores, corroborando assim os dados de percentuais gerais de cada variável tipológica apresentados no Gráfico 11.

Gráfico 12 - Distribuição quantitativa das variáveis de Classe de Análise Tipologia (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

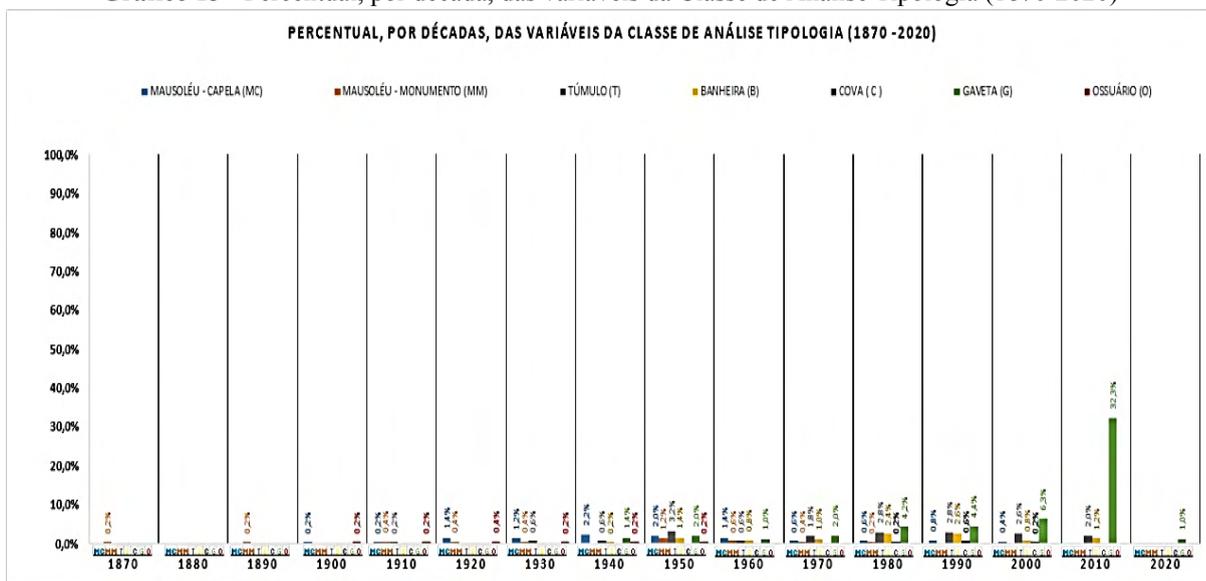
Quando, no entanto, se observa o comportamento quantitativo da tipologia Mausoléu-Capela (quarta tipologia de maior percentual geral), verifica-se que ocorreu um decréscimo desde o segundo quartel do século XX, apresentando-se estagnado no século XX. O que reforça a percepção descrita anteriormente sobre a diminuição permanente na preferência por esta tipologia no transcorrer do século XX, justamente por ser uma tipologia que denota tão específico sentido na construção como um todo, o sentido religioso católico.

As tipologias Ossuário e Cova aparecem distribuídas pontualmente entre as décadas, mas percebe-se que a tipologia Ossuário aparece individualizada apenas até meados do século XX, isto por que alguns dos exemplares do início deste século expressam a preferência pelas construções em estilos arquitetônicos, sendo na maioria construídos em forma de obeliscos decorados.

Em relação à tipologia Mausoléu-Monumento, esta foi utilizada até a década de 1980, mas foi no transcorrer da primeira metade do século XX até meados deste que aparece um maior quantitativo de ocorrências. Foi possível interpretar este dado considerando-se, na primeira metade do século XX, o Movimento Progressista, de forte discurso nacionalista, atrelado à necessidade de exposição do *status* das elites burguesas em formação neste período, ou seja, provavelmente essa distribuição de ocorrências está ligada à questão do *status* econômico.

Em termos percentuais das ocorrências das tipologias, observadas por décadas (**Gráfico 13**), obviamente se verifica uma equivalência com as ocorrências interpretadas quantitativamente entre as décadas de 1870 e 2020, expostas no **Gráfico 12**.

Gráfico 13 - Percentual, por década, das variáveis da Classe de Análise Tipologia (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Tem-se como ponto convergente entre as variáveis apresentadas, tanto quantitativamente quanto percentualmente, uma mudança pela preferência de escolha tipológica dos jazigos por parte da sociedade vitoriense e aponta-se aqui como mudança principal, apesar de mudanças com critérios econômicos e administrativos, justamente a que está atrelada diretamente às mudanças de mentalidade religiosa.

Foi identificada a tipologia de jazigo que carrega na morfologia o objetivo principal de expressão religiosa a partir do momento em que as edificações são verdadeiras cópias de templos religiosos católicos, onde identificou-se que esta característica tipológica teve início no fim dos anos oitocentos e na primeira metade dos anos noventa. Logo, um reflexo direto da religião Católica como dominante no Brasil.

Evidencia-se com os dados uma queda progressiva desta característica tipológica, que se alinha com os dados do IBGE, da queda do Catolicismo no Brasil, principalmente no transcorrer da segunda metade do século XX, sendo mais expressivo no início do XXI. E que, paralelamente, ocorreu o aumento de outras tipologias que não apresentam na morfologia expressões religiosas de qualquer denominação, sendo as principais a Gaveta, o Túmulo e a Banheira.

Alinha-se desta maneira, com o crescimento de outras denominações religiosas como preferência dos vitorienses, de acordo com a evolução dos dados do IBGE, fato que também é percebido nos dados que dizem respeito ao Brasil e a Pernambuco. Portanto, esta Dinâmica Religiosa, exposta na interpretação da evolução da mentalidade religiosa no Brasil, segundo

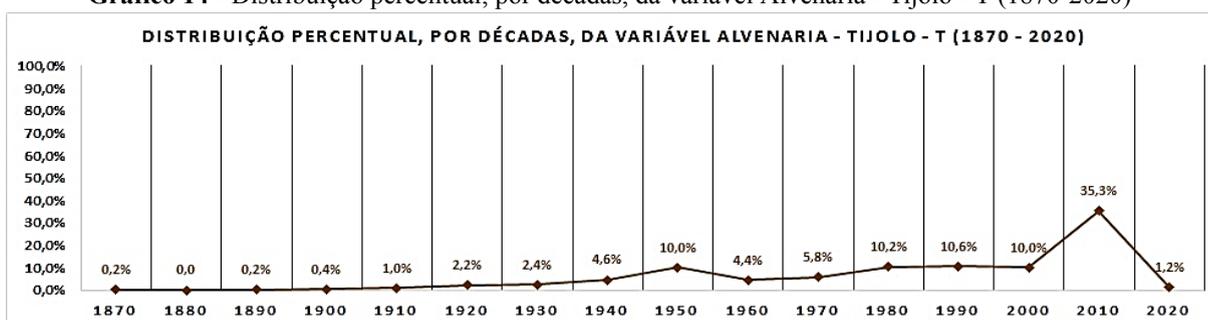
os Censos Demográficos, foi percebida também na evolução das tipologias de jazigos como cultura material mortuária do Cemitério Público de São Sebastião.

5.2 ALVENARIA

O principal elemento utilizado para compor as construções das estruturas dos jazigos do cemitério de São Sebastião é o tijolo. Ele está presente desde as primeiras estruturas edificadas até os dias atuais (**Gráfico 14**).

Basicamente, o elemento bloco (de cimento) está presente apenas nas estruturas de lajeamento dos andares dos blocos dos jazigos tipo gavetas e de algumas estruturas de outras tipologias, não sendo enquadrado no contexto desta pesquisa como elemento principal de constituição da alvenaria das estruturas, critério este para a definição das duas variáveis de alvenaria, o tijolo ou bloco de cimento.

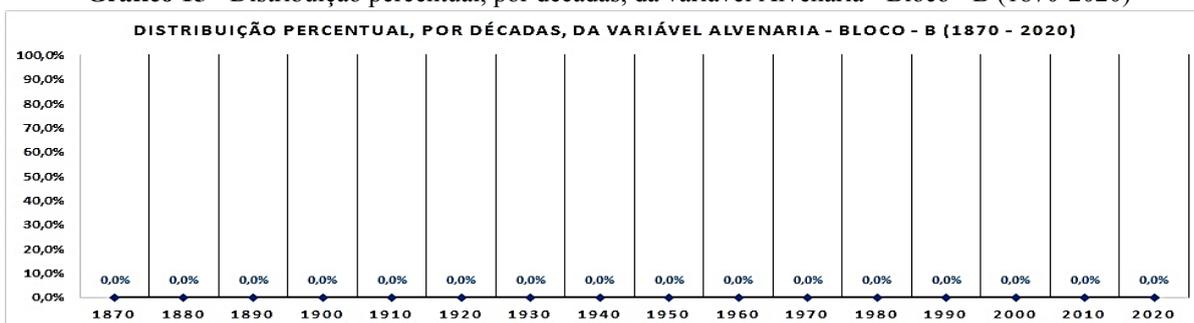
Gráfico 14 - Distribuição percentual, por décadas, da variável Alvenaria - Tijolo - T (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Considerando o critério da adoção de um único elemento principal para construção de um jazigo, de qualquer tipologia, foi constatado que apenas a utilização de blocos de cimento não foi uma variável considerada pelos construtores e proprietários dos jazigos (**Gráfico 15**).

Possivelmente pela pouca oferta deste material no transcorrer do século XX e só em décadas recentes que as tecnologias da engenharia passaram a adotá-los com maior frequência. Outro motivo é a questão da própria tradição de construir edifícios com tijolos e outros produtos cerâmicos, de maior oferta e de fácil aquisição. Fator este a ser considerado também pelo fato do município de Vitória de Santo Antão ter possuído várias olarias de fabricação destes produtos.

Gráfico 15 - Distribuição percentual, por décadas, da variável Alvenaria - Bloco - B (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

O tijolo é um dos primeiros elementos construtivos utilizados pelo ser humano para compor a alvenaria de uma edificação. Sua matéria prima básica é a argila, o que pode diferir em sua composição são alguns materiais aditivos como a palha por exemplo; a morfologia, entre outros. Atualmente, os tijolos são fabricados em escala industrial e possuem várias morfologias.

A morfologia do tijolo que foi utilizada no cemitério municipal de São Sebastião em larga escala no século XIX e adentrou no século XX foi o chamado tijolo maciço (conhecido também como tijolo manual). Com o advento da mudança de morfologia para o tijolo de furos (seis ou oito furos), o tijolo maciço caiu consideravelmente em desuso, permanecendo ainda nos dias atuais, na maioria das vezes como uma alternativa mais decorativa do que realmente estrutural.

Esta utilização preferencial pelo tijolo maciço na edificação dos jazigos fica clara em sua cronologia quando comparada à evolução deste tipo de elemento. Os tijolos maciços aparecem, desde os jazigos mais antigos na amostragem desta pesquisa e, com o transcorrer do século XX, são gradualmente substituídos pelos tijolos de quatro e oito furos. Abaixo, vê-se algumas figuras (**Figuras 50 a 55**) que demonstram a aplicação deste elemento.

Figura 50 - Contexto da edificação da estrutura com detalhe da alvenaria em tijolos maciços. Tipologia: Túmulo Monumento. Cronologia mais recuada 1892. Ficha catalográfica - 27



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 51 - Detalhe mostrando o elemento tijolo maciço na composição da alvenaria da estrutura. Tipologia: Túmulo Monumento. Cronologia mais recuada 1892. Ficha catalográfica - 27



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 52 - Contexto da edificação da estrutura com detalhe da alvenaria em tijolos maciços. Tipologia: Túmulo Monumento. Cronologia mais recuada 1958. Ficha catalográfica - 94



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 53 - Detalhe mostrando o elemento tijolo maciço na composição da alvenaria da estrutura. Tipologia: Túmulo Monumento. Cronologia mais recuada 1935. Ficha catalográfica - 725



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 54 - Contexto da edificação da estrutura com detalhe da alvenaria em tijolos de furos. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 2017. Ficha catalográfica - 366



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 55 - Contexto da edificação da estrutura com detalhe da alvenaria em tijolos de furos. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 2019. Ficha catalográfica - 331



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Na figura que segue abaixo (figura 56) vê-se claramente dois momentos de ampliação do espaço cemiterial (neste caso verticalmente com dois momentos de ampliação no uso do jazigo da tipologia gaveta), e conseqüentemente a mudança na utilização do elemento tijolo, passando de maciço na parte mais antiga do bloco de gavetas (abaixo) para a utilização de tijolos de furos na parte mais recente da construção (acima).

Figura 56 - Contexto dos dois momentos de construção do bloco 'A' de gavetas, com total de 5 pavimentos de gavetas. Tipologia: Gaveta



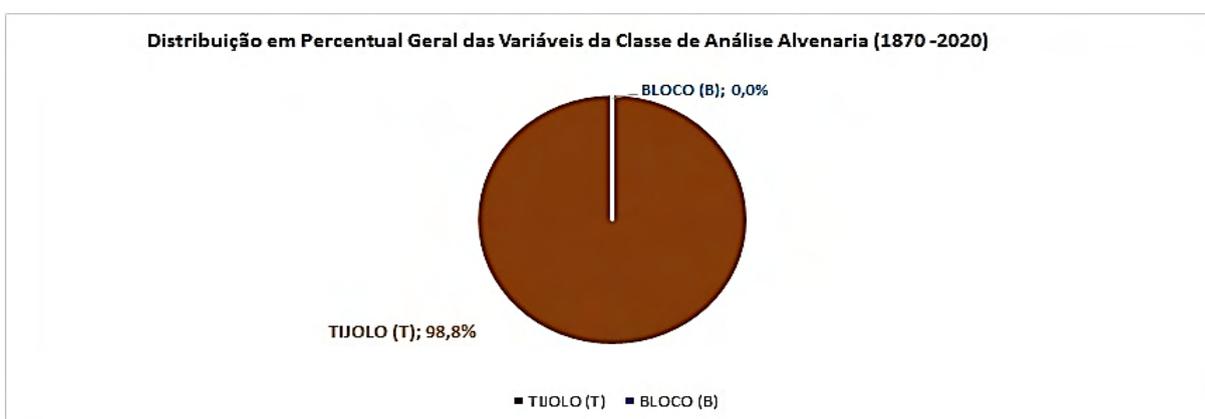
Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Notadamente, ao analisar-se o gráfico 16 sobre a distribuição percentual das variáveis de alvenaria: tijolo e bloco; tem-se o tijolo em sua totalidade de 98,8% quando comparado a

não existência da utilização dos blocos de cimento como elemento principal para construção de jazigos.

Esta totalidade de 98,8% na utilização de tijolos não alcançou 100% da amostragem devido a quantidade de jazigos do tipo cova, que tem em sua composição básica na construção o elemento solo, não sendo por sua vez enquadrado nesta classe de variáveis sobre elementos de alvenaria, mas que foram contemplados no universo mensurado desta pesquisa por possuírem datação.

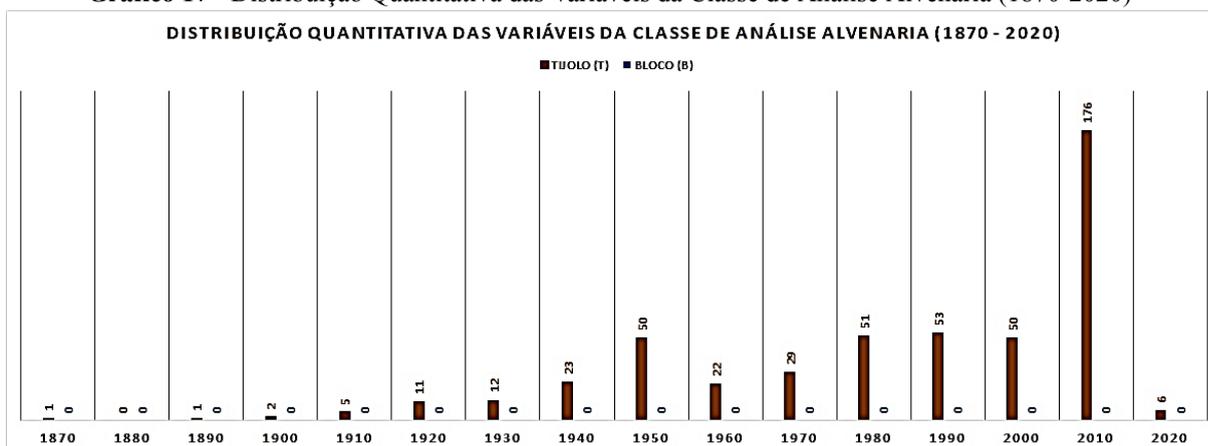
Gráfico 16 - Distribuição em Percentual Geral da Variável da Classe de Análise Alvenaria (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Este dado de distribuição percentual é alinhado pelo dado quantitativo observado no gráfico 17. Uma vez constatado que a Classe de Variáveis de Alvenaria tem uma constante cronológica na escolha e utilização da variável tijolo, percebe-se que sua variação quantitativa por décadas se apresenta oscilante devido a distribuição da Classe de Variáveis Tipologias.

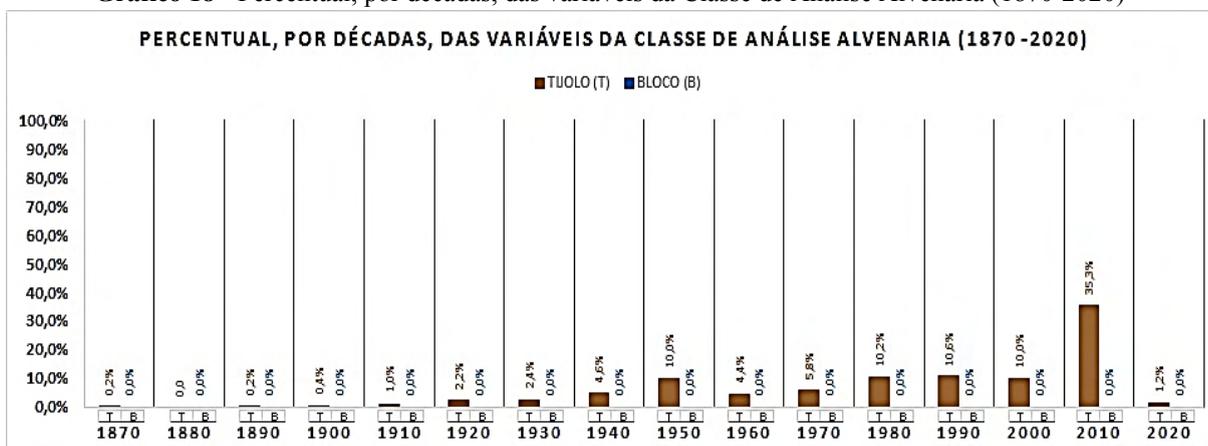
Na década de 2010, por exemplo, percebe-se o maior quantitativo no uso do tijolo, justamente pois o maior número de tipologias de jazigo catalogados nesta década é a gaveta, que tem como elemento estrutural principal em sua construção o tijolo, seguido de túmulo e banheira (a título de comparação dos dados quantitativos, vide **Gráfico 12**).

Gráfico 17 - Distribuição Quantitativa das Variáveis da Classe de Análise Alvenaria (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

Esta distribuição quantitativa é percebida também com a distribuição percentual das alvenarias. Vê-se que tanto quantitativamente quanto percentualmente, no momento da década de 1950 ocorre um aumento considerável no uso do tijolo. Este fato pode ser interpretado pelo fato do aumento das construções de jazigos de tipologia gaveta, onde nos **Gráficos 12 e 13** percebe-se este aumento em detrimento ou uma uniformidade contínua de outras tipologia como a banheira e o túmulo e a desaceleração e estagnação de outras.

Este aumento nas construções de gavetas, como já foi exposto, deveu-se principalmente pela falta de espaço horizontal para ampliação do cemitério, restando a opção de sua ampliação verticalmente acima do solo, postura diferente da adotada em espaços cemiteriais privados que tem esta verticalidade voltada para o subsolo, mas que não sendo mote para discussão nesta pesquisa insere-se como uma informação a título de analogia.

Gráfico 18 - Percentual, por décadas, das variáveis da Classe de Análise Alvenaria (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

No gráfico acima (**Gráfico 18**), tem-se esta distribuição percentual bem exposta, reforçando a interpretação quantitativa dos gráficos anteriores desta classe de variáveis. Interpretando estes aspectos quantitativos e percentuais, atrelados a uma interpretação social e, especificamente da dinâmica religiosa, considera-se, portanto, que a variável alvenaria não denota um reflexo direto da questão da dinâmica religiosa.

O elemento tijolo está presente como principal tipo de elemento de alvenaria apresentando apenas a questão da mudança morfológica no corte cronológico estudado, fator este que se explica pela própria dinâmica econômica e tecnológica deste tipo de elemento, não sendo influenciado pelo fator religioso e sua dinâmica.

5.3 REVESTIMENTO

São quatro as variáveis de revestimentos utilizados nas estruturas de jazigos do cemitério municipal de São Sebastião. Segue abaixo algumas imagens que os exemplificam (**figuras 57 a 64**)

Figura 57 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Argamassa. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1966. Ficha catalográfica - 559



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 58 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Argamassa. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 2016. Ficha catalográfica - 301



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 59 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Cerâmica. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1978. Ficha catalográfica - 521



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 60 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em cerâmica. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 2013. Ficha catalográfica - 688



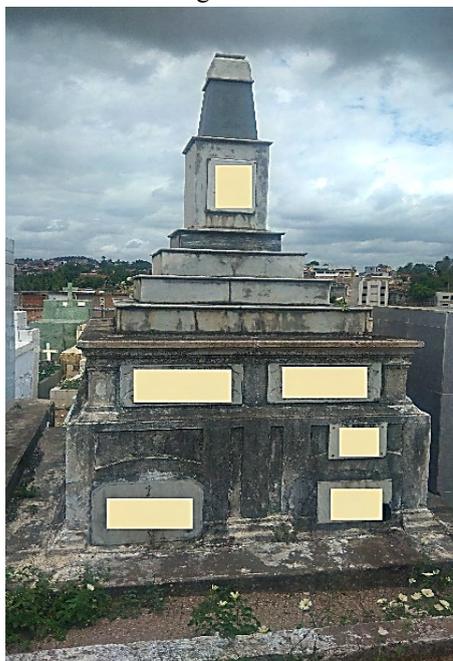
Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 61 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1979. Ficha catalográfica - 28



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 62 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 565



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 63 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Granito. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1954. Ficha catalográfica - 84



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

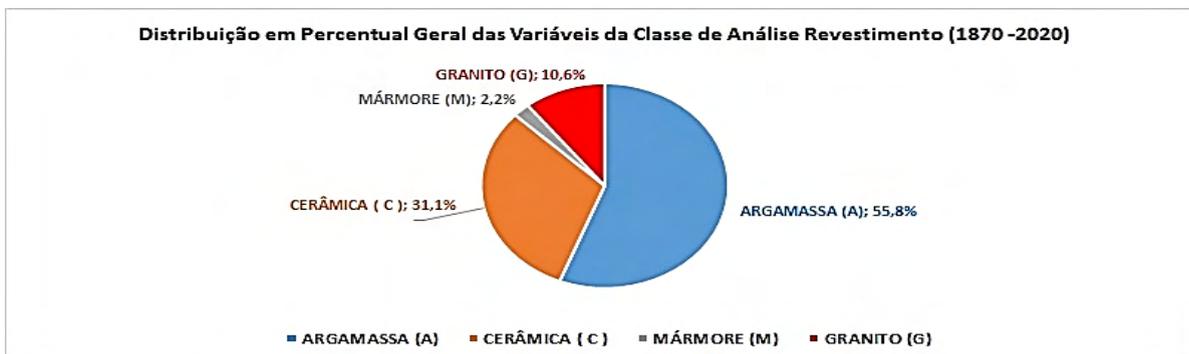
Figura 64 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Granito. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1963. Ficha catalográfica - 08



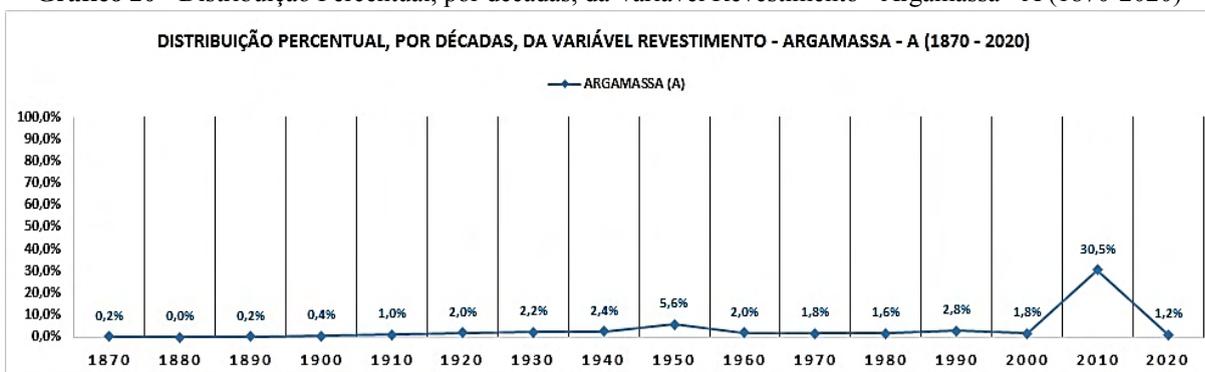
Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Uma observação a ser feita é que em geral estas quatro variáveis de revestimentos aparecem, com menor ou maior intensidade, em todas as variáveis tipológicas de jazigos. No entanto, algumas são mais específicas como, por exemplo, a utilização do mármore que ocorre, no universo pesquisado, em dois exemplares com 100% de seus revestimentos (**figuras 61 e 62**). Trata-se então de dois exemplares de tipologia Mausoléu Monumento, específicos de demonstração de status das famílias, tanto no uso específico deste material quanto no estilo arquitetônico definido, Estilo Eclético com influência Neoegípcia (**figura 61**) e estilo *Art Déco* (**figura 62**).

De acordo com o gráfico 19, temos a seguinte ordem de percentual das quatro variáveis de revestimento: 1 – Argamassa com 55,8%, 2 – Cerâmica com 31,1%, 3 – Granito com 10,6% e Mármore com 2,2%. Ressalta-se que o percentual restante que totaliza o universo da amostra pesquisada não está contemplado no **Gráfico 21** por se tratar dos jazigos de tipologias Cova, que por sua vez não possuem revestimento, não pertencendo a esta classe de variáveis.

Gráfico 19 - Distribuição em Percentual Geral das variáveis da Classe de Análise revestimento (1870-2020)

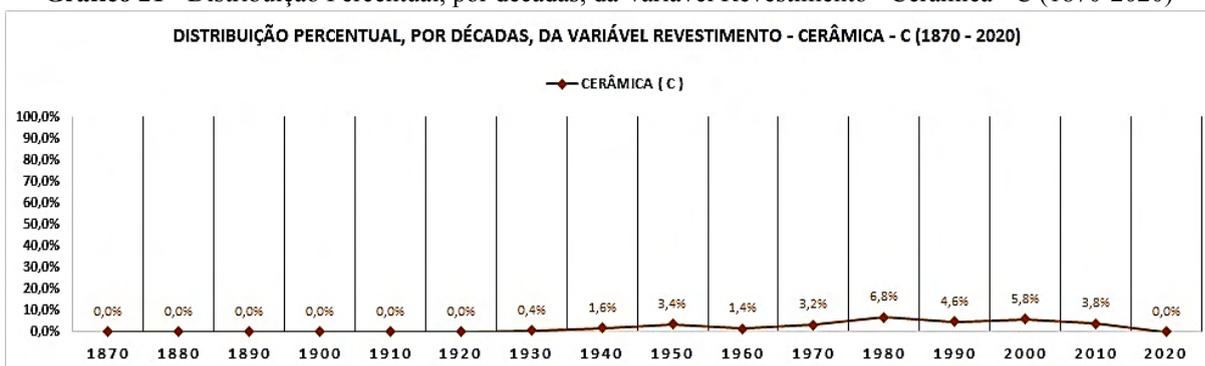
Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 20 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Revestimento - Argamassa - A (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

A argamassa é uma variável de revestimento que é utilizada em toda a extensão cronológica dos jazigos no Cemitério Municipal de São Sebastião (**Gráfico 20**). Ela também é utilizada sem distinção tipológica de jazigos, ou seja, todas as tipologias possuem exemplares com revestimento em argamassa, com exceção da tipologia cova. Sua ampla utilização explica-se por ser um material de fácil, de rápido e de baixo custo em sua aplicação, quando comparado aos outros tipos de revestimentos na construção civil. Sua escolha de utilização em larga escala também é definida pelo alcance do cumprimento de objetividade, que é a proteção pela impermeabilização da alvenaria da estrutura ao mesmo tempo que pode também servir de suporte para as outras variáveis de revestimentos.

Sua presença em exemplares de todas as variáveis tipológicas demonstra que sua escolha perpassa por uma questão mais funcional e prática da construção civil, além de econômica. O que demonstra a não ligação de sua escolha por questões de status social ou, até mesmo, de ritualísticas religiosas. A variável cerâmica é a segunda mais utilizada como revestimento nos jazigos do cemitério público de São Sebastião. Sua ocorrência cronológica está presente desde meados do século XX (**Gráfico 21**) e sua utilização é percebida em exemplares de todas as tipologias de jazigos, assim como a argamassa.

Gráfico 21 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Revestimento - Cerâmica - C (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

Os tipos de cerâmica diferem em vários aspectos em todo o corte cronológico de utilização. São cerâmicas de variadas tonalidades de cores, dimensões, padrões de desenhos (cerâmicas com padrões que imitam mármore, por exemplo). Esta variação é percebida, principalmente de acordo com a cronologia dos jazigos, uma vez que em cronologias mais recentes verifica-se a padronização de cerâmicas de dimensões maiores - cerâmicas e porcelanatos (**figura 65**), em comparação a cerâmicas de dimensões menores - azulejos (**figura 66**) em jazigos que datam de meados do século passado.

Figura 65 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em cerâmica. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 2016. Ficha catalográfica – 47
Obs.: Cerâmica dimensão 45x45cm



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 66 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Cerâmica. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1964. Ficha catalográfica – 555
Obs.: Azulejo decorado floral, dimensão 15x15cm



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

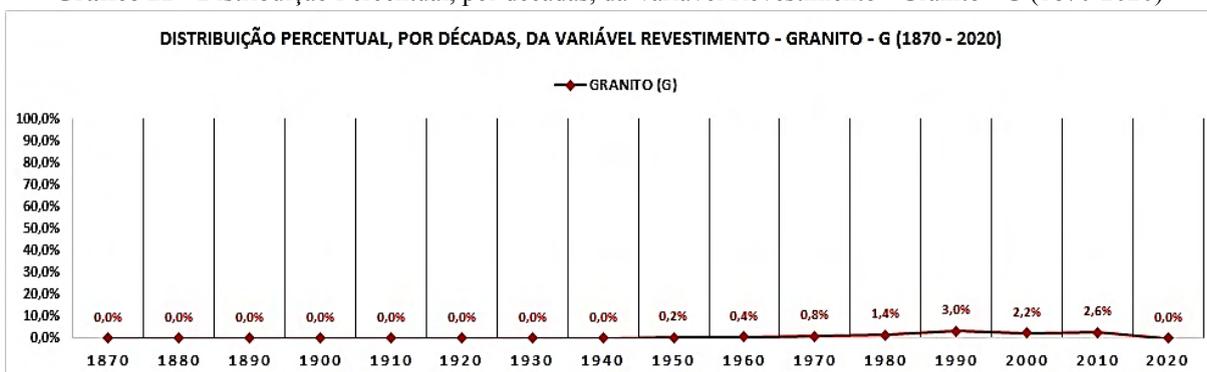
As mudanças nas tecnologias na fabricação deste tipo de revestimento e de tendências de decoração arquitetônica com o passar do tempo serão refletidas nas preferências e usos

deste tipo de revestimento. Sua aplicação tem tanto uma função prática quanto estética: a primeira na praticidade de aplicação e na otimização da proteção da alvenaria da estrutura pela alta impermeabilidade que este revestimento oferece e a segunda, pela função estética que oferece com suas estampas, dimensões e cores, aspectos dos quais os fabricantes buscam atender aos variados públicos em seus gostos e poder aquisitivo.

A escolha do revestimento cerâmico também se insere sob uma interpretação econômica, uma vez que em meados do século passado era um revestimento que apenas as famílias com melhor poder aquisitivo poderiam aplicar em suas construções. Em décadas recentes, a popularização desse tipo de revestimento aumentou, alcançando variadas faixas de clientes, conseqüentemente, aumentando o seu consumo como material de revestimento em vários ramos da construção civil. Esta classe de variáveis de revestimento, por sua vez, em uma interpretação voltada mais diretamente a questão dos aspectos religiosos dos quais se objetiva este trabalho, não alude a uma preferência motivada escolhas voltadas sob um contexto ritualístico ou de representação de uma determinada denominação religiosa, onde se pode interpretar suas aplicações mais direcionadas a escolhas com critérios em aspectos no poder econômico, estético e funcional na estrutura.

O revestimento em granito, terceira variável de revestimento mais utilizada no Cemitério Municipal de São Sebastião, vem sendo mais utilizado nas três últimas décadas do corte cronológico desta pesquisa (**Gráfico 22**), ou seja, em período recente quando comparado com a argamassa e a cerâmica. Mesmo assim, a presença de sua utilização ainda é baixa, onde se pode concluir que é reflexo do alto custo deste material e da mão-de-obra para sua aplicação, mais especializada.

Gráfico 22 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Revestimento - Granito - G (1870-2020)

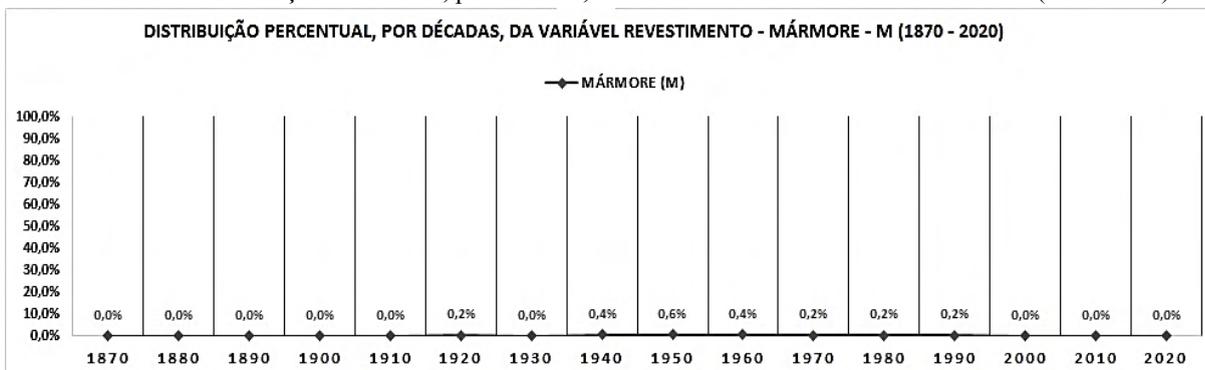


Fonte: Marcelo Hermínio.

Assim como os revestimentos anteriores, a escolha na utilização do granito é interpretada por critérios estéticos; funcionais, na estrutura e econômicos; sendo este último

por sua vez como demonstrador de status social. O aspecto religioso por sua vez, também não possui influência na escolha deste material de revestimento.

Gráfico 23 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável revestimento - Mármore - M (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

O mármore, por sua vez, ocorre entre 1920 e 1990 (**Gráfico 23**) em um total de 11 exemplares dentro do contexto do universo da pesquisa, no entanto, como revestimento propriamente dito aparece em poucos exemplares de jazigos, especificamente em três exemplares (**figuras 61, 62 e 67**).

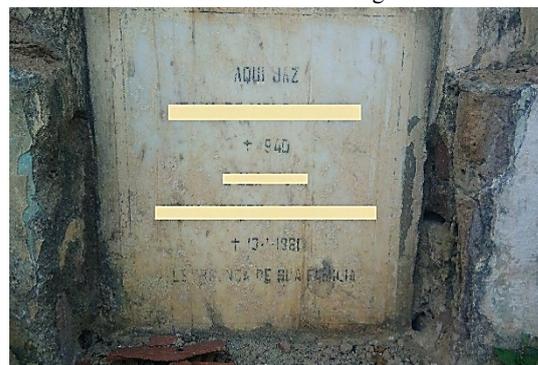
Sua ocorrência é maior e justifica sua distribuição nestas décadas citadas em oito exemplares, por sua utilização como um material mais nobre voltado para a fabricação de lápides (**figura 68**). Entretanto, comparando este número com o universo pesquisado, o uso deste material de revestimento é muito pequeno.

Figura 67 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1980. Ficha catalográfica – 583



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 68 - Contexto de edificação de estrutura com revestimento em Mármore. Tipologia: Gaveta. Cronologia mais recuada 1940. Ficha catalográfica - 174



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Uma interpretação objetiva acerca da baixa utilização do mármore como revestimento deve ser calcada no alto custo investido, para obtenção do produto e mão-de-obra especializada para aplicação deste material.

Este foi um tipo de revestimento que obrigava o despendimento de alto custo financeiro, por parte do proprietário do jazigo, em um dos três exemplares que são totalmente revestidos de mármore tem o registro de indicação da marmoraria (ou do marmorista) responsável pelo material, exemplo **figuras 69 e 70**.

Figura 69 - Estrutura com revestimento em mármore.
Tipologia: Mausoléu Monumento.
Cronologia mais recuada 1924.
Ficha catalográfica – 565

Obs.: No detalhe, círculo em amarelo, inscrição da marmoraria no monumento.



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 70 - Detalhe com inscrição, Lê-se: Fez Braz – R. Paulino Camara 67 Recife. Tipologia: Mausoléu Monumento. Cronologia mais recuada 1924.

Ficha catalográfica – 565



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

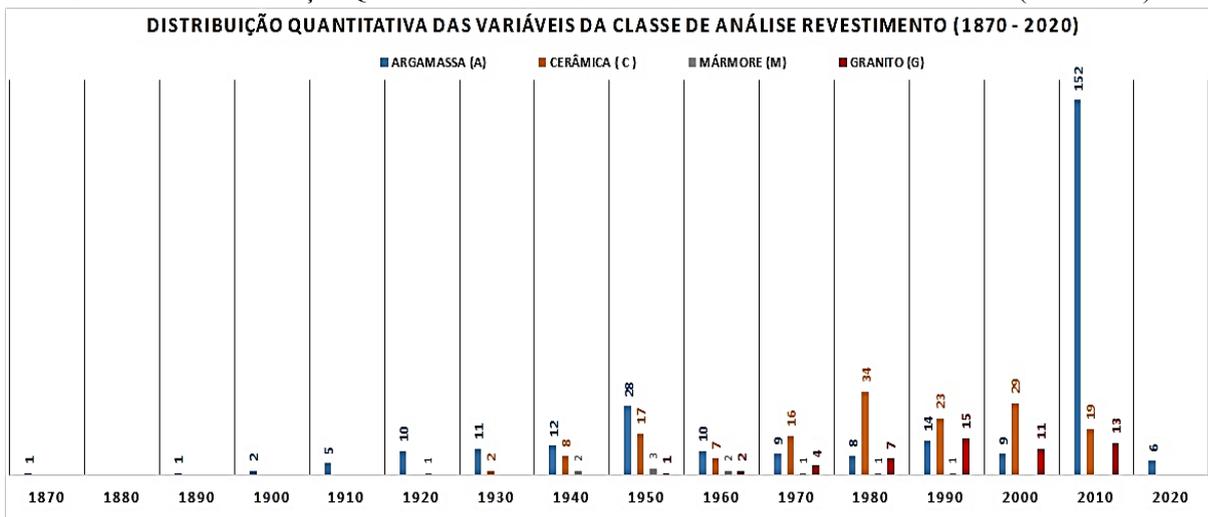
A escolha do mármore como revestimento da estrutura de jazigo, assim como as outras três variáveis de revestimento, tinha no fator econômico o critério principal de escolha de uso.

Em síntese, ao analisarmos o **gráfico 24**, percebe-se a constante presença da utilização do principal revestimento utilizado: a argamassa. Tem-se na década de 2010 um aumento considerável no uso desta variável de revestimento. Este aumento específico na década de 2010 é interpretado pelo aumento da construção e utilização dos jazigos de tipologia gaveta.

Dado este que é análogo pelo gráfico de distribuição percentual por décadas (**Gráfico 25**), nele observa-se uma distribuição mais acurada em dados percentuais de cada variável

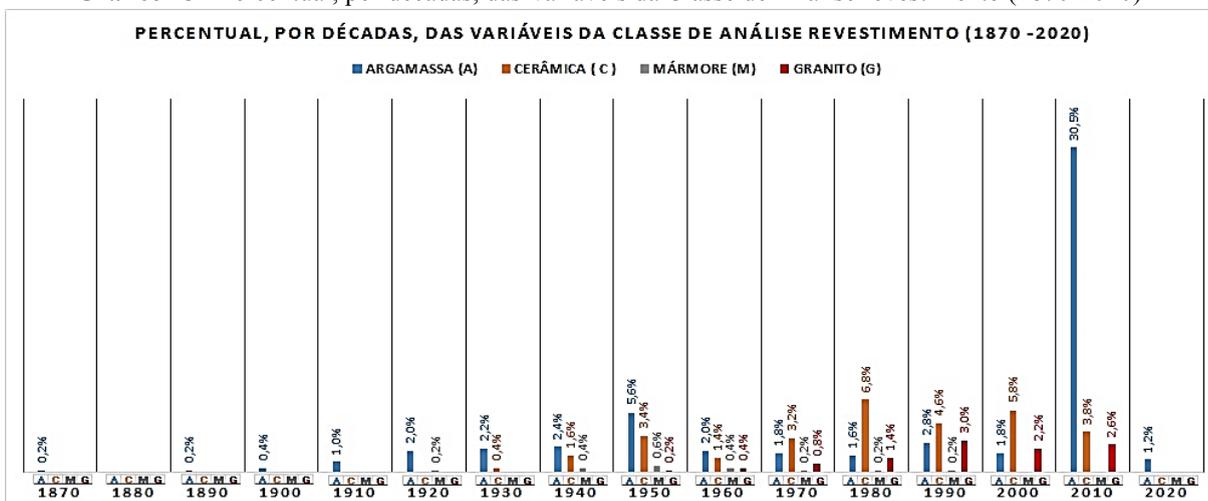
dentro de cada década que compõem o corte cronológico da pesquisa. Pode-se interpretar o comportamento das variáveis dentro desta cronologia e vê-se que é em meados do século XX que se intensifica a variabilidade no uso de materiais de revestimento dos jazigos no cemitério de São Sebastião.

Gráfico 24 - Distribuição Quantitativa das Variáveis da Classe de Análise Revestimento (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 25 - Percentual, por décadas, das Variáveis da Classe de Análise revestimento (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

O mote principal de interpretação para esta pesquisa, que é norteado pelo fator religioso, não é percebido na interpretação destes dados como um fator influenciador em suas escolhas. Desta maneira, a classe de variáveis de revestimento, tem no fator econômico o seu principal critério definidor de utilização, podendo ser incorporado a este critério os aspectos funcionais, estéticos e de status social.

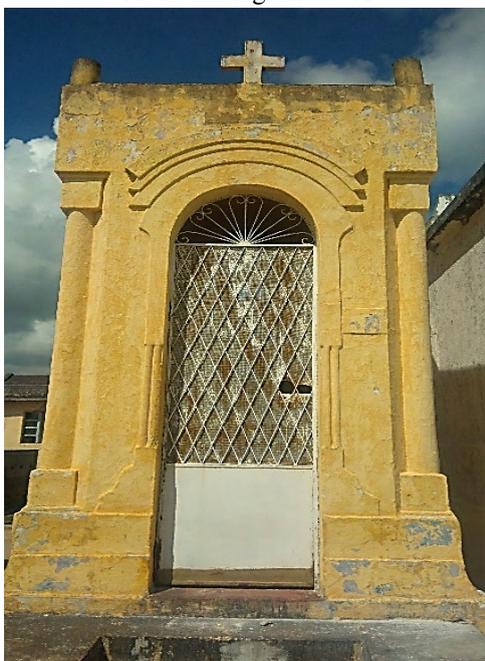
5.4 TENDÊNCIA ESTÉTICA ARQUITETÔNICA

Foi analisado nesta pesquisa um total de cinco variáveis englobadas na classe de Tendência Estética e Arquitetônica, são elas: Neoclássico, Eclético, *Art Déco*, Neogótico e a última classificada como Sem Estilo Arquitetônico Definido.

Nas **figuras 71 a 75** tem-se exemplos de cada uma destas variáveis, o que permite de forma contextual e comparativa entre as mesmas uma compreensão de sua distribuição entre os jazigos, para que mais adiante, possa-se fazer uma análise e interpretação quantitativa e contextualizada das mesmas no universo pesquisado.

Nos chama a atenção em primeiro momento um aspecto importante ao visualizar-se contextualmente as variáveis desta classe, é a expressão da variável Sem Estilo Arquitetônico Definido em comparação com as outras. Este aspecto está exposto na falta de incorporação de estilos arquitetônicos na construção, compondo-se apenas em edificações de formato geométrico retangular, até então, simplistas, nas quais não carregam assim o peso decorativo e simbólico de uma tendência estética.

Figura 71 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica Neoclássica. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1985. Ficha catalográfica - 12



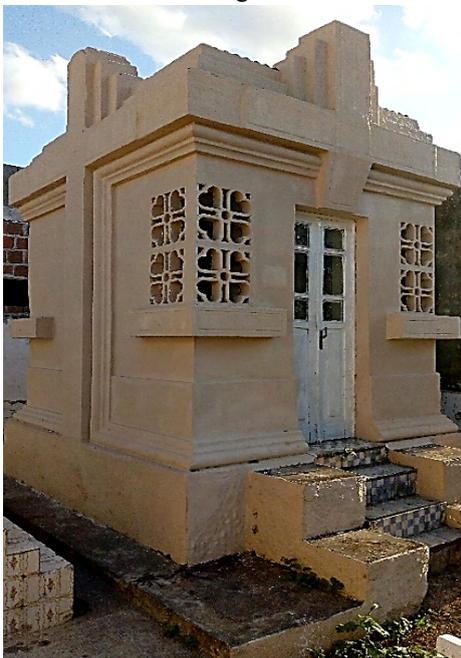
Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 72 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica Eclética. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1963. Ficha catalográfica - 24



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 73 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica Art Déco. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1947. Ficha catalográfica - 79



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 74 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica Neogótico. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1953. Ficha catalográfica - 25



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 75 - Contexto de edificação com Tendência Estética Arquitetônica / Sem Estilo Arquitetônico definido. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1958. Ficha catalográfica - 457

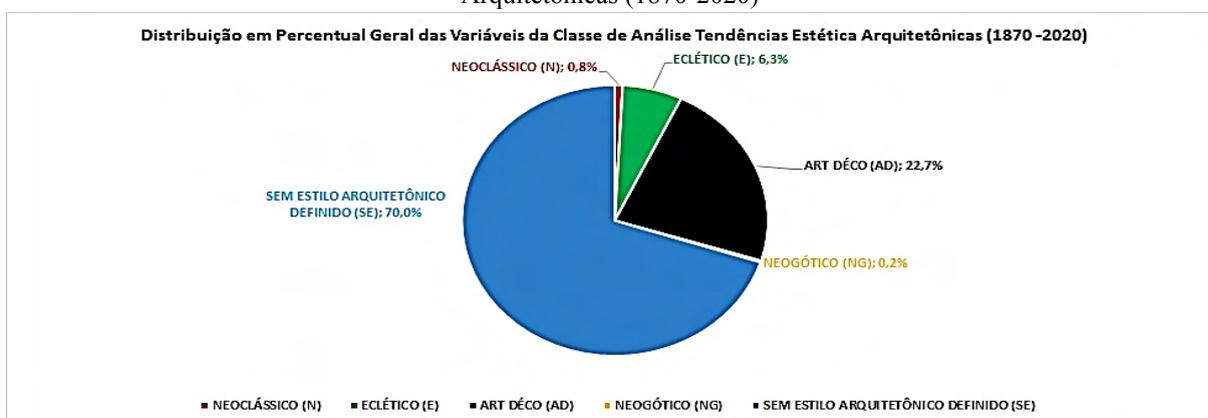


Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Algumas variáveis, como o *Art Déco* e Sem Estilo Arquitetônico Definido, estão presentes em mais de uma tipologia de jazigo. Relevante dado para a interpretação vindoura sobre o comportamento de escolhas de Tendência Estética e Tipologia.

Partindo de uma análise contextual, constata-se no **gráfico 26** um comportamento de escolha bastante desigual em suas totalidades percentuais. Tem-se claramente uma preferência pelas variáveis Sem Estilo Arquitetônico Definido com 70% de ocorrência e o *Art Déco* com 22,7% de ocorrência, que juntas somam 92,7% da preferência estética arquitetônica na amostra. Estes são seguidos com uma diferença expressiva em porcentagem de preferência pelo Eclético (6,3%) e as variáveis Neoclássico e Neogótico que juntas somam 1% de ocorrência.

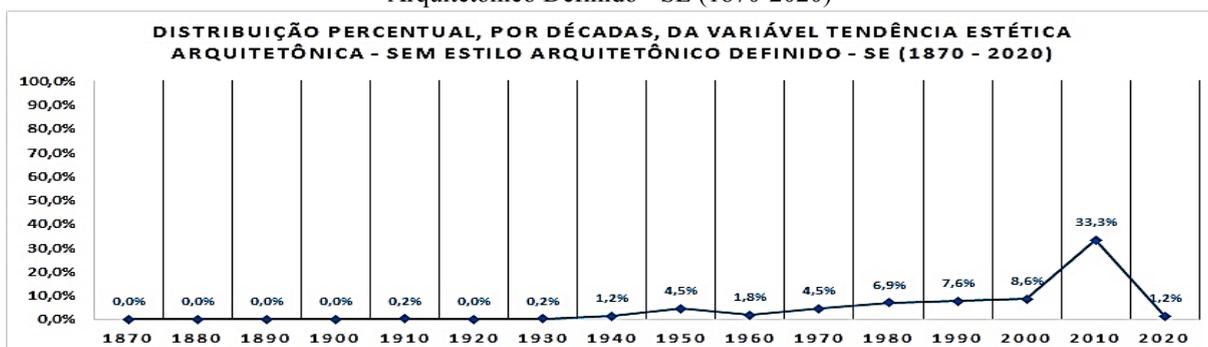
Gráfico 26 - Distribuição em Percentual Geral das variáveis da Classe de Análise Tendências Estéticas Arquitetônicas (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Este quadro de preferência pela não definição de um estilo arquitetônico na construção do jazigo (**Gráfico 27**) e pelo *Art Déco* demonstra uma preferência, em sua grande maioria, pela não utilização de estilos estéticos arquitetônicos e, em segundo momento, quando ocorre a escolha por um estilo, este é feito considerando uma escolha direcionada de acordo com linhas e ângulos simples em sua execução, ao mesmo tempo, que embelezam pelas suas formas escalonadas e geometrizadas.

Gráfico 27 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendências Estéticas Arquitetônicas - Sem Estilo Arquitetônico Definido - SE (1870-2020)

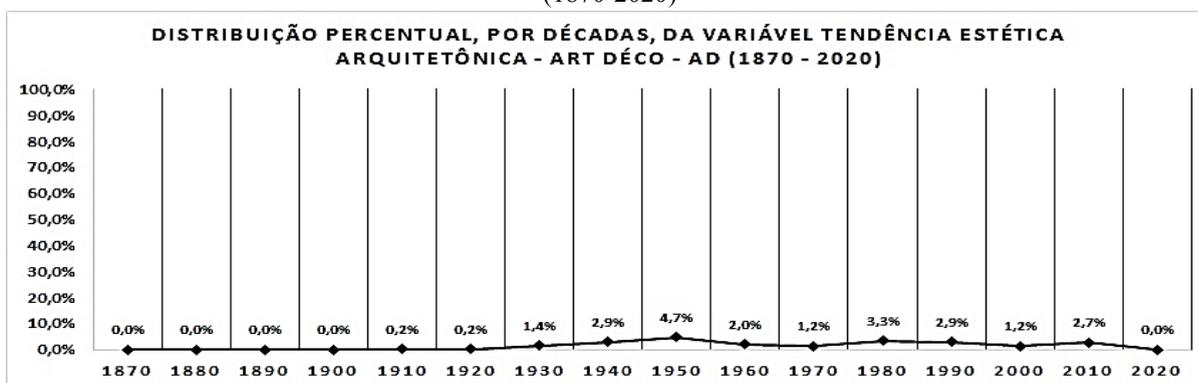


Fonte: Marcelo Hermínio.

Ainda de acordo com o **gráfico 27**, tem-se a preferência da construção de um jazigo sem levar em consideração uma tendência estética arquitetônica, desde a primeira década do século XX até a década de 2020. Sendo constatado, na década de 2010, um aumento considerável na preferência em construções de plantas geométricamente simples, sem a preocupação em orná-las.

Quando aparentemente existe uma preocupação na ornamentação arquitetônica na construção do jazigo, constata-se no **gráfico 28** que esta preferência é aplicada com a utilização do *Art Déco*. E comparando os mesmos **gráficos (27 e 28)** estas preferências ocorrem no mesmo espaço temporal.

Gráfico 28 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica - *Art Déco* - AD (1870-2020)



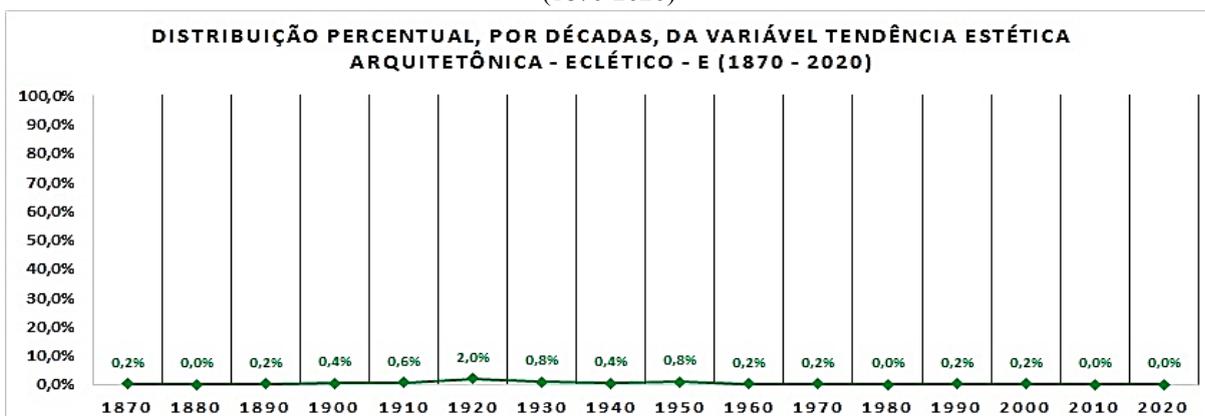
Fonte: Marcelo Hermínio.

Estas duas variáveis fornecem dados que constata, uma certa predileção social, pelo gosto estético arquitetônico funerário mais simples no transcorrer do século XX. Podemos inferir uma mudança da predileção no gosto estético arquitetônico quando nos deparamos com os dados dos gráficos que seguem (**29** ao **31**).

Estes, por sua vez, abordam, respectivamente, as variáveis: Eclético, Neoclássico e Neogótico. Os mesmos expõem em suas estruturas construídas gostos estéticos mais rebuscados em suas especificidades.

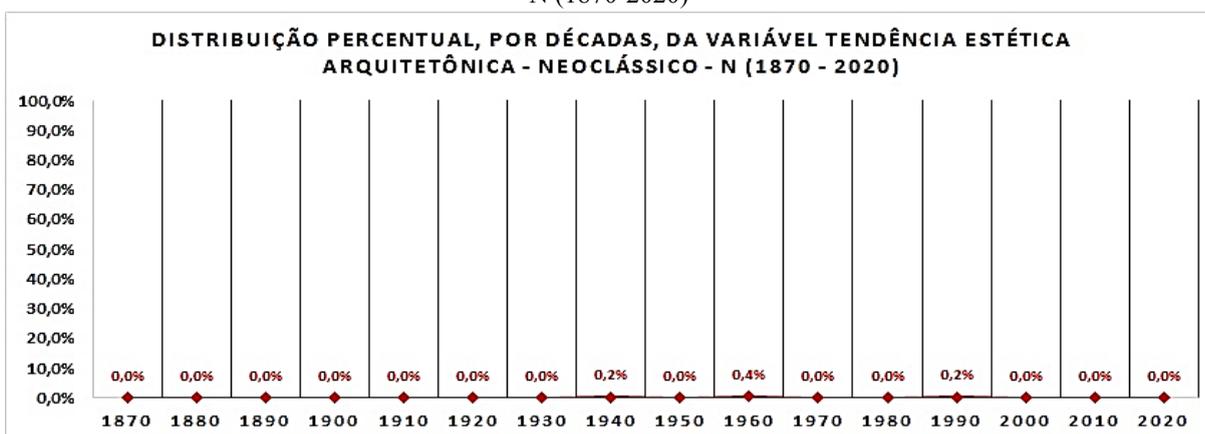
Destes apenas o Eclético está presente em uma certa continuidade cronológica em comparação ao Neoclássico e o Neogótico. Aliás, estes dois últimos correspondem a um percentual baixíssimo, dentro do universo pesquisado. Leva-nos a entender que a utilização de um rebuscamento estético na edificação de jazigos passou por um momento expressivo desde o final do século XIX e principalmente na primeira metade do XX com a preferência na utilização do Eclético, em detrimento do Neoclássico e do Neogótico, mas que foi perdendo aplicação na segunda metade do novecentos.

Gráfico 29 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica - Eclético - E (1870-2020)



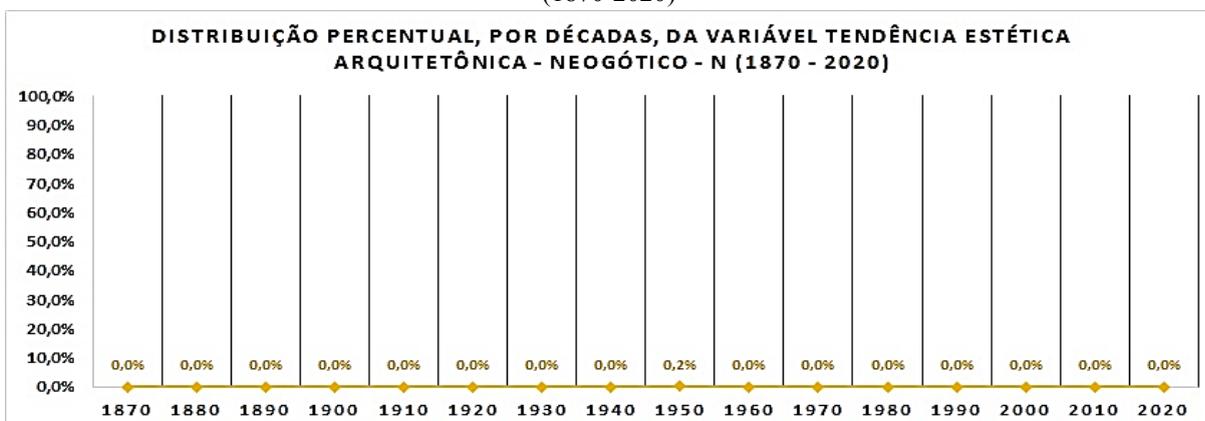
Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 30 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica - Neoclássico - N (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 31 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Tendência Estética Arquitetônica - Neogótico - N (1870-2020)

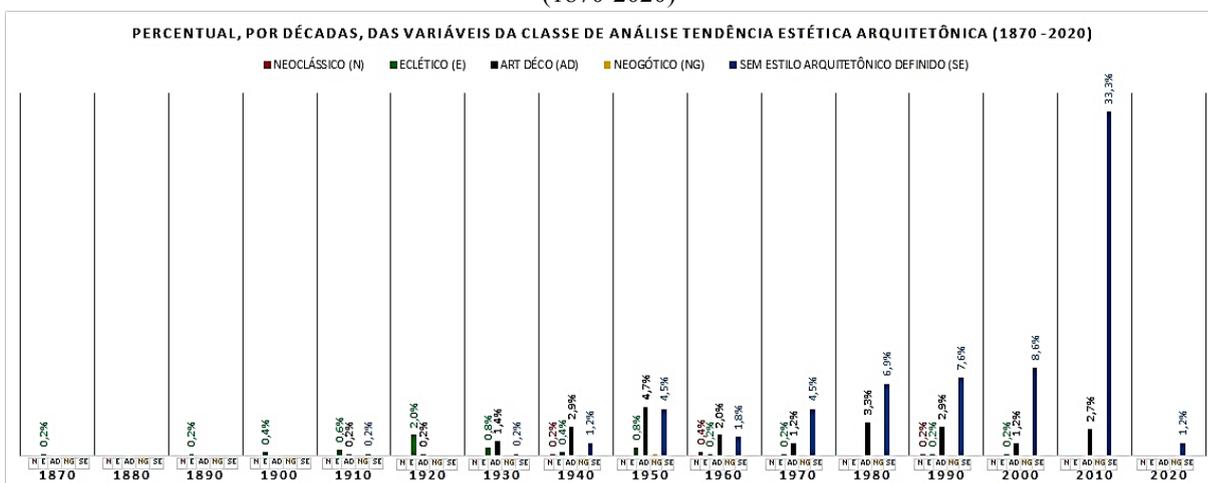


Fonte: Marcelo Hermínio.

Este rebuscamento na passagem do oitocentos para o novecentos também é perceptível com a utilização da tendência estética do *Art Déco*, sendo este o que permanecerá utilizado de forma contínua durante todo o século passado.

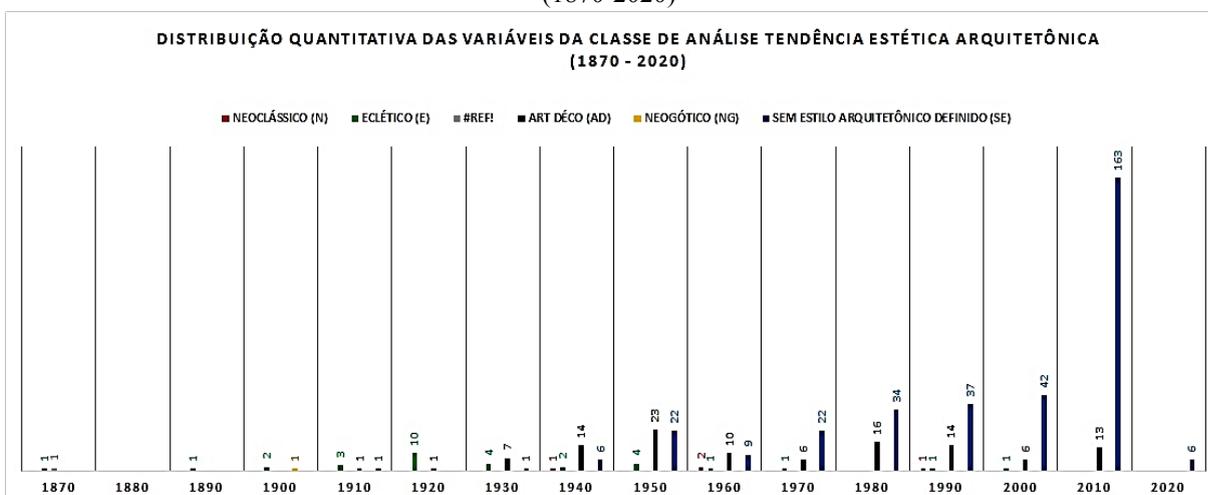
Logo, verifica-se a diminuição dos usos de tendências arquitetônicas mais rebuscadas com a preferência em uma tendência mais geométrica e pragmática em sua execução sem deixar de agregar beleza estética, a exemplo do *Art Déco*; além do total abandono de rebuscamento construtivo e estético arquitetônico, no caso das construções que não possuem um estilo arquitetônico definido, construídas apenas considerando desenhos de plantas geometricamente simples e ausência de ornatos estéticos.

Gráfico 32 - Percentual, por décadas, das Variáveis da Classe de Análise Tendências Estéticas Arquitetônicas (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 33 - Distribuição Quantitativa das Variáveis da Classe de Análise Tendências Estéticas Arquitetônicas (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Os **gráficos 32 e 33** nos passam a dimensão cronológica decenal do uso de cada uma das Tendências Estéticas Arquitetônicas de forma percentual e quantitativamente, reforçando a interpretação da mudança e substituição de Tendências Estéticas mais rebuscadas no transcorrer do século XX por aquelas que exigem menos rebuscamento estético, objetivando principalmente mais praticidade na sua execução e abandono dos elementos ornamentais.

Desta forma, atrelando este panorama ao contexto de mudanças na dinâmica religiosa pela qual a sociedade passa desde a secularização da religião, esta mudança de comportamento nas escolhas por uma Tendência Estética Arquitetônica mais simplista em seu estilo e utilização de ornamentos decorativos é uma consequente desta dinâmica no comportamento social refletido em sua prática funerária.

5.5 SÍMBOLOS

Os Símbolos constituem a última Classe de Variáveis analisadas neste trabalho. Um total de treze símbolos foram definidos como variáveis neste estudo considerando-se como critério definidor de observação dos mesmos a simbologia religiosa. Para este critério definidor foram considerados os símbolos identificados a partir da verificação *in loco* e conceitualizados de acordo com o **Quadro 12** do item 4.1. A seguir, as **Figuras 76 a 88** especificam os exemplares morfológicos destes Símbolos.

Figura 76 - Variável Símbolo – Cruz. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1924. Ficha catalográfica - 38



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 77 - Variável Símbolo – Crucifixo (Cristo Crucificado). Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 2005. Ficha catalográfica - 466



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 78 - Variável Símbolo – Altar. Tipologia:
Mausoléu Capela.
Cronologia mais recuada 1955.
Ficha catalográfica - 02



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 79 - Variável Símbolo – Sagrado Coração de Jesus. Tipologia: Mausoléu Capela.
Cronologia mais recuada 1958.
Ficha catalográfica - 45



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 80 - Variável Símbolo – Santos (as).
Tipologia: Mausoléu Capela.
Cronologia mais recuada 1925.
Ficha catalográfica - 20



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 81 - Variável Símbolo - Anjos. Tipologia:
Mausoléu Capela.
Cronologia mais recuada 1953.
Ficha catalográfica - 25



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 82 - Variável Símbolo – Rosário/Terço.
 Tipologia: Gaveta.
 Cronologia mais recuada 1988.
 Ficha catalográfica - 268



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 83 - Variável Símbolo – P.N. A.M (Pai Nosso Ave Maria). Tipologia: Mausoléu Capela.
 Cronologia mais recuada 1929.
 Ficha catalográfica - 724



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 84 - Variável Símbolo – Bíblia Sagrada.
 Tipologia: Mausoléu Capela.
 Cronologia mais recuada 1955.
 Ficha catalográfica - 02



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 85 - Variável Símbolo – Frases Bíblicas.
 Tipologia: Gaveta.
 Cronologia mais recuada 2016. Ficha catalográfica - 226



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 86 - Variável Símbolo – Símbolos Eucarísticos. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1966. Ficha catalográfica - 559



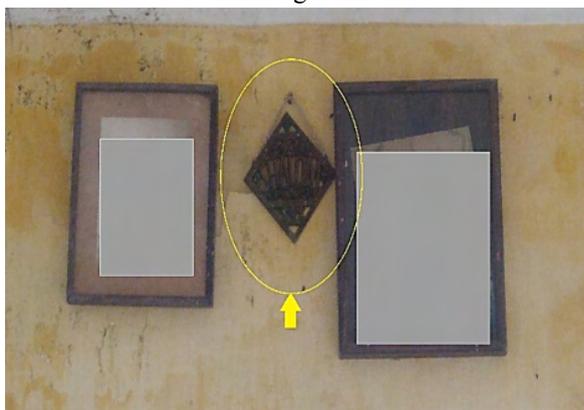
Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 87 - Variável Símbolo – Símbolo Astronômico. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1943. Ficha catalográfica - 36



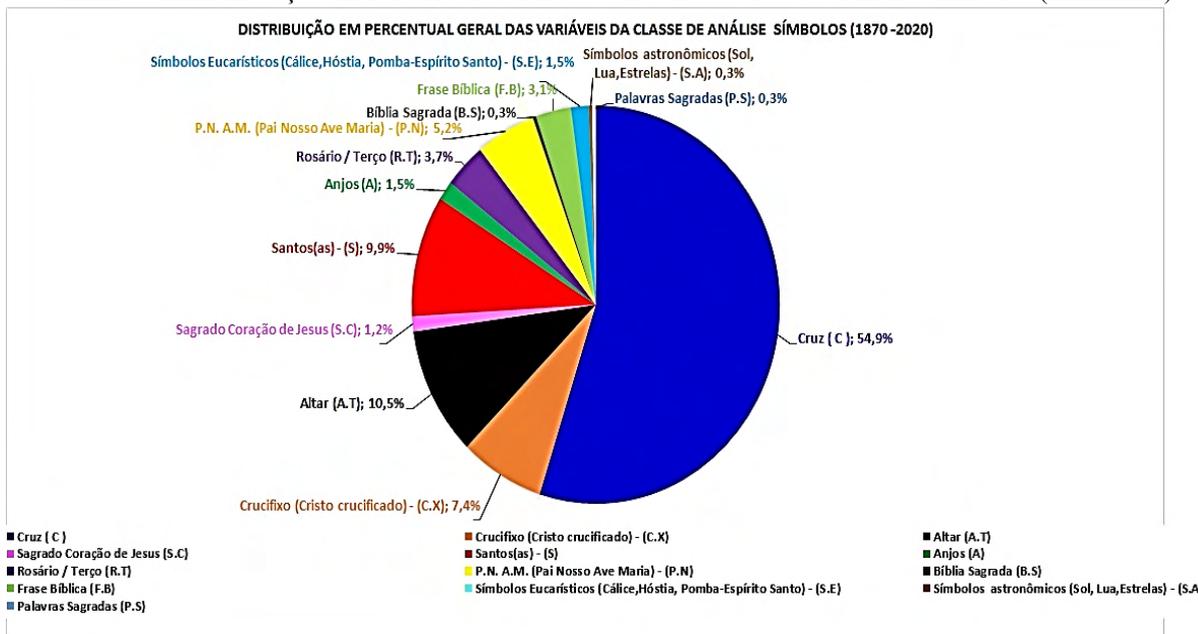
Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 88 - Variável Símbolo – Palavras Sagradas. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1943. Ficha catalográfica - 36



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

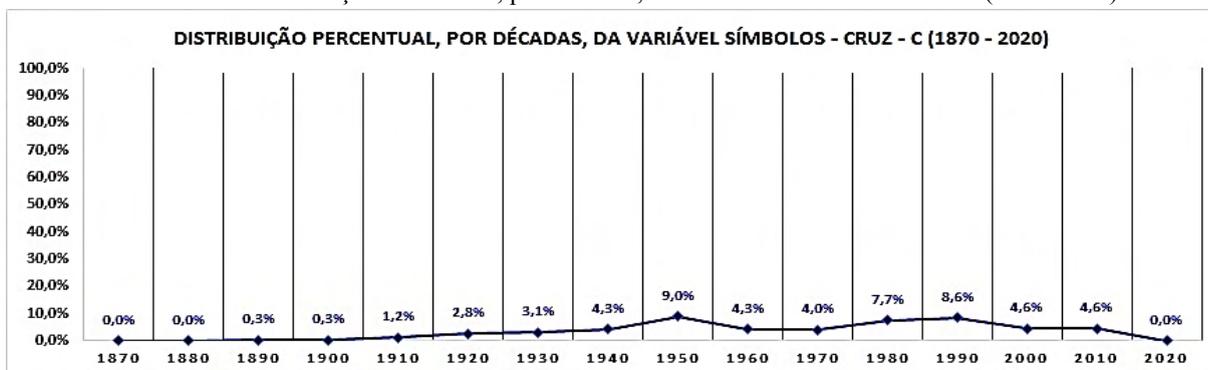
Com a observação e a interpretação dos dados expostos em gráficos, verifica-se no **gráfico 34** que apenas uma variável corresponde a 54,9% de ocorrência no universo desta pesquisa; portanto, demonstra que o símbolo Cruz está presente em mais da metade dos jazigos analisados.

Gráfico 34 - Distribuição em Percentual Geral das Variáveis da Classe de Análise Símbolos (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

Esta constatação a respeito do símbolo Cruz, leva-nos a inferir sua importância como representatividade simbólica religiosa; no caso, como uma representatividade cristã ao olharmos sob uma ótica contextualizada da mudança na dinâmica religiosa da sociedade, fato que se constata ainda com os dados censitários já expostos.

Esta variável simbólica, não está apenas presente em mais da metade do universo dos jazigos pesquisados, está também presente em praticamente todo o corte cronológico em estudo, desde o século XIX, passando por todo o século XX ininterruptamente e chegando até o século XXI (**Gráfico 35**).

Gráfico 35 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos Cruz - C (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

Importante ressaltar que está considerado a ocorrência do símbolo Cruz neste recorte cronológico em suas mais variadas representações. É possível encontrar-se o símbolo Cruz em

variadas matérias primas (como em metal, alvenaria, granito, etc.), em diferentes expressões morfológicas (gravadas em lápides, compondo a morfologia de gradis, de revestimentos, pintadas, etc.) O alto percentual de ocorrência e a sua alta variabilidade de formas e matéria prima, denota uma constante na preferência pela representação de uma simbologia cristã universalizada. Segue abaixo algumas **figuras (89 a 92)** que exemplificam esta variabilidade deste símbolo.

Figura 89 Variável Símbolo – Cruz.
Gravada nos vidros que compõem a janela da porta do jazigo. Tipologia: Mausoléu Capela.
Cronologia mais recuada 1947.
Ficha catalográfica - 09



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 90 - Variável Símbolo – Cruz.
Gravada em lápide de mármore. Tipologia: Gaveta.
Cronologia mais recuada 1924.
Ficha catalográfica - 565



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 91 - Variável Símbolo – Cruz.
Compõe: O gradil, estrutura e o topo do mesmo. Tipologia: Mausoléu Capela. Cronologia mais recuada 1939. Ficha catalográfica - 22



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Figura 92 - Variável Símbolo – Cruz. Cruz em cimento revestido em cerâmica e cruz no gradil. Tipologia: Túmulo. Cronologia mais recuada 1979. Ficha catalográfica - 122



Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Na **Figura 93** pode-se observar de forma contextual na paisagem cemiterial a variabilidade deste símbolo, tanto de sua utilização em diferentes tipologias de jazigos quanto em tipo de matéria prima para sua confecção. É de fato a variável simbólica predominante no contexto paisagístico do cemitério de São Sebastião.

Figura 93 - Variável Símbolo – Cruz. Contexto paisagístico cemiterial e a variabilidade de cruzes



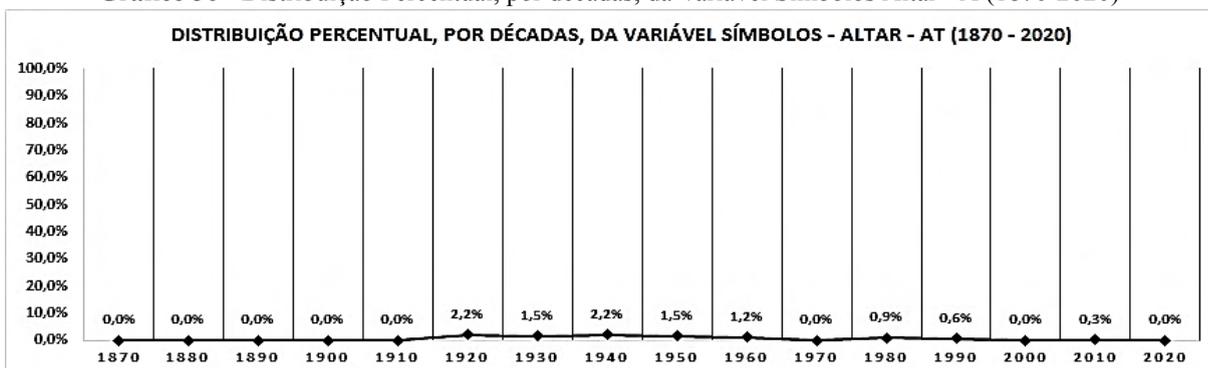
Fonte: Marcelo Hermínio, 2020

Seguindo uma ordenação decrescente dos percentuais, observa-se respectivamente as variáveis: Altar (10,5%), Santos (9,9%), Crucifixo (7,4%), P.N. A.M. (5,2%), Rosário/Terço (3,7%), Símbolos Eucarísticos (1,5%), Anjos (1,5%) e Sagrado Coração de Jesus (1,2%) correspondem a 40,9% do universo analisado.

Percebe-se que se trata de um contexto simbólico bastante diverso por tratar-se de vários símbolos cristãos e considerável por totalizar quase a metade das ocorrências em comparação com a variável Cruz.

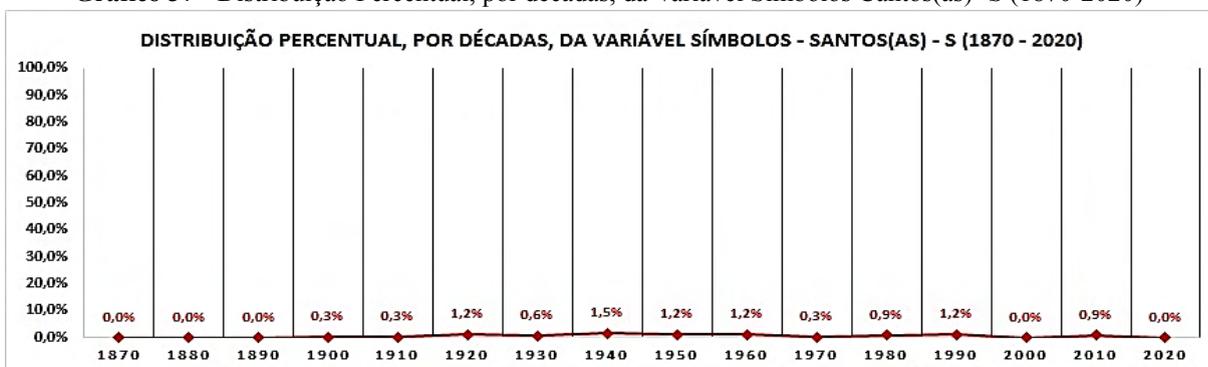
É importante, todavia, observar que este contexto simbólico cristão apesar de diversos é representativo de apenas uma denominação religiosa, o catolicismo. Ao observar os gráficos de distribuição percentual por décadas destas variáveis, será feito considerando as quatro primeiras com percentuais acima de 5%: Altar, Santos, Crucifixo, P.N. A.M.; nos gráficos que seguem (**36** ao **39**).

Gráfico 36 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos Altar - A (1870-2020)



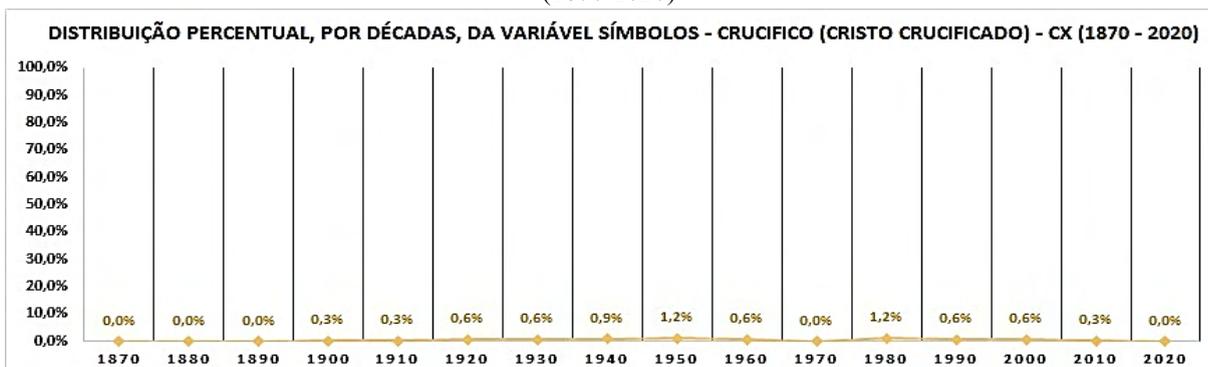
Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 37 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos Cantos(as) - S (1870-2020)



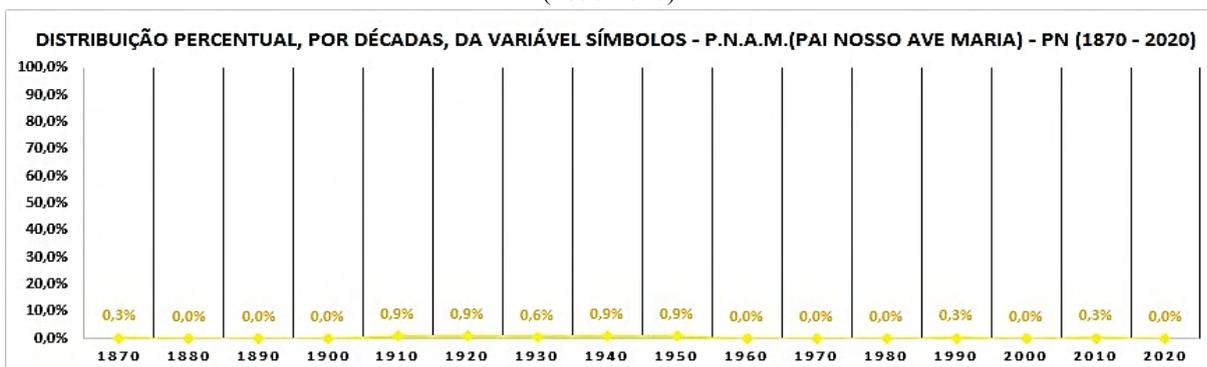
Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 38 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos Crucifixo (Cristo Crucificado) - CX (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 39 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos P.N. A.M. (Pai Nosso Ave Maria) - PN (1870-2020)



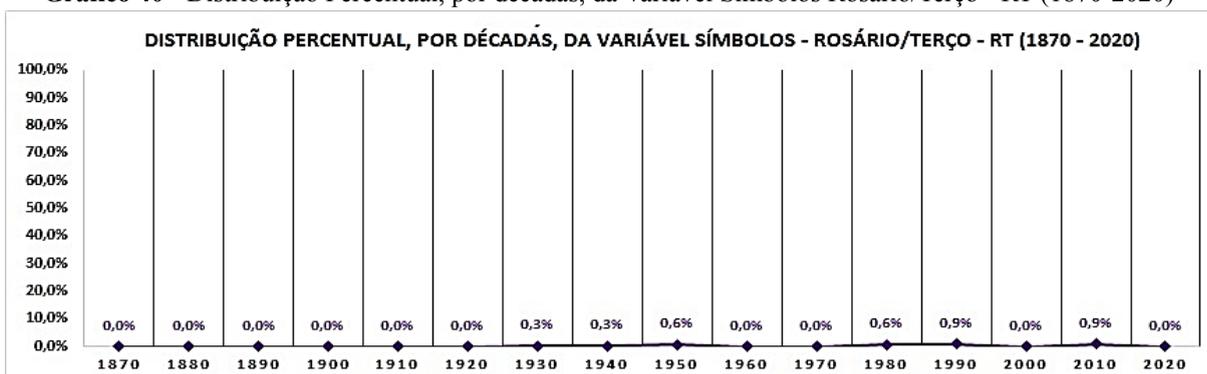
Fonte: Marcelo Hermínio.

A partir da observação destes gráficos, percebe-se que as variáveis: Altar, Santos, Crucifixo e P.N. A.M; que possuem dispersão consideravelmente uniforme durante o século XX. Porém, percebe-se que na primeira década do século XXI (2001 a 2010) estas variáveis não aparecem, com exceção da variável Crucifixo. Na segunda década deste século (2011 a 2020), estas quatro variáveis “reaparecem” nos dados.

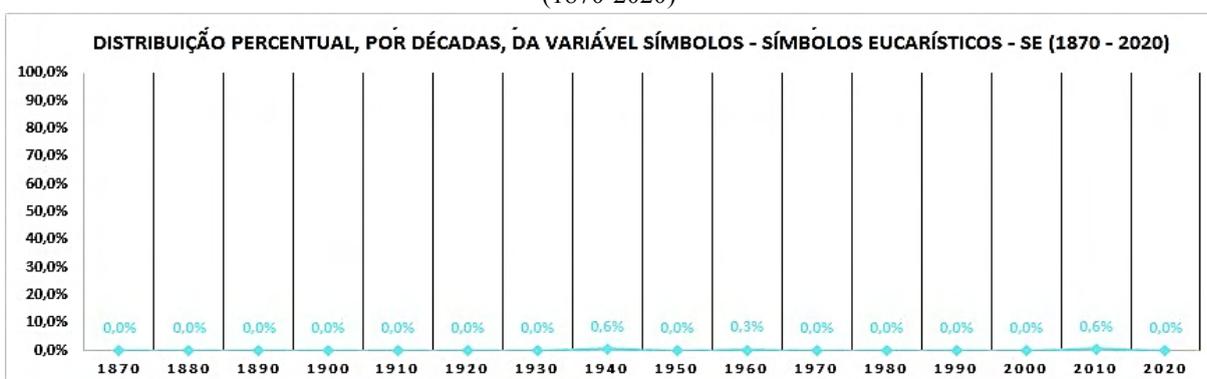
De certo, este comportamento na ocorrência destas variáveis na passagem do século XX para o XXI está ligada a intensificação da dinâmica religiosa verificada com os dados censitários neste mesmo período. Denota-nos um momento na primeira década do XXI de observância, por parte da sociedade, de seu próprio comportamento religioso. De fato, esta observância é percebida na própria bibliografia sobre o tema das religiões no censo demográfico, que tem principalmente nesta última década produzido muitas reflexões no âmbito acadêmico, sobretudo no que foi exposto pelos dados do censo de 2010.

Por sua vez, as variáveis Rosário/Terço, Símbolos Eucarísticos, Anjos e Sagrado Coração de Jesus aparecem em ocorrência um pouco menor se comparado com as quatro variáveis anteriores. Tem-se, nos gráficos a seguir (40 ao 43), as distribuições em percentuais destas variáveis por décadas.

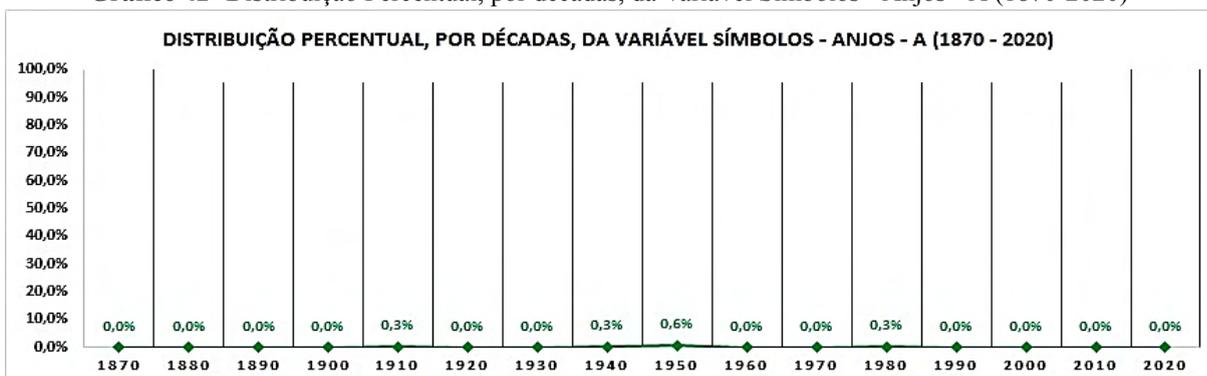
Nestes, percebe-se uma ocorrência destas variáveis em todo o século XX, mas de uma forma mais dispersa entre as décadas, especialmente no transcorrer da segunda metade deste século. Duas destas variáveis praticamente não aparecem desde a década de 1960, os Anjos e o Sagrado Coração de Jesus, seguidos também por uma diminuição considerável no uso do símbolo: Símbolos Eucarísticos. A utilização do Rosário/Terço, apesar de sua lacuna nas décadas de 1960 e 1970, aparecem mais em ocorrências quando comparados aos três anteriores, denotando uma certa permanência no uso ritual católico mais popular destes símbolos.

Gráfico 40 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos Rosário/Terço - RT (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

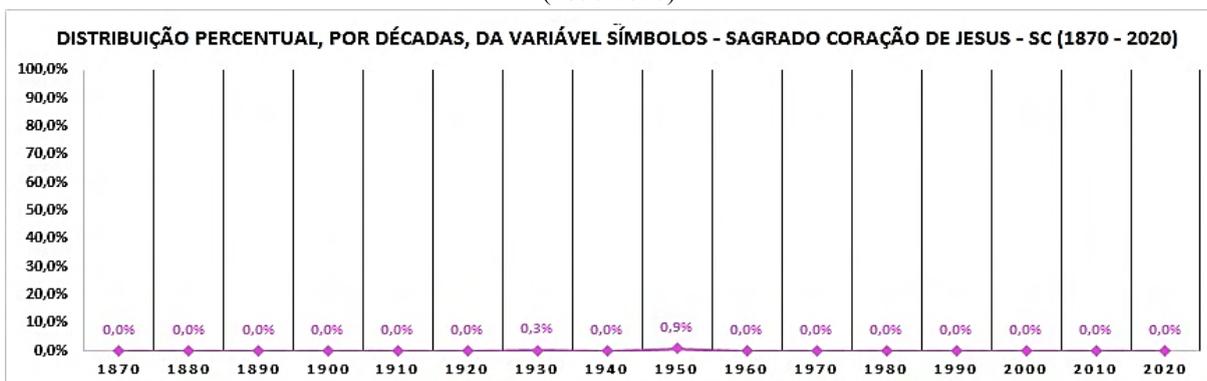
Gráfico 41 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos - Símbolos Eucarísticos - SE (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 42 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos - Anjos - A (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 43 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos - Sagrado Coração de Jesus - SC (1870-2020)

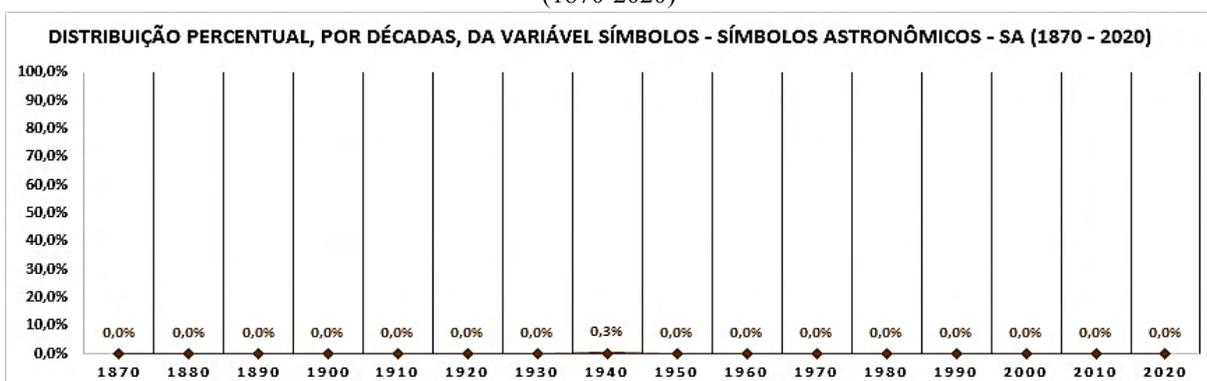


Fonte: Marcelo Hermínio.

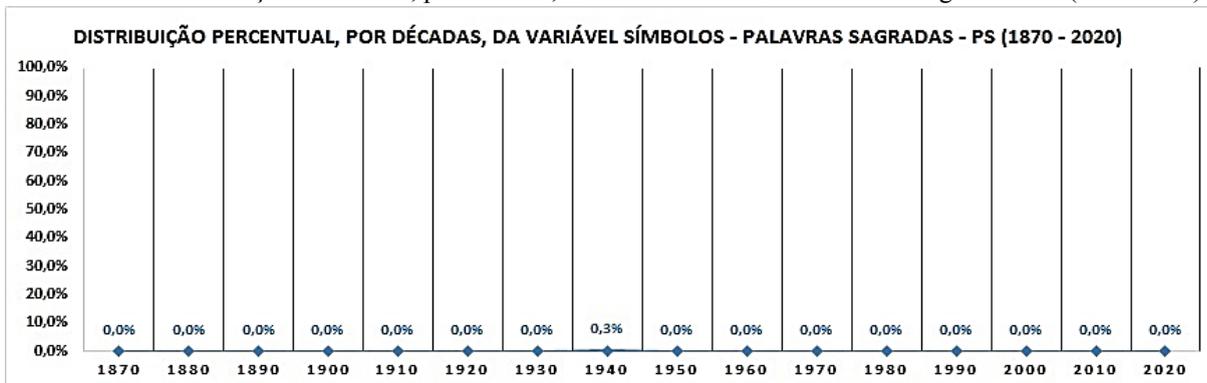
O que nos mostra, no entanto, estas seis variáveis elencadas acima é a sua contextualização direta com o rito católico. Estas variáveis simbólicas são estritamente ligadas à representação expressiva da simbologia do rito católico. Ressalta-se que, ao observar-se estas variáveis, que se considera as mesmas no contexto ao qual se encontram nos jazigos, o que não chega a denotar sincretismo religioso, apenas a prática do rito católico, a exemplo da **figura 78**.

As variáveis Símbolos Astronômicos (0,3%) e Palavras Sagradas (0,3%) estão presentes em um percentual baixíssimo dentro do universo analisado (**Gráficos 44 e 45**), sendo as mesmas com denotação de utilização por outras práticas ritualísticas religiosas. Esta denominação foi identificada como sendo o Judaísmo, pois estas variáveis encontram-se em um único jazigo catalogado (**Ficha catalográfica 36**), cujo mesmo possui um forte simbolismo judaico expressos pelas presenças da Estrela de Cinco Pontas - Estrela de Davi – (**Figura 87**) e a Palavra Sagrada Shalom (**Figura 88**), que se trata de uma palavra muito utilizada pelo judaísmo como saudação entre os seus seguidores.

Gráfico 44 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos - Símbolos Astronômicos - SA (1870-2020)



Fonte: Marcelo Hermínio.

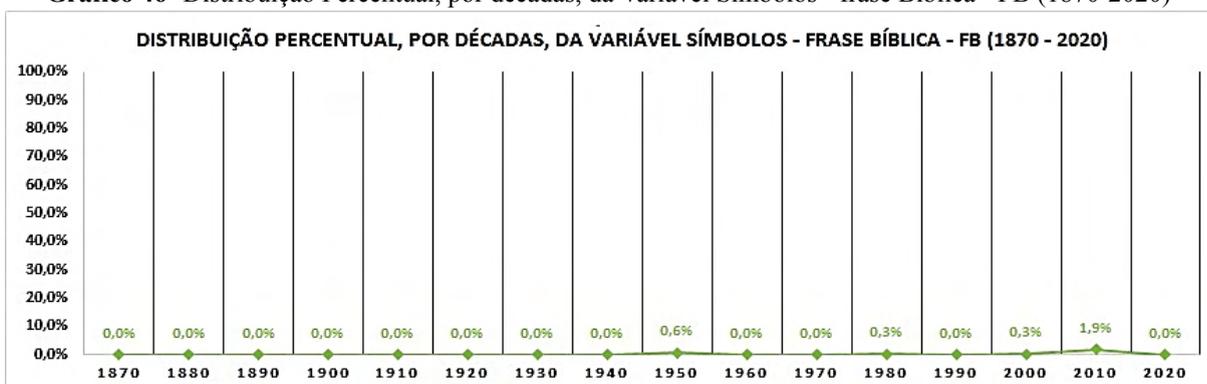
Gráfico 45 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos - Palavras Sagradas - PS (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

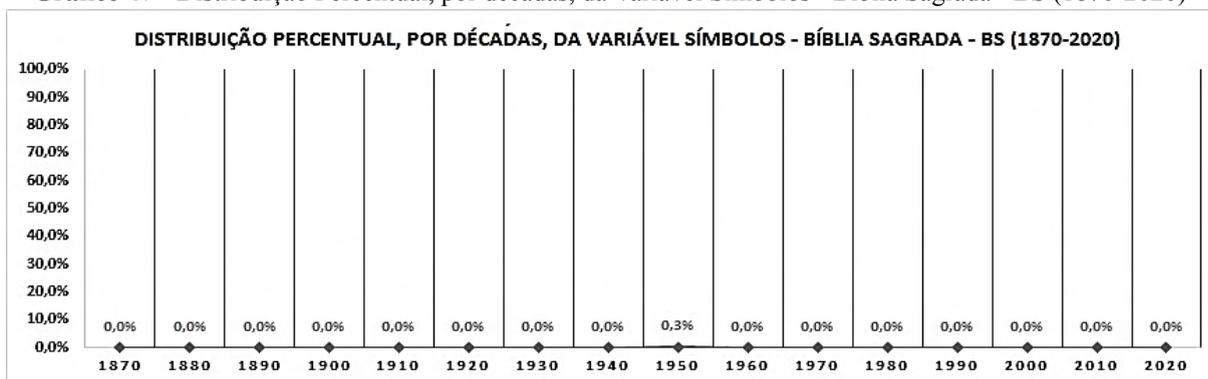
As variáveis Frases Bíblicas (3,1%) e Bíblia Sagrada (0,3%) somam um pequeno percentual de 3,4% no universo, por sua vez, possuem uma conotação claramente cristã, mas que não pode ser direcionada a uma determinada denominação religiosa específica sem submeter-se a uma leitura contextualizada do jazigo, podendo ser: católica, evangélica, ou outra denominação cristã.

Em se tratando de suas ocorrências no corte cronológico estudado (**Gráficos 46 e 47**), percebe-se claramente uma maior utilização da variável Frases Bíblicas a partir da década de 1950, com uma maior utilização da década de 1980 a 2010. Mostra-nos uma utilização de forma pontual no transcorrer do século XX, quando comparada com as outras variáveis cristãs que aparecem ainda em algum momento na primeira metade do século XX.

A variável Bíblia Sagrada, aparece apenas em um exemplar catalogado (**Ficha catalográfica 02**), com datação de 1955. Sendo, desta forma, um símbolo também de utilização em meados do século XX de denotação cristã, mas que em seu contexto, expõe uma representação católica pelo conjunto no qual está inserido (**Figura 84**).

Gráfico 46 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos - frase Bíblica - FB (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

Gráfico 47 - Distribuição Percentual, por décadas, da Variável Símbolos - Bíblia Sagrada - BS (1870-2020)

Fonte: Marcelo Hermínio.

Considerando a análise dos dados sobre as práticas funerárias religiosas nos jazigos do cemitério de São Sebastião apresentadas nesta seção (e suas respectivas subseções) em alinhamento com os **quadros 04 e 05**, que norteiam a estrutura desta análise, tem-se em seus resultados interpretativos subsídios necessários para a elaboração das conclusões confluindo para um melhor aporte de conhecimento acerca das mudanças das representações religiosas na prática funerária em Vitória de Santo Antão, em um espaço cronológico, de quase 150 anos de mudanças sociais.

6 CONSIDERAÇÕES

Chegando aos trâmites interpretativos finais desta tese, verifica-se que o Brasil desde meados do século XIX, vem passando por mudanças de forma expressiva e intensa nos mais variados aspectos da sociedade, dentre eles o mote desta pesquisa que é o aspecto religioso.

Este aspecto é aqui abordado com o intento de interpretar sua dinâmica constatada em dados estatísticos censitários desde 1872, até o momento atual, e compreendê-la como resultado direto também de mudanças constantes da própria sociedade.

Não obstante a este aporte histórico mais amplo no que concerne aos dados nacionais, buscou-se direcionar a análise e conseqüente interpretação para um contexto regionalizado, expresso na busca de informações históricas desta temática, no estado de Pernambuco, e conseqüentemente, no município de Vitória de Santo Antão.

Verificou-se que os dados censitários sobre a dinâmica religiosa nestas três esferas são simétricos, como demonstra-se nos **gráficos 01, 02 e 03**; nos quais se verifica uma tendência deste comportamento dinâmico religioso censitário expondo uma mudança considerável neste quadro desde a secularização religiosa com o advento da República, ou seja, uma mudança no panorama dominado pelo catolicismo como religião oficial do Brasil, mas que no transcorrer do século XX, até o último censo de 2010, vem demonstrando uma queda considerável na escolha desta denominação religiosa, por parte da população.

Em contraponto, tem-se nos dados censitários religiosos o aumento de outras religiões também cristãs, principalmente o Protestantismo e o Espiritismo. Além disso, vê-se um aumento bastante considerável dos que se denominam não possuir religião.

Logo, sabendo que as religiões possuem suas diversas visões acerca do fenômeno da morte, evidentemente estas mudanças na religiosidade de alguma maneira interferem também em sua prática e, por sua vez, representada na cultura material produzida por esta.

Tendo como sítio pesquisado o Cemitério Municipal de São Sebastião, em Vitória de Santo Antão – PE, e seus jazigos como objetos vestigiais analisados em toda sua composição, chega-se a alguns pontos a serem discutidos sobre prática funerária neste cemitério e suas representações das mudanças na sociedade resultantes desta dinâmica religiosa.

Desta maneira, consideramos os pontos discursivos a seguir para redação da conclusão.

6.1 AS CLASSES DE VARIÁVEIS DE ALVENARIA E REVESTIMENTO NA REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA NOS JAZIGOS

Das cinco classes de variáveis apresentadas nesta tese, a Alvenaria e o Revestimento não expressaram uma ligação direta que denota serem frutos de definições e escolhas de ritos e práticas funerárias, a partir de predileções religiosas.

Quando, ao analisar os dados quantitativos e percentuais destas duas classes de variáveis, pode-se concluir que a variável alvenaria é a expressão de um reflexo diretamente voltada ao fator econômico e de escolha de materiais. Desta maneira, o tijolo é o principal material construtivo presente na alvenaria dos jazigos em todo o corte cronológico, diferenciando-se apenas em sua morfologia em momentos históricos distintos que, por sua vez, se explica pela dinâmica tecnológica e econômica na produção, comercialização e aplicação deste material.

Em relação a classe de variáveis Revestimento, conclui-se sua aplicação material também pela mesma ótica da classe Alvenaria, ou seja, ela também tem na economia o critério que define sua escolha e sua utilização. Além deste critério, pode-se agregar a esta percepção os aspectos funcionais, estéticos e de status social para escolha e a utilização dos Revestimentos, mas, sendo mote desta tese, o aspecto dinâmico religioso e suas representações, estes outros critérios não são objetivos de discussão nesta pesquisa, no entanto não descartadas, podendo-o ser objetivos em pesquisas futuras.

Com a apresentação deste primeiro ponto apresenta-se a discussão voltada para as outras três classes de variáveis: Tipologia, Tendência Estética Arquitetônica e Símbolos. Estas classes e suas variáveis serão apresentadas de forma a dialogarem entre si.

6.2 A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA NA UTILIZAÇÃO DE GAVETAS, TÚMULOS E BANHEIRA PREDOMINANTEMENTE, SEM ESTILO ARQUITETÔNICO DEFINIDO

Neste segundo ponto, será considerado a relação entre os dados percentuais das variáveis das classes Tipologias e Tendências Estéticas Arquitetônicas (**Tabela 01**). Ao relacionar os dados percentuais da **tabela 01**, percebe-se dois momentos cronológicos bastante distintos, o primeiro que vai de 1870 até 1940 e o segundo, de 1950 até 2020.

Tabela 1 - Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tipológicas e de Tendências Estéticas Arquitetônicas

| ASSOCIAÇÃO DE DADOS PERCENTUAIS ENTRE AS VARIÁVEIS TIPOLÓGICAS E DE TENDÊNCIAS ESTÉTICAS ARQUITETÔNICAS | | | | | | | | | | | | |
|---|------------------------|---------------------------|------------|--------------|----------|------------|--------------|----------------------------------|----------|----------|-----------|-----------------------------------|
| CRONOLOGIA | TIPOLOGIAS | | | | | | | TENDÊNCIA ESTÉTICA ARQUITETÔNICA | | | | |
| | MAUSOLÉU - CAPELA (MC) | MAUSOLÉU - MONUMENTO (MM) | TÚMULO (T) | BANHEIRA (B) | COVA (C) | GAVETA (G) | OSSUÁRIO (O) | NEOCLÁSSICO | ECLÉTICO | ART DÉCO | NEOGÓTICO | SEM ESTILO ARQUITETÔNICO DEFINIDO |
| 1870 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1880 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1890 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1900 | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,4% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1910 | 0,2% | 0,4% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,6% | 0,2% | 0,0% | 0,2% |
| 1920 | 1,4% | 0,4% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,4% | 0,0% | 2,0% | 0,4% | 0,0% | 0,0% |
| 1930 | 1,2% | 0,4% | 0,6% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,8% | 1,4% | 0,0% | 0,2% |
| 1940 | 2,2% | 0,0% | 0,6% | 0,2% | 0,0% | 1,4% | 0,2% | 0,2% | 0,4% | 2,9% | 0,0% | 1,2% |
| 1950 | 2,0% | 1,2% | 3,2% | 1,4% | 0,0% | 2,0% | 0,2% | 0,0% | 0,8% | 4,7% | 0,2% | 4,5% |
| 1960 | 1,4% | 0,6% | 0,6% | 0,8% | 0,0% | 1,0% | 0,0% | 0,4% | 0,2% | 2,0% | 0,0% | 1,8% |
| 1970 | 0,6% | 0,4% | 1,8% | 1,0% | 0,0% | 2,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 1,2% | 0,0% | 4,5% |
| 1980 | 0,6% | 0,2% | 2,8% | 2,4% | 0,2% | 4,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 3,3% | 0,0% | 6,9% |
| 1990 | 0,8% | 0,0% | 2,8% | 2,6% | 0,6% | 4,4% | 0,0% | 0,2% | 0,2% | 2,9% | 0,0% | 7,6% |
| 2000 | 0,4% | 0,0% | 2,6% | 0,8% | 0,2% | 6,3% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 1,2% | 0,0% | 8,6% |
| 2010 | 0,0% | 0,0% | 2,0% | 1,2% | 0,0% | 32,3% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 2,7% | 0,0% | 33,3% |
| 2020 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 1,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 1,2% |

Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

Assim, percebe-se que no primeiro momento, duas variáveis de Tendência Estética Arquitetônica que se destacam, o Eclético e o *Art Déco*, sendo em terceiro o Sem Estilo Arquitetônico. Percentualmente, até os anos 1900, o Eclético é dominante como Tendência Estética Arquitetônica, diretamente utilizado na edificação das três tipologias ocorridas neste período: o Mausoléu Capela, o Mausoléu Monumento e o Ossuário.

Com o início do século XX, o Eclético e o *Art Déco* ainda permanecem como sendo as Tendências Estéticas Arquitetônicas preferenciais, no entanto, vê-se a ocorrência modesta do Neoclássico e da Tendência que aqui está classificada como Sem Estilo Arquitetônico Definido.

Neste mesmo período temos a continuidade da ocorrência das Tipologias do Mausoléu Capela, do Mausoléu Monumento e do Ossuário, mas se verifica aqui a ocorrência de mais três tipologias: o Túmulo, a Banheira e a Gaveta que, por sua vez, ocorrem em consonância com a variável Sem Estilo Arquitetônico Definido.

A partir da década de 1950, inicia-se um processo que podemos perceber ser inversos ao primeiro momento aqui demonstrado, começa-se a diminuir os percentuais de utilização das tipologias Mausoléu Capela, Mausoléu Túmulo e Ossuário e aumentam, de forma considerável, as ocorrências das variáveis Gaveta, Túmulo, Banheira; aparecem também nos dados a tipologia Covas, no entanto em percentual muito pequeno em comparação aos dados das outras variáveis.

Ao mesmo tempo, as variáveis de Tendências Estéticas Arquitetônicas também sofreram mudanças, verifica-se a diminuição nos percentuais do Eclético, de um aumento do *Art Déco*, mas este em nada comparado ao aumento consideravelmente alto do Sem Estilo Arquitetônico Definido.

Esta mudança nas escolhas Tipológicas e nas Tendências Estéticas Arquitetônicas, mostra-nos que ocorre uma transformação na predileção social. Está demonstrado claramente que uma preferência clara na passagem do século XIX para o XX está norteada pela construção de jazigos mais pomposos com um rebuscamento arquitetônico harmonizado por um estilo mais elaborado, no caso o Eclético.

Certamente é uma escolha sob o prisma do status social, não podemos nos abster desta constatação, muito forte na sociedade da época, arraigada por influência de costumes europeus; no entanto sem perder o foco desta tese que tem como objetivo principal a compreensão das representações da dinâmica religiosa na cultura material da prática funerária, deixa-se aqui este mote para futuras pesquisas que podem proporcionar excelente colaboração ao conhecimento acerca das práticas funerárias.

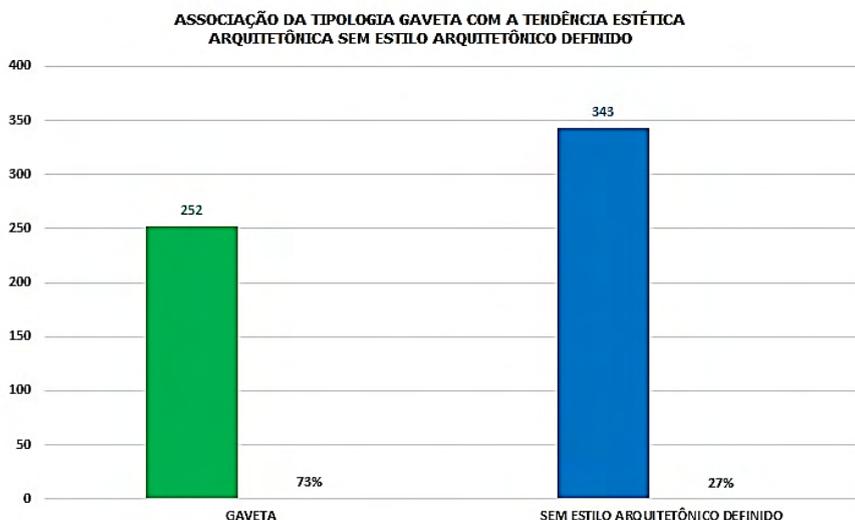
Sob o prisma da análise desta pesquisa, esta mudança constatada nas variáveis das Tipologias e das Tendências Estéticas Arquitetônicas em toda a cronologia analisada demonstra-nos que a dinâmica religiosa pela qual passa a sociedade desde o início do processo de secularização e liberdade religiosa influenciou também no comportamento de como a sociedade expressa suas representatividades de culto na prática funerária, uma vez que as diversas religiões têm suas interpretações e crenças a respeito do fenômeno da morte.

Estas interpretações e crenças são representadas na cultura material da prática funerária com a mudança de jazigos do tipo Mausoléu Capela com uma Tendência Estética Arquitetônica Eclética, fazendo uma ligação religiosa representada pela construção de jazigos o mais próximo possível das características arquitetônicas dos templos católicos, expressando a influência desta religião na passagem do século XIX e na primeira metade do XX.

Em detrimento desta característica constatada, a partir de meados do século XX as Tipologias Gaveta, Túmulo e Banheira terão um aumento considerável associado à aplicação das Tendências Estéticas arquitetônicas *Art Déco* e principalmente Sem Estilo Arquitetônico Definido.

Das tipologias, a Gaveta terá a maior ocorrência neste período como também a que se enquadram como Sem Estilo Arquitetônico Definido. Em um total de 272 jazigos Gavetas, 252 não possui uma definição em seu estilo arquitetônico, equivalente a 73% do total de Gavetas que se enquadram nesta condição de sem estilo arquitetônico (**Gráfico 48**).

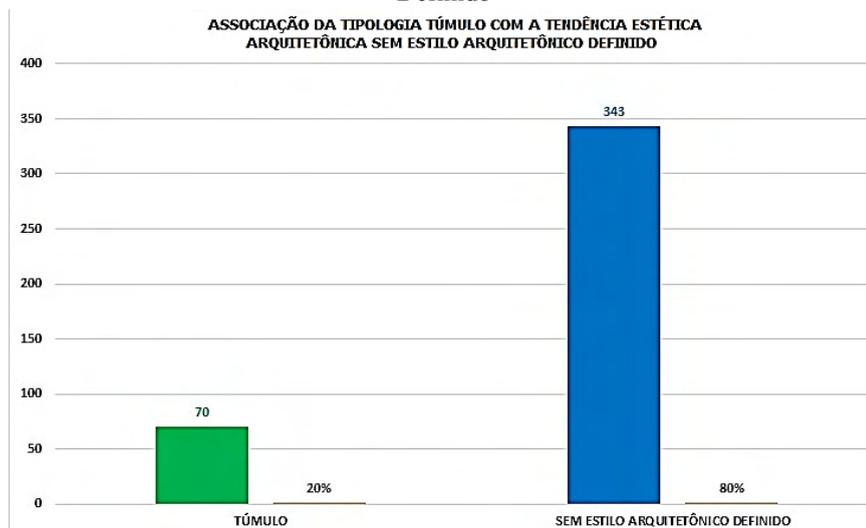
Gráfico 48 - Associação da Tipologia Gaveta com a Tendência Estética Arquitetônica sem Estilo Arquitetônico Definido



Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

Esta nova configuração na predileção tipológica e estética arquitetônica denota uma diminuição da preocupação em expressar representações religiosas na construção dos novos jazigos. Estes são construídos levando em consideração critérios mais simples em sua execução, que mostra não precisar de muito rebuscamento arquitetônico, com elementos simples em suas plantas e suas formas geométricas.

Gráfico 49 - Associação da Tipologia Túmulo com a Tendência Estética Arquitetônica Sem Estilo Arquitetônico Definido



Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

Esta configuração é seguida pela tipologia Túmulo (**Gráfico 49**), onde do total de 86 Túmulos catalogados, 70 são Sem Estilo Arquitetônico Definido, o que equivale a 20% do percentual desta Tendência Estética Arquitetônica.

Certamente, este é um aspecto importante que reflete as representações religiosas sobre a prática funerária, especificamente no que se enquadra na edificação do jazigo em si, no qual perde a importância de possuir nele próprio as características religiosas, pois as religiões em ascensão, constatado na evolução dos dados censitários, não veem no fenômeno da morte a necessidade de representações materialistas, por esta representar em suas crenças, de fato, a finalização de uma trajetória material do indivíduo ali sepultado.

Com a definição desta predileção por Gavetas, Túmulos e Banheira com uma Tendência Estética Arquitetônica predominantemente Sem Estilo Arquitetônico Definido, que denotam uma representação direta da ascensão de outras religiões cristãs, em detrimento do catolicismo, debruça-se agora para compreensão do comportamento dos Símbolos em relação a estas Classes de Variáveis.

6.3 A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA SIMBÓLICA EM RELAÇÃO ÀS CLASSES DE VARIÁVEIS TIPOLOGIA E TENDÊNCIA ESTÉTICA ARQUITETÔNICA

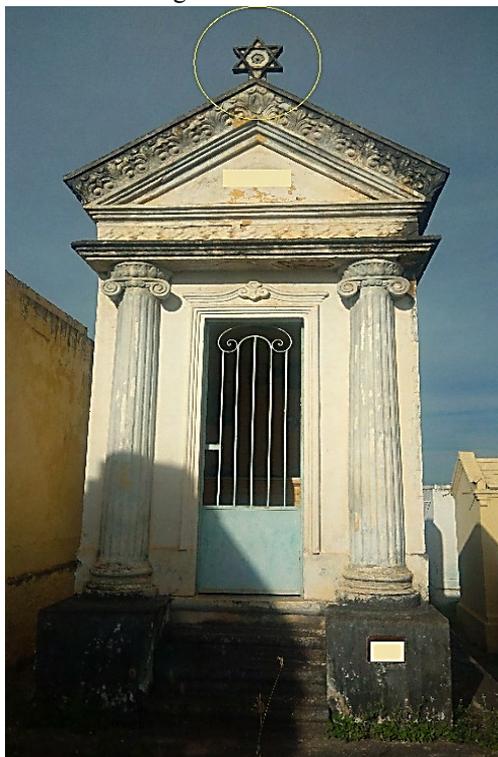
A partir das variáveis desta pesquisa é necessário para uma interpretação da Classe de Variáveis Simbólicas e suas relações com outras classes de variáveis, que esteja subdividida em três partes: Símbolos Católicos, Símbolos Cristãos e Símbolos Não Cristãos.

Os símbolos considerados aqui como Não Cristãos são: Símbolos Astronômicos e as Palavras Sagradas. São assim considerados porque obteve-se como resultado a ocorrência destas variáveis em apenas um jazigo, sendo este claramente erguido por família de tradição religiosa judaica.

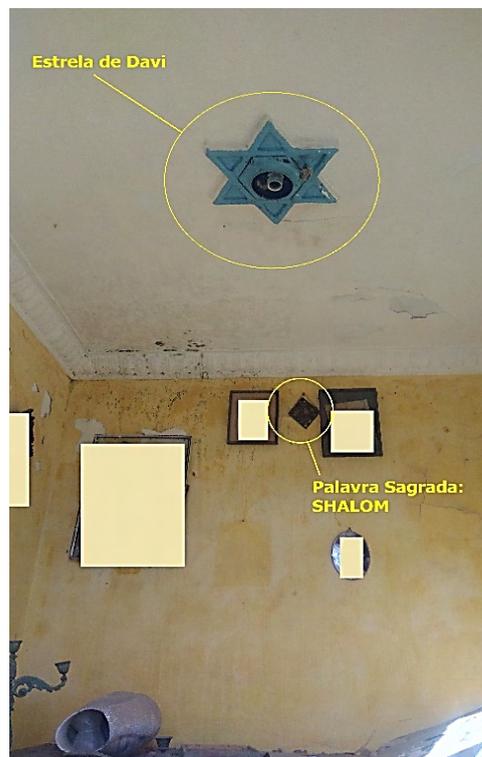
São estes um Símbolo Astronômico representado especificamente por um hexagrama - estrela de seis pontas -, que na tradição judaica é chamada de Estrela de Davi e uma Palavra Sagrada *Shalom*, que nesta mesma tradição religiosa possui uma denotação de saudação positiva (**Figuras 87 e 88** mais **94 e 95**).

Figura 94 - Ficha catalográfica – 36 –

Cronologia mais recuada 1943.



Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Figura 95 - Ficha catalográfica – 36

Fonte: Marcelo Hermínio, 2019

Sendo este exemplar (**ficha catalográfica 36**) o único com ocorrência destas variáveis, pode-se concluir acerca destas que os símbolos que mais se destacaram foram os que estão ligados diretamente ao catolicismo e os símbolos cristãos⁴⁰, onde estes últimos, por sua vez, caracterizam-se por uma abrangência ritualística entre várias religiões ditas cristãs.

Além disso, é importante considerar a associação da Classe Simbólica com as Classes de Variáveis Tipologia e Tendência Estética Arquitetônica, pois demonstram notoriamente as mudanças em suas predileções que denotam por sua vez, mudanças nas representações da dinâmica religiosa vivida pela sociedade vitorriense desde o final do século XIX.

Desta forma, de maneira ordenada, será exposto a conclusão considerando as seguintes relações em separado: As variáveis dos Símbolos Católicos e dos Símbolos Cristãos e suas relações com as variáveis da Tendência Estética Arquitetônica e as variáveis da Tipologia.

6.3.1 A representação religiosa na associação das variáveis dos Símbolos Católicos e as Variáveis Tipológicas

⁴⁰ De outras denominações religiosas cristã, além do catolicismo.

Ao analisar a **Tabela 02**, verifica-se que ocorre uma similaridade com o resultado verificado com a **Tabela 01**, ou seja, em meados do século XX ocorreu o início de um movimento de mudança no comportamento alusivo à aplicação dos símbolos do catolicismo.

Tabela 2 - Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tipológicas e Simbólicas ligadas ao catolicismo

| ASSOCIAÇÃO DE DADOS PERCENTUAIS ENTRE AS VARIÁVEIS TIPOLOGICAS E AS SIMBÓLICAS LIGADAS AO CATOLICISMO | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|------------------------|---------------------------|------------|--------------|----------|------------|--------------|--|-------------|--------------------------------|------------------|-----------|-----------------------|--|--|
| CRONOLOGIA | TIPOLOGIAS | | | | | | | SIMBOLOS | | | | | | | |
| | MAUSOLÉU - CAPELA (MC) | MAUSOLÉU - MONUMENTO (MM) | TÚMULO (T) | BANHEIRA (B) | COVA (C) | GAVETA (G) | OSSUÁRIO (O) | Crucifixo (Cristo crucificado) - (C.X) | Altar (A.T) | Sagrado Coração de Jesus (S.C) | Santos(as) - (S) | Anjos (A) | Rosário / Terço (R.T) | P. N. A. M. (Pai Nosso Ave Maria) - (P. N) | Símbolos Eucarísticos (Cálice, Hóstia, Pomba-Espírito Santo) - (S.E) |
| 1870 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% |
| 1880 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1890 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1900 | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1910 | 0,2% | 4,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,3% | 0,0% | 0,9% | 0,0% |
| 1920 | 1,4% | 0,4% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 4,0% | 0,6% | 2,2% | 0,0% | 1,2% | 0,0% | 0,0% | 0,9% | 0,0% |
| 1930 | 1,2% | 0,4% | 0,6% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,6% | 1,5% | 0,3% | 0,6% | 0,0% | 0,3% | 0,6% | 0,0% |
| 1940 | 2,2% | 0,0% | 0,6% | 0,2% | 0,0% | 1,4% | 0,2% | 0,9% | 2,2% | 0,0% | 1,5% | 0,3% | 0,3% | 0,9% | 0,6% |
| 1950 | 2,0% | 1,2% | 3,2% | 1,4% | 0,0% | 2,0% | 0,2% | 1,2% | 1,5% | 0,9% | 1,2% | 0,6% | 0,6% | 0,9% | 0,0% |
| 1960 | 1,4% | 0,6% | 0,6% | 0,8% | 0,0% | 1,0% | 0,0% | 0,6% | 1,2% | 0,0% | 1,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% |
| 1970 | 0,6% | 0,4% | 1,8% | 1,0% | 0,0% | 2,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1980 | 0,6% | 0,2% | 2,8% | 2,4% | 0,2% | 4,2% | 0,0% | 1,2% | 0,9% | 0,0% | 0,9% | 0,3% | 0,6% | 0,0% | 0,0% |
| 1990 | 0,8% | 0,0% | 2,8% | 2,6% | 0,6% | 4,4% | 0,0% | 0,6% | 0,6% | 0,0% | 1,2% | 0,0% | 0,9% | 0,3% | 0,0% |
| 2000 | 0,4% | 0,0% | 2,6% | 0,8% | 0,2% | 6,3% | 0,0% | 0,6% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 2010 | 0,0% | 0,0% | 2,0% | 1,2% | 0,0% | 32,3% | 0,0% | 0,3% | 0,3% | 0,0% | 0,9% | 0,0% | 0,9% | 0,3% | 0,6% |
| 2020 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 1,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |

Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

Na **Tabela 02**, percebe-se nitidamente um movimento de decréscimo no uso do Altar, dos Santos(as), dos Anjos (as) e do P.N. A.M. Este está associado ao decréscimo do Mausoléu Capela, do Mausoléu Monumento e do Ossuário.

Em conclusão para este movimento de decréscimo dessas ocorrências, pode-se explicar pelo desuso direto de duas destas variáveis: O Mausoléu Capela, o Mausoléu Monumento e o Altar. Todo percentual de Altar está inserido no contexto construtivo destas duas variáveis tipológicas, sendo no Altar que se agregam todas as outras variáveis simbólicas católicas (**Figuras 78, 79, 80 e 84**). Por outro lado, verifica-se um movimento de crescimento no uso do Crucifixo, Rosário/Terço e dos Símbolos Eucarísticos. Estes, por sua vez, podem ser associados ao crescimento da ocorrência da construção e uso do Túmulo, da Banheira e, principalmente, da Gaveta.

Esta mudança no panorama de utilização dos símbolos católicos, certamente é em primeiro momento uma representação da dinâmica religiosa na sociedade fazendo com que os símbolos que permaneçam e sejam mais utilizados na segunda metade do século XX e início do XXI sejam aqueles com características de uso mais populares, como o Rosário/Terço e o Crucifixo. Além disso, em segundo momento, vem a questão prática no uso dos mesmos,

onde associado principalmente com o aumento significativo das Gavetas, são símbolos de fácil depósito neste tipo de jazigo de pouco espaço externo (**Figura 82**).

Em terceiro momento, um fator a se considerar é que a partir da década de 1990 a diminuição no uso de símbolos católicos aparenta ser de ocorrência mais fragmentada, de fato alicerça ainda mais a representação de mudança na dinâmica religiosa expressa pela ascensão de denominações que fazem pouco ou quase nenhum uso de símbolos materiais em suas devoções. Ou seja, a diminuição dos dados estatísticos católicos está expressa também no decréscimo dos usos dos símbolos católicos na prática funerária e, num sentido inverso, a ascensão censitária de denominações religiosas que não dispõem do uso de símbolos materiais em suas crenças também é perceptivelmente representada nas análises das variáveis estudadas.

6.3.2 A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos Católicos e as Variáveis Tendência Estética Arquitetônica

No ponto anterior, verificou-se uma ligação entre o símbolo Altar e as variáveis tipológicas Mausoléus Capela e Monumento. Tomando-se como base esta constatação, percebe-se na **Tabela 03**, um alto percentual de ocorrência do símbolo Altar entre as décadas de 1920 e 1960, o que se liga diretamente às Tendências Estéticas Arquitetônicas Eclético e Art Déco.

Tabela 3 - Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tipológicas e as Simbólicas ligadas ao catolicismo

| CRONOLOGIA | TENDÊNCIA ESTÉTICA ARQUITETÔNICA | | | | | SÍMBOLOS | | | | | | | |
|------------|----------------------------------|----------|----------|-----------|------------------------------------|--|-------------|--------------------------------|------------------|-----------|-----------------------|---|---|
| | NEOCLÁSSICO | ECLÉTICO | ART DÉCO | NEOGÓTICO | SEMI ESTILO ARQUITETÔNICO DEFINIDO | Crucifixo (Cristo crucificado) - (C-X) | Altar (A-T) | Sagrado Coração de Jesus (S-C) | Santas(as) - (S) | Anjos (A) | Rosário / Terço (R-T) | P.N. A.M. (Pai Nosso Ave Maria) - (P.N) | Símbolos Eucarísticos (Cálice-Hóstia, Pomba-Espírito Santo) - (S-E) |
| 1870 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% |
| 1880 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1890 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1900 | 0,0% | 0,4% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1910 | 0,0% | 0,6% | 0,2% | 0,0% | 0,2% | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,3% | 0,0% | 0,9% | 0,0% |
| 1920 | 0,0% | 2,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,6% | 2,2% | 0,0% | 1,2% | 0,0% | 0,0% | 0,9% | 0,0% |
| 1930 | 0,0% | 0,8% | 1,4% | 0,0% | 0,2% | 0,6% | 1,5% | 0,3% | 0,6% | 0,0% | 0,3% | 0,6% | 0,0% |
| 1940 | 0,2% | 0,4% | 2,9% | 0,0% | 1,2% | 0,9% | 2,2% | 0,0% | 1,5% | 0,3% | 0,3% | 0,9% | 0,6% |
| 1950 | 0,0% | 0,8% | 4,7% | 0,2% | 4,5% | 1,2% | 1,5% | 0,9% | 1,2% | 0,6% | 0,6% | 0,9% | 0,0% |
| 1960 | 0,4% | 0,2% | 2,0% | 0,0% | 1,8% | 0,6% | 1,2% | 0,0% | 1,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% |
| 1970 | 0,0% | 0,2% | 1,2% | 0,0% | 4,5% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1980 | 0,0% | 0,0% | 3,3% | 0,0% | 6,9% | 1,2% | 0,9% | 0,0% | 0,9% | 0,3% | 0,6% | 0,0% | 0,0% |
| 1990 | 0,2% | 0,2% | 2,9% | 0,0% | 7,6% | 0,6% | 0,6% | 0,0% | 1,2% | 0,0% | 0,9% | 0,3% | 0,0% |
| 2000 | 0,0% | 0,2% | 1,2% | 0,0% | 8,6% | 0,6% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 2010 | 0,0% | 0,0% | 2,7% | 0,0% | 33,3% | 0,3% | 0,3% | 0,0% | 0,9% | 0,0% | 0,9% | 0,3% | 0,6% |
| 2020 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 1,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |

Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

Uma vez que a Tipologia Mausoléu Capela está associada a estas duas variáveis de Tendência Estética Arquitetônica (**Tabela 01**), ao mesmo tempo que está associada ao símbolo Altar, que é agregador das outras variáveis simbólicas, conclui-se que esta é a configuração representativa na prática funerária do cemitério de São Sebastião, do comportamento religioso na sociedade vitoriense desde a secularização da religião até meados do século XX, uma sociedade de costumes religiosos de representatividade católica.

Esta representação muda o comportamento religioso da sociedade e com ela muda também a cultura material do cemitério de São Sebastião. Percebe-se claramente que as tipologias de jazigo mudam para Gavetas, Túmulos e Banheiras; configurando-se em construções mais simples em sua planta de situação e em sua própria execução.

Por sua vez, pela simplicidade de construção, não demonstrando uma preocupação pelo rebuscamento, expresso pela variável Sem Estilo Arquitetônico Definido e pela diminuição no uso de símbolos católicos que, quando usados por seguidores desta denominação religiosa, são dadas as preferências pelos símbolos mais populares como o Rosário/Terço.

Por fim, esta configuração ganha mais notoriedade da ascensão de outras denominações quando da passagem do século XX para o XXI, onde se constata uma diminuição expressiva no uso dos símbolos católicos e um aumento expressivo da escolha pela construção de jazigos Gaveta sem nenhuma preocupação estilística na construção.

Demonstrando desta forma, a ascensão de denominações religiosas que não tem em seus ritos a prática de uso de símbolos materiais, sendo assim esta prática representada na cultura material funerária do cemitério de São Sebastião.

No entanto, diferentemente do catolicismo, mesmo outras denominações religiosas não se utilizarem de símbolos materiais em seus ritos, são consideradas religiões cristãs, como o protestantismo e o espiritismo. Sob este prisma, tem-se a necessidade de verificação dos símbolos característicos de religiões ditas Cristãs, que são símbolos universais na crença baseada no cristianismo. Segue-se então para os próximos pontos.

6.3.3 A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos Cristãos e as Variáveis Tipológicas

Dentro das variáveis simbólicas religiosas verificadas, têm-se três que são consideradas aqui como sendo símbolos cristãos de caráter universal a crença, são eles: a Cruz, a Bíblia Sagrada e conseqüentemente, a Frase Bíblica. Onde esta última, difere-se da segunda pela

preferência na citação de passagens do evangelho, sem necessariamente ilustrar ou estar presente o próprio Livro Sagrado.

Observando a questão percentual destes símbolos em relação a Classe de Variáveis da Tipologia (**Tabela 04**), podemos destacar os dois momentos cronológicos de ocorrência dos mesmos, que de uma certa maneira, alinha-se com as conclusões dos pontos anteriores.

De 1870 até 1940, tem-se apenas a ocorrência do símbolo Cruz em todas as tipologias de jazigos deste período, levando-nos a conclusão que este símbolo, em seu percentual crescente, é o único que não só tem uma representação do rito católico, mas ainda de todo rito dito cristão que se mostra ascensão no mesmo período nos gráficos censitários.

Tabela 4 - Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tipológicas e as Simbólicas Cristãs

| ASSOCIAÇÃO DE DADOS PERCENTUAIS ENTRE AS VARIÁVEIS TIPOLÓGICAS E AS SIMBÓLICAS CRISTÃS | | | | | | | | | | |
|--|------------------------|---------------------------|------------|--------------|----------|------------|--------------|----------|----------------------|---------------------|
| CRONOLOGIA | TIPOLOGIAS | | | | | | | SÍMBOLOS | | |
| | MAUSOLÉU - CAPELA (MC) | MAUSOLÉU - MONUMENTO (MM) | TÚMULO (T) | BANHEIRA (B) | COVA (C) | GAVETA (G) | OSSUÁRIO (O) | Cruz (C) | BÍBLIA SAGRADA (B.S) | FRASE BÍBLICA (F.B) |
| 1870 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1880 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1890 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,0% |
| 1900 | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 0,3% | 0,0% | 0,0% |
| 1910 | 0,2% | 0,4% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 1,2% | 0,0% | 0,0% |
| 1920 | 1,4% | 0,4% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,4% | 2,8% | 0,0% | 0,0% |
| 1930 | 1,2% | 0,4% | 0,6% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,2% | 3,1% | 0,0% | 0,0% |
| 1940 | 2,2% | 0,0% | 0,6% | 0,2% | 0,0% | 1,4% | 0,2% | 4,3% | 0,0% | 0,0% |
| 1950 | 2,0% | 1,2% | 3,2% | 1,4% | 0,0% | 2,0% | 0,2% | 9,0% | 0,3% | 0,6% |
| 1960 | 1,4% | 0,6% | 0,6% | 0,8% | 0,0% | 1,0% | 0,0% | 4,3% | 0,0% | 0,0% |
| 1970 | 0,6% | 0,4% | 1,8% | 1,0% | 0,0% | 2,0% | 0,0% | 4,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1980 | 0,6% | 0,2% | 2,8% | 2,4% | 0,2% | 4,2% | 0,0% | 7,7% | 0,0% | 0,3% |
| 1990 | 0,8% | 0,0% | 2,8% | 2,6% | 0,6% | 4,4% | 0,0% | 8,6% | 0,0% | 0,0% |
| 2000 | 0,4% | 0,0% | 2,6% | 0,8% | 0,2% | 6,3% | 0,0% | 4,6% | 0,0% | 0,3% |
| 2010 | 0,0% | 0,0% | 2,0% | 1,2% | 0,0% | 32,3% | 0,0% | 4,6% | 0,0% | 1,9% |
| 2020 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 1,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |

Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

No segundo momento cronológico de 1950 a 2020, está demonstrado um uso contínuo e de alto percentual no uso do símbolo Cruz, agora em uso paralelo com a Bíblia Sagrada e a Frase Bíblica. Porém o uso da Bíblia Sagrada ficou restrita no universo pesquisado apenas na década de 1950, o que denota uma preferência clara pelo materialismo simbólico da Cruz.

É na passagem do século XX para o XXI, especificamente segundo a **tabela 05**, entre as décadas de 1980 e 2010, que temos a continuidade no uso do símbolo Cruz com expressivo percentual de ocorrência e o uso do símbolo Frase Bíblica. Em alinhamento com estes dois

símbolos, neste período, tem-se o contínuo no uso das tipologias Túmulo, Banheira e Gaveta, sendo esta última com o maior percentual de ocorrência.

É possível concluir que, de fato, a ascensão de religiões cristãs verificada nos dados censitários, expressam suas representatividades simbólicas nas Tipologias de Jazigos, em conformidade com o uso de símbolos cristãos universais como a Cruz, uma vez que outras religiões cristãs, diferentemente do catolicismo, possuem uma restrição simbólica maior devido suas crenças, mas se percebe claramente a universalidade da Cruz nestes variados ritos.

6.3.4 A representação religiosa na associação das Variáveis dos Símbolos Cristãos e as Variáveis Tendência Estética Arquitetônica

O mesmo quadro se repete quando se relaciona os símbolos cristãos as variáveis das Tendências Estéticas Arquitetônicas, ou seja, tem-se dois momentos cronológicos distintos (Tabela 05).

Tabela 5 - Associação de Dados Percentuais entre as Variáveis Tendências Estéticas Arquitetônicas e as Simbólicas Cristãs

| ASSOCIAÇÃO DE DADOS PERCENTUAIS ENTRE AS VARIÁVEIS DE TENDÊNCIA ESTÉTICA ARQUITETÔNICA E AS SIMBÓLICAS CRISTÃS | | | | | | | | |
|--|----------------------------------|----------|----------|-----------|-----------------------------------|------------|----------------------|---------------------|
| CRONOLOGIA | TENDÊNCIA ESTÉTICA ARQUITETÔNICA | | | | | SÍMBOLOS | | |
| | NEOCLÁSSICO | ECLÉTICO | ART DÉCO | NEOGÓTICO | SEM ESTILO ARQUITETÔNICO DEFINIDO | Cruz (C) | BÍBLIA SAGRADA (B.S) | FRASE BÍBLICA (F.B) |
| 1870 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1880 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1890 | 0,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,0% |
| 1900 | 0,0% | 0,4% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,3% | 0,0% | 0,0% |
| 1910 | 0,0% | 0,6% | 0,2% | 0,0% | 0,2% | 1,2% | 0,0% | 0,0% |
| 1920 | 0,0% | 2,0% | 0,2% | 0,0% | 0,0% | 2,8% | 0,0% | 0,0% |
| 1930 | 0,0% | 0,8% | 1,4% | 0,0% | 0,2% | 3,1% | 0,0% | 0,0% |
| 1940 | 0,2% | 0,4% | 2,9% | 0,0% | 1,2% | 4,3% | 0,0% | 0,0% |
| 1950 | 0,0% | 0,8% | 4,7% | 0,2% | 4,5% | 9,0% | 0,3% | 0,6% |
| 1960 | 0,4% | 0,2% | 2,0% | 0,0% | 1,8% | 4,3% | 0,0% | 0,0% |
| 1970 | 0,0% | 0,2% | 1,2% | 0,0% | 4,5% | 4,0% | 0,0% | 0,0% |
| 1980 | 0,0% | 0,0% | 3,3% | 0,0% | 6,9% | 7,7% | 0,0% | 0,3% |
| 1990 | 0,2% | 0,2% | 2,9% | 0,0% | 7,6% | 8,6% | 0,0% | 0,0% |
| 2000 | 0,0% | 0,2% | 1,2% | 0,0% | 8,6% | 4,6% | 0,0% | 0,3% |
| 2010 | 0,0% | 0,0% | 2,7% | 0,0% | 33,3% | 4,6% | 0,0% | 1,9% |
| 2020 | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 0,0% | 1,2% | 0,0% | 0,0% | 0,0% |

Fonte: Marcelo Hermínio, 2021.

O primeiro, de 1870 a 1940, demonstra o símbolo Cruz relacionado a três variáveis de tendência arquitetônica: o Eclético, o *Art Déco* e o Sem Estilo Arquitetônico Definido. Este último se explica pela ocorrência deste símbolo em jazigos de menor ocorrência das tipologias Túmulo, Banheira e Ossuário neste período.

A relação do símbolo Cruz com o Eclético e o *Art Déco* explica-se por estas duas tendências estéticas arquitetônicas, a primeira mais que a segunda, estão ligadas diretamente a edificação dos jazigos de tipologia Mausoléu Capela e em menor ocorrência, ao Mausoléu Monumento.

Por este período, ser predominantemente cristão e católico, tem-se a ocorrência do símbolo Cruz e da tipologia de jazigo Mausoléu Capela, costumes de herança religiosa do catolicismo que permanece até meados do século XX, mas, a partir deste momento, percebendo-se o início de mudança de comportamento social religioso na prática funerária.

Desta maneira, a partir da década de 1950 o *Art Déco* e o Sem Estilo Arquitetônico Definido entram em uma fase de ampliação da preferência por parte da sociedade vitoriense, atrelado a ampliação na preferência pela edificação de jazigos de tipologia Gaveta, Túmulo e Banheira, associados a continuidade na ocorrência do uso do símbolo Cruz.

7 CONCLUSÃO

A partir deste quadro apresentado nas considerações acima, pode-se concluir que, de fato, a mudança de comportamento religioso que é demonstrado em quase 150 anos de dados censitários influenciou, no mesmo período cronológico, as representações das crenças religiosas nas práticas funerárias nos jazigos do Cemitério Municipal de São Sebastião, em Vitória de Santo Antão – PE.

Os dados censitários (**Gráficos 01, 02 e 03**) mostram a queda percentual da preferência pelo catolicismo no país e, em Vitória de Santo Antão, este movimento não é diferente. Paralelamente ocorre o aumento na auto declaração pela população por outras crenças, sobretudo o Protestantismo e o Espiritismo.

Verifica-se também um aumento considerável daqueles que se declaram não pertencer a nenhuma crença religiosa, os Ateus e os Agnósticos. Esta dinâmica social perceptível nos dados censitários se alinham com os resultados das análises dos dados obtidos nas neste trabalho, uma vez que demonstram um cenário de mudanças sociais desde o final do século XIX, e que no final do século XX e início do XXI, influenciou diretamente e mais dinamicamente as representatividades religiosas na prática funerária diretamente nos aspectos variáveis aqui abordados: da Tipologia, das Tendências Estéticas Arquitetônicas e nos Símbolos.

Pela diminuição de adeptos do catolicismo, tem-se uma diminuição da tipologia Mausoléu Capela com Tendências Estéticas Arquitetônicas voltadas para o Ecletismo ou o *Art Déco*, com utilização de uma grande variedade de símbolos católicos; uma vez que esta tipologia busca representar na própria estrutura do jazigo um exemplar em pequena escala do templo católico.

Esta característica de uma representatividade simbólica católica nos jazigos permanece muito forte até meados do século XX, sendo logo após, apenas a continuidade na utilização desta tipologia de jazigo pelas famílias proprietárias dos mesmos. Este dado coincide claramente com as informações aferidas nos dados censitários nacional, estadual e municipal.

Coincide, além disso, a diminuição dos adeptos do catolicismo com o aumento na utilização do símbolo Cruz, mostra-nos uma mudança de comportamento católico na cultura material funerária também voltada para a preferência da Cruz por sua universalização simbólica.

Com o aumento dos adeptos de outras religiões, como o protestantismo, que não possui uma variabilidade simbólica alta em suas práticas religiosas, se comparadas com o

catolicismo, durante a segunda metade do século XX e principalmente no início do XXI, constata-se uma mudança na característica tipológica dos jazigos, uma vez que não se verifica com a análise dos dados a continuidade de jazigos tipo Capela a partir de 1950 .

Tem-se então um aumento das tipologias Gaveta, Túmulo e Banheira; com preferências ao não rebuscamento arquitetônico, já que ocorre o aumento na ocorrência da não definição de estilos arquitetônicos na morfologia dos mesmos, isto é, a constatação da Tendência Estética Arquitetônica caracterizada como sendo Sem Estilo Arquitetônico Definido.

No aspecto simbólico, constata-se a permanência e o aumento na ocorrência do símbolo Cruz e de outros símbolos mais populares do cristianismo, como: a Bíblia Sagrada e as Frases Bíblicas; sendo estes últimos em menor intensidade de ocorrência.

Desta maneira, o aumento no quadro de adeptos de outras religiões de pensamento cristão, mesmo estas tendo em suas crenças um quadro de ausência ou pouca utilização no uso de símbolos materiais em seus ritos, notadamente, são representadas pelo uso de apenas um símbolo - a Cruz -, por sua característica universal de representatividade.

Esta constatação certamente também está associada com a construção de jazigos mais simples em suas plantas de edificação, acabamentos e rebuscamento arquitetônico e ornamental, constatado nos Túmulos, Banheiras e principalmente, nas Gavetas; esta última reforçada pela necessidade de verticalização do espaço cemiterial.

Estes jazigos, com estes *layouts*, claramente tendem a representar a visão que essas religiões possuem sobre o fenômeno da morte, que para algumas como o protestantismo, veem na morte o fim da materialidade corpórea e o repouso derradeiro pela espera do momento do juízo final, não possuindo assim uma preocupação ou obrigatoriedade na construção de jazigos rebuscados, onde não possuem significado na crença, podendo apenas ser ornado pelo símbolo cristão universal, a Cruz ou Frases Bíblicas, representando assim o desapego material aos símbolos.

Esta mesma conclusão pode ser direcionada para a explicação acerca do crescimento de adeptos ao Espiritismo, já que a materialidade do corpo finda com a morte e a não necessidade de grandes edificações funerárias mostram a característica minimalista que é atribuída por esta crença ao bem material.

Crenças de matriz africana, segundo os dados censitários, permanecem em uma certa continuidade percentual, no entanto, suas representações simbólicas de crença não foram percebidas na prática funerária no universo da pesquisa. Esta constatação é importante uma vez que nos permite perceber a necessidade de ampliar nossos olhares sobre os

comportamentos das permanências e mudanças identitárias das práticas funerárias destas matrizes de crença em nossa sociedade.

Por estas considerações é apresentado os resultados desta tese como um modelo a ser aplicado sobre o estudo arqueológico da cultura material da prática funerária religiosa cristã onde, a partir dos dados identificados na análise dos jazigos do cemitério de São Sebastião pode ser aplicado no estudo de outros cemitérios históricos nacionais.

Esta mudança de comportamento social verificada pela sua representação da prática funerária, reforça-nos o que Vovelle (1985, p.132) chamou de “tabu da morte” ao tratar sobre a visão pela qual a sociedade contemporânea busca tratar o fenômeno da morte e do pós-morte. Ou seja, momento este em que a sociedade atualmente vem diminuindo a sua visão sob os aspectos do fenômeno da morte, pode-se então concluir que essa diminuição na representatividade religiosa na cultura material funerária, tanto nos aspectos construtivos, estéticos, ornamentais e simbólicos, representam um pouco esta representação da ideia de rejeição da morte, como uma mentalidade de contraposição da certeza absoluta deste fenômeno, a sociedade contemporânea tenta “escondê-la”.

A Religião tem um papel preponderante acerca do comportamento social diante do fenômeno morte que, por sua vez, era detentora até o século XIX e início do XX das “garantias” de uma “boa morte” com o catolicismo, vem passando por uma dinâmica social contínua e crescente no decorrer do século XX, adentrando o século XXI de certa forma passando por “reformulações” dessas representações, devido ao aumento do protagonismo de novas denominações religiosas.

Esta aplicação contribui significativamente na análise, interpretação e compreensão do comportamento na dinâmica religiosa no Brasil pós secularização e suas representações sociais no que se trata da cultura material oriunda de sua prática funerária. Agrega-se desta maneira novos conhecimentos acerca do desenvolvimento das relações sociais, principalmente na forma de como a sociedade se acerca da temática do fenômeno da morte e suas representatividades materiais dos ritos funerários.

REFERÊNCIAS

A Inauguração da Capela. **Jornal O Vitorense**. Vitória de Santo Antão - PE. Ano 76, nº. 91, 30 de out. de 1943. (Acervo do IHGVSA).

ALMEIDA, M. G. Os cemitérios em foco: Um balanço sobre a produção historiográfica brasileira acerca deste tema. In: MATA, S. R.; MOLLO, H. M. & VARELLA, F. F. (Org.). **Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia**. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

ARAGÃO, J. **História da Vitória de Santo Antão: da “cidade de Braga à cidade da Vitória (1626 – 1843)**. Vol. 1, Recife: FIAM/ Centro de Estudos de História Municipal, 1977.

_____. **História da Vitória de Santo Antão: da cidade da Vitória à da Vitória de Santo Antão (1843 – 1982) - II**. Vol. 3, Recife: FIAM/ Centro de Estudos de História Municipal, 1983.

ARAÚJO, Thiago Nicolau. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930)**. Porto Alegre: PUCRS, 2006; originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em História.

ARIÈS, P. *Historia de la muerte em occidente: de la edad media hasta nuestros días*. Barcelona: El Acantilado, 2000.

_____. A História das mentalidades. In: LE GOFF, J. (Org.). **A História Nova**. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHEL, S. G. A. **Vestígios do Art Déco na cidade do Recife (1919-1961): abordagem arqueológica de um estilo arquitetônico**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2015. Originalmente apresentado como Tese de Doutorado em Arqueologia e Conservação do Patrimônio.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida. Arte e sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2003. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em História.

BELLOMO, Harry. **A estatuaría funerária em Porto Alegre (1900-1950)**. Porto Alegre: PUCRS, 1988. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em História.

_____. **Cemitérios do Rio Grande do Sul. Sociedade. Ideologia**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

BONJARDIM, S. G. M.; VARGAS, M. A. M. **O visível e o invisível: A paisagem arqueológica da morte em São Cristóvão e Laranjeiras – SE**. Ateliê Geográfico Goiânia-GO. v. 4, n. 2 abr/2010 p.190-214.

BORGES, M. E. **Arte Tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República**. 1991. São Paulo: USP, 1991. Originalmente apresentado como Tese de Doutorado em Artes.

_____. **Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

BOTELHO, T. R. População e espaço nacional no Brasil do século XIX. In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 7, n. 8, p. 67-83, 2º sem. 2005.

_____. História da população brasileira: balanços e perspectivas. In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 6, n. 7, p. 30-48, julho 2001.

Biblioteca Virtual Adolpho Lutz. **Doenças e epidemias no Rio de Janeiro (1850-1880)**.

Disponível em: <

http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/volta_brasil/busca_doenca.php>

acesso em: 05 de mai. 2020.

BRAINERD, G. W. *The Place of Chronological Ordering in Archaeological Analysis*.

American Antiquity, Vol. 16, No. 4 (Apr., 1951), pp. 301-313.

BRASIL, **Constituição (1891)**. Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>> acesso em: 07 de mai. 2020.

BRASIL, **Constituição (1988)**. Disponível em:

<https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_5_.asp>

acesso em: 28 de out. 2020.

BURKE, P. A. **Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**.

São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAMPOS, L. S. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira:

Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. In: **Revista de Estudos da Religião – REVER**.

São Paulo: PUC-São Paulo, 2008. pp 9 – 47. Disponível em: <

https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.htm> Acesso 23 de jul. 2020.

CAMURÇA, M. A religião e o Censo: enfoques metodológicos uma reflexão a partir das

consultorias do ISER ao IBGE sobre o dado religioso nos censos. In: CUNHA, C. V;

MENEZES, R. C. (Org.). **Comunicações do ISER-Religiões em Conexão: números,**

direitos, pessoas. N. 69. Rio de Janeiro: 2014.

CARNEIRO, M. **Sistemas de informações geográficas: ferramentas tecnológicas para a**

pesquisa cemiterial. *Habitus*. Goiânia, v. 10, n.1, p. 135-149, jul./dez. 2012

CARVALHO, José Alberto M. de, RODRIGUES, Roberto do Nascimento e SAWYER, Diana

Oya. **Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em Demografia**. Belo Horizonte:

Cedeplar/UFMG, 1994.

CASTRO, V. M. C. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário**

pré-histórico no Nordeste do Brasil. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

Originalmente apresentado como Tese de Doutorado em Arqueologia.

CATROGA, F. **O culto dos mortos como uma poética da ausência**. ArtCultura, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010

CHAPMAN, R; KINNES, I. and RANDSBORG, K. (Ed.). *The Archaeology of Death, New Direction in Archaeology*. Cambridge: CUP, 1981.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Herder, 1986.

COELHO, M. P. (org.). **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro: IBGE/Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2006.

COMERLATO, F. *et al.* **Visita mediada aos cemitérios de Cachoeira, Recôncavo da Bahia**. Expressa Extensão, v. 20, p. 137-149, 2015.

_____, F. **O patrimônio cemiterial do município de cachoeira, recôncavo da Bahia**. Habitus. Goiânia. v. 10, n. 2, p. 203-214, jul./dez. (2012).

CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL DE 25 DE MARÇO DE 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm> Acesso em: 23 de jul. 2020.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 24 DE FEVEREIRO DE 1891). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm> Acesso em: 23 de jul. 2020.

COSTA. F. A. P. da. **Anais pernambucanos 1795-1817**. Recife, FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1984. V. 7 (Coleção pernambucana – 2ª fase, 8).

COSTA. I. D. N. Demografia histórica: algumas considerações. In: **SAECULUM – Revista de História**. N. 24. João Pessoa, jan./jun. 2011.

COSTA, D. M. **Estudos mortuários em arqueologia pré-histórica e histórica: De espelho etnográfico à máscara social**. Habitus. Goiânia, v. 10, n.1, p. 105-114, jul./dez. 2012

COSTA, G. S. **Conservação e preservação no cemitério histórico de Santo Amaro, no Recife: Uma abordagem arqueológica sobre patrimônio funerário**. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, 2015.

CYMBALISTA, R. **Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo**. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2003.

DEETZ, J. Must Archaeologists Dig? In *Man's Imprint from the Past: Readings in the Methods of Archaeology*. Boston: Little, Brown & Co.1971. pp 2-9.

_____. *The link from objects to person to concept*. In: COLLINS, Zipporah W. **Museums, Adults and Humanities: a Guide for Educational Programming**. Washington DC: American Association of Museums, 1981, pp. 24-34.

DETHLEFSEN, E. *The Cemetery and Culture Change: Archaeological Focus and Ethnographic Perspective*. In GOULD, R. A. & SCHIFFER, M. B. (Eds.) **The Archaeology of U.S.** New York: Academic Press, 1977. pp. 137-160.

DEETZ, J.; DETHLEFSEN, E. *Death's Heads, Cherubs, and Willow Trees: Experimental Archaeology in Colonial Cemeteries*. **American Antiquity**, Vol. 31, n.4 (Apr., 1966), 502-510.

DIAS, A. M. Epistemologia positivista: Qual a sua influência hoje? **Psicologia Ciência e Profissão**. São Paulo, 2007, v. 27 (2), pp. 276-289.

Dicionário da construção. Campinas: UNICAMP, Instituto de Artes, n/d. Disponível em: <https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Gloss%Elrios/glossario_da_construcao.pdf> Acesso em: 10 ago. 2020.

Dicionário de Símbolos. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/dicionariodesimbolos/h%C3%B3stia>> Acesso em 13 ago. 2020.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ELLER, J. D. **Introdução à antropologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FALK, P. F. *et al.* Cemitérios públicos em Pernambuco: Uma análise da política pública de secularização dos sepultamentos em Pernambuco na Primeira República. **Revista Gestão Pública: Práticas e Desafios**, Recife, v. 1, n. 1, fev. 2010.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder**. 12^a. ed. São Paulo: Globo, 1997.

FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO - FIDEPE, 1981. **Vitória de Santo Antão**. Recife, 1981, 90 p. (Monografias Municipais, 3)

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 33^a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

VAN GENNEP, A. **Os Ritos de Passagem**, 2^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIORDANI, M. C. **História de Roma: Antiguidade clássica II**. 17^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HAKKERT, R. **Fontes de dados demográficos**. Belo Horizonte: ABEP, 1996 (Textos didáticos, 3).

HODDER, I. **Interpretación em Arqueología**. Barcelona, Espanha: Crítica, 1994.

In Memoriam. Epopeia da Batalha das Tabocas. **Revista comemorativa do tricentenário. Vitória de Santo Antão** – PE. 03 de agosto de 1945 (Acervo do IHGVSA).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vitoria-de-santo-antao/panorama>> Acesso em: 25 mai. 2020.

_____. **Memória> Sínteses Históricas> Histórico dos censos> Panorama Introdutório**. Disponível em: <<https://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/panorama-introdutorio.html>> acesso em: 10 de jun. 2020.

_____. **Recenseamento do Brasil – Decretos, instruções e modelos das cadernetas e dos questionários para a execução do Recenseamento**. Vol. I. Disponível em: <<http://memoria.org.br/pub/meb000000360/recenseamento1920anx/recenseamento1920anx.pdf>> acesso 21 out. 2020

_____. **VII Recenseamento Geral do Brasil-1960**. Estado de Pernambuco. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/312/cd_1960_sinopse_preliminar_pe.pdf> Acesso em 21 out. 2020

_____. **Sinopse Preliminar do Censo Demográfico – 1991. Número 12 (Pernambuco)**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/309/cd_1991_v6_n12_pe.pdf> Acesso em 21 out. 2020

_____. **Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1900**. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/222260>> Acesso em: 21 out. 2020

_____. **Recenseamento do Brasil em 1872. Vol. 1 (Brasil)**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf> Acesso em: 22 set. 2020

_____. **Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação culta e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890** / Directoria Geral de Estatística. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25487.pdf>> Acesso em: 22 set. 2020

_____. **Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940)**. Série Nacional. Vol. II. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf> Acesso em 02 nov. 2020

_____. **Brasil: Censo Demográfico. Série Nacional. Vol. I**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf> Acesso em 21 set. 2020.

_____. **Censo Demográfico de 1960**. Brasil. VII Recenseamento Geral do Brasil. Série Nacional. Vol. I. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_br.pdf > Acesso em 21 set. 2020

_____. **Censo Demográfico Brasil**. VIII recenseamento Geral - 1970. Série Nacional. Vol. I. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_br.pdf > Acesso em: 03 nov. 2020

_____. **Censo Demográfico: Dados gerais, migração, instrução, fecundidade e mortalidade**. IX Recenseamento Geral do Brasil – 1980. Vol. I. Tomo 4. N. 1. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n1_br.pdf > Acesso em: 03 nov. 2020.

_____. **Anuário Estatístico do Brasil 1996**. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1996.pdf > Acesso em: 20 out. 2020.

_____. **Censo Demográfico 2000 – Características gerais da população. Resultados da amostra**. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/83/cd_2000_caracteristicas_populacao_amostra.pdf > Acesso em: 03 nov. 2020.

_____. **Censo Demográfico 2010 – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiências**. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf > Acesso em: 02 nov. 2020.

_____. **Recenseamento do Brasil em 1872 – Pernambuco**. Vol 9. (Pernambuco) Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v9_pe.pdf >

Acesso em: 22 set. 2020

_____. **Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940)**. Série regional. Parte IX – Pernambuco. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p9_t1_pe.pdf > Acesso em 02 nov. 2020

_____. **Censo Demográfico. Estado de Pernambuco**. Série Regional. Vol. XVII, Tomo I. < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v17_t1_pe.pdf >

Acesso em 21 set. 2020.

_____. **Censo Demográfico Pernambuco**. VIII recenseamento Geral - 1970. Série Regional. Vol. I. Tomo X. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t10_pe.pdf > Acesso em 03 nov. 2020.

_____. **Censo Demográfico: Dados gerais, migração, instrução, fecundidade e mortalidade**. IX Recenseamento Geral do Brasil – 1980. Pernambuco. Vol. I. Tomo 4. N. 12. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n12_pe.pdf > Acesso em: 03 nov. 2020.

_____. **Censo Demográfico 2000 – Primeiros resultados da amostra.** Disponível em: <
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/90/cd_2000_primeiros_resultados_amostra.pdf> Acesso em: 03 nov. 2020.

_____. **Cidades. Censo 2010 – Amostra Religião – Vitória de Santo Antão.** Disponível em:
 <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vitoria-de-santo-antao/pesquisa/23/22107?detalhes=true>>
 > Acesso em: 03 mar. 2020.

_____. **Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em:
 <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>
 Acesso em: 26 de jul. 2020.

JOHNSON, M. *Teoría arqueológica: una introducción.* Barcelona: Editorial Ariel, 2000.

JONNES, D. **Tudo sobre arquitetura.** Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

KROEBER, A. L. *Disposal of the death.* In: *New Series*, Vol. 29, July-September, 1927, pp. 308-315.

LAUWERS, M. **O nascimento do cemitério: lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2015.

LEI PROVINCIAL DE 1º. DE OUTUBRO DE 1828. **Dá nova fôrma ás Camaras Municipaes, marca suas attribuições, e o processo para a sua eleição, e dos Juizes de Paz.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-1-10-1828.htm> Acesso em: 25 mai. 2020.

LE GOFF, J. **História e memória.** 5.^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

_____, **As mentalidades: uma história ambígua.** In: LE GOFF, J. (Org.). **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

LEONE, Mark P. *Symbolic, Structural and critical archaeology.* In: Whitley, David S. *Reader in Archaeological - Theory Post-Processual and Cognitive Approaches.* Routledge, 1998.

LIMA, R. S. S. Sobre presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 35(1): pp. 139-163, 2015.

LIMA, T. A. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011.

_____. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. In: **Estudos Ibero-Americanos.** PUCRS, v. XXVIII, n. 2, pp. 7-23, dez. 2002.

_____. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social). In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Serv. V.2. pp. 87-150. Jan./dez. 1994.

MACHADO, F. D. C. **Arqueologia funerária no cemitério de Santo Amaro: jazigos e signos da elite recifense na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia e Conservação do Patrimônio) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, 2017.

MAPA CULTURAL DE PERNAMBUCO. **Bens Culturais de natureza Imaterial**. Disponível em: <<http://www.mapadacultura.pe.gov.br/espaco/23/>> Acesso em 19 maio. 2020.

MAFRA, C. O que os homens e as mulheres podem fazer com os números que fazem coisas? In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). **Religiões em movimentos: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARTINS, J. J. **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983.

MATOS, S. M. **Análise tipológica das lápides do cemitério Nossa Senhora de Lourdes da cidade de São Raimundo Nonato - PI**. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. São Raimundo Nonato – PI, 2010.

MELO, I. C. de. **Morte, rituais fúnebres e epidemias: as implicações na criação do cemitério público do Recife (1850-1860)**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História, 2019. Originalmente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

MENDES, C. M. **Práticas e representações artísticas cemiteriais do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo: Salvador século XIX (1850-1920)**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, 2007. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado.

MENEZES, R. de C. Às margens do Censo de 2010: expectativas, repercussões, limites e usos dos dados de religião. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). **Religiões em movimentos: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia de Vigilância Epidemiológica**. 4ª. ed. Centro Nacional de Epidemiologia - CENEPI/FNS. BR. 1998. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/epidemiologia/Guia%20de%20Vigilancia%20Epidemiologica.pdf>> Acesso em: 20-05-2020

MORAIS, P. H. F. *et al.* **História da Vitória de Santo Antão (1983 a 2010)**. Vitória de Santo Antão-PE: CEPE, 2011.

MORAIS, J. G. **Aqui jazem muitas histórias: Um estudo arqueológico do acervo histórico do cemitério Santo Antônio em Campo Maior - Piauí (1804-1978)**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina – PI, 2016

MOTTA, A. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, out 2009, Vol. 24, nº. 71, pp. 73-93.

_____. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2010, ano 16, n. 33, pp. 55-80.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. **Revista de História. PUC-SP**: São Paulo: PUC, 1993.

OLIVEIRA, P. L. Circulação, usos sociais e sentidos sagrados dos terços católico. In: **ISER – Instituto de Estudos Religiosos**, n.29, vol.2, cap.4. 2009.

OLIVEIRA, L. A. P.; SIMÕES, C. C. S. O IBGE e as pesquisas populacionais. In: **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22, n. 2, pp. 291-302, jul./dez. 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Principles and recommendations for population and housing censuses**. Statistical Papers, Série M, n. 67, New York: United Nations. Statistical Office, Department of International Social and Economic Affairs, 1980. In: HAKKERT, R. **Fontes de dados demográficos**. Belo Horizonte: ABEP, 1996 (Textos didáticos, 3).

ORSER JR., Charles E. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte MG: Oficina dos Livros. 1992.

O'SHEA, J. **Social Configurations and the archaeological study of mortuary practices: a case study**. In: CHAPMAN, K. and RANDBORGH (Eds), 1981: 39-51.

O'SHEA, J. **Mortuary Variability: an archaeological investigation**. Orlando, academic Press. 1984.

PADER, Ellen-Jane. **Symbolism, Social Relations and the Interpretation of Mortuary Remains**. Oxford: British Archaeological Reports (B.A.R.) 1982, Internacional Series 130.

PANOFSKY, E. **Tomb Sculpture: four lectures on its changing aspects from ancient Egypt to Bernini**. London, Thames and Hudson, 1964.

PARKER-PEARSON, M. **Mortuary Practices, Society and Ideology: an ethno archaeological study**. In: I. Hodder. Cambridge: **Symbolic and Structural Archaeology**, 1982. pp. 99-114.

_____. **Economic and ideological change: Cyclical growth in the prestate societies of Jutland**. In: MILLER and TILLEY (Ed.), 1984: 69-91.

_____. **The Archaeology of Death and Burial**. Texas, Texas A&M University Press, 2002.

PAZ, R. A. **A arte tumular do cemitério de Santo Amaro, no Recife: Uma análise das representações das imagens femininas.** Monografia (Bacharelado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, 2018.

PEIRANO, M. **Rituais - ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

PEIXOTO, P. V. S. **Por uma arqueologia dos vestígios funerários do passado: contribuições, práticas e caminhos possíveis.** REVISTA M. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 232-262, jul./dez. 2018

PREFEITURA MUNICIPAL DA VITÓRIA DE SANTO ANTÃO. **A Cidade.** Secretaria de Comunicação. Disponível em: <<https://www.prefeituradavitoria.pe.gov.br/site/a-cidade/>> Acesso em: 18 mai. 2020.

PROENÇA, G. **História da Arte.** São Paulo: Ed. Ática, 2001.

Quais são os símbolos do Cristianismo? Disponível em: <<https://www.respostas.com.br/simbolos-do-cristianismo/>> Acesso em 13 ago. 2020.

REIS, J. J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RENFREW, C.; BAHN, P. G. **Arqueología: teorías, métodos y práctica.** 3ª. ed. Madrid: Akal Ediciones, 1993. Serie Textos.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DA VITÓRIA DE SANTO ANTÃO. A visita de Dom Pedro II e D. Teresa Cristina à cidade da Vitória. V.1. PE, 1954.

_____. **Regulamento do Cemitério Público da Cidade da Vitória.** Vol. IX. PE, 1986.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica.** São Paulo: Alameda, 2007.

RIBEIRO, A. L. R. **Memória e identidade: reformas urbanas e arquitetura cemiterial na região cacauera (1880-1950).** Ilhéus/BA: Editus, 2005.

RIES, J. **Vida e eternidade nas grandes religiões.** Petrópolis: Vozes, 2019.

RODRIGUES, C. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX).** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ROEDEL, L. A. **Perspectivas teóricas para a arqueologia cemiterial: Um breve panorama.** Habitus. Goiânia, v. 15, n.2, p. 241-255, jul./dez. 2017

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Vozes, 1986.

SANCHIS, P. As religiões dos brasileiros. **HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião.** v.1, n.2, pp. 28-43, 1 ago., 1997.

SANTOS, L. A. dos. **Experiências modernas na Vitória de Santo Antão – PE: máquinas, equipamentos, transformações urbanas e (re)elaboração das práticas cotidianas (1920-1950)**. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em História.

SANTOS, J. N. S. **Paisagem, sentidos e memória: O caso dos cemitérios aracaajuanos**. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) Universidade Federal de Sergipe – UFS. Laranjeiras - SE, 2016

SANTOS, E. V. A. **Arqueologia no cemitério de Santo Amaro: Uma análise decorativa dos túmulos históricos**. Monografia (Bacharelado em Arqueologia e Conservação do Patrimônio) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, 2016.

SANTOS, M. G. Os limites do censo no campo religioso brasileiro. In: CUNHA, C. V.; MENEZES, R. C. (Orgs.). **Religiões em conexão: números, direitos e pessoas**. Rio de Janeiro: ISER, 2014.

SANJUAN, L. G. *Introducción al reconocimiento y análisis arqueológico del territorio*. 1 ed. Barcelona, Espanha: Editorial Ariel, 2005.

SANTOS, A. R. O cemitério e seus artefatos como sustentáculo cultural. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, VI., 2013, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos**. Belo Horizonte: UEMG, 2013.

SIAL, V. V. C. Reforma cemiterial oitocentista e o caso do Caçote: Uma necrópole que o Recife não quis. **CLIO-Revista de Pesquisa Histórica**. Recife-PE, 2006, Vol. 2, nº. 24, pp. 185-212.

_____, V. V. C. **Das igrejas ao cemitério: Políticas Públicas sobre a morte no Recife do século XIX**. Campinas-SP: 2005.

SILVA, D. C. **Práticas funerárias na Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: UFPE, 2004. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em História.

SODRÉ, N. W. **Panorama do Segundo Império**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998 (Memória brasileira; 1).

SOUSA, M. A. A. **Posturas do Recife Imperial**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em História, 2020. Originalmente apresentado como Tese de Doutorado em História.

SOUSA, J. C. M. **Como se tornar arqueólogo(a) no Brasil: Lista de cursos**. Disponível em: < <https://arqueologiaeprehistoria.com/como-se-tornar-um-arqueologo-no-brasil/>> Acesso em: 02 de ago. 2020.

SOUZA, A. R. O pluralismo cristão brasileiro. In: **Caminhos**, Goiânia, v. 10, n. 1, pp. 129-141. Jan./jun.2012.

SOUZA, S. O. **Atributos conservados e modificados nos cemitérios de Remanso - BA.** Monografia (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. São Raimundo Nonato - PI, 2016.

SPAULDING, A. C. *Statistical techniques for the discovery of artifact types.* **American Antiquity**, Vol. 18, N. 4. Society for American Archaeology (Apr., 1953), pp. 305-313.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. *A Performative Approach to Ritual. Culture, Thought and Social Action.* Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

TAVARES, D. K. **Uma necrópole esquecida e os valores para sua conservação: o *British Cemetery do Recife em perspectiva.*** Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2016. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural.

TAVARES, D. K. & BRAHM, J. P. S. Arte e ideologia no cemitério de Santo Amaro: O jazigo-capela de Joaquim Nabuco em foco. **Revista Seminário de História da Arte.** Pelotas, v.1, nº07, 2018.

TAVARES, A, C. P. **Vestígios materiais nos enterramentos na antiga Sé de Salvador: postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em Arqueologia.

TEIXEIRA, F. Campo religioso em transformação. In: CUNHA, C. V.; MENEZES, R. C. (Orgs.). **Religiões em conexão: números, direitos e pessoas.** Rio de Janeiro: ISER, 2014.

TEIXEIRA, R. B. Igreja e Cemitério na Província do Rio Grande do Norte: interações entre o sagrado e o profano. **Mercator**, Fortaleza, v. 5, n. 9, nov. 2008. ISSN 1984-2201.

TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico.** São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire. Essai d'épistémologie.* **Revue Française de Sociologie, Année 1973, 14-4, pp. 550-555.**

VALADARES, C. P. **Arte e Sociedade nos cemitérios brasileiros.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VICENTE, M. A transição religiosa no Brasil: 1872-2050. In: **Estudos de Religião na UNICAP.** Recife, UNICAP: 2016.

VOVELLE, M. **Ideologias e Mentalidades.** 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

APÊNDICE A – FICHA CATALOGRÁFICA (MODELO POR JAZIGO)

Ficha 001

MÓDULO CADASTRO

| 1. IDENTIFICAÇÃO | | | | | | | | | |
|--|--|---|-------------------------------|----------------------------------|--|---------------------------|---------------------------------|--|---|
| 1.1. Recorte Territorial (Identificação do município estudado) | | | | | | | | | |
| Vitória de Santo Antão | | | | | | | | | |
| 1.2. Recorte Local (Identificação do Cemitério) | | | | | | | | | |
| Cemitério Municipal São Sebastião | | | | | | | | | |
| 1.3. Identificação do Bem (Tipologia do Jazigo) | | | | | 1.4. Setorização Espacial | | | | |
| Mausoléu | X | Sub-categoria 1: Capela | Sub-categoria 2: Monumento | X | Estrutura Nº | Setor/Quadra | Linha/Rua | | |
| Título | | "Banheiras" (cova com delimitação espacial em alvenaria de tijolo). | | | 001 | | Rua 1 – Principal/ Capela | | |
| Ossuários | | Cova (perçada com grade ou a não-do-chão/árabes) | | | | | | | |
| Gavetas | | | | | | | | | |
| 2. ESTADO DE PRESERVAÇÃO | | 3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO | | 4. COORDENADAS GEOGRÁFICAS | | 5. PROPRIEDADE | | | |
| X | Íntegro | X | Bom | Latit. | 25L0246169 | Pública | | | |
| | Pouco Alterado | | Precário | Long. | 9101804 | Privada | | | |
| | Muito Alterado | | Em arruinação | Alt.(m) | 169M | Mista | | | |
| | Descaracterizado | | Arruinado | Estro Haz. (m) | | Outra | | | X |
| Observações para os itens 2 e 3: | | | | | | | | | |
| 6. TIPOLOGIA | | 7. EPITÁFIO | | 8. FAMÍLIA | | 9. DATAÇÕES | | | |
| Religiosa | SIM | X | DATA? | Pinto de Abreo | | Mais Antiga/Recuada | 1879 | | |
| X | Civil | NÃO | 07/09/1879 | | | Mais. Recente | Não consta | | |
| Oficial | | | | | | | | | |
| Militar | 10. TEXTO/DESCRIÇÃO DO EPITÁFIO | | | | | | | | |
| Industrial | Aqui jaz os restos mortais do cônego vigário desta freguesia, Antônio Pinto Abreo, Nascido a 28 de 9 BRº de 1821. Filho legítimo de José Pinto de Abreo e França de Salles Ribeiro. Falecido a 7 de BR de 1879. PNAM (?) | | | | | | | | |
| Sem identificação | | | | | | | | | |
| 11. OBSERVAÇÕES REFERENTES ATÉ O ÍTEM 10 | | | | 12. MEDIDAS GERAIS ESTRUTURA (m) | | 13. TOPOGRAFIA DO TERRENO | | | |
| | | | | Altura fachada frontal | 2,90 | Piano | | | |
| | | | | Altura total | 3,70 | Em active/ declive | x | | |
| | | | | Largura | 1,38 | Inclinado | | | |
| | | | | Profundidade | ? | Muito Acidentado | | | |
| Observações: | | | | | | Observações: | | | |
| 14. IMAGEM FACHADA PRINCIPAL | | | | | 15. IMAGENS / DETALHES IMPORTANTES | | | | |
|  | | | | |   | | | | |
|  | | | | |  | | | | |

Ficha 001

MÓDULO CADASTRO

| 1. IDENTIFICAÇÃO | | | | | | | |
|---|-----------------------------------|---|--------------------------------|---|---------------------------|--------------|---------------------------------|
| 1.1. Recorte Territorial (Identificação do município estudado) | | | | | | | |
| Vitória de Santo Antão | | | | | | | |
| 1.2. Recorte Local (Identificação do Cemitério) | | | | | | | |
| Cemitério Municipal São Sebastião | | | | | | | |
| 1.3. Identificação do Bem (Tipologia do Jazigo) | | | | | 1.4. Setorização Espacial | | |
| Mausoléu | X | Sub-categoria 1: Capela | Sub-categoria 2: Montamento | X | Estrutura Nº | Setor/Quadra | Linha/Rua |
| Túmulo | | "Banheiras" (cova com delimitação espacial em alvenaria de tijolo). | | | 001 | | Rua 1 – Principal/ Capela |
| Ossuários | | Cova (cercada com grade ou a rio-do-chibabangas) | | | | | |
| Gavetas | | | | | | | |
| 16. RELATÓRIO FOTOGRÁFICO | | | | | | | |
| 16.1 Pasta/Arquivo Digital | | 16.2 Lista de Imagens/Fotos | | | 16.3 Autor/Responsável | | |
| 001 | | 74 | | | Marcelo Herminio | | |
| 17. BREVE DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA | | | | | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> Possui uma parte para o sepultamento e outra acima mais decorativa; 40 cm de base (Alicerce); | | | | | | | |
| 17.1. Paredes externas (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos) | | | | | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> Arquitetura simples, estilo neoclássico simples retangular com cornijas e colunas; | | | | | | | |
| 17.2. Cobertura, Aberturas e elementos integrados (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos) | | | | | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> 2º Patamar estético do túmulo: base com volutas e elementos decorativos superiores (?); | | | | | | | |
| 18. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (etnológicas, arqueológicas e outras) | | | | | | | |
| Eclético. Ornamentos do Barroco, como volutas misturados a uma composição que lembra a feição dos pagodes asiáticos. | | | | | | | |
| 19. CARACTERÍSTICAS ARTÍSTICAS, PATRIMONIAIS, RELEVANCIA HISTÓRIA E STATUS SOCIAL (PRESERVAÇÃO) | | | | 20. PATOLOGIAS ESTRUTURAIS (ORIGEM) | | | |
| Arte Funerária | Sepultado(a) Ilustre | | | Natural | | Antrópica | |
| Adornos | Status Social | | | Física | | Outras | |
| Marmoraria/Marmorista | Outros artifices (arte funerária) | | | Química | | | |
| Relevância | Artista(s) (arte funerária) | | | Biológica | | | |
| Observação: | | | | Observação: | | | |
| 21. ARTE FUNERÁRIA (ADORNOS) | | | | 22. ARQUITETURA Estilo/Decoração | | | |
| Cristo (s) | Relevo (s) | | X | Ajardinado/Paisagem | Metals | | |
| Cruz (es) | Flores | | | Lápide | X Piso | | |
| Guirlandas | Zoomórfico | | | Detalhes Pedras/ornamental | Vitrals | | |
| Medalhão | Antropomórfico | | | Elementos em Madeira | Gradil X | | |
| Mitológicos | Fotografias em Porcelana | | | Elementos em Cerâmica | Descaracterizado | | |
| Escultura | Fotografias (outros) | | | Elementos em Vidro | Outros | | |
| Símbolos/signos | Santos | | | | | | |
| Objetos Rituais | Outros | | | | | | |
| Observações: | | | | Observações: | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> A estrutura contém um relevo em formato de volutas; | | | | <ul style="list-style-type: none"> Lápide em granito; O gradil está centralizado na estrutura onde está a lápide; | | | |
| 23. PREENCHIMENTO | | | | | | | |
| 23.1. Entidade | | UFPE-PPGARQ / UNIVISA | | | | 23.2. Data | |
| 23.3. Responsável | | Vinicius França | | | | 13/12/2018 | |